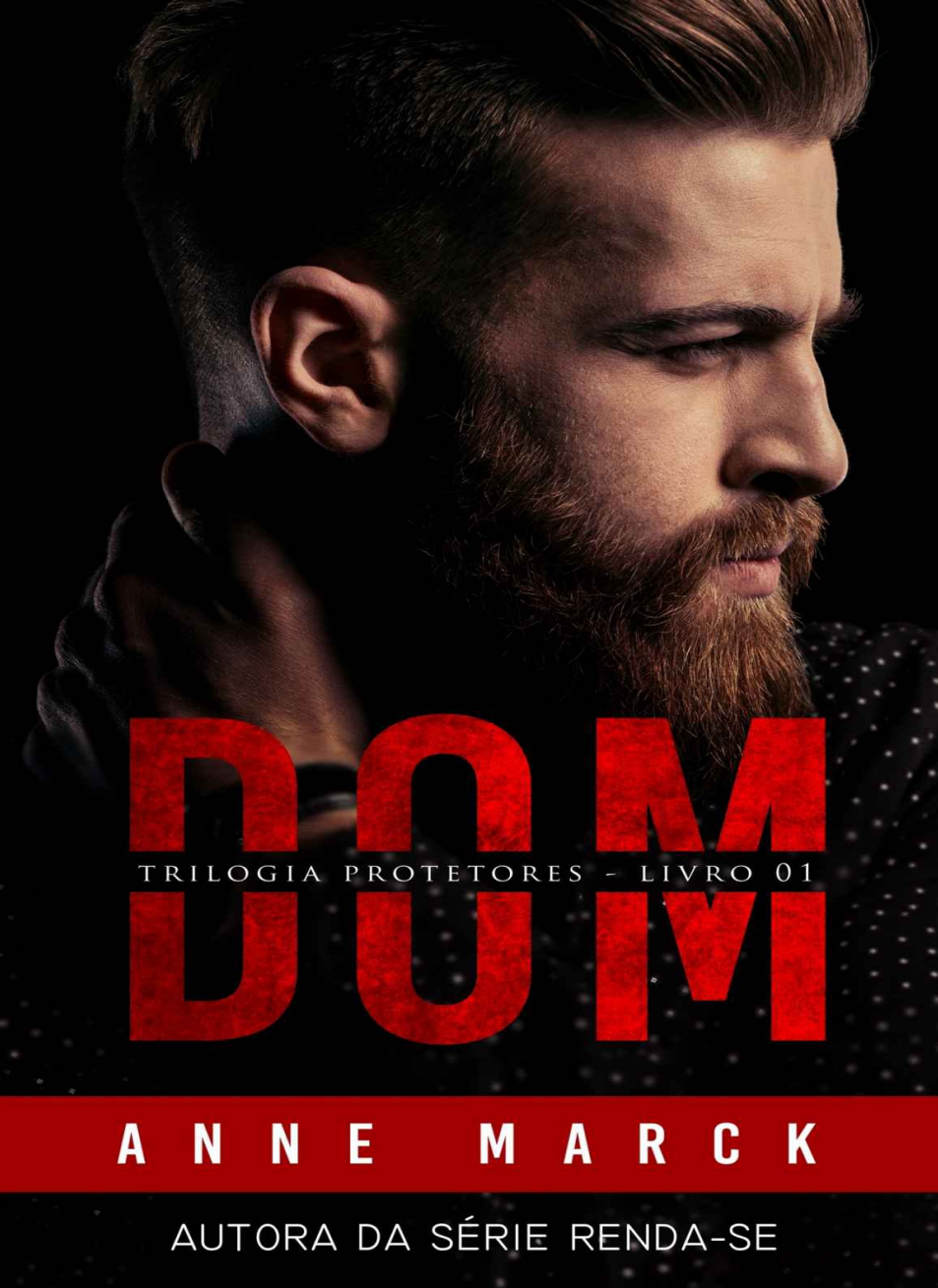




DOM DU MI

TRILOGIA PROTETORES - LIVRO 01

A N N E M A R C K

AUTORA DA SÉRIE RENDA-SE



DOM

Livro 1
(Trilogia Protetores)

Anne Marck
2017

Copyright © 2017 Anne Marck

Design Fonte de Capa: ML Capas

Capa: Mônica Kaster

Revisão: Lia Santos

Diagramação Digital: Denília Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

DOM

Livro 1 - Trilogia Protetores

Anne Marck

1ª Edição

Julho — 2017

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Sinopse

Dominic carrega uma história de superação de uma infância miserável lutando para proteger a si e seus irmãos mais novos dos perigos de viver nas ruas. Boas oportunidades apareceram, ele se tornou um grande cara e tomou para si a missão de fazer com que outros não passem pelo que ele passou.

Luna é jovem, estudiosa, que se viu arrancada de sua vida estável e encontra-se sob a mira de um padrasto ganancioso. Ela teve que fugir e agora precisa lutar por sua sobrevivência.

Revirando o lixo do Centro Comunitário administrado por Dominic, em busca de comida, Luna é pega em flagrante por ele.

Ela quer fugir. Ele quer protegê-la.

O que Dom não esperava é que a menina se enraizasse sob sua pele. Ela é jovem demais para seu gosto e ele tem sua própria demanda de satisfação. Resistir a forte atração pela garota inocente possivelmente será o seu maior desafio.

DOM, o primeiro livro da trilogia Protetores, traz a história de Dominic, um homem cujo instinto protetor é talvez sua mais evidente característica.



Dedicatória

A JP pelo amor e cumplicidade.



Prólogo

LUNA

— Vá, menina. Vá!

O grande moletom é jogado em meus braços bruscamente, enquanto se apressa em abrir a porta do quarto. Por mais que eu queria obedecer seu comando rápido, meu corpo não o faz. Estou fraca demais para isso e ela acaba me ajudando a vesti-lo.

Escorando-me nas paredes, arrasto-me para fora. O forte cheiro, numa mistura de desinfetante e antibióticos, domina o ar.

— Por aqui... — sinaliza para a porta que leva às escadarias.

Deus, eu não vou conseguir.

Engulo com dificuldade, sentindo cada pequeno fragmento do meu corpo doente. Tento sorver uma respiração, o menor movimento acentua a dor em meu peito. Tudo dói.

Tremendo, paro diante dela, antes de partir.

— Muito obrigada, você me salvou... — murmuro fracamente.

Sua mão delicada agilmente vem para o capuz da blusa, ajeitando-o sobre minha cabeça. Ela me olha nos olhos.

— Cuide-se, aquele homem não vai desistir, menina. Mantenha-se escondida até que esteja bem.



Capítulo 1

DOMINIC

Desvio minha atenção do papel contendo as informações de nosso estoque para observar Simone se aproximando, apertando o casaco em torno de si numa tentativa de proteger-se do vento frio. Sua expressão desapontada me diz o que eu já imaginava. Ele veio. De novo. Esta é a terceira noite consecutiva que o garoto encapuzado vem revirar o lixo do Centro Comunitário atrás de comida. Maldição, com todo o alimento que servimos gratuitamente aqui, não dá para entender.

— Saiu correndo quando me viu — ela lamenta, parando ao meu lado.

Não precisa ser muito inteligente para imaginar os motivos do cara. Ninguém sem uma boa razão se esconderia na penumbra gelada quando tem aqui dentro uma opção melhor.

Guardo a folha na gaveta do pequeno escritório.

— Amanhã tentarei falar com ele, Simone. Por hoje, acho que podemos fechar tudo e ir embora.

A mulher acena em acordo.

Simone é o braço direito do trabalho que executamos no Centro Comunitário. Uma das primeiras pessoas a se voluntariar, ela cuida do lugar com total dedicação, sem descanso. Mesmo tendo sua atividade de enfermeira no Hospital Central, suas noites são sempre aqui, cozinhando e servindo às dezenas de frequentadores. Olhando através do silencioso barracão vazio ninguém imaginaria que há trinta minutos isto aqui estava lotado, como de costume.

Esfrego meu rosto, sentindo os sinais da exaustão do dia fazendo seu trabalho. Não demora, ouço o ruído de um estalo de língua direcionado a mim.

— Você precisa tomar um tempo para você, menino. Dá para ver na sua cara que mal parou durante o dia.

Tenho vontade de rir pela ironia de ser justamente

ela a falar isto. Coço minha barba, aliás, já é hora de fazê-la.

— Eu poderia dizer o mesmo a você. Nós já conversamos sobre diminuir seu ritmo, pelo menos aqui, se bem me lembro, não? — digo com seriedade para ver se surge algum efeito.

Ela bufa, balançando a mão em frente ao rosto com o habitual humor.

— Minha avó trabalhou até os noventa, Dominic. Sou uma negra forte — as palavras orgulhosas vêm acompanhadas de uma gargalhada alta, boa, que ecoa fácil.

Meneio a cabeça em negação, sabendo que esta batalha está perdida.

*

Volto para meu apartamento, que fica a poucas quadras do Centro Comunitário. O lugar é pequeno, mas tem tudo o que preciso. Deixo minhas botas na sala e lanço minha roupa suja para um canto do quarto. Amanhã terei que lavar as peças que já estão se amontoando. Nu, vou para o banho, permitindo que a água quente leve todo o cansaço. Meu dia, como sempre, começou cedo. Estou trabalhando com uma equipe na construção de um pequeno conjunto habitacional, no terreno cedido pela prefeitura para as vítimas do incêndio da Rockefeller — a fábrica que armazenava combustível irregularmente se descuidou com

a segurança e um vazamento provocou um dos piores incêndios que a cidade já viu. Sou o engenheiro do projeto.

*

Deitado na cama, verifico meu celular. Há chamadas perdidas de Damien, Christian e uma de Sophia. Damien e Chris são meus irmãos mais novos. Havia também os caçulas Vivian e Richard que hoje estariam respectivamente com 25 e 27 anos, se estivessem vivos. As lembranças ainda me derrubam.

Olho para o relógio, deliberando sobre retornar as ligações. Disco primeiro para Damien, que atende ao terceiro toque.

— Dom? — a respiração do cara soa um tanto ofegante.

Pela hora, provavelmente interrompi um bom momento.

— Quem mais poderia estar te ligando do meu telefone? — provoco.

— Cara, pra que ter celular se não atende a porra quando precisamos falar com você?

Paciência não é uma de suas características. É assim desde moleque.

— Há duas razões para uma pessoa não atender, irmão. Ou ela não pode ou ela não quer, já parou para

pensar nisso?

— Muito esclarecedor — bufa — Eu estou fora da cidade até amanhã à noite Dom. A construtora fechou mais um contrato grande. — percebo a hesitação para o que vem pela frente — Quando eu voltar nós temos que conversar cara.

Seu assunto não é nenhum segredo. E hoje, particularmente, me sinto cansado demais para outra de suas investidas.

— Só não me venha com tudo aquilo de novo, Damien.

Ouçõ uma voz feminina o chamar ao fundo.

— Apenas pense ok? Te vejo no basquete de sábado. Christian estará com a gente também.

Expiro pesadamente.

— Certo, vejo vocês lá.

Depois de desligar, ainda permaneço olhando para a tela por alguns minutos. Meu irmão não vai desistir, eu sei. E estou num momento em que aquela vida não me cabe mais.

Antes de guardar o telefone, envio uma mensagem rápida combinando de ligar pra Sophia amanhã.

Sophi e eu temos um tipo de amizade que vai um pouco além do considerado ortodoxo, por assim dizer. Ficamos juntos de vez em quando, num acordo mútuo que

não envolve sentimentos. Parece ruim olhando desta forma, mas é uma escolha e funciona bem para os dois. Mesmo se um dia eu quisesse mais do que isto, sou ciente de algo que talvez nem ela mesmo saiba: não há espaço em seu coração para uma nova pessoa, mesmo depois de tudo. Eu a respeito por isto. A mulher é uma fortaleza.

Apago a luz e encaro o teto escuro por um tempo.

Depois de um longo dia na obra, no início da noite estou de volta ao Centro Comunitário recebendo alguns voluntários para iniciarmos os trabalhos.

As amigas, Júlia, Alice e Gabrielle estão aqui novamente. Aliás, elas são presenças constantes assim como Katarina e Priscila. Estas mulheres se envolveram de verdade com o que fazemos e têm sido de grande ajuda. Há alguns meses, Alice, Priscila e Katarina organizaram um evento com o objetivo de angariar patrocínio para o Centro. Júlia também desenvolve um trabalho de auxílio jurídico aos frequentadores que precisam de assistência e não tem condições de pagar, são casos de indenizações, pensões e este tipo de coisa. Um trabalho necessário e que faz grande diferença por aqui.

Após cumprimentá-las, me afasto dando passagem para as mulheres seguirem às suas posições. Elas, como a maioria dos que nos ajudam, já sabem quais tarefas executar.

Baseado na baixa temperatura e chuva que ameaça cair, podemos esperar que o volume de pessoas a vir se alimentar aqui hoje será acima do normal. Aviso Simone para que estejamos preparados e me concentro em trabalhar também.

Por mais que eu tente evitar, meus pensamentos vão para o garoto do capuz. Eu quero conversar com ele, dizer que ele é bem vindo para entrar e se alimentar aqui, como todos fazem. Não é necessário revirar o lixo. Inferno. Saber o que ele está fazendo traz de volta algumas lembranças amargas. Eu bem sei a dor de sentir fome... e de ver seus irmãos morrendo por não ter o que comer.

Sejam quais forem os motivos do garoto, chega de revirar lixo. A noite passada foi a última vez.

Esgueirando-me pelas sombras, finalmente eu o vejo.

O garoto vestindo um moletom largo, escuro, cobrindo o tronco magro e a cabeça escondida pelo capuz. De onde estou, à margem, assisto sua mão trêmula mexendo com ansiedade e rasgando os nós de alguns sacos de lixo.

A chuva fina e a pouca iluminação impedem de identificar seu rosto, no entanto.

Silencioso o quanto posso, como um gatuno,

caminho passo a passo até estar perto o suficiente para que ele não tenha como fugir sem ter que passar por mim.

— Você é bem vindo para entrar — abrando minha voz, com cuidado para não afugentá-lo.

O garoto se assusta e dá um salto no lugar. Quando ele se vira... para minha total surpresa... cabelos vermelhos como o fogo, se soltam das bordas do capuz, desvendando um rosto sujo e enormes olhos claros que se arregalam, me encarando como um cervo na estrada diante dos faróis de um veículo.

Mas... o que?

Isso é uma... *menina*...?



Capítulo 2

DOMINIC

— Você... é uma menina. — rosno como um estúpido diante da constatação.

A garota não fala, e, tão rapidamente quanto pode, tenta passar correndo por mim. Para o azar dela estou perto demais e consigo parar seu terceiro passo, segurando-a pela cintura.

— Espere. Você não precisa fugir — digo trazendo-a se debatendo para a minha frente novamente.

Seus olhos selvagens vagueiam freneticamente a

minha volta, obviamente tentando encontrar uma nova rota de fuga.

— Se acalme menina. — entoo baixo, num esforço para manter o tom suave que não a espante ainda mais — Eu me chamo Dominic, sou voluntário aqui e só quero te convidar para entrar e se alimentar lá dentro, longe desta chuva. Há comida boa e quente.

— Me solte — ela diz fraca, tremendo como uma doente.

Estreito meus olhos sob ela numa análise mais meticulosa. Mesmo através do moletom, eu posso sentir o calor de seu corpo. E não é qualquer calor. Ela parece febril. Observo melhor seu rosto sujo, aliás, muito sujo. Os lábios volumosos de um tom lilás e os olhos de um vermelho preocupante. O tremor de seu corpo é só mais um indício.

— Você não está... — escuto minha própria voz rouca, mais para mim do que para ela. E antes que eu possa terminar a frase, a menina se amolece em meus braços — Bem.

— Não chame ninguém.. — é tudo o que ela murmura sem vida, antes de cair desacordada.

Inferno! Que porcaria é essa?

Seguro-a sem nenhum esforço. Seu peso é insignificante.

— Simone! — grito baixo, para que ela me escute pela pequena janela lateral que dá para a cozinha.

Logo Simone vem para o beco, balançando seus quadris enquanto tenta correr até mim. Quando ela percebe o que tenho em meus braços um pequeno ‘oh’ sai de seus lábios.

— O que aconteceu, menino? — questiona baixo, assustada.

Olho para a garota, ainda mal entendendo como ela simplesmente desabou assim.

— Ela desmaiou. — exponho o evidente.

— Vamos chamar uma ambulância. — Simone assume.

Analiso novamente o rosto sujo parcialmente coberto por mechas de cabelo vermelho fogo. Ela pediu que não chamasse ninguém, será que inclui uma ambulância? Por que ela exigiria isto? Do que esta menina está se escondendo?

Meu tempo nas ruas me ensinou algumas coisas, entre elas, identificar quando alguém está metido em alguma merda séria. E este parece ser o caso aqui.

— Dominic...? — Simone corta meus pensamentos.

— Não — digo surpreendendo a mim mesmo — Ela pediu para não chamar ninguém.

— Mas ela precisa de ajuda.

— Você é enfermeira Simone. Ajude-a — exprimo firme, tentando recuperar minha mente.

A mulher olha de mim para a menina em meus braços. E volta a me encarar. Com um bufo desgostoso, ela confirma.

— Leve-a para dentro, não há mais ninguém lá.

Balanço a cabeça em acordo e posiciono a menina em meus braços, pegando-a no colo. É certo que eu já tive algumas mulheres em meus braços, mas nenhuma era tão leve como esta.

LUNA

Frio, frio, muito frio. Aqui é escuro e gelado.

— Luna, você não pode desistir — a voz é aveludada e macia.

Minha mãe.

— Mãe, eu estou com muito frio. Quero ir aí com você. Deixe-me ir aí — imploro.

— Filha, isso vai passar. Não tenha medo. O frio já vai embora — ouço o som delicado, mas não consigo ver seu rosto.

— Não mãe. Eu quero ir com você. Por favor.

Minha mãe não responde mais.

Por que ela está fazendo isso comigo? Deixando-me aqui, no frio e escuro, sozinha. Eu quero ir para o lugar quente onde ela está. Eu quero ir para junto dela.

— A temperatura está alta demais, menino — não reconheço a outra voz feminina no fundo de minha mente.

E o escuro vem me envolver outra vez, me impedindo de ouvir qualquer outra coisa. Minha mãe e a mulher estão indo embora...

DOMINIC

A menina está queimando de febre, seu rosto transpira em meio à bagunça suja. O corpo franzino se encolhe no sofá do pequeno escritório, tremendo sem controle. O pior é que não há qualquer coisa útil aqui que possa auxiliá-la.

— O que vamos fazer? — esfrego meu rosto.

— Dom, nós devemos levá-la a um hospital.

— Ela pediu para não chamar ninguém, Simone. Você sabe o que este tipo de coisa significa, não sabe? — olho para a senhora parruda, com o cenho franzido de preocupação.

Ela acena, em entendimento.

— Esta criança está metida em encrenca — a mulher resume — Eu a levaria para a minha casa, Dom, mas lá não há lugar, você sabe, agora Jennifer se separou e voltou a morar comigo, são mais quatro pessoas para a casa que já é pequena.

Respiro fundo, pensando no que fazer.

Não há outra alternativa.

— Vamos levá-la para minha casa — decido, contrariando a tudo o que é racional.

Simone me encara com aquele olhar de ‘*você tem certeza disso?*’. Inferno, não, eu não tenho certeza. Levar uma desconhecida pra casa, que provavelmente está metida em alguma merda errada, sem saber absolutamente nada sobre ela. Definitivamente, eu não tenho certeza.

É o que temos para o momento, embora.

Confirmo, evitando deixar Simone ver o tamanho da minha confusão.

LUNA

Meu corpo dói, muito. O peito parece receber o peso de um elefante sentado sobre ele, mas já não sinto tanto frio.

Lentamente, com muito esforço, consigo abrir os

olhos... encontro um par de íris escuras cravadas em mim. Pisco algumas vezes até ajustar minha visão para o rosto de uma senhora morena escura, com cabelos grisalhos e bochechas salientes. Sua expressão parece como, são sei, apreensiva? Bem, ela não aciona nenhum alerta de perigo em mim, isso pode ser bom... ou não.

Tento me levantar rapidamente e sair de onde quer que eu esteja, pois eu sei que não é seguro. No entanto, o movimento brusco só me lança novamente para trás, deitada, com uma tontura terrível.

— Acalme-se menina. Você não está bem — a voz da mulher é suave, e acolhedora.

— Onde eu estou? — indago com dificuldade, quase não escutando minha voz.

— Nós te trouxemos para casa — o som grave, masculino e profundo, ecoa de trás da mulher.

Oh Deus.

Tento ver o rosto do dono da voz, mas o corpo da senhora me impede.

— Quem são vocês?

Ela sorri.

— Eu me chamo Simone e sou enfermeira, minha criança. Eu ajudo no Centro Comunitário onde você estava. Este aqui é Dominic, ele é o responsável por lá. Foi ele que te encontrou desmaiando enquanto revirava

nosso lixo — noto seus olhos me sondando ao mencionar o lixo — E esta é a casa dele.

Oh Cristo. Estou na casa de estranhos.

Nada mal Luna, para quem vagava pelas ruas.

— Ok — passo a língua dolorida pelos meus lábios ressecados — Muito obrigado pela ajuda. Agora eu preciso ir — aviso, tentando me levantar não tão rápido desta vez.

— Você não pode ir a lugar nenhum neste estado — o homem de voz grossa determina como um tipo de ordem.

Olho para a senhora em busca de apoio. Ela simplesmente balança a cabeça em concordância com ele. Bem, pelo jeito não terei sua ajuda.

Não importa.

Preparando-me para sentar, de repente sou tomada por outra vertigem, um pouco mais forte, que me obriga a fechar os olhos por alguns instantes. Assim que abro posso enfim visualizar o dono da casa e da voz exigente.

Um homem alto, magro, de ombros e braços largos, vestindo uma camiseta branca de mangas compridas puxadas até a altura dos cotovelos, ajustada ao contorno de seus músculos. Tatuagens cobrem a parte de seus braços que se pode ver. Os cabelos um pouco maiores que o padrão — castanho claro ou loiro escuro não sei bem determinar — estão rebeldemente deslizados para trás das

orelhas, de maneira imperfeita. A espessa barba que cobre parte de seu rosto parece combinar com seu estilo. Por um segundo, deixo de tentar respirar quando me conecto a seu olhar cinzento. Há tanta coisa ali, preocupação, desconfiança, expectativa.

Chego a me esquecer momentaneamente o que eu pretendia fazer... apenas *momentaneamente*.

— Eu estou bem e estou saindo — aviso, conseguindo finalmente me estabelecer sentada no pequeno sofá, sem quebrar nosso contato visual.

Os olhos claros direcionados a mim se estreitam com evidente descontentamento, que só é reforçado pela postura de seus braços se cruzando diante do largo peito, desafiadoramente.

— Se quer sair tudo bem. Em seu estado você não irá longe e, certamente, a ambulância que vou chamar te alcançará e levará diretamente a um hospital.

Ele não parece estar blefando. Sinto meu coração acelerar recebendo a indiscreta ameaça. O que este homem sabe, afinal?

Engulo a pouca saliva com dificuldade.

— Não é mesmo necessário — covardemente, desvio o olhar para senhora que nos assiste, quase que pedindo por compreensão — De qualquer forma obrigado, eu estou melhor e tenho mesmo que ir.

Equilibrando-me nas pernas fracas fico em pé, deixando estes estranhos cientes de que estou partindo. Pelo canto do olho noto-o puxar o celular do bolso de trás e apertar alguns poucos botões. *Céus!* Que homem insistente!

— Eu preciso de uma ambulância. Urgente — ele diz determinado ao telefone, observando cada movimento meu.

Oh Deus! Ele vai mesmo fazer isto, e eles vão me encontrar. A ideia me paralisa em pânico puro.

Levantando-se comigo, a senhora apanha minha mão.

— Desligue Dominic — ela pede suave, encarando-me — A menina vai ficar — abro a boca para protestar, porém ela me impede — Vamos resolver isso assim, você fica por esta noite, toma uma medicação e se alimenta de alguma coisa quente, e amanhã você pode ir para onde quiser.

A proposta é tão tentadora. Eu mal sei o que é comer alguma coisa decente em sei lá quantos dias. Entretanto, não posso ficar, estou correndo perigo.

— Confie em mim — ela insiste.

Avalio-a com mais atenção. Ninguém com a aparência como a dela poderia oferecer algum risco, não é? Ela me lembra muito a Baba.

Obrigo-me a fechar os olhos por um segundo, contendo a vontade de chorar por pensar em como a minha vida virou de ponta cabeça em tão pouco tempo.

— Tudo bem — sussurro, voltada para ela, no fundo com uma sensação de alívio por ter um teto sob minha cabeça esta noite.

Amanhã eu me mando daqui, de qualquer jeito.

Ela sorri.

— Dominic, o que você acha de preparar algum alimento para a menina, enquanto eu a levo para um banho?

Espere.

Isso é algum tipo de armadilha? Ela me distrai e ele chama alguém?

Estreito meus olhos, não fazendo questão de esconder minha desconfiança.

— Nem me olhe assim, criança — a mulher me repreende bem humorada — Acredite em mim quando eu digo que você está precisando de um bom banho.

Apesar do sorriso e da maneira engraçada que ela torce o nariz, acabo enrubescendo, pois sei que ela tem razão. Meu corpo não vê um banho há muitos dias. O cheiro está repelindo até mesmo a mim.

Dou uma rápida olhada para o tal Dominic, que me estuda sério.

— Há toalhas no armário do corredor — é tudo o que o homem diz, se virando para entrar numa pequena cozinha separada por um balcão da sala onde estamos.

— Venha — a senhora me ajuda a caminhar, e eu me apoio nela dando graças pela ajuda.

No banheiro, assisto-a ligar o chuveiro e regular a temperatura da água.

— Muito bem, tire esta roupa — diz naturalmente.

Travo, muda.

A senhora revira os olhos com humor.

— Criança, eu sou enfermeira, não há nada que você tenha aí que eu já não tenha visto. Além do que, suas roupas vão direto para um saco de lixo.

E agora?

O problema nem é tanto por ficar nua. É o que está em meu corpo que não devo compartilhar. Não quero seus questionamentos. Estar aqui já é um passo errado.

Simone não se abala, espera pacientemente que eu obedeça a seu pedido. Que mulher durona!

Bufo, contrariada.

Sentindo muita dor, só Deus sabe quanta, começo a me despir retirando o grande moletom, uns três números maiores do que o necessário. Conforme vou tirando, o tecido vai exalando um cheiro realmente desagradável. A

mulher – discretamente desta vez – entorta o nariz para o lado.

Finjo que não vejo, completamente envergonhada.

Retiro a calça larga – amarrada do lado por um elástico para que não caísse do meu quadril. O cheiro não é nada bom também. Os velhos tênis são mais fáceis de sair, pela numeração superior em muito ao meu tamanho. Em seguida, me desfaço da grande camiseta, que já foi branca um dia, ficando sem nada por baixo. Olho para meu corpo, um esqueleto pálido, trêmulo e completamente tomado por marcas.

Um ruído assustado sai dos lábios da senhora.

— Minha criança, o que é tudo isso? O que foi que fizeram com você? — seu espanto e choque são evidentes.



Capítulo 3

DOMINIC

Simone sai do banheiro e vem para a cozinha. Mudo meus olhos da sopa rala que estou cozinhando com algumas coisas que eu tinha no armário e a observo, olhos arregalados e a mão tapando a boca. Em sua outra mão está um saco preto de lixo que ela pegou no armário minutos antes, provavelmente contendo as roupas sujas da menina.

— Precisamos arranjar alguma coisa para ela vestir
— a mulher sussurra.

Observo-a melhor. Seu semblante assustado, pensativo.

— O que foi? — questiono sério, estranhando seu estado.

Os olhos dela me encontram.

— Menino, algo de muito grave aconteceu — ela olha para trás, conferindo o barulho de chuveiro — Esta criança está muito machucada. Muito mesmo.

Meus músculos tensionam assim que as palavras são assimiladas.

— Machucada como? — mantenho-me paciente — Alguém fez isto?

A ideia em si é perturbadora.

Ela expira ruidosamente.

— Eu realmente não posso afirmar. O que dá para dizer é que é recente. Muitos machucados ainda estão com suturas, inflamadas por sinal, o corpo todo está coberto de hematomas.

Diabos.

Aperto a colher de madeira com mais força em minha mão.

— O que você acha que devemos fazer?

Simone apoia seu quadril contra o balcão, avaliando.

— Eu não sei Dominic, não sei mesmo. Tenho a

impressão de que procurar um hospital está fora de cogitação pra ela. A menina parece amedrontada com a ideia. Prestou atenção no rosto dela quando você falou em chamar ambulância?

‘Apavorada’, foi assim que a ela pareceu.

— Vou procurar umas roupas que ela possa usar. Quando ela sair do banho a gente decide o que fazer — rosno.

Passo pela porta do banheiro escutando o som da água e entro no meu quarto. Difícil evitar a vontade de socar a parede. Quem diabos faria mal a uma menina franzina?

Quase não consigo encontrar algo para ela vestir. Sou tão grande perto dela. Quantos anos esta menina tem? Dezesete, dezoito? Deus ajude que pelo menos seja maior de idade, apesar de eu duvidar disso.

Por que ela tem tanto medo de buscar ajuda? De quem ela está se escondendo?

Pego uma de minhas camisetas, uma calça de moletom com cordão de amarrar e uma cueca boxer. Isto tem que servir por hoje. Volto para a sala e entrego a Simone, que rapidamente leva ao banheiro.

*

Vejo-me andando de um lado ao outro da sala, esperando elas saírem. Meus punhos cerrados. O que eu

deveria fazer com esta situação? E se ela for menor de idade? Uma coisa é certa: não vou permitir que ela volte para as ruas, pelo menos enquanto eu puder evitar, até decidir o que fazer.

Um rangido da porta anuncia que elas estão voltando. Simone sai primeiro, sustentando uma expressão incógnita.

Dou um passo atrás quando a mulher se afasta para exibir a menina às suas costas.

Caramba.

A imagem me obriga a prender a respiração.

Seus cabelos vermelhos são mais intensos do que se mostravam, como chamas vivas, ondulados e muito longos, chegando próximo à cintura da menina. Os olhos de um azul profundo. As sobrancelhas espessas tão vermelhas quanto o cabelo de fogo. O rosto tomado por muitas sardas nas bochechas e até mesmo no fino e delicado nariz. Os lábios grossos, projetados.

Isto tudo estava escondido atrás da sujeira?

Por um instante, uma sensação desconfortavelmente possessiva se enraíza em minhas entranhas. É um sentimento de querer que ela permaneça escondendo sua beleza do mundo.

O que está havendo comigo?

Ela é só uma criança, porra!

Forço a me manter impassível diante da nova visão.
— Fiz sopa — me pego dizendo com a fala abafada.
Que porcaria está havendo?

— Ótimo! — Simone quebra o momento constrangedor e caminha para mim, puxando a menina consigo — Enquanto você se alimenta, vou ligar pra casa e dizer que vou me atrasar esta noite.

A menina concorda em um aceno fraco, evitando meus olhos. Entro na cozinha e encho um prato, e, de volta para sala, entrego a ela.

— Coma — sai mais como um comando do que uma oferta. Mordo minha língua por agir desta forma.

— Obrigado — ela sussurra muito baixo, pouco audível, e aceita o prato.

Enquanto ela se alimenta, sentada no meu sofá praticamente encolhida, eu tomo meu tempo para observá-la melhor, atrás de qualquer indício que me diga quem ela é, e o que poderia estar escondendo.

A garota é muito jovem, esguia, até magra demais para ser saudável, alta — mas ainda assim bem menor do que eu, que tenho um metro e noventa e três —, seus traços são sutis, delicados. Já andei por tudo neste bairro e certamente ela não é daqui, ou eu teria me lembrado se a visse. Na verdade, ela também não se parece com uma moradora de rua. Seus cabelos de fogo, muito longos, tem

um bom corte, e ela se alimenta de maneira organizada, degustando a sopa com civilidade, embora provavelmente esteja com fome.

Simone retorna para a sala.

— Crianças, eu preciso ir para casa. Minha filha Jennifer, para variar, saiu e deixou meus netos sozinhos — seus olhos viajam entre nós.

A menina para de comer imediatamente e a encara com grandes olhos arregalados. Percebendo, Simone faz um gesto tranquilizador com a mão.

— Mas não se preocupe. Amanhã, na primeira hora, estarei de volta e trarei alguns medicamentos — a senhora inclina uma sobancelha para a menina — Como é mesmo o seu nome?

É o suficiente. A garota engasga, tosse, e se mantém muda, sem responder a pergunta.

Mais um indicativo desfavorável a esta situação.

— Não importa — Simone, com seu modo suave, dá de ombros — De qualquer forma, vou passar aqui antes de ir trabalhar. Fique tranquila criança, você está protegida nesta casa. Este menino — ela me olha fraternal enquanto fala — É a melhor pessoa que eu já conheci. Se há alguém que pode cuidar de você, é ele — a mulher pisca pra mim.

Constrangido, enfia as mãos nos bolsos dos jeans e,

assim como a menina, opto por ficar calado. A garota dá um leve balançar de cabeça, encarando seu prato.

Acompanho Simone até a porta.

— Não se preocupe filho — ela cochicha antes de sair — Vocês ficarão bem — recebo seu costumeiro sorriso.

Balançando os quadris, a senhora caminha para as escadas. Tranco a porta e volto para a sala. Dando à menina um pouco de privacidade para se alimentar, paro ante a janela e observo Simone atravessar a rua em direção ao carro, dar partida e sair de vista, meu olhar ainda permanece na vaga deixada vazia por mais algum tempo. Eu realmente não sei o que fazer nesta situação. Estamos ambos desconfortáveis aqui.

Quando os barulhos em seu prato cessam, me viro para constatar que a garota terminou de comer.

— Mais? — ofereço baixo.

Ela meneia que não com a cabeça.

— Sente-se bem? — pergunto, escondendo a preocupação em minha voz.

Simone deu a ela comprimidos para a febre, e, antes de sair, deixou um anti-inflamatório, dizendo que isso seguraria até amanhã cedo. Espero que sim.

A garota balança a cabeça novamente, desta vez em sinal de sim.

Forço-me a não entortar meus lábios, insatisfeito por sua reação retraída a mim.

— Tudo bem... — olho para as botas nos meus pés — Vou pegar algumas coisas para dormir na sala e você pode ficar com o meu quarto esta noite.

— Não é necessário, eu posso me arranjar aqui — ela alisa o sofá, falando baixo, aparentemente tímida.

— De maneira nenhuma. Você ainda está com febre, pelo que Simone disse, e este sofá duro só vai piorar sua situação — entoo categórico, sabendo que é o melhor pra ela.

— Não é necessário mesmo, obrigado — seu tom ganha uma nota de teimosia — Eu fico com o sofá.

Talvez a menina tímida tenha, no final das contas, um mau gênio.

Não vou mentir. O fato de ela me contrariar me aborrece.

Ora, o que estou dizendo?

— Seja como você quiser — resmungo, comprimindo a insatisfação.

Sem dizer mais nada, viro-me e vou para o meu quarto. Minha mandíbula cerrada. Mal me reconheço. Pego um travesseiro, lençóis limpos e um bom cobertor, e volto para a sala.

— Aqui — deixo ao seu lado — Qualquer coisa

que você precisar, seja o que for, não hesite em me chamar. Meu quarto é no final do corredor.

Ela morde o lábio e assente, encarando o chão.

Se ela não quer conversar, tudo bem. Eu posso aceitar isso... Hoje. Amanhã, com toda a maldita certeza, a menina estará me dizendo a verdade, ela gostando da ideia ou não.

Deixo-a sozinha e vou para o banheiro, me livrar de todo o suor do dia.

Apoio as mãos na parede fria, abaixo a cabeça e permito que a água morna caia sobre mim. Não consigo parar de pensar no que Simone disse a respeito de seus machucados. O que teria provocado algo assim e por que ela não quer ajuda? Eu sempre respeitei a privacidade das pessoas, por experiência própria sei que cada um carrega sua própria carga e tem coisas que não queremos compartilhar. Mas, porra, por alguma razão irracional, eu me vejo desejando que a menina se abra comigo, que confie em mim. Ela é jovem demais para estar envolvida em alguma merda grande, o suficiente para arrebentar seu corpo e fazê-la fugir.

No meio da noite – após me revirar algumas vezes na cama – um ruído fraco, como um choramingo, vindo da sala me faz ir verificá-la. Na pouca luz, seu corpo magro se agita embaixo do pesado cobertor. Palavras desconexas

saem de seus lábios. Algo relacionado à sua mãe. Nada que forme uma frase inteira. Acendo a luz do abajur ao lado do sofá para checá-la com mais atenção. A menina está transpirando.

Toco sua testa para constatar que a temperatura subiu novamente a um nível alarmante. Seria tão mais fácil levá-la imediatamente a um hospital. Esfrego meu rosto com as duas mãos, frustrado.

No banheiro, umedeço uma toalha com água fria e trago para descansá-la na testa da garota. Ela apenas geme mais palavras sem muito sentido.

— Sch bebê... — me pego murmurando, ciente de que, muito possivelmente, ela não pode escutar qualquer coisa em meio ao delírio conturbado.

Troco a toalha algumas vezes, até que finalmente sinto sua temperatura recuando parcialmente. Deixo o cobertor em apenas metade de seu corpo, e o lençol sobre o restante. Se ela sentir frio, facilmente pode puxá-lo para si.

Sento-me na poltrona em frente ao sofá e fico por algumas horas assistindo seu sono. Só volto para meu quarto quando sinto que é seguro deixá-la sozinha.

Demoro a pegar no sono, e quando o faço a menina acaba invadindo meus sonhos, mesmo contra a minha vontade. Cabelos de fogo e boca carnuda numa jovem franzina, com mais dor nos olhos do que ela pode

esconder. Porra, isso não deveria ser assim.

O som da campainha me desperta, verifico o relógio faltando vinte minutos para as sete da manhã. Estupidamente, eu dormi demais. Enfio a camiseta de qualquer jeito e me apresso para a sala.

E encontro a porcaria do sofá vazio.

Olho para a porta do banheiro aberta, vazio, cozinha vazia. Nem sinal da menina. A campainha chama mais uma vez.

Vou à porta. Simone está aqui.

— Bom dia, menino! — ela diz sorridente — E então, como a garota está?

Encaro o chão e atravesso meus dedos por meu cabelo, me sentindo frustrado, ou merda, irritado para ser mais sincero.

— Ela se foi — digo baixo, odiando a constatação, e novamente desconhecendo esta sensação apertando minhas entranhas.



Capítulo 4

DOMINIC

— Porra cara! Onde merda está sua cabeça? — Damien reclama após me lançar a maldita bola diretamente no estômago.

Balanço a cabeça, tentando recuperar minha concentração no jogo de basquete com meus irmãos. O fato, é que meus pensamentos estão fora de ordem desde o momento que tomei ciência da partida da menina pela manhã. Por que diabos ela tinha que sair desse jeito, doente ainda por cima? Guiei minha moto por algumas

ruas do bairro com o objetivo de encontrá-la e foi uma perda de tempo. A garota está fugindo, dificilmente vou vê-la novamente. Só não entendo o porquê a ideia está me inquietando tanto.

— Encare como uma vantagem que estou te dando — debocho, arremessando a bola de volta para ele.

Pelo canto do olho, percebo Christian se aproximar, sustentando um sorriso de moleque provocador.

— Se eu não te conhecesse Dom, diria que esta distração tem nome.

Dou uma cotovelada de leve em sua costela.

— Nem todo mundo tem essa sua mente suja, irmão — jogo meu braço por cima de seu ombro, trazendo-o para mim — Só não quero passar o meu almoço ouvindo os lamentos perdedores de vocês.

Ele ri alto, dizendo qualquer coisa sobre eu estar velho.

Estes caras são tudo o que tenho de família.

Já superamos muitas coisas juntos. A dura infância nas ruas nos obrigou a ser mais fortes, mais unidos. Nossa mãe biológica, dependente química, mal sabia como cuidar de si mesma, quem dirá dos cinco filhos. Sua negligência praticamente causou a morte dos caçulas, Vivian e Richard, duas pequenas crianças abandonadas, doentes, desnutridas, tendo somente a mim, como irmão

mais velho, para protegê-los e eu falhei. Aquilo doeu muito, e ainda dói. Foi quando eu me fiz uma promessa: nunca mais perderia um irmão para a fome. Assumi a responsabilidade de olhar por Damien e Christian, dei tudo de mim para correr atrás de alimento, abrigo e mantê-los longe dos perigos que as ruas poderiam nos meter. Quando nossa mãe deu a si mesma uma dose maior do que conseguia suportar nós definitivamente só tínhamos uns aos outros.

E foi assim por alguns anos, até que um dia, por uma conspiração improvável do universo, dois franceses – Pierre e Aimée – que estavam se estabelecendo a trabalho no país, nos conheceram nas ruas e adotaram os três. No começo eu desconfiei muito da bondade daqueles estranhos. No mundo em que eu vivia não existiam pessoas como eles, entretanto eles se mostraram pais no sentido real da palavra, deram-nos tudo, e o peso da vida pôde finalmente ser dividido.

Por influência da profissão de nossos pais adotivos, Damien, Chris e eu também nos tornamos engenheiros. A morte deles, há mais de oito anos, foi um baque, sofremos muito, principalmente Christian por ser o mais novo e mais apegado a eles.

Sento-me com os caras na lanchonete onde almoçamos com frequência depois das costumeiras

partidas de basquete ombro-a-ombro. Pela expressão de Damien, e conhecendo-o como conheço, sei que seu assunto ‘*sério*’ estará de volta à mesa dentro de alguns instantes. Meu irmão mal consegue evitar. A obstinação está em seu sangue. Ele quer meu retorno à construtora. Esta não é nossa primeira conversa sobre o assunto e certamente não será a última.

Depois da morte de nossos pais, assumi a direção da empresa e permaneci à frente dela até pouco mais de três anos atrás, quando passei a responsabilidade definitivamente para Damien, após sentir que ele estava pronto para a tarefa. Gerenciar o negócio nunca foi meu objetivo, a ocasião é que me colocou nesta posição. Por meu passado, eu senti que precisava dar um destino melhor ao meu diploma do que vestir uma gravata, apertar mãos e encher os bolsos. Eu devia isto, era minha obrigação retribuir o que recebi na vida e trabalhar duro para que outras pessoas não passem o que nós passamos vivendo nas ruas.

Meu irmão já não enxerga desta forma. O cara é uma máquina voltada para fazer negócios e dinheiro, e está mais do que disposto a dominar o mundo.

Como eu já esperava, sua abordagem de hoje não é diferente.

— Você entende que precisamos de você, Dom? Eu e Chris estamos no limite, cara.

Enfio um pedaço de filé na boca, mesmo sem fome, e mastigo calmamente. Perdi a conta de quantas vezes tivemos esta mesma conversa. O problema é que hoje não estou num bom estado de espírito para discutir isso de novo. A preocupação com a menina ainda está rondando meus pensamentos.

— Damien, nós já falamos sobre isso. Eu não tenho vocação e tão pouco interesse de voltar.

Ele bufa ruidosamente.

— Você acha que eu, ou Christian, não queríamos estar por aí fazendo o que gostamos? Inferno Dom, nós temos um grande negócio nas mãos, empregamos centenas de pessoas que dependem de nós.

— Eu respeito isso, irmão, respeito mesmo. Mas responda honestamente, Damien, você já cogitou a ideia de fazer algo voltado para quem realmente precisa? Moradias de baixo-custo, financiar habitações populares?

— Não — ele rosna contrariado, sabendo onde quero chegar.

— Não, exatamente. Ninguém quer fazer projetos assim, cara. E são estas pessoas que mais precisam — deixo meu talher de lado e encaro-o com seriedade — Nós, melhor do que ninguém, sabemos como é não ter um teto sob a cabeça.

Damien remexe sua comida, sem me olhar, e Chris

permanece nos observando calado.

— Você poderia ter um setor, dentro da construtora, voltado para isto se quisesse, e continuaria a frente dos projetos maiores — ele insiste, o timbre mais moderado.

Tomo minha água, não querendo continuar com este papo. Meu dia não começou bem, e, honestamente, estou desejando sair logo deste restaurante e ver se encontro a garota de cabelos de fogo e nenhum juízo.

— Ok — rosno — Eu vou pensar sobre isso, mas não prometo nada. Não se anime.

O cara me olha como se acabasse de receber um sim. E até ganha um novo apetite.

— Vocês, cadelas, são iguaizinhos — Christian bufa, bem humorado como sempre.

Já é noite, o Centro Comunitário está a todo vapor, volta e meia me pego olhando pela janelinha lateral, verificando se a garota voltou para revirar nosso lixo.

Maldição, por que não consigo parar de pensar nela?

— Nada dela, não é? — Simone para ao meu lado, obviamente percebendo minha estranha agitação.

— Não — digo simplesmente.

— Não se preocupe, menino. Ela deve estar bem.

É isso o que me preocupa. Febre, hematomas,

machucados com suturas mal curadas, sozinha, franzina, e com aquele tipo de beleza ingênua. Um alvo fácil nas ruas.

Pela primeira vez, trabalhando aqui todas as noites, sinto vontade de terminar logo o trabalho e sair para procurá-la. Preciso dar mais uma busca por aí.

Passa da meia noite quando finalmente volto ao meu apartamento. Vim somente para deixar minha moto e pegar as chaves do carro. A chuva fria lá fora não favorece em nada. Enfio uma jaqueta de couro e me apresso para o veículo.

Tenho uma intuição sobre seu paradeiro. Só espero que eu esteja certo.

Seguindo meus instintos, guio para um dos lugares que imagino poder encontrá-la. Dou uma busca ao entorno, mas nem sinal da garota.

Logo tenho meu carro estacionado em frente ao segundo local, outro restaurante da região. Se ela está andando pelas sombras, se escondendo por aí, como eu sei que está, provavelmente não quer ser vista comprando ou pedindo comida. Então um bom lugar para procurar é nos fundos de algum restaurante, este aqui estava aberto até agora a pouco.

Caminho pelo beco escuro e aparentemente nada dela por aqui também. Estou quase voltando ao carro

quando um chiado baixo, um tipo de chorinho, me atrai. Volto alguns passos e olho mais atentamente na direção de onde vem o barulho. Lá está ela. No canto, perto das tubulações de gás, encolhida e enrolada no chão, tremendo debaixo da chuva fria, usando a minha camiseta e calça de moletom, descalça e sem blusa.

Merda do caralho!

Corro para a menina visivelmente doente, de olhos fechados, queimando em febre e delirando. Ela está um desastre.

Inferno, isso me arreventa.

Sem pensar em mais nada, retiro minha jaqueta, envolvo nela e a pego nos braços.

— Teimosa demais para aceitar ajuda — rosno irritado enquanto a coloco deitada nos bancos de trás da minha Picape.

Ajusto a temperatura do ar quente na opção máxima. E agora? O que fazer?

Conecto meu telefone ao painel do carro e disco para Simone.

— Eu a encontrei e preciso de ajuda — lanço quando a mulher atende — Ela estava deitada em baixo de chuva, sua temperatura está muito alta... — olho para o retrovisor, onde a menina geme algumas palavras incoerentes — E aparentemente delirando.

Simone respira ruidosamente do outro lado.

— Menino, estou indo para sua casa, mas vou demorar um pouco. Eu preciso que você a coloque num banho morno imediatamente, para tentar equilibrar a temperatura, e depois a mantenha aquecida até eu chegar.

— Ok — rosno e desligo.

Estou irritado como há muito tempo não ficava. Esta garota colocou sua vida em risco porque não quis aceitar a minha ajuda. O que ela tem na cabeça?

Subo com seu corpo leve até meu apartamento. Bato a porta com o pé e a levo direto para o chuveiro. Com um braço em torno de sua cintura, uso a outra mão para abrir o registro e regular a temperatura da água. Puxo sua camiseta úmida para fora do jeito que posso. Seus pequenos seios saltam livres, evito olhá-los, e rapidamente deslizo a calça de moletom. A garota está usando minha boxer, retiro também.

E então eu a vejo por inteiro.

Mas que porra é essa?

O corpo magro pálido está coberto de tantos machucados que nem tenho certeza de como ela ainda está de pé. Maldição. O que poderia ter provocado tudo isso? Pelos pontos, ela já esteve em um hospital, mas por que não quer ser levada para lá novamente?

Coloco seu corpo amolecido embaixo do chuveiro e

deixo que a água faça seu trabalho. De sua boca não sai coisa com coisa.

— Ele vai tentar me matar de novo — sussurra com língua enrolada — Ele manteve a minha mãe.

O desespero em sua fala me desestabiliza momentaneamente.

— Quem vai fazer isso? — pergunto controlando minha voz para não assustá-la.

— Ele vai me matar — choraminga de olhos fechados, a cabeça pendendo para o lado, amolecida.

Sou obrigado a entrar com ela embaixo da água para que seu corpo fique firme. Enrolo sua cintura com uma mão e com a outra seguro seu rosto.

— Eu não vou deixar — sussurro.

Nem sei por que eu disse isso. A garota mal pode me entender.

Aos poucos sinto seu corpo se recuperando dos tremores e a pele ganhando temperatura mais razoável. Desligo o registro, pego a toalha que eu havia jogado por cima do box e a envolvo, descanso outra toalha em sua cabeça e a levo em meus braços para o quarto. Do armário retiro um suéter e um par de calças de moletom.

Logo a tenho vestida, sentada em minha cama, envolvida com um cobertor, enquanto seco seus cabelos com a toalha.

Simone veio e foi embora. Deixou remédios e administrou uma injeção nela, que agora dorme mais tranquilamente. Eu, ao contrário, estou sentado em uma cadeira há mais de cinco horas, assistindo seu sono e não dando nenhum segundo de vacilo para caso ela tente fugir novamente.

Suave, delicada, com os cabelos vermelhos selvagens, ela parece um tipo de anjo. Quantos anos esta menina tem? De onde ela é? Qual o seu nome? Milhares de perguntas estão rondando a minha cabeça.

Respiro fundo, esperando pacientemente para descobrir cada uma das respostas. Se ela acha que vai fugir novamente, ela nunca esteve mais enganada.



Capítulo 5

DOMINIC

Sei exatamente o momento em que ela acorda, pela maneira rápida como seu cenho se franze, criando um vinco no centro da testa, antes mesmo dos olhos azuis se abrirem. Espero pacientemente que ela olhe em torno do lugar e me encontre. E ela faz.

Puxando o cobertor contra si, defensivamente, cabelos bagunçados, o rosto um pouco mais corado, a menina finalmente me encara.

— Como eu vim parar aqui? — a voz é ainda fraca,

rouca pelo sono.

Respiro fundo, metade de mim aliviado por ver sua aparência melhor, a outra metade controlando a desconhecida irritação tentando vir à superfície.

— Há uma bandeja com café da manhã e remédios ao seu lado. Se alimente, depois disso conversaremos — mantenho meu timbre calmo, sob controle apesar de tudo.

A garota imediatamente separa os lábios numa clara intenção de iniciar um protesto. Aliso a barba em meu rosto, que Deus me ajude. Sou paciente, mas neste momento não tenho certeza de quanto mais posso tolerar sua insurgência.

— Eu a aconselho a fazer o que estou dizendo, senhorita — frustro o intento.

E tenho em primeira mão um vislumbre da insatisfação queimando em seus olhos. Posso ver que estou atijando o temperamento rebelde que ela guarda em si. Aliás, rebelde e irresponsável poderiam defini-la bem até o momento.

Transmitindo a clara mensagem de que não estou cedendo aqui, permaneço sentado, cruzo meus braços em frente ao peito e apenas espero sua iniciativa. Depois de uma bufada baixa, não cedendo em tudo, ela se senta na cama, puxando o cobertor contra seu peito, pegando a bandeja ao seu lado. Os dedos pálidos desembrulham calmamente o sanduíche que preparei. Observo-a por

alguns instantes e logo saio do quarto, oferecendo-lhe um mínimo de privacidade.

Caminho pela casa, tentando apaziguar meu espírito e entender o que são todos estes sentimentos que a garota desperta em mim. Irritado com sua teimosia, não há dúvidas. Preocupado por seu estado de saúde, certamente. Não tendo certeza sobre a decisão de não levá-la a um hospital, absolutamente.

Roço minha barba, inquieto.

Dando-lhe mais alguns minutos, alongo os músculos do pescoço jogando a cabeça de um lado para o outro, puxo uma respiração profunda, e retorno ao quarto.

Ela ainda está sentada na cama, apoiada à cabeceira. Comeu apenas parte do que preparei, mas já é alguma coisa. Observo-a moendo o lábio inferior de maneira nervosa. Suas mãos escondidas nas mangas do suéter sequer se movem para colocar de volta ao lugar a mecha de cabelo vermelho que cai do nó amarrado no topo da cabeça.

Seu olhar apreensivo não me comove.

— Muito bem — digo sério, me sentando de volta na cadeira em frente à cama — Eu me chamo Dominic, como você já sabe. Trabalho no Centro Comunitário. E respondendo a sua pergunta, você veio parar aqui porque eu te trouxe depois de encontrá-la caída em um canto de um beco perigoso, embaixo de chuva, inconsciente e

queimando em febre.

A garota se encolhe um milímetro mais a cada palavra que digo.

— Você percebe que colocou sua vida em risco, não percebe? — empurro um pouco mais.

Ela não responde.

— Como eu pensei — resmungo sem nenhum humor — Certo, vamos direto ao assunto. Eu tenho duas opções para você.

Os enormes olhos azuis rapidamente me encaram, pronta para rebater o que quer que eu diga.

Ignoro e continuo.

— A primeira opção é que considero a mais razoável: você fica na minha casa até que todos estes machucados em seu corpo estejam curados, sem que eu tenha que me preocupar em te encontrar desfalecida num beco qualquer.

Noto-a engolindo desconfortavelmente, contudo nenhum som sai de sua boca. Ainda.

— E a segunda é: você faz o que fez ontem, sai correndo daqui, descalça, doente, a procura de comida nos lixos dos restaurantes e eu vou te encontrar, colocar você num carro e levar direto a um hospital, onde certamente eles vão te manter por alguns dias, com sorte sem comunicar a polícia.

Pressioná-la não me agrada, mas meu instinto me diz que ela precisa de minha ajuda. Foi como me senti no minuto que botei meus olhos nela. Não posso desprezar isso.

Inspiro outra longa respiração e a encaro de frente.

— E então, como vai ser?

Sob meu tom duro, seus lábios se comprimem – não sem antes exibir um discreto vacilar trêmulo. Nada é dito por um longo minuto, até que a garota eleva o queixo, orgulhosa.

— Por que você está fazendo isso? — a acusação em seu tom não me agrada.

— Porque eu tenho o hábito de valorizar a vida. E acho que você é muito jovem para entender os riscos que anda correndo lá fora.

Recebo seu olhar desconfiado e sustento. Eu não sei exatamente o que estou fazendo, não quero mantê-la aqui contra sua vontade, mas a hipótese de deixá-la voltar à situação que a encontrei ontem está absolutamente fora de cogitação.

— E então?

Ela desvia os olhos de mim, embrulhando as mãos ainda mais abrigadas na manga do suéter... e se cala. Imagino que a garota está processando suas opções, isso é bom. Se ela analisar com clareza, vai ver que a minha

oferta de deixá-la permanecer aqui se recuperando é o que ela precisa no momento.

Eu poderia persuadi-la ainda mais, no entanto decido não fazer. A decisão é unicamente dela e quanto a isso, infelizmente não posso fazer nada. Não que eu não queira.

— Eu fico — mal ouço o sussurro.

— Desculpe, o que você disse? — me inclino para frente, fingindo não ter escutado.

— Eu fico — ela responde mais alto, contrariada, as bochechas com um rubor irritado.

Não consigo evitar o sorriso no canto da minha boca.

— Ótimo — relaxo minimamente — Agora que tiramos isto do caminho, me diga, qual é o seu nome? — apesar de soar como uma exigência, meu interesse é genuíno.

E é como se eu tivesse perguntado o código da lei que a garota infringiu. Seu rosto empalidece um tom, os olhos arregalam, os ombros encolhem, evidentemente não querendo responder. Por experiência, reconheço a ligeira emoção que percorre suas feições. Ela está cogitando mentir.

Inferno. Eu quero que ela confie em mim, que perceba que estou fazendo isso para seu bem.

— Olhe para mim — solicito em voz baixa.

Ela não se move.

— Por favor, olhe para mim — repito.

Hesitante, debatendo algo em sua mente, ela faz o que peço. Vagarosamente, a menina levanta seu rosto salpicado de sardas, colocando a mecha solta do cabelo vermelho atrás da orelha. Observo seu lábio franzindo para lado indecisa e nos olhos azuis... sim, neles enxergo seu temor.

A ideia de que algo a deixe assim é fodida.

Inspiro profundamente diante da visão. A força como cerro minha mandíbula chega a provocar dor na face. Tomando o controle, me inclino para frente na cadeira, apoiando meus antebraços sobre os joelhos, e a fito.

— Ouça. Você pode confiar em mim, ok? Estamos ambos de acordo que seu tempo nesta casa é limitado e pretendo manter sigilo sobre isso — percebo o modo como suas pupilas se dilatam, apesar da barreira de defesa ainda presente — Independente das razões que a colocaram nesta situação.

— Luna — a voz é um murmúrio fraco.

Por um instante, apenas paro de pensar, absorvendo o som da palavra.

Analiso melhor seu rosto, em busca da mentira.

Não. A garota está falando a verdade. Este é mesmo o seu nome. *Luna*... combina com ela. Bonito e delicado.

Balanço a cabeça em acordo, estranhamente satisfeito pelo pequeno ponto feito.

— Muito bem, Luna — retomo o interrogatório não planejado — O que provocou todos estes machucados em seu corpo? — vou direto ao maldito assunto que rondou minha cabeça desde sua chegada a esta casa.

— Coisa minha — ela responde rápida, afiada, quebrando nosso contato, parecendo disposta a defender seu segredo com unhas e dentes.

Arqueio minha sobancelha, sem um grama de satisfação com o esquivo, mas reconheço que nisso ela tem razão. Minha oferta aqui é a de ajudá-la, não deveria ser da minha conta o que ou quem fez isto. E se eu for justo, aceitar a chantagem de um estranho e ter de ficar em sua casa já são situações demais para a mulher ter de lidar.

Inteligentemente, opto por respeitar sua posição, pelo menos por enquanto. Não nego que estou inclinado a desvendá-la, mas tudo tem sua hora e, agora que estamos resolvidos que ela fica, oportunidade para saber a verdade certamente não faltará.

Um passo de cada vez, penso.

Levanto-me, alisando as mãos na calça jeans,

desconfortável.

— Simone passará aqui esta tarde para te verificar. Seus pontos estão inflamados e ela deixou a pomada que está aí ao lado, para que use nas suturas. Se você tiver dor, ou precisar de algo, não hesite em me chamar — suavizo — Entendido?

Ela confirma com um balançar leve de cabeça.

— Eu pedi que ela lhe comprasse algumas roupas, no caminho. Se quiser que ela traga qualquer outra coisa, me avise.

A forma como a dona dos cabelos de fogo volta a me evitar, parecendo frágil, ferida, não sei bem, me faz sentir uma estranha necessidade de protegê-la, tranquilizá-la. Sem pensar, sento-me ao seu lado na cama e por muito pouco não tomo seu rosto em minha mão.

— Você está segura aqui Luna. Nada de mal vai te acontecer.

Seus olhos excentricamente azuis, limpos e honestos me encontram, guardando além da dor, algo mais forte, não posso bem explicar o que é.

— Obrigada Dominic — a suavidade macia em sua voz me surpreende. Bem, esta é a primeira vez que ela se dirige a mim com algo que não seja um desafio ou desconfiança.

Estamos progredindo, ao que parece.

Luna passou a tarde dormindo. Por sua fisionomia, notei que parece um pouco mais relaxada. Simone veio aqui, verificou seu estado, aplicou-lhe outra injeção e deixou-lhe mais alguns remédios.

Já é quase início de noite, tenho que ir ao Centro Comunitário agora, e não vou negar que estou temeroso de ela fugir de novo. Sei que eu não deveria me sentir assim. A garota é livre, sabe o que está fazendo, embora este fato não me tranquilize em nada.

Bato na porta suavemente, e entro, para encontrá-la acordada. Paro diante da cama.

— Eu estou indo ao Centro Comunitário, Luna. Deixei um jantar para você dentro do forno, basta aquecê-lo quando sentir fome, ok?

— Aham — murmura, encolhida de lado.

Estreito meus olhos, avaliando-a melhor a partir do já familiar tom avermelhado em suas bochechas.

Não parece bom.

Sucumbindo ao instinto, me abaixo do seu lado, bem próximo ao rosto da menina, afasto uma mecha solta do cabelo ruivo caído em frente ao seu rosto para trás da delicada orelha, e pouso minha mão no centro de sua testa.

Novamente, mais quente do que o ideal.

— Você ainda está com febre — pondero baixo,

como se o simples fato de elevar a voz fosse um agravante à sua condição.

E no instante seguinte tenho de prender a respiração frente à intensidade do olhar de Luna fixado no meu rosto. A beleza incomum do azul perfeito encara-me curiosa, desafiadora, como se de alguma forma me atraísse para si.

Porra! O que há de errado comigo? Eu não deveria sequer me permitir este pensamento.

— Acho que já está na hora de você tomar outro comprimido, como Simone recomendou — levanto-me abruptamente, embaraçado.

Ando alguns passos apressados até meu armário e retiro uma jaqueta.

— Tudo bem... — ela acata, o timbre hesitante, parecendo também afetada pelo desconcertante momento.

De costas, visto a jaqueta de couro.

— Deixei o número do meu telefone em cima da mesa. Qualquer coisa você pode me ligar, que eu volto — dou-lhe um último olhar rápido antes de sair do espaço que parece menor de repente.

Em minha moto, acelero para que o vento leve embora os pensamentos inapropriados.

Diabos, que foi isso? Ela é só uma criança, cara, tire esta merda do caminho.



Capítulo 6

DOMINIC

A noite agitada no Centro Comunitário não fez muito para afastar meus pensamentos da menina. Apreensão e ansiedade dominam meu corpo. Estou temeroso que ela tenha fugido novamente. E o que eu farei se este for o caso? Irei atrás dela, de novo? Cumprirei a ameaça de levá-la a um hospital? Honestamente, eu não sei. A única certeza que tenho é esta sensação de querer mantê-la segura.

— Noite difícil? — a voz pacata do pastor Simon

me puxa para o presente.

Olho para o grande cara parado ao meu lado, com suas mãos descansando nos bolsos, enquanto observa seriamente o barracão cheio.

— Como vai pastor? — ancorado contra a parede, mudo meu olhar para a mesma direção.

— Bem, com a graça de Deus, Dom. E você?

Aceno, confirmando.

Conheço Simon desde a infância. Ele também vivia nas ruas, e, assim como eu e meus irmãos, procurava se manter longe do radar das coisas ruins que este tipo de vida pode oferecer. Quando retornei ao bairro não me surpreendi em saber que ele era o pastor da igreja local. Simon é um bom cara e figura respeitada na comunidade, seu apoio foi importante para a abertura do Centro. Posso dizer que ele se tornou um amigo, a verdade é essa.

Apesar da aparente tranquilidade, percebo que o cara tem algo preocupando sua mente.

— O que esta havendo Simon? — vou direto ao assunto.

Os olhos marrons sérios vêm para mim.

— Dirty está de volta.

Sinto meus músculos retesarem com a informação.

Dirty – o traficante sujo de merda que assedia crianças e adolescentes para passarem drogas por ele –

estava preso até recentemente, e, maldição, sua liberdade só significa uma coisa: problema. Não que não haja outros como ele, mas Dirty é o único que não respeita o elemento básico de convivência neste bairro.

Quando estabelecemos o Centro Comunitário aqui, tivemos de fazer um tipo de acordo com alguns chefes do crime na região. É bem simples, não nos metemos nos negócios deles e eles não se metem com o nosso. O problema é que corromper crianças não estava no acordo, muito menos se o cara fica na minha porta tentando fazer esta porcaria.

— Vou ficar de olho nele — rosno ao pastor, que concorda, dando o tema por encerrado por hora.

Voltamos nossa atenção ao salão onde ao menos duas centenas de pessoas se alimentam.

— Notei você meio distante esta noite, algo errado? — o homem e seu velho hábito de especular.

Expiro pesadamente. *Sim há algo de errado com a minha cabeça que não consegue parar se pensar na senhorita cabelos de fogo fujona*, ironizo mentalmente.

— As obras da Rockefeller. Precisamos de mais gente se quisermos entregar as casas no prazo. O salário não é tão atrativo e os caras logo abandonam o trabalho — desvirtuo.

O que não é uma mentira, em tudo. Este é outro

problema que vou ter que lidar amanhã.

— De quantos caras você precisa? — indaga serenamente.

— Talvez mais dez.

Ele meneia a cabeça uma vez.

— Vou verificar na igreja. Por falar nisso, quando você vai aceitar meu convite de ir nos visitar no culto?

Esforço-me para não rir. Simon vem me fazendo este convite há muitos anos, e por alguma razão, nunca me interessei em aceitar. Mas quem sabe um dia.

— Um dia destes — dou de ombros, encerrando o assunto.

Volto para casa com uma agitação desconhecida revirando meu estômago. Subo os degraus de dois em dois, ansioso para saber se a menina cumpriu o acordo. A sala está vazia. Caminho silenciosamente e a encontro adormecida no quarto. Um suspiro de alívio esvai de meu peito... caralho, eu não deveria me sentir desta forma sobre ela.

Sem fazer barulhos, vou ao meu armário, retiro um par de calças de moletom, e saio do quarto. No banheiro tomo um banho frio e demorado, tentando por minha mente em ordem. Quantos dias esta menina vai precisar para ficar bem?

E depois, para onde ela vai?

Isto não é um problema meu... Difícil é aceitar a ideia.

Enxugo meu corpo de qualquer jeito, visto a calça, esfrego a toalha no cabelo para tirar o excesso de água e o arrumo com os dedos. Está na hora de cortar. Sophia me pediu para mantê-los maiores, disse que é bom para pegar, e acho que acabei deixando a bagunça crescer. Sophi e eu compartilhamos o mesmo gosto por um tipo de sexo mais duro. É quando esvaziamos a mente. Eu deveria ligar pra ela, já tem algum tempo que não nos encontramos. Esta abstinência não é saudável, deve ser por isso que estou nessa desordem com pensamentos errados com um certo par de olhos azuis desafiadores.

Acorda Dominic! Ela é só uma criança!

Seco a barba diante do espelho, já passou da hora de apará-la. Penduro a toalha sobre o box de vidro. Abro a porta do banheiro e dou de cara com a menina.

Baixo meus olhos para avaliá-la por inteiro. Seus pés calçados com um chinelo, trazido por Simone, assim como um novo par de calças de moletom, estranhamente ela ainda está usando o meu suéter. Quando encontro seu rosto, percebo que a garota tem os olhos vidrados no meu peito ainda úmido. Inferno! O hábito de morar sozinho por tantos anos, me fez esquecer de pegar uma camiseta.

Limpo a garganta chamando sua atenção para o meu

rosto e não perco o leve rubor em suas bochechas. Inocente demais para ser bom pra ela mesma.

— E-stou apertada para fazer xixi — gagueja, visivelmente constrangida por ser pega no flagra.

Dou um passo para o lado, deixando a porta livre.

— Desculpe pela demora. Vou aproveitar e pegar uma camiseta no quarto — digo rouco, embaraçado pela situação.

Ela concorda com um aceno, mas não se move. Então faço eu, passo por ela e entro no quarto. Respiro fundo, odiando a maneira como seu olhar aqueceu meu corpo tão rapidamente.

LUNA

Entro no banheiro e tranco a porta, me escorando contra ela. Toco minhas bochechas, elas estão quentes e sei que não é de febre. Céus, eu não consegui desviar meus olhos dele. Dominic é um cara muito bonito, eu já tinha notado isso, mas nada como uma visão assim, tão próxima. Todas aquelas tatuagens, os contornos visíveis dos músculos, ele se parece com um daqueles homens nas revistas que Baba colecionava. Sim, porque pessoalmente eu nunca vi ninguém como ele. Aliás, eu nunca vi homem

nenhum nesse sentido.

Até alguns dias atrás eu era nada além de uma nerd prestes a me formar em arquitetura, mais um semestre e eu teria o diploma. Eu vivia para estudar e mal tinha uma vida social. Com vinte e um anos ainda sequer tive um namorado, contrariando o que todas as garotas da minha idade fazem. Minha mãe era uma espécie de super-protetora, por assim dizer, e me mantinha embaixo de suas asas. Ela só não sabia que deveria ter nos protegido do crápula ganancioso com quem se casou.

Tudo por dinheiro. A vida da minha mãe se foi e quase morri junto. Ele atentou contra mim duas vezes, tudo pelo dinheiro.

Agora me encontro nesta situação, escondida na casa desse homem desconhecido... e que de alguma forma faz com que eu me sinta segura.

Encosto meu nariz no suéter que estou usando e inspiro profundamente. Cheira a algo como uma mistura limpa de sabão e um perfume masculino suave, cítrico. Absorvo seu cheiro, deixando que ele entre em meu sistema, acalmando momentaneamente. Isso me faz bem... Incrivelmente a presença de Dominic me faz bem.

Faço o que vim fazer, saio do banheiro e o vejo na sala, andando de um lado para o outro, agora vestido com uma camiseta. Sinto-me mal por tirar sua privacidade dentro de sua própria casa.

DOMINIC

Ao contrário do que eu esperava, a menina não entra no quarto. Ela vem para a sala.

— Você não comeu — constato, com o timbre baixo, sem saber ao certo como agir em sua presença.

Ela se senta no braço do sofá, de frente pra mim.

— Eu quis esperar você — o tom é delicado, livre de toda aquela coisa insurgente que ela jogou entre nós até agora.

Sua atitude me confunde.

— Por quê? — questiono antes que eu possa controlar minha língua.

Ela dá de ombros.

— Achei melhor assim.

Guardo minhas mãos nos bolsos dos jeans e a observo melhor para ter certeza que ela não está em mais um de seus delírios.

Seus olhos de um azul profundo em mim me descrevem que aparentemente não.

— Tudo bem... eu... hum... vou esquentar seu prato — estranhamente desconfortável, vou para a cozinha.

Ligo o micro-ondas, abro a geladeira e retiro uma cerveja. Claro, eu não vou oferecer uma pra ela, corro o risco de estar fornecendo álcool a uma menor de idade.

Levo seu prato para a mesa e a chamo.

— Você não vai comer? — pergunta, sustentando o que penso ser um tipo de desapontamento pouco mascarado em sua voz, enquanto se senta na cadeira.

Sento-me diante dela.

— Eu já comi — minto, sorvendo um gole da bebida.

Na verdade, jantar não é um hábito que eu cultivo. Lidando com toda aquela comida no Centro eu normalmente fico sem fome.

Ela meneia, timidamente concordando, olhos baixos em seu prato.

— Desculpe por eu remexer no lixo de lá — sua voz é um sussurro.

Paro a cerveja a caminho da boca e estreito meus olhos sob ela.

— Você não tem que se desculpar por isso, Luna — digo firme — Sentir fome não é vergonha.

A garota mói o lábio inferior entre seus dentes.

— E-eu também não queria causar nenhum transtorno na sua vida, fazendo você ter que comprar todas estas roupas e remédios... tirando você de seu

quarto — ela finalmente me encara — Muito obrigado Dominic, eu honestamente nem sei como te agradecer.

Seguro seu olhar.

— Agradeça ficando aqui até que esteja bem.

Luna acena levemente com a cabeça. Posso dizer que isto é um sim.

— Eu só não quero atrapalhar sua vida — seus olhos voltam tímidos para o prato.

— Você não me atrapalha — resmungo, alto o suficiente para que ela escute.

Ainda bem que eu cedi minha cama para a menina. Este sofá é malditamente duro. Eu deveria passar amanhã, no caminho para o trabalho, em alguma loja de móveis e comprar um sofá-cama. E então volto a pensar que nem mesmo sei quanto tempo Luna vai ficar nesta casa.

Tempo o suficiente para ela se recuperar. Não menos do que isto, afirmo para mim mesmo, não sabendo de onde surgiu esta ânsia por mantê-la aqui.



Capítulo 7

DOMINIC

Três dias se passam com uma espécie de rotina entre nós. Na segunda e terça-feira saí para trabalhar na obra por volta das seis da manhã, passei rapidamente em casa, em algum momento da tarde, e fiquei no centro comunitário até por volta da meia-noite. Vi a menina acordada por alguns poucos minutos e quando chegava ela já estava adormecida.

De acordo com Simone, que tem passado aqui para checá-la constantemente, a garota está se recuperando bem

de alguns ferimentos. A inflamação em suas suturas está diminuindo, a febre não voltou, e Luna diz não sentir mais tanta dor. Em nenhum momento ela revelou o que aconteceu para deixá-la desta forma, tão pouco questionamos.

Observá-la dormir tem se tornado um hábito. Mal, porém irresistível.

E esta noite não poderia ser diferente. Novamente me pego aqui, parecendo um maldito voyeur, sentado silenciosamente na borda da cama onde ela dorme. Sem me conter, deixo meus dedos deslizarem por seus cabelos de fogo macios, afastando-os de seu rosto.

A garota parece um tipo de anjo selvagem e ao mesmo tempo inocente. Seus lábios tem um contorno perfeito, projetados e cheios, de uma maneira atraente, enquanto as sardas dão a ela um ar doce de ingenuidade. Uma mistura muito perigosa.

Mas o que estou pensando? Tenho trinta e dois anos, sou um cara afirmado com minhas preferências, gosto de mulheres feitas, bem resolvidas sexualmente. Não devo sequer cogitar qualquer coisa neste sentido com uma menina que mal deve ter maior idade.

— Dominic — ela resmunga baixo, num sopro.

Maldição. Sou pego em flagrante.

Paraliso o toque de minha mão em seus cabelos.

Seus olhos permanecem fechados. Mas que...? Ela está... dormindo? Inclino minha cabeça de lado, verificando-a melhor, e toco em sua testa para constatar que não há febre.

Espere... ela está dormindo e... sonhando comigo?

Espero, para me assegurar, e nenhuma outra palavra mais é dita. Sim. Ela está dormindo.

Expiro, deixando todo o ar esvaír de meu peito, e esfrego meu rosto com as duas mãos. Por que, merda, isto mexe comigo dessa forma?

Estou prestes a levantar e sair imediatamente, quando algo me chama a atenção. Um pedacinho de tecido vindo de baixo de seu travesseiro. Toco o material, puxando levemente, e me dou conta de que é o meu suéter. Parte dele está embolado em sua mão firmemente. Inferno, por que ela está mantendo a peça como se fosse algo valioso?

Saio do quarto.

Não gosto de como se sinto com essa menina, tenho de frear estes pensamentos. Acho que Simone tem razão. Estou trabalhando demais ultimamente. Preciso sair, espairar um pouco. Deve ser este o problema.

Hesito, antes de digitar uma mensagem para Sophia, que me responde logo em seguida, combinando de nos ver amanhã. Convenço-me de que isto será bom.

Após um longo dia na obra e um movimento fora do comum no Centro Comunitário, vou direto para a casa de Sophi. É tarde da noite. Antes mesmo que eu aperte a campainha ela está me recepcionando com seu sorriso leve.

Sophia é uma morena linda, de belas curvas e uma atmosfera que faz com que você se sinta bem em sua presença. A escolha de sua profissão, assistente social, também foi feita a partir da vida dura que teve, eu a admiro por isso. Nos conhecemos há uns dois anos e meio, através do pastor Simon num projeto para crianças de rua, e nos tornamos amigos. Com o tempo descobrimos uma maneira particular de extravasar a pressão de nossas cargas. Temos este arranjo de apenas sexo. Duro. Sem envolvimento emocional. E funciona bem para ambos.

— Estive pensando em você, Dom — recebo um beijo doce no rosto — Não tenho te visto há algum tempo. Como você está?

— Indo, você sabe — digo, pousando a mão em sua cintura fina — E você?

Os olhos castanhos se estreitam avaliando meu rosto por um instante, até que um suspiro cansado sai de seus lábios espessos.

— Indo também. Quer beber alguma coisa? — sua voz é uma dose macia.

— Banho primeiro, seria ótimo — respondo com um meio sorriso, sem muita vontade de conversar.

Acho que assim como ela, também não.

— Quer companhia?

— Sempre — assumo simplesmente, encarando sua necessidade mascarando o peso de todos os sentimentos guardados.

— Vire-se — exijo.

Sophia ainda está sob os efeitos da libertação de menos de dois minutos, e mesmo assim obedece meu comando.

Meu polegar encontra seu centro e começo uma fricção na carne sensível. Desfiro um tapa em sua bunda, ela geme alto enquanto mais de sua umidade escorre pela fenda deliciosa. Puxo uma embalagem metálica do bolso do meu jeans caído no chão, a rasgo entre os dentes e envolvo minha ereção. Posiciono-me e me afundo com um golpe rápido contra suas paredes quentes.

Cerro o maxilar com a sensação.

Deslizo para fora e Sophi choraminga pela ausência.

Afundo-me novamente, com mais força, duramente me mantendo sob controle quando sinto o aperto de fome me tomando, levando embora toda a força de vontade que

tenho para prolongar o momento, depois de um longo tempo sem ter isso.

— Dominic! — grita extasiada, e eu me lanço com mais força, tomando seu cabelo preso num rabo-de-cavalo em meu punho, mantendo-a imóvel enquanto recebe meus golpes.

Inclino meu corpo por cima do dela, colando meu peito suado em suas costas, e tomo a pele de seu pescoço. Cravo uma mordida bem ali, fazendo a mulher estremecer embaixo de mim.

— Estou vindo, Dom, estou vindo — seu gemido só me estimula mais.

Sophia tenta comandar o ritmo, lançando sua bunda mais forte contra mim, querendo receber todo o meu comprimento, em troca deixa outro tapa cair em sua carne.

É por isso que eu e ela nos ajustamos tão bem. Ela gosta do que tenho e recebe-o inteiramente.

— Dom! — seu urro baixo ecoa pelo quarto.

— O que você quer, Sophi?— provoco-a.

Seus dedos morenos longos agarram o lençol.

— Eu preciso...

A bunda se choca ainda mais ao meu encontro, buscando pelo ápice. Aumento meu ritmo, fodendo com mais força, e sei exatamente o momento que mais um clímax a golpeia. A mulher ruge como uma leoa. Belisco

seus mamilos rígidos e a vejo delirar enquanto se desintegra de quatro para mim.

Moendo mais rápido, atrás da minha demanda, sinto meu controle ir à ruína quando um par de excêntricos olhos azuis e cabelos selvagens de fogo invadem minha mente, rasgando meu interior com a libertação mais intensa que já tive. Maldição, gozo fortemente com a imagem daquela menina inocente na cabeça.

Essa agora. O que isto faz de mim? Um pervertido?

Entro no meu apartamento escuro, deixo as chaves na mesa da sala e me sento no sofá, sem acender qualquer luz. Confirmo a hora no meu celular, são quase quatro da manhã. Terei tempo de um descanso rápido e daqui a pouco preciso estar na obra. O problema é que não estou relaxado depois de todo o sexo, como deveria estar. A maldita culpa está remoendo meu peito. Pensar em Luna naquela hora foi inapropriado em tantos níveis.

Descanso minha cabeça no apoio do sofá e cubro meus olhos com o antebraço.

E só então é que reparo no som baixo cortando o silêncio.

Parecem gemidos, de dor talvez. Imediatamente meu corpo se coloca em estado de alerta com a noção de onde eles vêm. Pulo do sofá e antes que eu pense, estou

empurrando a porta do meu quarto, e... porra!

A menina está agitada, se revirando de um lado para o outro, transpirando, gemendo e murmurando coisas desconexas. Aproximo-me dela. Pouso minha mão em sua testa. Merda. Sua temperatura está alarmante.

— Luna — chamo baixo, não conseguindo esconder a preocupação.

Ela não me responde, em meio ao delírio.

Não deixo de notar que meu suéter está agarrado a seu corpo úmido.

Mas é o chorinho baixo que me quebra.

Penso em ligar para a Simone, no entanto é muito tarde e a pobre mulher precisa de seu descanso. Não há outra opção, tenho que levar Luna a um hospital, seu estado me obriga a isso.

— Bebê, por favor, acorde — sussurro, com a garganta embargada.

Levanto seu corpo em meus braços. Suas costas tomadas de suor quente. Antes que eu tenha tempo de prever o que está por vir, a menina lança sua cabeça para frente, vomitando em si, e parcialmente no meu peito.

— Dominic — geme, mas não posso afirmar se em plena consciência.

Sem saber o que fazer, a levo em meus braços para o chuveiro, tiro suas roupas com cuidado, jogo minha

camiseta suja ao chão em cima das roupas dela e entro junto, segurando seu corpo amolecido.

Regulo a temperatura da água e vou conversando com ela em meio à cascata morna.

— Fale comigo, bebê — murmuro rouco — Sou eu, fale comigo.

— Dominic — sussurra.

Seus olhos estão em mim, avermelhados e murchos.

— Eu terei que te levar a um hospital, Luna. Você não está nada bem — digo suave, lavando seus cabelos da bagunça provocada por seu vômito.

— Eu não posso — ela chora baixinho — Por favor, não me leve lá.

Travo meu maxilar, sentindo meus dentes rangerem com a força.

O que eu não daria para livrá-la de todo esse medo.

— Ninguém vai te fazer mal — rosno baixo, quase não escutando minha própria voz sufocada.

— Ele vai me encontrar — seu tom é uma súplica fraca.

Meus músculos tencionam. Quem é *‘ele’*? Quem poderia querer fazer mal a uma menina?

Estou em uma maldita encruzilhada, sem saber o que fazer.

Dou um banho nela e trago seu corpo enrolado em

uma toalha para a cama, um pouco mais consciente agora. Visto-me rapidamente, jogando uma camisa de qualquer jeito e um par de calça de moletom, e retorno para ela.

— Você precisa de um médico Luna — mantenho meu tom sério, não querendo ceder.

— Eu vou ficar bem — ela resmunga, sentada na cama, cabeça baixa. Não posso afirmar que esteja completamente lúcida.

Tomo um minuto para olhar bem para a menina, indefesa, machucada, frágil.

Respiro profundamente, roçando minha barba miserável pela situação.

Obrigando-me a engolir o gosto amargo de querer acolhê-la em meus braços e tirar sua enfermidade com minhas próprias mãos, viro-me para o armário onde estão algumas roupas que pedi a Simone que comprasse. Um pijama de flanela rosa claro, combinando com sua aparência virginal... *inferno, de onde está vindo isto agora?*

— Levante os braços — solicito baixo.

A menina faz, deixando cair a toalha que tampava seu corpo. Desvio rapidamente meus olhos de seus seios e me concentro em vesti-la. Com sua ajuda trêmula, coloco a calça do pijama, ignorando a ausência da calcinha. Quero-a apenas coberta, não importando sua nudez embaixo

desta roupa.

Tocando em sua testa, percebo um leve recuar da temperatura.

— Fique sentada, vou pegar um copo de água para seus remédios.

Volto tão rápido quanto posso, para encontrá-la exatamente como deixei. Com muito custo ela toma dois dos comprimidos.

Seco seus cabelos com a toalha e os penteio para trás. Seu rosto cansado e paciente parece relaxar enquanto faço o trabalho, e logo os fios têm um aspecto melhor.

Ajeito alguns travesseiros, adotando a decisão de esperar até que o dia amanheça antes de tomar uma atitude sobre sua saúde. Estes remédios vão segurar um pouco mais de tempo. Simone os conseguiu através de um amigo médico, mas não significa que ela não precise de um hospital.

Ajudo a garota a se deitar, e me sento ao seu lado na cama.

— O suéter... — pede baixinho, lutando contra o sono.

— Está sujo, bebê. Durma um pouco — sussurro, alisando sua cabeça, num afago lento.

— Eu preciso dele para dormir — ela implora num sopro mal audível, mas que toca meu peito de uma

maneira desconhecida.

Aperto a ponta do meu nariz e fecho meus olhos brevemente. *O que esta menina está fazendo comigo?*

Sem saber o porquê, me pego entregando a ela outro de meus suéteres, que a garota recebe como um troféu, acolhendo em seus braços e levando ao rosto com um suspiro.

Não demora muito e ela adormece. Retorno ao chuveiro e tomo uma ducha rápida, visto de novo o par de calças de moletom e camiseta, e volto ao quarto. Não vou arredar meu pé do seu lado até garantir que ela esteja bem, já basta a culpa me remoendo por ter chego tão tarde em casa, depois de uma noite fodida de sexo pensando nesta garota inocente, enquanto ela estava aqui sozinha precisando de mim.

Empurro a recriminação de minha consciência para um lugar mais afastado e apenas zelo pelo sono dela.



Capítulo 8

LUNA

Amanheço com meu corpo dolorido, principalmente o peito, no entanto sentindo-me tomada por uma confortável sensação de segurança. Coisa que uma semana atrás não acontecia. Abro meus olhos e... sou surpreendida ao encontrar as íris cinzas cravadas em mim. Dominic está sentado na cama, recostado na cabeceira.

— Bom dia — sussurro.

— Bom dia — ele devolve num timbre rouco, profundo.

— Você... — hesito por um instante — Dormiu aqui?

Seu lábio se curva num sorriso simples debaixo da espessa barba, sem glória.

— De certa forma.

Eu deveria estar apavorada por saber que dormi na mesma cama que um estranho, mas algo sobre este homem me transmite uma paz tão plena que, por Deus, nem parece real depois do que tenho vivido.

— Como você se sente? — indaga suavemente, sem perder a seriedade.

— Bem melhor — afirmo, não sendo honesta em tudo.

Observo seu rosto cansado, linhas de expressão marcam a testa, olhos sustentando pequenas bolsas, parecendo não ter repousado nem por um minuto, olhando-me preocupado como se eu fosse alguém importante pra ele. Sinto meu coração descompassar com a satisfação que o pensamento me causa.

E recrimino-me. Este caminho não é prudente. Gratidão é tudo o que devo sentir por ele.

Dominic se ajeita ao meu lado, para ficar de frente comigo.

— Você precisa ver um médico, Luna.

Travo em alerta.

— Não. E-eu não posso...

A grande mão pega uma mecha de meu cabelo, afastando-o para detrás da minha orelha, interrompendo-me.

— Eu não vou permitir que nada de mal te aconteça Luna, mas um médico precisa te verificar, fazer alguns exames — seu dedo quente desliza por minha bochecha, baixando uma nota — Estas febres são perigosas, bebê.

Bebê!

Ele me chamou de bebê!

Cócegas estranhas se amontoam na boca do meu estômago ao ouvir esta palavra e a maneira como sai de seus lábios.

Soa tão... tão íntimo.

Pigarreio, tapeando a vontade de sorrir, e me esforço para permanecer neutra fingindo que isso não me afeta tanto quanto faz.

— Eu estou bem, é sério — minto — Você não precisa se preocupar.

Percebo-o sugar uma profunda respiração, que faz suas narinas dilatarem.

Decido mudar rapidamente de assunto para dissuadir a ideia. Eu não posso voltar a um hospital de maneira nenhuma. Vicent me encontraria, ele já tentou contra minha vida num lugar assim também.

Enrolo meus dedos no suéter macio.

— Fiquei te esperando para o jantar — revelo.

E assisto seu semblante se contrair diante de mim. O caroço em sua garganta se movimenta para cima e para baixo. Intuitivamente, sinto que toquei em um ponto que não deveria.

— Desculpe, eu não quis ser intrometida — apresso-me.

Seus olhos desviam dos meus brevemente, aparentemente desconfortável.

— Não se desculpe. Eu tive algumas coisas para resolver, por isso cheguei tarde.

Mordo meu lábio, bem apertado, e assinto... *‘algumas coisas para resolver... seria com uma mulher?’* Pergunto-me imprudentemente.

Aliso a manga do suéter quentinho, evitando olhá-lo de frente. No entanto, ouço sua expiração esvaindo densamente e pressinto que a questão ‘médico’ não é tudo o que ele quer conversar.

— Luna, há algo que eu gostaria de te perguntar.

Pronto. Aí está.

Engulo a saliva com dificuldade. Meus dedos pálidos e magros agarram-se as fibra do tecido azul marinho.

— Ontem você disse que alguém está atrás de você.

Quem é essa pessoa?

Direto, sem rodeios.

O que eu deveria fazer? Abrir-me com ele? Vicent compra as pessoas, é assim que ele age. E se Dominic resolver me entregar por dinheiro? Estudo o rosto do homem. Tudo nele grita confiança. Seus olhos são bons, são olhos de um homem justo.

Não sei o que fazer.

— Eu te agradeço por me acolher em sua casa, Dominic. Você tem cuidado de mim de maneira que só a minh... — mordo a língua para não falar sobre minha mãe — Enfim. Isso agora não vem ao caso — encolho-me, sentindo a dor de sua perda — A questão é que eu sou grata por me deixar ficar... mas...

Dominic arqueia a espessa sobancelha castanha dourada perfeitamente desenhada.

— Basta falar.

Suspiro.

— Não é tão fácil... O que vou dizer, em respeito a sua confiança, é que um homem muito perigoso está atrás de mim.. e ele me quer... — não consigo proferir a palavra.

Céus, a situação é tão surreal. Há alguns meses a mínima ideia pareceria absolutamente inconcebível, como ele pôde?

Sem que eu precise concluir, no mesmo instante acompanho o corpo de Dominic endurecer. Seu maxilar se aperta tão forte que penso até escutar um rangido de seus dentes.

— Quem é ele? — rosna calmo.

Sento-me na cama, de costas para ele.

— Meu padrasto — sussurro — Mas eu não posso dizer mais, Dominic, por favor, eu espero que você possa compreender e respeitar isso.

Não acredito que esse homem me entregaria. Não. Ele não faria. Mas, se por um descuido, ele contar para qualquer pessoa, mesmo sem querer, esta pessoa pode procurar Vicent e exigir dinheiro, que meu padrasto certamente pagaria.

Tenho a impressão de que ele esfrega seu rosto. O som de sua respiração é audível.

— Olhe pra mim.

Por cima do ombro, faço o que ele pede.

— Eu vou respeitar isso, Luna. Pelo menos por enquanto. Mas eu quero que saiba que você pode confiar em mim. Eu jamais te faria mal, ou compactuaria com alguém que te oferecesse perigo. Você me entende?

Viro meu corpo para ele, ficando de frente, olhando em seus olhos.

— Sim. — afirmo, acreditando em cada palavra que

vem se sua boca.

Dominic tomou banho e saiu. Confesso que me senti muito culpada por seu semblante de quem não descansou nada durante a noite. Abraço-me ao seu suéter, diferente do que esteve comigo até ontem, e cheiro profundamente o perfume de sabão e algo cítrico, masculino. Agora que estou sozinha, alguns pensamentos começam e me rondar. Onde ele esteve até tão tarde da noite? E por que ficou visivelmente constrangido quando eu perguntei? Há uma mulher nisso, provavelmente. Uma namorada talvez? É óbvio que um homem como ele tem alguém, não poderia ser diferente.

Uma batida leve na porta do quarto me tira dos devaneios.

— Posso entrar?

— Simone!

Não consigo esconder que estou feliz em vê-la. Nos últimos dias ela tem vindo bastante, às vezes até duas vezes ao dia. Nem sei como eu vou agradecer esta mulher por todo o cuidado que está tendo comigo.

— Como você está hoje, minha criança? — soa como uma avó.

— Melhor — respondo com um sorriso, não revelando que as dores no peito ao respirar parecem mais

fortes. Não posso correr o risco de ela bater o pé e decidir me levar para um hospital. Dominic eu até consigo dissuadir, entretanto Simone é uma enfermeira, a mulher sabe o que está fazendo.

Seus olhos escuros se estreitam, como uma águia desconfiada.

— Você não parece melhor — o tom revela que ela não acreditou em uma palavra do que eu disse.

Embrulho meus dedos nas mangas do suéter.

— Só um pouquinho de dor, mas bem menor do que antes.

— Dominic me contou sobre seu estado esta madrugada, Luna. E eu vejo em seu rosto que você ainda não está recuperada.

Suspiro. E conto a verdade pra ela.

— Meu peito dói um pouco, Simone, e estou me sentindo muito fraca, meio sonolenta o tempo todo — confesso.

Ela se aproxima, sentando na cama e deixando sua bolsa grande pousar ao lado.

— Eu imaginei que sim, criança. É por isso que eu peguei isto com uma colega lá no posto de saúde — me mostra um estetoscópio — Você tomou muita chuva, frio, estava com inflamação nas suturas, além da febre. Eu tenho uma suspeita.

Ela pede que eu levante minha camisa do pijama e então pousa o negócio gelado no meu peito, conectando a outra parte em seu ouvido. Fico sentada na cama. Simone agora escuta minhas costas, me pedindo para respirar fundo e até tossir.

Sua expressão não é boa.

— Desconfio que você esteja com um quadro de início de pneumonia, criança. Mas eu não sou médica, sou enfermeira. Eu preciso que um colega dê uma olhada em você, que faça mais exames.

Seguro-a pelo braço, com um reflexo.

— Simone, por favor, eu realmente não posso ir a um hospital — olho-a com súplica — Alguém vai me procurar lá.

Ela analisa meu rosto, resignada.

— Foi este *alguém* que fez isso no seu corpo? Ele bateu em você? — a preocupação exala de cada palavra.

Balanço a cabeça, negando.

— Não. Eu sofri um grave acidente de carro, mas foi este homem que provocou. E se ele me encontrar vai tentar terminar o trabalho, é por isso que eu não posso ir a um hospital, compreende?

Ela desvia seus olhos de mim e se cala momentaneamente, pensativa, até que me olha de novo.

— Pneumonia é uma coisa séria, Luna. Isto precisa

ser tratado.

Não há o que dizer. Eu sequer posso argumentar.

— Você foi muito irresponsável saindo daqui aquele dia, minha criança. O menino te encontrou embaixo de chuva, desacordada, você poderia ter morrido, e provavelmente foi isso que piorou seu estado — sua mão busca a minha — Dominic tem estado muito preocupado também.

Mordo meu lábio entre os dentes, de novo sem palavras sobre isso. Ela está certa.

Simone checa minha pressão, diz que está baixa, e começa a recolher suas coisas. Assistindo a isso, não consigo deixar de especular.

— Simone... eu... hã... gostaria de te perguntar uma coisa — sem coragem, mantenho meus olhos em sua atividade.

— Sim — responde distraída.

— Dominic... ele, hum... ele tem namorada? — a mulher para de se mover e me olha com curiosidade — E-u pergunto isso porque não quero atrapalhar a vida dele, sabe? Vai que ela queira vir aqui, ou esteja chateada por eu estar aqui, ou ele não tenha contado que estou aqui para nã...

— Não há ninguém Luna — ela interrompe minha desconcertante metralhadora de palavras com um timbre

pacífico, no entanto sem sucesso em esconder o bom humor — Não que eu saiba, na verdade. O menino é muito reservado.

Devo estar vermelha.

— Ah, sim, sim, claro — pareço uma criança estúpida agora.

Rindo baixo, ela fecha o zíper da bolsa e se levanta.

Recebo um beijo fraternal na testa. Simone está pronta para sair, mas antes disso eu a puxo para um abraço, bem apertado, como eu daria na minha mãe ou na Baba, sentindo uma dolorosa saudade de como as coisas eram antes.

— Obrigado Simone. Muito obrigado por tudo.

Ela corresponde, me apertando contra seu corpo fofo e acolhedor.

— Não por isso, minha criança. Não por isso.

Sozinha, sem muito o que fazer, recolho as roupas sujas que estão no canto do banheiro e coloco tudo na máquina. Lavo separadamente as roupas de Dominic com todo o cuidado de não contaminá-las com a bagunça que eu fiz nas minhas.

Aproveito a leve disposição – que eu não tinha há dias – e dou uma ajeitada na casa. Dominic é um cara muito organizado e limpo, sua casa também é assim, então

não é difícil organizá-la. Não quero estar aqui sendo um peso morto para o homem.

Depois de algumas horas, a dor no peito retorna e me obriga a deitar-me um pouco. Como um hábito, pego seu suéter e respiro profundamente com meu nariz colado a peça. Estranhamente seu cheiro consegue acalmar a angústia do pesadelo que estou vivendo.

Meu coração se aperta por saber que até pouco tempo eu tinha minha mãe aqui comigo, e em seguida nem pude ir a seu velório.

Preciso ficar boa logo, para enfrentar Vicent e fazê-lo pagar por tudo. Eu tenho um trunfo contra o canalha, só preciso me recuperar. Mais uns dias aqui, até que eu esteja melhor, e depois eu vou voltar para minha casa de direito.

Minha casa... estranho como eu me sinto também em casa *aqui*, com esse desconhecido.

Dominic... um nome bonito para um homem bonito, de intensos olhos cinzas.



Capítulo 9

LUNA

— Luna — de repente a voz branda me tira de um sonho estranho que me peguei tendo, enquanto cochilava em seu sofá.

Espreguiço-me vagorosamente.

— Dominic — sussurro, ajustando meus olhos para seu olhar preocupado — Que horas são?

— Onze — ele responde baixinho. A suavidade de sua fala acaricia minha pele de maneira imprópria, assim como o sonho que acabei de ter com ele.

Enrubesco discretamente pela direção que meus pensamentos tentam me levar.

— Você chegou mais cedo — constato me sentando e arrumando a bagunça que chamo de cabelo.

Ele sorri de um jeito simples, mas isso logo morre ao olhar em volta.

— Você arrumou a casa — não soa como um agradecimento, parece mais com desgosto.

— Sim. Eu estava ociosa — resmungo, mal escondendo minha decepção pela reação.

Ele desliza a mão pela barba cobrindo parte de seu rosto, num claro exercício de paciência.

— Luna, Simone me falou sobre seu estado, e ficar se esforçando fisicamente não ajuda em nada — é uma repreensão, evidente que é.

Trata-me como se eu fosse uma criança. Elevo meu queixo e o encaro pronta para me defender... e emudeço com o que capto em sua expressão séria, fitando-me como se estivesse elaborando a melhor maneira de me dar uma má notícia.

Enrolo a barra do suéter entre os dedos.

— Eu preciso que você se agasalhe, nós estamos indo ver um médico.

Sua determinação sem hesitar me arrepia até o último fio de cabelo. Eu não posso ir a nenhum lugar

público. Vicent está me procurando, eu falei para Dominic, contei a ele que estou fugindo, e agora ele quer simplesmente me entregar assim?

De jeito nenhum.

— Esqueça — retruco, já me levantando — Eu sabia que não deveria ter ficado aqui. Estou dando o fora.

Tenho tempo de me afastar dois passos para longe, antes de ter sua mão quente envolvendo meu braço, firme, mas não o suficiente para me machucar. Dominic me traz de volta a sua frente. O movimento brusco de levantar-me tão rápido cria uma tontura que me obriga a apoiar as mãos em seu peito. E um lado de mim não deixa passar despercebido o contorno firme de seus músculos sob minhas mãos.

— Solte meu braço — sussurro fraca, distraída pela intensidade de seus olhos cinzas insatisfeitos prendendo-me a ele.

— Nós precisamos deixar algumas coisas claras aqui, Luna — seu hálito quente toca meu rosto. Preciso fechar meus olhos brevemente para não me distrair — Em primeiro lugar, eu não gosto que me deem as costas, e eu já percebi que você tem este mau hábito.

Abro a boca. e fecho, impedida por seu olhar intenso e um leve arqueio de sobrancelha. Calo-me, por enquanto.

— Eu espero que estejamos resolvidos neste ponto. Agora, sobre o médico, combinei com um cara que vai te atender sem colocar seu nome no sistema, mas para isto eu preciso te levar agora, num horário que não há muitas pessoas lá — apesar do tom duro, a informação bate como um tapa.

Ele teve o cuidado de pensar nisso, por mim. Dominic não está simplesmente me entregando ao acaso.

Respiro fundo, absolutamente envergonhada.

— Me desculpe, e-u... eu achei que você estava ignorando o que te contei... — murmuro embaraçada, desviando meus olhos para seu pescoço.

Assisto o movimento agitado de sua carótida, e ouço a expiração ruidosa que abandona seu peito.

— Ok, vá e se agasalhe — é tudo o que ele diz, controlado.

Leva alguns segundos para eu me dar conta que ainda estou com as duas mãos tocando seu peito. Solto-o rapidamente, envergonhada, mas não deixo de sentir a ausência do calor. O que está acontecendo comigo?

DOMINIC

Maldição. Que merda está havendo? Esta menina

tem algo que me desestabiliza, e isso não está ficando melhor. Sua teimosia e a falta de confiança em mim conseguem abalar meu equilíbrio. E ainda assim, não perdi o brilho inocente de seus olhos quando as pequenas mãos se apoiaram no meu peito.

Inferno, Luna mal sabe o que está provocando em mim.

Depois que Simone me contou sobre a preocupação com o estado de saúde dela, movi algumas cordas para conseguir uma consulta privada com um médico. O sigilo tem um preço, mas não é nem sombra do que eu faria para ver esta menina bem. Melhor não pensar muito sobre o que isso significa.

Não demora ela retorna. Meu suéter em seu corpo. O que ela tem com estes suéteres, afinal?

— Estou pronta — diz timidamente, sem me olhar.

Balanço a cabeça, encarando-a de cima a baixo.

— Certo, espere aqui um minuto — determino.

Dou-lhe as costas e vou para o quarto. Pego uma jaqueta com capuz no meu armário, e volto para a sala. A garota está na mesma posição, obediente, quem a vê assim poderia pensar que é exatamente como ela é. Engano.

— É melhor você vestir isto por cima. Vai te deixar mais aquecida, e o capuz ajuda a te esconder — amenizo meu tom, me aproximando dela e a ajudando a vestir.

Enquanto Luna ajeita as mangas, eu trabalho em fechar o zíper de baixo até o pescoço. Sinto seus olhos atentamente em meus movimentos e procuro ignorar a reação do meu corpo a isso. Com cuidado, enrolo seu cabelo macio e coloco-o para dentro da jaqueta, em seguida puxo o capuz em sua cabeça.

Um suspiro baixo deixa os lábios da garota.

Inocente demais para ser bom pra ela mesma, e me atinge diretamente onde não deveria.

Sem evitar, toco a ponta de seu nariz coberto por sardas.

— Agora você está protegida.

Os olhos azuis estão em mim, enormes, vivos. Para arruinar com todo o meu autocontrole, assisto sua língua deslizar pelos lábios levemente ressecados. Inferno, esta garota será minha ruína se eu não me cuidar.

Dou um passo atrás e desvio meus olhos.

— Vamos — o som seco de minha garganta faz com que a bolha entre nós se estoure.

Não movo meu pé de seu lado, tão pouco ela pede que eu saia do consultório. No momento em que o doutor bate os olhos em todos os seus machucados, reconheço o desconforto no rosto dela.

— Como você conseguiu estes hematomas, Luna?

— questiona profissional.

Ela hesita, não responde, e me lança uma breve olhada.

— Não se preocupe, eu mantereí sigilo — o cara explica rapidamente, percebendo a reação — E com o dinheiro que seu amigo aqui está me pagando, certamente isto não sairá desta sala.

Os olhos dela se arregalam, as bochechas ganham rubor.

Estúpido linguarudo!

Dou ao sujeito uma encarada que o reduziria a um grão de arroz se eu pudesse.

— Foi um acidente de carro — seu sussurro é quase inaudível.

O cara me olha, e eu olho pra ela. Esperando por mais, mas vejo sua resistência em abrir o restante da história.

— Luna, diga a ele. Isto é importante para sua saúde — incentivo baixo, praticamente numa exigência.

Ela limpa a garganta, cabeça baixa, mãos escondidas nas mangas da blusa.

— O carro perdeu os freios e caiu em um desfiladeiro — a dor de suas palavras em meio ao murmuro é muito transparente — Fui socorrida e fiquei internada por alguns dias, mas eu tive que... *sair* do

hospital.

O médico dá uma tossida, indiscreta.

— E neste hospital, eles examinaram a extensão de seus ferimentos? Digo, você sabe me dizer se algum órgão importante foi atingido, porque se sim, teremos que te encaminhar para fazer mais exames.

Ela sacode a cabeça, negando.

— Não. Foram somente cortes superficiais, o Airbag abriu e isto diminuiu o impacto... além do que, o meu lado do carro não foi tão atingido... — seu sopro triste me atinge. Cerro meus punhos, e uso de toda a força de vontade que tenho para não levantá-la desta cadeira e trazer seu corpo magro para os meus braços.

O médico faz exames, tira radiografia do tórax da menina, e diagnostica como início de pneumonia, assim como Simone suspeitava.

Saímos de lá com uma receita de antibióticos e algumas recomendações. O trajeto para casa é feito em absoluto silêncio, a menina está perdida em seus pensamentos. Sinto-me inquieto querendo saber o que se passa em sua cabeça. Tenho o pressentimento que a história é mais séria do que imagino. Enquanto dirijo, observo o brilho triste em seu semblante, e surpreendentemente assisto um lampejo de algo semelhante à raiva percorrer as linhas, mas se vai tão rápido quando ela deixou transparecer. Tenho medo do

que isto significa. Enquanto eu puder, a mantereí sob minha vigília, mas e depois? Quanto tempo mais vou conseguir segurá-la comigo?

No estacionamento em frente ao meu prédio, ela coloca novamente o capuz e me olha.

— Obrigado pelo que você está fazendo por mim, Dominic — a intensidade de seu olhar afunda meu peito — Assim que eu tiver meu dinheiro de volta, eu vou te devolver o que você está gastando comigo.

Mas que porcaria é essa?

— Você não tem que me devolver nada — rosno sem humor, mal escondendo o desagrado.

— Sim, eu tenho — a fala atrevida, em um tom petulante, puxa minhas cordas ao limite.

Ela percebe.

Sua mão vai à maçaneta da porta. Contemplo seu movimento rápido descendo do carro e caminhando a passos apressados para o pátio de entrada. Antes que eu consiga me deter, estou interceptando seu caminho e puxando-a pelo braço, para mim.

O corpo magro vem atingindo meu peito com um baque. Seus lábios carnudos fazem um pequeno ‘oh’ assustado. Mal entendo minha própria reação e a sensação de uma marreta golpeando minha caixa torácica.

Fito suas íris excêntricas dilatadas.

— Eu não estou te fazendo nenhum favor, Luna, e não quero a porra de dinheiro nenhum de volta. Eu só quero que você fique bem. Você pode entender isso?

Os olhos escurecidos vibram com uma teimosia irritante. Barulhento, um rosnado feroz ecoa do meu peito sem que eu tenha nenhum controle. Estamos em um duelo de olhares. De uma forma pervertida, tenho uma fodida vontade de curvá-la sob meus joelhos e acertar sua bunda teimosa até que toda esta petulância se esgote, e depois, enterrar meu membro profundamente em sua carne quente e fazê-la implorar.

Merda!

Merda do caralho!

O que estou pensando?

Como se a própria brasa queimasse minha mão, solto imediatamente meu aperto sob ela. Malditamente querendo me punir por pensar em coisas tão sujas com uma garota tão inocente.

Meu corpo reverbera violentamente.

Respiro fundo, e dou as costas a ela.

— Aonde você vai? — ela questiona num sussurro fraco, com a voz trêmula.

— Dar uma volta. Estarei de volta em breve — rosno, e continuo meu caminho.

LUNA

Assisto impotente quando Dominic entra em seu carro e parte. *Céus!* O que eu fiz, desafiando-o depois de tudo o que ele tem feito por mim? Eu não deveria deixar que os sentimentos ruins que estão borbulhando despertados pelo canalha do meu padrasto sejam direcionados a Dominic. Ele é bom, e está me ajudando muito mais do que qualquer outra pessoa faria.

Tenho que canalizar todas as minhas forças e fazer o que é preciso, contra a pessoa certa. Dominic é como um anjo, talvez enviado por minha mãe para me ajudar a me fortalecer até o momento certo chegar.

Olho para o céu sem estrelas.

— Mãe, eu prometo a você que aquele cara vai pagar por tudo o que fez. Eu prometo.

Envolvo meus braços em torno de mim e volto para o apartamento solitário, desejando que eu tivesse mantido a minha boca fechada e Dominic estivesse aqui comigo. Eu preciso afastar as ilusões que estou criando a respeito dele. Isto nunca daria certo, de qualquer maneira.

Dominic só me vê como um caso de caridade.

DOMINIC

Pego-me parado em frente à casa de Sophi, desejando arrancar toda a fúria e o desejo sujo que rasga meu corpo. Inferno. Eu preciso me livrar destes pensamentos com aquela menina. Estou me sentindo um perverso, e continuar perto dela não está me ajudando em nada. Talvez eu devesse conversar com Sophia e pedir que ela deixe Luna ficar em sua casa por um tempo. Eu confio em Sophia, sei que ela ajudaria com prazer, a mulher tem um grande coração.

É isso. Eu não posso continuar tão perto dela. É melhor assim.



Capítulo 10

DOMINIC

Fico por quase uma hora estacionado em frente à casa de Sophia, mas por alguma razão não encontro coragem para entrar. Todas as vezes que vim até aqui foram por querer a companhia de Sophi, hoje, no entanto, acho que os motivos errados me trouxeram, e estou me sentindo sujo por querer usar o que temos para esquecer a inocente menina.

E, sendo honesto, a ideia de me afastar de Luna aperta meu intestino. Eu não consigo, e nem quero pensar

nos motivos para este *apego* descabido.

Por Deus, o que estou permitindo acontecer com a minha cabeça?

Ligo o carro e saio antes de me afundar mais em meus próprios erros. Acabo parando na casa de meu irmão Damien, mesmo já se passando das duas da manhã.

— Cara, você parece uma merda — Damien me recebe com sua sinceridade dos infernos, olhando-me de cima a baixo.

Analiso melhor *seu* próprio estado. Sem camisa, calça desabotoada e esse contentamento mal mascarado. Não tenho dúvida sobre o que ele estava fazendo.

— Hora errada?

— Nunca para você, irmão — ele praticamente me puxa para dentro.

— Dami... — uma voz sensual, abafada, vem de seu quarto.

— Certeza? — arqueio a sobrancelha.

— Ela pode esperar — o cara abre o seu sorriso comedor de merda.

Entro e vou direto ao pequeno bar que ele mantém em seu apartamento. Recebo uma cerveja gelada, enquanto ele serve a si mesmo com uma dose de uísque.

— Pensou sobre o que conversamos? — me estuda

por um segundo.

— Esta noite não, cara — peço cansado, encarando a garrafa em minhas mãos.

Em meu campo de visão, vejo Damien se alinhando, me encarando avaliativo.

— Dom, o que há de errado? — seu tom ganha uma nota mais séria.

Balanço a cabeça, negando, enquanto sorvo um gole da bebida.

— Cara, você sabe que pode contar comigo, não sabe? — insiste.

Expiro pesadamente e me obrigo a olhar pra ele.

— Não há nada importante acontecendo Damien... só não estou sabendo lidar com uma situação aí... — levo a garrafa à boca novamente.

Damien cruza os braços sobre o peito.

— Porra, Dom. Não me diga que há uma boceta na parada — evidente, o cara se esforça para conter uma risada debochada.

E apesar de seu humor, o estúpido capta o ponto central.

— Não da forma como você está pensando.

Ele permanece me olhando, como se esperasse por mais. Deslizo meus dedos pelo cabelo, frustrado.

— Ela é só uma garota que precisa de ajuda —

rosno sem vontade de abrir esta merda.

— E...?

— E nada. É isso — encerro o assunto.

Pelo menos eu *tento* encerrar, claro.

— Dom, se há alguém que eu conheço bem nesta de vida, é você. Qual o problema com ela?

Olho para minhas mãos, esmagando a garrafa.

— É só uma menina... mal sei se ela é maior de idade... porra, eu deveria só mantê-la segura, mas inferno... ela mexe comigo — confesso em voz alta, surpreendendo a mim mesmo.

Damien se senta na banqueta ao meu lado e toca meu ombro.

— Relaxe e viva um pouco, irmão. Você tem esta coisa sob você de querer proteger a todos, mas no final quem te protege, cara? Ignore a porra dos seus escrúpulos por um momento e viva a vida. Se essa garota é o problema, reivindique-a para você até tirá-la de seu sistema, e pare de pensar tanto.

Merda, eu nem deveria ter aberto a boca. Damien é o maior fodedor de todos. As mulheres entram e saem de sua cama como camisas na lavanderia. E este não é o tipo de conversa que eu quero ter com meu irmão mais novo.

O gemido da garota no quarto chamando por ele é minha deixa.

— Foda-se. Eu preciso ir agora — viro o último gole da bebida e me ponho em pé.

— A propósito, você já tem uma resposta? — ele tenta me apanhar pelo assunto, sem perder a oportunidade.

— Não — digo simplesmente.

Estou prestes a sair quando sua voz me para.

— Eu te amo, cara — Damien resmunga, me deixando saber.

— Eu também irmão.

Entro no meu apartamento mal iluminado, deixo as chaves no aparador e, para minha surpresa, quando fecho a porta me deparo com Luna, em pé, encostada à parede.

— Oi... e-u estava te esperando — sibila baixinho, envolvendo os braços em torno de si.

Não digo nada, mas mantenho meu olhar sob ela. *Apenas uma menina inocente... e atraente como o inferno*, atormento-me em pensamento.

Surpreendendo a merda em mim, num piscar de olhos ela se aproxima e lança seu corpo quente contra o meu, me envolvendo com seus braços magros.

— Me desculpe Dominic — um soluço fraco sai de seus lábios, enquanto me aperta.

Petrifico por um instante, pego desprevenido, nem consigo me mexer, ou retribuir seu abraço.

Jesus Cristo! Posso até sentir as batidas descompassadas de seu coração neste contato.

— Eu fui uma imbecil agindo de forma rude com você, me desculpe — choraminga.

E só então consigo raciocinar um pouco. Afasto minha cabeça e apanho seu rosto entre minhas mãos.

— Você não tem que se desculpar, Luna — acalmo-a num timbre rouco, observando seu rosto que mesmo aflito não deixa de ser atraente nem por um mísero segundo.

Seus olhos azuis se fixam em mim.

— Você tem feito mais por mim do que qualquer outra pessoa já fez... tirando a minha mãe.

Algo na maneira como ela me encara, a profundidade de suas palavras, a intensidade de seu olhar, e seu coração acelerado contra mim, abre um buraco no meu peito. Não digo mais nada, não consigo.

E contrariando a tudo o que eu deveria fazer, envolvo-a em meus braços, sentindo seu corpo aquecido, trago-a tão forte contra mim que poderíamos ser um só. Sua bochecha descansa em meu peito, seus braços circundam minha cintura com força. A beira do abismo, encosto meu nariz em meio ao emaranhado vermelho fogo e inspiro seu cheiro com tudo o que há em mim.

Ficamos assim, abraçados e em silêncio, até que

meu inapropriado membro resolve acordar para a festa. Sutilmente afasto seu corpo frágil, para que ela não sinta.

Toco a ponta de seu nariz delineado repleto de sardas.

— Já é tarde. Você precisa descansar, bebê — exprimo controladamente, tentando esconder o tremor embargado na garganta.

Suas pupilas dilatadas voltam a me encontrar. Ela não sorri, e, para minha ruína, desliza a língua pelo lábio inferior, devolvendo a umidade a ele. O movimento puro retumba diretamente onde não deveria em meu corpo.

Enfrento seus olhos, absorvendo a aura entre nós. Tão próximos, em meio a pouca luz, nos encarando silenciosamente, e a porra dos meus batimentos arrebatando meu peito.

— Durma, Luna — falo rouco, afetado, mas de uma maneira firme, enviando uma mensagem alta e clara.

Se Luna ficar mais um minuto aqui, meu autocontrole vai implodir e nada será capaz de me impedir de tomar sua boca atrevida e sentir seu gosto, que certo eu apostaria um braço, deve ser tão doce quanto imagino.

Inferno.

Após mais um instante de resistência, a menina finalmente se afasta, não sem antes oferecer um vislumbre

de seus mamilos endurecidos embaixo da fina peça de pijama. Deslizo os dedos por meus cabelos e os repuxo em punição. Meu membro é uma fera pulsando dentro do jeans.

Exercito algumas respirações e me encaminho para um banho gelado, mirando acalmar a energia reprimida. Penso sobre aliviar um pouco da tensão acumulada com minha mão, mas recuo, afastando a imagem da garota, e saio rapidamente do chuveiro.

Forçando minha mente a esquecer, tento dormir, em vão. A reação que vi sob sua camisa me atormenta. Então quer dizer que a menina inocente também sentiu alguma coisa... porcaria... estou indo longe demais com tudo isso.

Já se passa das seis da tarde quando dou uma rápida passada em casa, antes de ir para o Centro. Não falei com Luna esta manhã, mas pensei na menina durante todo o dia, minha distração quase custou uma falha na leitura do projeto executivo das lajes.

Encontro-a bem agasalhada, calçando um par de tênis. Por um segundo o ar abandona meu corpo com velocidade, imaginando a razão de ela estar vestida assim, pronta para partir.

— Aonde você vai Luna? — ainda de chaves na mão, me vejo perguntando num rosnado, antes mesmo de filtrar as palavras.

Ela mói o lábio entre os dentes, em um modo ansioso. Não parece um bom sinal.

— Eu gostaria de ir ao Centro Comunitário com você esta noite — sua voz macia parece insegura e os olhos cheios de expectativa.

Mal posso esconder a sensação de alívio que desce acalmando minhas entranhas. Por um maldito momento, cogitei que ela estivesse planejando ir embora.

Fico olhando pra ela, sem saber o que dizer, mas inegavelmente, seu pedido agita meu interior.

— Pode não ser uma boa ideia Luna, você ainda não está bem, e tem...

— Eu me sinto melhor hoje Dominic! Por favor? — ela me interrompe esperançosa — Além de que, ficar aqui sozinha sem fazer nada está começando a me deixar maluca.

LUNA

Ele me olha como se avaliasse meu pedido com cuidado. Poucos dias aqui e já aprendi algumas coisas sobre Dominic. Ele é gentil, mas não se deixe enganar pensando que é fácil levá-lo na conversa. O homem é duro na queda.

Espero pacientemente pelo seu veredito. Refleti muito sobre isso o dia todo. Não posso ser vista em público, entretanto algo em mim diz que o Centro Comunitário é um lugar seguro e inacessível aos homens de Vicent. Além do que, eu poderia ficar escondida em algum canto, pelo menos sairia um pouco desta casa.

Meu nível de ociosidade tem me feito pensar em coisas demais. Mal dormi durante a noite, fantasiando situações impossíveis envolvendo este homem, que só me vê como um caso de altruísmo.

A expectativa de que ele voltasse para a casa ontem, depois da maneira idiota que o tratei, o sentimento estranho que vem mexendo com a minha cabeça, tudo se acumulou e me vi pulando em seus braços, ansiando por ficar em paz com ele.

Não quero alimentar nenhuma paixão por Dominic, mas como lutar contra isso quando milhões de borboletas decidiram fixar morada no meu estômago desde que eu conheci este homem?

Engulo a confusão e espero por sua resposta.

Dominic corre a mão sobre a barba.

— Tudo bem, Luna, você pode vir... — tenho vontade de pular em seus braços novamente — Mas há uma condição...

Sim, não poderia ser assim tão fácil, não é mesmo?

Cautelosamente, aguardo, apesar de querer rir, vibrante por finalmente poder sair um pouco.

— Você tem que me deixar saber se não estiver bem. Eu não quero você desmaiando ou ter que lidar com outra daquelas febres porque é teimosa demais para manter repouso, como o médico recomendou — o tom direto e a postura irredutível não me assustam, em tudo — Estamos entendidos?

Mordo meu lábio para não sorrir. Levo dois dedos a minha testa e dou a ele uma saudação.

— Perfeitamente, senhor.

Ele sacode a cabeça.

— Espertinha demais para ser bom — resmunga quase inaudível antes de virar as costas e ir para o quarto.

Respiro fundo, contendo todos os sentimentos malucos rondando meu peito e fazendo-o acelerar descompassado.



Capítulo 11

LUNA

Confesso que eu esperava um lugar mais modesto em tamanho. Facilmente, aqui cabem umas trezentas pessoas. Entretanto o que me chama a atenção é o número de *mulheres* voluntárias e a maneira descarada como algumas giram em torno de Dominic como moscas em uma fruta madura, em especial uma fulana que está se lançando para ele neste momento, praticamente implorando por atenção.

Dominic, tolo nem se dá conta. Ou deve estar se

deleitando.

Não. Acho que ele não é assim.

Espero.

Céus, que pensamentos mais doidos são estes? Isso não é exatamente o que eu deveria sentir vindo aqui.

Querendo fugir deste sentimento, me apego à instrução de Simone e fico nos fundos da cozinha, isolada, picando cenouras e batatas, com uma baita faca afiada... *por um segundo desejando enfiá-la diretamente na jugular daquela assanhada.*

Tenho vontade de rir de mim mesma e do meu papel ridículo. E no fundo até deixo escapar uma risadinha. Eu deveria reservar estes pensamentos assassinos para alguém como Vicent, e não para a boa mulher que está aqui dedicando seu tempo para ajudar aos outros, *ainda que os outros, inclua especificamente Dominic.*

— Algo engraçado? — uma voz divertida me puxa para a realidade.

Tiro minha atenção dos legumes e subo meu olhar para um rapaz, jovem, magro, com um bom visual, sorrindo abertamente pra mim.

— Posso? — ele aponta para uma banquetta na mesinha onde estou.

— Cla-claro — respondo rápido, envergonhada por ser pega em flagrante.

O rapaz se senta, me estendendo a mão por cima da mesa.

— Eu me chamo Thomaz, e você? — a gentileza é legítima.

Estendo minha mão para seu toque, e delibero sobre meu nome. Não posso me revelar, mas mentir também não me agrada.

— Lu — digo de supetão — Pode me chamar de Lu. Sorrindo ele aperta minha mão, e puxa algumas batatas para si.

— Eu não tinha te visto por aqui antes. Primeira vez?

— Aham — volto a olhar para o que estou fazendo.

Aos poucos, Thomaz consegue me envolver num papo bastante agradável. Ele vem aqui uma vez por semana, há mais de um ano. Eu jamais imaginei que existissem lugares assim, com pessoas dispostas a dedicar seu tempo somente para ajudar o próximo. No meu mundo só havia ganância e status social de todas aquelas pessoas.

Quanto mais o tempo vai passando, mais relaxada vou me sentindo, tanto com a presença deste garoto, quando por estar aqui. Um balde de batatas descascadas quase cheio já descansa em nossa frente.

— E no sábado vou participar de um concurso, lá

no pub ao lado da estação de metrô — ele conta orgulhoso, animado.

Thomaz é músico, e há pouco tempo decidiu se dedicar a correr atrás de seu sonho. Ele toca violão e canta sozinho nos barzinhos da cidade, ainda sem receber nada por isso, mas não deixa de ser impressionante.

— Seria muito legal se você aparecesse por lá, Lu.

Sorrio, omitindo meu pavor com a ideia de ser vista em público.

— É, seria legal — respondo simplesmente — Vou ver se posso, mas sabe como é né? — encolho os ombros.

Ele inclina o rosto, me avaliando.

— Você pode entrar em pubs, não pode? Quantos anos você tem, Lu? — não perco a expectativa em sua voz.

— Vinte e um — digo com simpatia, no entanto sem dar muita ênfase para que outras perguntas pessoais não me bombardeiem.

— Legal. Eu tenho vinte e três — sem que eu pergunte, ele se adianta, com entusiasmo.

DOMINIC

Vinte e um. Porra. Pelo menos ela não é menor de idade. E ainda assim, é só uma criança para mim.

Não pude deixar de ouvir a conversa deles. A verdade é que desde que eu a trouxe para cá, estou mantendo Luna onde meus olhos possam conferi-la, me convencendo que isto é tão somente uma preocupação com sua saúde. Estou me segurando para não arranjar uma boa desculpa e afastar Thomaz dela. O garoto é gente boa, vem aqui toda a semana sem falhar, e adora conversar, com todos, sem distinção. Quando o vi se aproximando de Luna fiquei até satisfeito, mas agora começo a notar a porra do brilho de interesse nos olhos dele enquanto encara minha menina inocente. Não o culpo. Até com uma touca enorme sobre a cabeça ela ainda consegue ser terrivelmente atraente.

Meu peito retumbou diante da perspectiva de ouvir a resposta de Luna sobre o convite de Thomaz.

‘Lu’. Que porra é essa de *‘Lu’*? Por que dar tanta intimidade assim para um desconhecido?

Sem me conter por mais tempo, me aproximo deles.

— Bom ver você aqui Thomaz — digo honesto, e me viro para ela — E então *Lu*? — cravo meus olhos na menina e acentuo seu apelido, não reconhecendo de onde saiu esta falta de controle — Pronta para outra atividade?

Thomaz sorri abertamente, em sua maneira genuína... maldição, este garoto seria uma boa companhia

pra ela, se a ideia não moesse meu intestino. Luna, pelo contrário me encara com um leve rubor nas bochechas. Seus olhos azuis são questionadores diante da minha ironia com seu apelido estúpido.

Thomaz olha pra ela.

— Vou terminar aqui e logo me junto a você, Lu — o garoto soa otimista.

Ela sorri pra ele, gentil.

Caminho com ela para o lado oposto de onde estavam. Minha vontade é levá-la de volta ao apartamento, e mal quero pensar na razão desta possessão descabida.

— O que mais eu posso fazer Dominic? — ela pergunta baixo, paciente.

Parar de conversinhas por aí bebê, já seria um bom começo. Penso, e mordo minha língua, me odiando neste momento.

— Oi Dom — escuto uma voz doce e familiar atrás de nós.

Viro-me para encontrar Sophia se aproximando.

— Sophi — dou um beijo em seu rosto — Veio para nos ajudar esta noite? — pergunto amigável.

Ela sorri, mostrando as covinhas profundas. A mulher é muito bonita, e seus sorrisos são sempre reais, sem artificialidade.

— Tive uma tarde de folga e resolvi vir dar uma mãozinha — pousa uma mão no meu ombro.

LUNA

A bela morena não parece ser como as outras que eu vi se jogando em cima dele esta noite. Ela tem um olhar genuinamente bom. E apesar disso, uma dorzinha aguda atinge meu estômago. Pela maneira como eles se tocam é provável que compartilham alguma intimidade. Isso é como receber um balde de água fria sobre a cabeça. Nunca que eu teria qualquer chance havendo uma mulher como ela na vida de Dominic. Nem sei por que estou considerando isso.

— Esta é... — ele começa a me apresentar, mas decido interromper.

— Sou Lu — estendo a mão para cumprimentá-la.

Ela aperta minha mão de uma maneira delicada, aquecida.

— Prazer Lu, eu sou Sophia. É sua primeira vez aqui?

— É sim e estou gostando muito — digo com franqueza.

Dominic nos assiste em silêncio, seus olhos

cinzentos em mim. Vejo Simone se movendo com alguns utensílios e decido por minha conta deixar o casal mais à vontade.

— Vou ajudar Simone, com licença — mantenho meu tom o mais agradável possível, e me afasto.

‘*Dom*’. Ouvi-la chamando ele assim, com tanta intimidade, dói em algum lugar aqui dentro. Se o que estou sentindo é ciúme, então não quero sentir isso nunca mais. Céus. O homem é como um imã para as mulheres e Sophia tem tudo o que eu não tenho. Beleza, presença, um olhar bom, eu ao contrário sou feia, magra em excesso — ainda mais agora — cheia de sardas, com um cabelo indomável num tom cobre totalmente sem graça. Sou apenas mais um caso de caridade do ‘*Dom*’.

O sarcasmo da coisa é que apelido melhor não caberia. Além de ser um diminutivo para seu nome, também é o que o representa, ajudando toda esta gente sem pedir nada em troca, abrigando e cuidando de uma estranha em sua casa.

Eu preciso começar a reagir logo. Tenho que retomar minha vida, pegar de volta o que Vicent nos roubou, e fazê-lo pagar por todo o mal que fez a minha família. O primeiro passo é encontrar um lugar para ficar, tão rápido quanto possível. Não posso continuar com ele. Estou empatando a vida de Dominic, e isto tem que ter um fim.

DOMINIC

As pessoas começaram a chegar e se estabelecer.

Luna, no entanto, parece estar brincando de alguma estúpida ‘*dança-das-cadeiras*’ comigo. Toda vez que eu me aproximo, noto sua discreta mudança de local. Andando entre as pessoas, quase invisível com sua roupa larga e a touca escondendo seus cabelos de fogo. Thomaz, por outro lado, não parece ter este efeito sobre ela. Suas risadinhas fofas estão arrancando o inferno fora de mim, imaginando o que este garoto deve estar falando para torná-la tão receptiva, tão aberta a conversas, coisa que na minha presença ela nunca fez.

Soa ridículo, eu sei. Sou um homem crescido incomodado com a interação entre dois jovens da mesma idade e que possivelmente estejam descobrindo algumas merdas de afinidades.

Mas eu estaria mentindo se negasse meu desejo que esta noite acabe de uma vez e a gente volte para casa.

Escoro-me contra a parede, sentindo um latejar nas têmporas.

— Qual seu problema com a menina? — a voz suave e discreta de Sophia me surpreende.

— Ela está passando alguns dias na minha casa, Sophi — deixo esvair o ar preso no peito, não conseguindo tirar meus olhos de Luna.

O olhar da mulher acompanha o meu.

— Problemas? — sua indagação é livre de qualquer julgamento. Sophia é assistente social e lida com situações complicadas o tempo todo. De certa forma, ela tem instintos treinados para reconhecer este tipo de coisa. Aqui mesmo, já ajudou em alguns casos.

Não há porque menti a ela.

— Certamente algum dos grandes.

A linda morena meneia a cabeça compreensiva.

— Mas não é isso que está te incomodando, não é Dom? — a pergunta calma vem assertiva.

Desvio meus olhos para o lado oposto de onde Luna conversa com Thomaz e Jasmine — uma jovem que se alimenta aqui com frequência —, e me calo por um instante.

Respiro profundamente.

— Não estou gostando da direção dos meus pensamentos quando esta menina está em causa — revelo baixo, odiando ter que reconhecer.

Ela sorri, com leveza.

— Tão mal?

Involuntariamente, solto um rosnado de deboche da minha própria situação.

— O suficiente para foder com minha mente.

Sophi não fala nada por um longo momento. Pela visão periférica noto seu peito subir e descer mais intensamente.

— Nosso mundo nos ensina a manter certa distância de alguns sentimentos, Dominic, como uma espécie de autopreservação, mas não quer dizer que seja bom — suas palavras atraem meu olhar para seu rosto sério — Não devemos nos anular, em tudo. Nossa felicidade também é importante.

A dor mal escondida em seus olhos me faz ciente de que ela mesma não segue o que prega.

— Você o viu? — abordo com cuidado, estudando seus traços.

Seu lábio dá um leve vacilar estremecido e os olhos vagueiam. Tenho vontade de puxá-la para um abraço, mas me controlo para evitar a exposição desnecessária. Grande parte dos casos que Sophia atende frequentam o Centro, e certamente a mulher reservada não apreciaria que outros vissem suas fraquezas, quando ela precisa ser forte por eles.

— Nico está no passado, Dom — a derrota em seu timbre aperta minhas entranhas.

— Um imbecil por não enxergar a merda diante dos olhos — rosno.

Ela apenas sorri, com um misto de tristeza e aceitação.

De uma forma bem nossa, eu e Sophia usamos dos mesmos artifícios para lidar com a carga. Entretanto, antes de sermos parceiros na cama, somos amigos e sempre estarei aqui por ela. Sei todas as merdas que esta mulher já passou. Daria um braço para voltar no tempo e protegê-la quando ela mais precisou.

Seu movimento de inclinar-se nas pontas dos pés para mim e beijar meu rosto indica que a mulher está indo. É sempre assim, basta que Nicholas Salvatore surja na conversa e ela se recolhe em sua concha.

— É melhor eu ir agora — o tom brando mal mascara a agonia — Se quiser, venha a minha casa amanhã.

— Talvez eu apareça — toco sua mão — Você sabe que pode contar comigo, Sophi.

Ela sorri.

— Eu sei e é recíproco. A propósito, você já é grandinho demais para ter medo.

Seus olhos vão para Luna, me deixando saber exatamente do que ela está falando. Sigo seu olhar e encontro os azuis da senhorita cabelos de fogo em mim.

LUNA

Dominic nos leva de volta para sua casa, mas não fala comigo pelo caminho. Também não tenho vontade de conversar. Ver todas aquelas mulheres lutando por sua atenção, e depois a forma íntima dele com a tal Sophia está provocando um incômodo no meu peito. Eu não tenho este direito, embora.

Continuar em sua casa é um erro.

Espero entrarmos em seu apartamento, e assim que o ouço fechando a porta, respiro fundo por coragem para falar minha intenção. Por alguma razão idiota, a ideia de me afastar dele me machuca.

Retiro a toca da cabeça e a aperto entre os dedos.

Viro-me para encará-lo e me surpreendo com nossa proximidade.

A razão me foge momentaneamente quando seu cheiro entra por minhas narinas. Meus lábios se ressecam, e a saliva some.

— Dominic — sussurro, com a garganta presa e uma sensação de ardência nos olhos.

— Luna — seu tom rouco não faz muito por minha coragem.

Enfrento seus olhos cinzentos, selvagens e ao mesmo tempo tão controlados.

— Eu vou arranjar outro lugar para ficar, ainda esta semana.

Posso estar vendo coisas, mas noto seu corpo enrijecer. Penso até escutar o rangido de dentes apertando sua mandíbula.

— Você vai sair daqui quando estiver bem Luna. Não antes disso — um rosnado baixo sai de seus lábios bem contornados embaixo da barba.

A ferocidade que enxergo nele me toca como um sopro de ar frio acelerando meu coração. Eu estou gostando de Dominic. Meu corpo grita isso em cada pequeno arrepio que nossa proximidade causa. Não há como negar.

Mas não posso mais criar mais fantasias sobre este homem. Minha vida já saiu dos eixos demais para permitir que algo assim me atinja.

Lambo meus lábios secos.

— Isto você não pode decidir por mim, *Dom* — sussurro, sem tirar meus olhos do nevoeiro cinza dilatado.

Eu não queria parecer irônica chamando-o pelo apelido mencionado por Sophia, mas uma porcaria de sentimento, talvez sim, *ciúmes*, está correndo por minhas veias feito veneno.

Sem forças de continuar encarando a situação — e vendo o que minha fala provocou nele —, viro-me

rapidamente para sair da sala e me refugiar em seu quarto.

Meu pulso, porém, é detido entre seus dedos quentes e ásperos antes que eu consiga dar mais um passo. E sou trazida novamente para enfrentá-lo.

Engulo em seco com o que vejo.

— Eu estou sendo paciente com você *Lu*, mas mesmo um homem como eu, tem seu ponto de ruptura. Não brinque comigo — a forma dura de suas palavras arrastam calafrios de emoção por meu corpo.

Encaramo-nos como num duelo.

E sou apoderada por um desejo insuportável de estar ainda mais perto dele, de beijá-lo. Minha garganta arde feito carvão em chamas. Tremendo em anseio, instintivamente me aproximo mais dele, de seu rosto, e lentamente fecho meus olhos. Ouço-o soltando uma respiração tão pesada que parece romper seu peito. O ar quente que sai de suas narinas toca diretamente minha boca e acende uma fagulha de energia avassaladora dentro de mim, e então eu simplesmente espero por seu toque, por um eterno segundo que parece nunca ter fim. Meu coração a beira do colapso com o ritmo de morte. Meu estômago revira em saltos, até que um ruído selvagem retumba dele e no segundo seguinte perco seu toque eu meu pulso.

Abro meus olhos a tempo de assistir Dominic dar um passo atrás, seus olhos assombrados com pleno horror.

Todo o calor vira gelo.

Engulo a pouca saliva com dificuldade dolorosa, e ignoro a dor que quer rasgar meu peito. Balanço a cabeça, lentamente confirmando que recebi o recado, e me afasto, entrando em seu quarto, com os olhos ardendo e uma insuportável vontade de chorar.



Capítulo 12

LUNA

— Você comprou o que pedi? — pergunto a menina que segura firmemente a sacola contra seu peito.

— Tudo aqui, Lu — Jasmine responde insegura.

Dou o meu melhor sorriso, para que ela se sinta confortável comigo.

— Sua casa fica longe? — pergunto.

— A três quarteirões virando à esquerda — ela indica a direção.

Coloco meu capuz, tampando completamente meu

rosto, e a sigio pelas ruas. Não tive como avisar Dominic sobre minha saída. Quando fui à sala esta manhã para contar o que eu estaria fazendo, ele já tinha ido. E, com o que aconteceu ontem à noite, honestamente fiquei muito envergonhada para chegar perto dele. Espero estar de volta antes dele voltar.

Depois de conversar por um longo tempo com Jasmine ontem no Centro Comunitário, me ofereci para ajudá-la. A menina tem a minha idade, mas pensa muito pouco de si mesma, e quando disse que não sabia ler porque era burra demais, aquilo mexeu comigo. Quero fazer algo útil enquanto estiver vivendo com Dominic. Talvez seja uma forma de retribuir uma boa ação com outra.

— Eu moro aqui — a garota aponta para um corredor estreito cheio de portas e escadas, parecendo com um daqueles cortiços de novela mexicana que Baba assistia enquanto cozinhava.

Conforme vamos passando por baixo de algumas escadas, um grupo de jovens do tipo *'não se meta com a gente, mas nós com certeza vamos nos meter com você'* resolve fazer graça com a menina lançando frases provocativas e insultos.

— Não vai nos apresentar seu amigo, Jas? — um moreno intimidante salta em nossa frente.

— Sai fora Kidn — ela rosna baixo, me

surpreendendo com sua coragem.

Ele não se move, então a garota miúda empurra o cara para o lado, parecendo não temer a aura perigosa que nos cerca.

O rapaz levanta as mãos para cima, debochado, tentando sondar meu rosto. Aperto ainda mais o capuz e abaixo a cabeça. Meu coração ganha um ritmo mais veloz e antes que eu possa falar qualquer coisa, Jasmine me puxa pela mão e praticamente me arrasta para uma portinha no final do corredor.

Ao fechar a porta, ela se vira pra mim.

— Desculpe por isso Lu. Eu odeio esse lugar — ela olha para o chão, nitidamente envergonhada — Mas por enquanto é tudo o que eu posso ter.

Aproximo e toco seu ombro.

— Você não precisa se desculpar Jasmine. Eu é que não quero colocar você em nenhuma situação ruim com aqueles garotos.

Ela gesticula com a mão, sem jeito.

— Eles são só uns pivetes metidos a fodões — revira os olhos, com humor, o que faz com que nós duas acabemos sorrindo.

E então me olha com seriedade.

— Muito obrigado por você querer fazer isso por mim, Lu — noto seus olhos morrerem murchos — Embora

eu ache que você só está perdendo seu tempo comigo.

— Perdendo meu tempo por quê? — desdenho sua baixa estima, colocando as mãos nos meus quadris, fazendo graça para devolver o sorriso da garota.

Sem efeito. Seu rosto guarda um semblante triste.

— Minha mãe sempre disse que eu sou burra demais — ela dá de ombros conformada — Acho que no fundo ela tem razão.

Engulo o nó doloroso na garganta, evitando falar o que me veio imediatamente à cabeça sobre sua mãe.

— Ela deve ser uma tola, então — resumo superficialmente meus pensamentos.

Um sorriso tímido começa a aparecer.

— Isso ela é.

Depois de uma hora em torno da tentativa de obtermos algum avanço, começo a ter uma noção do porquê de sua dificuldade no aprendizado, a partir de tudo o que ela contou sobre seus perrengues na escola – para não dizer bullying feroz – e de sua reação às palavras no papel.

Jasmine conhece cada letra individualmente, mas quando estão juntas não consegue ‘*decifrá-las*’, como a menina mesmo diz. Tenho a impressão que Jasmine é disléxica, e, por tudo o que ela disse, sua mãe não fez muito para reconhecer isso na filha.

Na universidade, participei de um projeto para ganhar horas complementares, com um grupo de crianças com dislexia e todos os sinais que eu via lá estão nela. Se eu quiser mesmo ajudá-la, terei que pesquisar mais sobre como fazer isso.

Não quero abrir minha boca grande e dizer minha suspeita, porque percebi que nossa tentativa só serviu para frustrar ainda mais suas expectativas. Com todo o tato, tento convencê-la a continuarmos com o aprendizado, em dias regulares, pelo menos enquanto eu estiver na casa de Dominic e depois disso também, por que não?

— Você não pode desanimar Jasmine — digo recolhendo seu material — Eu também tive bastante dificuldade para aprender — aproximo minha cabeça da dela — E ainda tenho — cochicho a última parte, como se fosse um segredo.

Tudo bem, isso não é verdade, mas ela não precisa saber.

Em seus olhos vejo surgir um modesto brilho, talvez contendo algo semelhante à esperança, e sem saber o porquê, isso toca profundamente em meu coração. Tenho um bom pressentimento sobre Jasmine e sinto que podemos ser amigas, se ela quiser.

De repente uma sucessão de batidas bruscas na porta interrompe o momento. Vejo-a dar um pequeno salto no lugar, pega despreparada.

A expressão muda para desconcerto e visível desânimo.

— Fique aqui Lu — sussurra com seriedade.

Observo seu corpo pequeno e cheio de curvas mais tenso, enquanto caminha até a porta O cabelo escuro cai em cascata sobre seu ombro quando ela me lança um último olhar, enviando a mensagem para que eu fique onde estou.

Jasmine abre uma fresta da porta, mantendo a corrente da trava contra quem quer que seja.

— Olha só se não é uma das minhas meninas — é uma voz masculina desagradável parecendo debochada.

Noto os punhos da garota se cerrarem.

— O que você quer Dirty? — pergunta seca, diferente da suavidade que estava nela há poucos segundos.

— Por que você não apareceu Jasmine? — a fala grossa e ameaçadora rompe do outro lado da fresta.

— Estive ocupada — ela estufa o peito ao dizer, mas mesmo de longe posso sentir seu medo.

— O caralho que esteve! — o cara ruge baixo — Abra esta porra — é uma ordem.

Seus dedos finos apertam ainda mais a madeira.

— Estou com alguém — ela resmunga e me olha de canto, como um sinal de alerta. Coloco rapidamente meu

capuz.

Dizer que estou tremendo é um eufemismo, a apreensão dela me despertou uma sensação de perigo.

— Atendendo sem mim, Jasmine. Então essa é a porra da consideração que você tem? — o som é uma mistura de escárnio e ameaça — Eu fico por algum tempo longe e você resolve me manter fora do meu próprio negócio?

O corpo da menina se contrai com as palavras que ela obviamente não gostaria que o homem dissesse.

— Não é nada disso — sinto o apelo em sua fala.

— Ah, não é? — ele debocha — Kidn me disse que você entrou aí com um cara.

Um cara, eu? Bem, sou tão magra e a jaqueta de Dominic tão grande, que não estranho o garoto dizer isso.

— É só um amigo, Dirty. Agora por favor, vá embora. Eu prometo que eu te procuro mais tarde — a nuance de derrota não passa despercebida.

— Eu quero você no lugar de sempre, na hora de sempre, cadela — o cara não faz questão de ser discreto — Sua boceta me deve uma grana por agir pelas minhas costas, e eu estou de volta para recuperar o prejuízo.

Com um suspiro cansado, ela bate a porta na cara dele.

— Cafetão dos infernos — mal escuto seu sopro

baixo quando ela volta para mim.

Observo seus traços tensos e me mantenho calada.

— Você precisa ir Lu — Jasmine não me olha nos olhos. O rubor em suas bochechas revela o constrangimento — Eu vou te levar até seu apartamento.

Balanço a cabeça silenciosamente, concordando.

Ela se vira indo para a porta. Seguindo atrás dela, pego sua mão.

— Você não precisa se envergonhar por nada, Jasmine — sinto a necessidade de dizer.

A menina me encara por cima do ombro, quebrada, mas não diz nada, no entanto.

Os rapazes já não estão mais lá. Na rua faço esforço para acompanhar o ritmo rápido que a garota impôs. Quando finalmente chegamos à entrada do prédio de Dominic, percebo Jasmine ansiosa para ir embora. Eu não posso desistir dela, só porque ela quer desistir de mim, não é?

— Jasmine — paro sua tentativa de ir embora — Você vem aqui no mesmo horário amanhã, ou eu vou direto para sua casa? — pergunto me fingindo de desentendida.

A garota bonita puxa uma profunda respiração.

— Eu não sei se é uma boa ideia, Lu...

— Tudo bem, eu vou direto lá — antes que ela

possa dizer qualquer coisa, eu dou um rápido beijo em sua bochecha e subo correndo pelas escadas.

— Lu... — escuto seu lamento atrás de mim, mas finjo que não ouvi.

Abro a porta ainda correndo e fecho-a rapidamente atrás de mim. Vai que Jasmine resolva subir aqui para me dispensar.

Minhas pernas travam na entrada da sala, com a visão de Dominic parado em pé, no centro do espaço pequeno, me olhando com um misto de alívio e vontade de me estrangular.

— Onde você estava Luna? — sua fala falsamente calma atravessa minha pele arrepiando meu corpo.

DOMINIC

Mal posso acreditar que ela está de volta. Porra! Passei a última hora acreditando que a garota foi embora, e aqui está ela, com a bochecha corada, o cabelo bagunçado e os olhos azuis arregalados, me encarando como o rato pego com o queijo.

— Dominic? — sussurra em resposta.

— Sim, sou eu — digo sério — Onde você estava?

Ela balança a cabeça, parecendo querer sair de

algum pensamento, e me olha em branco. Se essa menina soubesse o quão ruim eu fiquei com a ideia de não a ver mais.

— Eu... eu...

Então para de falar e me encara, analisando-me de cima a baixo.

Tenho meus músculos dolorosamente tensos, e os punhos cerrados. Ansioso demais para me permitir relaxar.

Arqueio a sobrancelha, esperando.

A menina engole a saliva, e eu me pego acompanhando o movimento de sua garganta. Não demora, assisto surgir um ar desafiador em sua expressão. Nada bom.

— Você não deveria me olhar assim — ela provoca confiante, tentando omitir um tipo de ressentimento em seus olhos azuis — Eu não devo satisfação sobre o que faço, Dom.

Sim, lá vem a versão Luna irônica, novamente.

— É melhor você não ir por aí Luna. Eu realmente não estou com humor para gracinhas — aviso mantendo-me em uma linha tênue — Fiquei preocupado com você, com seu estado de saúde, sem saber onde estava, se tomou os remédios — esclareço, não sendo completamente sincero.

Contudo, devo ter enviado um sinal claro. Seu comportamento atrevido recua, percebo isso no momento em que seus ombros caem. Cortando nossa distância ela para em minha frente, no mínimo mostrando que não tem medo de mim, apesar de tudo.

— Eu esqueci de te avisar ontem — sua voz é um sopro, provavelmente relembrando o episódio da última noite — E hoje de manhã você já tinha saído.

Observo seu rosto coberto pelas sardas, transparente em honestidade.

Com um aceno de cabeça, incentivo-a continuar.

— Eu estava com a Jasmine — ela explica, esperando que eu entenda.

Maldição! Será que Luna foi pedir abrigo para Jasmine? Ela não quer mais permanecer aqui depois de ontem? A ideia arrebenta o inferno em algum lugar profundo em mim. Coloco tanta pressão na mandíbula que estou prestes a trincar meus dentes.

— Estamos tendo aula — diz simplesmente.

Espera... ela o que?

Percebendo minha confusão, Luna oferece uma rápida explicação sobre a conversa delas ontem e que estive com Jasmine a ajudando. Confesso que por esta eu não esperava. Porra, isso é surpreendente, na verdade consegue me balançar de um jeito que nem posso entender.

Busco mentalmente o endereço de Jasmine, e quando o esclarecimento me elucida, não gosto nada de saber que Luna esteve naquele beco. Lá é a área dos traficantezinhos, e do merda do Dirty, que está de volta às ruas.

— Você não pode voltar na casa dela — aviso com seriedade, não querendo parecer rude, depois de tudo.

E sou agraciado pelo gênio ruim da doce Luna vindo à superfície, suas narinas se abrem ligeiramente, irritadinha de um jeito fodidamente fofo.

— Ah não posso? — observo sua bochecha corar com teimosia.

Deslizo as mãos pelo meu cabelo, tentando extrair paciência.

— Entenda Luna, aquela região é perigosa — controlo meu tom.

Ela cruza os braços em frente ao peito.

— É onde ela mora, Dominic — a entonação de obviedade não me agrada.

— Façam isso em outro lugar — sugiro calmamente.

— Onde, por exemplo? — não perco o desafio, que honestamente não aprecio.

— Aqui — dou de ombros — Ou no Centro Comunitário. Você pode escolher.

O olhar atento da menina cai em mim, me avaliando.

— Você me deixaria trazer ela aqui, na sua casa? —
tenho vontade de rir com a expectativa bonita em seus
olhos intensos.

Dou de ombros mais uma vez.

— Por que não? — é tudo que eu consigo dizer.

O olhar admirado prende no meu por alguns segundos, e então cai para minha boca de maneira sonhadora, como na noite anterior, atijando o meu desejo mais intenso de reivindicá-la. Porra. Mal acredito no que acho que Luna pretendia ontem, sua boca projetada se aproximando de mim, os olhos se fechando. Eu precisei de toda a força de vontade que tenho para me conter. Luna não merece que eu me aproveite de sua condição de fragilidade. Ela não está pensando com clareza, e aquilo foi só um momento de debilidade.

Assim como ontem, é melhor eu recuar novamente.

Pegando minhas chaves, decido sair e espairecer a mente. Minha cabeça virou uma bagunça. Ainda estou sob os efeitos do susto de não tê-la mais aqui, e me sentindo sujo por desejá-la como tenho feito.

— Dominic

Prestes a abrir a porta, paraliso com seu chamado baixo.

— Sim, Luna — respondo de costas para ela.

— Sobre ontem à noite...

Não me viro, mas sinto meu peito rugir acelerado.

— E-u... eu... Você não precisa se preocupar, eu já entendi que estou fantasiando besteiras.

A fala parecendo magoada, em uma mistura de dor e orgulho, rompe com qualquer tentativa de me manter indiferente.

Deus! A menina disse que está “fantasiando” comigo!

Suas palavras atravessam meu peito como uma flecha. O que é tudo isso que estou sentindo? Nunca me vi com essa necessidade que parece querer me sufocar, tendo os batimentos prestes a deflagrar e me rasgar de dentro para fora. Meu peito se infla não conseguindo ter o suficiente mesmo com todo o oxigênio disponível.

Porcaria.

Viro-me e sem me controlar me aproximo dela, ainda não sabendo com clareza o que estou fazendo. Seu corpo magro retrocede um passo e seus olhos se conectam aos meus, desejosos, assustados. Dou mais um passo a frente, e Luna um atrás, até encostar-se à parede atrás dela, como um cordeiro fugindo do lobo. Minha razão exige que eu me afaste imediatamente, meu corpo, no entanto, implora para tomá-la, para fazê-la ciente do quanto estou duelando com meu próprio autocontrole.

Deixo minha mão descansar na parede, ao lado de

sua cabeça, e me inclino para frente, a uma polegada de seu rosto. O cheiro de seu shampoo de morangos, especialmente comprado pra ela, atravessa minhas entranhas, rompendo com qualquer tentativa de me manter imune.

— Você não sabe o que está falando Luna — rosno baixo, com dificuldade de ordenar as palavras e manter o equilíbrio.

— Sim, eu sei — sussurra aguerrida, me encarando sem hesitar. O estremecido em seu lábio inferior, no entanto, a denuncia.

— Você acha que sabe bebê, mas o que está sentindo é “gratidão” — mal reconheço a rouquidão em minha voz.

— Gratidão também Dominic, mas eu nunca quis tanto uma coisa antes como quero te beijar agora — murmura com lucidez, o som abafado, quase um gemido, é corajoso como o inferno.

Com uma ousadia que eu não esperava dela, suas pequenas mãos tocam meu peito, acomodando-se. Preciso fechar os olhos brevemente, mal acreditando no que está acontecendo.

— Luna... — rosno por um fio.

Abro os olhos e deixo meu dedo deslizar sobre seus lábios, traçando os contornos perfeitamente desenhados.

— Não seria certo fazer isso, bebê.

— Por quê? — indaga baixinho, como num apelo.

— Porque você confia em mim, Luna. Eu não deveria bagunçar as coisas aqui — toco sutilmente meu dedo frio na lateral de sua cabeça.

Observo seu peito subir e descer, com fracas e curtas respirações. Luna nem parece ser real.

— Mas você não quer? — tenho vontade de rir com a pergunta direta, sem nenhuma intenção de esconder suas necessidades.

Comprimo meu lábio, e encaro seu mundo azul dilatado.

— Como o inferno que sim — confesso, ciente que estou prestes a perder a grande batalha travada em mim.

Ver sua língua deslizar pelo lábio, devolvendo umidade a carne vermelha, é o meu fim.

Que os céus tenham piedade.

LUNA

Com ar determinado e olhos escurecidos, consternados, sua boca lentamente se aproxima da minha. Céus! Levo um esforço sobre-humano para me

manter em pé diante da realidade. A sensação é além do que eu esperava, é como combustível flertando com uma fogueira, despertando faíscas perigosas. Seus lábios firmes tomam um tempo em reconhecer os meus. A língua áspera traça o caminho para meu lábio inferior e o suga deliciosamente. Tão bom que fogos de artifício ameaçam arrebentar meu estômago. Gemo baixinho, em expectativa, sem saber se abro minha boca, ou se mantenho fechada.

Oh Senhor, será que ele consegue saber que eu nunca fiz isso? Será que ele pode ouvir o barulho alto das batidas do meu coração?

Quando afasto minimamente meus lábios para um suspiro vindo diretamente da alma, Dominic enlaça minha cintura, colando nossos corpos completamente, e me invade a boca, oferecendo seu sabor em minha língua, menta, muito, muito quente, suave e firme ao mesmo tempo.

Os movimentos começam vagarosos, apresentando-me novas nuances ao desconhecido e maravilhoso arco-íris crescendo dentro de mim. Sua barba cheirosa espalha gostosas cócegas por meu rosto.

Permitindo-me relaxar, danço em seu ritmo, exprimindo um gemidinho que não posso controlar. Nada do que já fiz se compara a isso. Para um raso entendimento, o efeito se assemelha a descer uma grande curva da maior montanha russa.

Mal me acostumo e tudo ganha mais intensidade, o ritmo cresce, a força de seu aperto aumenta, derramando uma onda de necessidade por todo meu corpo. Não há uma única célula que não desperte à vida com os arrepios que atravessam a base de minha espinha, disparando emoções diretamente a minhas partes mais íntimas. A percepção de seu peito colado ao meu, esmagando-me contra a parede de um jeito perfeitamente encaixado é como se nos complementássemos.

Anseio por mais, mesmo que eu sequer saiba o que realmente significa.

Dou-me ao direito de tomar mais, de exigir, de querer saber se ele está sentindo toda esta tempestade, assim como eu. Aperto minhas mãos em sua nuca, enroscando meus dedos em seus cabelos grossos, e o puxo para mim.

Instintivamente, imito seu gesto e sugo sua língua.

Tenho a impressão de escutar um rugido abafado ecoar do fundo da garganta de Dominic.

E então o beijo volta a ser uma carícia. Sua boca lentamente começa a se afastar.

Nãooo...

Meu desejo é de implorar.

Mantenho meus olhos fechados, enquanto um roçar provocativo de seus lábios nos meus avisa que,

aparentemente, o beijo acabou.

Um segundo esperando por mais, e nada. Oh, céus, isso foi tão... uau!

Suspiro.

— Abra os olhos, bebê — seu sussurro rouco me instrui.

DOMINIC

Porra! Fui definitivamente ao céu e retornei.

Suas bochechas estão coradas com sardas destacadas, a boca ainda mais inchada em vermelho vivo. E assim que seus olhos dilatados recuperam o foco e encontram os meus, sinto que acabei de entrar em algo muito maior do que sou capaz de administrar.

— Então isso é... beijar? — Suspira fracamente, resmungando para si e para mim, livre de todo aquele joguinho que as mulheres gostam de fazer, somente tocando seus lábios — que imagino estarem formigando como os meus —, com inocência. Seu olhar em profunda admiração.

Mal acredito no que isso representa. A garota nunca havia beijado? Deus, nem sei o que pensar.

Toco suavemente ponta de seu nariz empinado e luto

com um sorriso estúpido rasgando o canto de minha boca.

— Eu preciso sair agora, Luna — aviso baixinho, com minha mão ainda pousada em sua cintura.

Ela meneia a cabeça, lentamente, sem palavras, como se estivesse em algum tipo de transe. Dou uma olhada melhor em seu estado. Tão evidentemente excitada quanto eu, mas sua ingenuidade a faz desconhecer o fato.

Não posso fazer muito mais por nós ficando aqui. Beijar Luna foi fodidamente a melhor sensação de todas. Preciso pôr minha cabeça em ordem e decidir o que fazer com tudo isso.

Afasto de seu corpo, sentindo com pesar a perda de seu calor.

Deslizo os dedos por meus cabelos. Inferno. O que estou fazendo? E por que isso é tão malditamente bom?

Viro, pegando minhas chaves e indo para a porta.

— Dominic... — ela sussurra.

Paro, de costas, esperando o que virá. Se a garota soubesse o que faz comigo.

— Eu posso ir ao Centro Comunitário hoje de novo? — o pedido se assemelha a uma criança desejando um passeio. No final é isso o que é.

Bufo, vencido, internamente dizendo sim para qualquer coisa que essa menina possa querer.

— Eu te pego aqui mais tarde.

Abro a porta e saio antes que eu não possa me controlar e volte para mostrar-lhe como se parece um segundo beijo.

No caminho para minha moto, sacudo a cabeça, desorientado, tentando assimilar os fatos.

Pensando sobre seu pedido, uma única vez no Centro Comunitário e ela já se meteu lá no beco, nem quero imaginar o que eu deveria esperar para hoje. Dizer que não me agrada a ideia dela ajudando Jasmine seria uma mentira. Sim. Estou orgulhoso, o que só piora a maldita atração.

E agora isso, onde este beijo nos deixa?



Capítulo 13

LUNA

Dominic pouco falou comigo durante o tempo no Centro Comunitário. Aliás, para ser justa, desde o momento em que ele voltou para me buscar, no início da noite. Percebi suas respostas evasivas e o fato evidente de que seus olhos me evitaram o tempo todo.

Como isso é possível? O beijo me arremessou para fora da atmosfera e não fez nada com ele?

Estou inquieta, andando de um lado para o outro em sua sala de estar, tarde da noite, esperando nem sei por que. Na verdade, sei sim, quero estar acordada no

momento em que o homem retornar para casa, depois de me deixar aqui e ter saído com pressa daquele jeito, talvez para fugir de estar sozinho comigo.

Pensei que pelo menos encontraria Jasmine lá, mas ela não foi. Realmente, a noite está sendo uma porcaria.

Pego os medicamentos e me dou conta que mais dois dias de antibióticos e estou livre. As suturas, segundo Simone, já podem ser retiradas, isso quer dizer que dentro de poucos dias Dominic não precisará mais me manter em sua casa. Tenho a impressão de que a ideia de me ver longe daqui não é tão ruim pra ele, quanto parecer ser pra mim.

Intimamente, a desagradável sensação de que beijá-lo foi minha sentença de despejo, está martelando minha cabeça.

Preciso eu mesma me dar um prazo para sair desta casa. É isso!

Três dias. Este será o meu tempo aqui.

DOMINIC

Desligo minha moto, entro pela lateral da igreja e vou em direção à sala dos fundos. Vim direto para cá, depois de ter deixado Luna em casa. O recado chegou

enquanto eu ainda estava no Centro e não tenho bom pressentimento sobre a razão da urgência do pastor.

— Simon — aperto sua mão e recebo uma batida nas costas. O semblante sério do homem é um mal sinal.

Não precisa de muito para entender a situação assim que coloco meu pé para dentro do cômodo.

— Quem fez isso com você? — me aproximo do garoto encolhido na cadeira, o rosto inchado banhado em sangue.

— Acredito que você possa fazer uma ideia, Dom — Simon responde por ele.

— Dirty — concluo entre dentes — Filho-da-puta.

— Ele acha que eu armei pra ele — José revela aflito — Eu... eu disse que não falei nada, mas ele não acreditou.

José não tem mais do que dezesseis anos, um garoto humilde da comunidade. Ele procurou Simon há alguns meses atrás para pedir ajuda, pois não queria se envolver nos lances de Dirty, mas aquele estúpido de merda não consegue receber muito bem um ‘*não*’ como resposta.

— José não pode continuar na cidade — falo diretamente para Simon.

O pastor respira fundo, recebendo minha mensagem. Ambos estamos cientes que essa surra em José foi um recado, e assim que o garoto voltar às ruas provavelmente

não vá sobreviver.

— Vou fazer uma ligação — Simon se afasta.

— Ele vai me matar, não é? — José sussurra em pânico.

— Não, nós não vamos permitir — respondo firme.

Cerro meus punhos, inconscientemente. Aproxima-se o momento de acertar definitivamente toda esta merda com o maldito traficante. Ele não pode ditar as regras por aqui e sair impune.

Acompanho Simon na viagem de uma hora para deixar José num lugar onde ele ficará seguro, até que tenhamos as coisas resolvidas.

Em todos os anos vivendo nas ruas, nunca ansiei pela guerra, mas sempre estive disposto a lutar quando a sobrevivência dos meus irmãos estava em causa. Nos dias de hoje, as coisas ganharam uma nova dimensão, tenho que manter a paz, obrigatoriamente, e Dirty está rompendo as regras. Novamente.

Esperar seu próximo passo talvez não seja prudente.

Entro no apartamento já de madrugada, e, para minha surpresa, encontro Luna deitada no sofá. Seu corpo encolhido, descoberto. Tomo um tempo para analisar a cena. Acho que a garota ganhou um ou dois quilos nos últimos dias, contudo ainda está abaixo de seu peso. Seu

rosto descansa suavemente em cima das mãos unidas. Definitivamente parecendo um anjo.

Não perdi seus olhares furtivos durante todo o tempo em que ela esteve no Centro Comunitário esta noite. No entanto, evitei o quanto pude ficar perto, talvez porque não aceitei muito bem a minha própria falta de controle nesta tarde. Beijá-la foi tão bom, que mal posso acreditar em como me atingiu. Seu gosto é sem dúvidas a melhor coisa que já provei. A mistura de sua inexperiência e urgência elevou tudo para outro nível de necessidade.

Esfrego meu rosto, cansado, e completamente ciente de que estou perdido.

— Bebê — sussurro, tentando acordá-la sem assustá-la.

Ela se estica sorrindo e se vira para o outro lado, relaxada, ainda em um sono profundo.

Balanço minha cabeça. Esta situação só pode ser o carma vindo morder minha bunda. Até dormindo a menina consegue me desestabilizar. Tenho de rir do meu próprio estado de consternação.

Sem outra opção, envolvo seu corpo quente em meus braços e a levo para a cama.

Cubro-a com cuidado. E, sem pensar no que estou fazendo, me sento na beirada da cama. A ideia de vê-la adormecida é irresistível.

Estou uma bagunça. Luna está despertando algo muito forte em mim, mesmo que me desagrade reconhecer. Há anos tenho colocado minha vida pessoal em segundo plano enquanto luto pelas coisas que acho necessário, mas de alguma forma inesperada a garota conseguiu rapidamente romper esta barreira e invadir meu mundo. E não está sendo fácil me impedir de desejá-la. Ela é doce, inocente, e ainda assim tem uma força enorme rugindo em seus olhos, uma espécie de ferocidade que assusta, porque sei que isso tem ligação com todas as coisas escondidas sobre sua vida. Já é hora de confrontá-la e descobrir tudo o que a menina guarda.

Levanto com cuidado para não despertá-la.

— Fique — a menina murmura, assustando-me, enquanto pensei que ela estivesse dormindo.

Respiro fundo, envolvido em seus olhos intensos acima da sonolência.

— Não posso bebê — digo em tom baixo, estrangulando a sensação de aperto nas entranhas por querer tanto algo que não devo.

— Eu me sinto bem com você por perto — sua voz é uma teia rouca me envolvendo cruamente.

Se ela soubesse sobre a reciprocidade de sua frase.

— Por favor, Dominic.

Não há qualquer armadilha ou tentativa de sedução

em suas palavras. É isso que me assusta em Luna. Ela não sabe e não quer jogar. A garota não esconde seus sentimentos, mesmo quando tudo o que você pode ver nela é seu gênio ruim ao ser contrariada, ainda assim ela é real, melhor ainda, ela demonstra lealdade quanto às próprias indigências.

Expiro uma grande quantidade de ar.

— Vou tomar banho — aviso baixo, sabendo que no fundo, eu acabei de ceder.

LUNA

Jasmine não veio me buscar, como eu já esperava. Ok. Ela não me deixou alternativa a não ser ir à sua casa. Cubro minha cabeça com o capuz da jaqueta e caminho de cabeça baixa pelas ruas. Minhas forças estão voltando e devo minha recuperação a Simone e Dominic. Há alguns dias, eu mal conseguia me arrastar pelos cantos, dolorida e machucada, o oposto de como me sinto hoje.

Céus, meu corpo está voltando ao normal, em compensação meu coração nunca esteve mais perdido. Tento duramente evitar, mas cada dia que passa vejo-me mais entranhada em sentimentos por Dominic. Eu não deveria me apaixonar, eu sei, contudo, não consigo me

impedir. Dormir juntos na mesma cama foi tão... tão bom, de um jeito especial, e pareceu tão certo.

Eu nunca conheci ninguém como Dominic, não somente pelos sentimentos que ele me desperta e que estão se enraizando no meu coração, mas pelo tipo de homem que ele é. As pessoas de fora veem somente a bondade e justiça vibrando sob sua pele, mas há algo a mais que sinto como se só eu pudesse tocar. A selvageria, a intensidade, basta olhar para seus olhos cinzas e você consegue ver sua alma, a alma de um guerreiro, de um protetor, de um homem que nunca teve paz. Eu sinto sua luta.

E quanto mais eu convivo com ele, mais esta admiração cresce. Nunca me apaixonei antes, não por homens reais que não viessem de livros e filmes, então não tenho com o que comparar, no entanto, sei que a ideia de ir embora está me deixando doente da alma.

— Com licença — uma mulher apressada passa por mim na calçada, rispidamente, praticamente me acuando contra o poste em seu caminho.

E miseravelmente, sinto minhas pernas congelarem com o que vejo.

Colado ao poste há um retrato falado do meu rosto.

“Pai desesperado procura sua filha. Oferece-se recompensa”.

Sinto meu estômago embrulhar.

Oh merda! Vicent está jogando pesado.

Algumas letras menores, embaixo da imagem, dizem que a tal filha tem olhos azuis, é ruiva, há uma descrição da cor do cabelo como sendo vermelho, alta, magra. Mas não diz meu nome, demonstrando com clareza a real intenção dele. Vicent não quer que saibam que eu estou viva, por isso não há uma foto minha e sim o desenho.

Com as mãos tremendo, arranho as bordas do papel e vou descolando, até que o cartaz cai completamente. Dobro em três e enfio no bolso, olhando em volta para ter certeza que ninguém assistiu a isso.

Vicent quer vir com tudo? Pois, ele mal sabe o que lhe espera.

Apresso minhas pernas e viro a esquina para o conjunto de casas onde Jasmine mora. A alguns passos, logo reconheço os meninos empoleirados na escada, daquele jeito como se procurassem encrenca constantemente.

Engulo em seco e abaixo a cabeça para tentar passar despercebida. Falho.

— Então o carinha decidiu voltar — o tal Kidn me intercepta, num salto, se colocando a minha frente.

Não levanto os olhos. Faço um movimento para desviar de seu corpo.

— Não tão rápido — ele debocha se mantendo firme a frente de meu passo.

— Licença — rosno imitando uma voz grossa. Se ele pensa que sou um cara, é melhor mantê-lo nessa linha.

Os outros garotos pulam imediatamente, se juntando ao moreno, fechando um círculo ao meu redor.

Céus! Meu corpo entra em total estado de alerta. Medo e pânico se misturam, quase me cegando. Penso em gritar, mas então eles saberiam que sou mulher e as coisas poderia ficar piores. Fecho os olhos brevemente, temendo o próximo movimento destes garotos.

— Se afastem! — um rosnado baixo vem das minhas costas.

Minha nuca se arrepia, mas é o alívio que me consome.

— É o carinha lá do centro — um sussurra para o outro.

Eu nem precisava ter escutado isso, reconheci a voz do meu salvador.

O tal Kidn toma a frente e dá dois passos para Dominic.

— Saia Kidn — nunca escutei este tom nele, é algo como intimidante e perigoso.

— Não estamos fazendo nada com ele, Dominic — a voz do garoto soa como um pedido de paz.

Não escuto o que Dominic resmunga pra ele, mas, antes que eu possa abrir a boca, todos os meninos estão se afastando de mim. Puxo uma respiração profunda e tomo alguns segundos para recuperar a coragem de me virar, desejando que eles tenham ido e intimamente, com um pouquinho de medo do homem que veio em meu auxílio.

Assim que me viro, deparo-me com os olhos mais predadores que já vi. Mal o reconheço.

— Dominic... — sussurro em choque.

— O que eu te falei sobre vir aqui Luna? — seu rosnado é impiedoso, com irritação fluindo pelos poros.

Engulo a saliva seca, reconhecendo nele os motivos para o medo que se instaurou em mim.

— Eu vim ver a Jasmine — murmuro baixo, como uma justificativa vazia.

Dominic se aproxima lentamente, como um jaguar cercando sua refeição, no mau sentido.

— Por que, porra, você não pôde me escutar quando eu pedi para não vir?

Olho-o hipnotizada, sendo rapidamente inundada por uma mistura crua de vontade de acalmá-lo e enfrentá-lo, não sei qual é a predominante.

— Você não manda em mim... — é tudo o que consigo dizer, antes de ser acuada contra a parede ao meu lado.

Num piscar de olhos, seus lábios estão se chocando contra os meus, e meu corpo encontra-se submisso ao seu cerco. Céus, isso é algum tipo de alucinação?

Dominic me surpreende com intensidade, seu corpo duro me prende e a boca determinada me ataca, fervendo, exigindo passagem. Meu corpo se agita inteirinho, exultante com as sensações que se apossam com velocidade. É uma necessidade latente, muito forte, vindo de um lugar bem profundo, Minhas pernas se enfraquecem enquanto sua língua ordena minha rendição.

Com as mãos tremendo mais do que gelatina mole, eu me apoio em seus braços e dou a ele tudo o que posso. É selvagem, é cheio de raiva, possessividade, repreensão, mas também desespero.

Senhor! É perfeito!

Um gemido vem do âmago. Esqueço por um instante onde estou, tendo a sensação de meus pés sendo arrancados da superfície direto para uma dimensão escura, onde há somente nós.

... e tão abruptamente como começou, o beijo termina.

Sua boca se afasta, a respiração pesada busca por evidente controle. Leva alguns segundos até que ele fale.

— Você deveria me escutar, Luna. Esta sua teimosia não é tão fofa quanto você pensa — identifico na irritação

de sua voz, a decepção e, sim, preocupação.

E começo a me sentir como uma tola.

— Eu combinei com ela — tento me explicar, em vão.

Ele meneia a cabeça negativamente, e desliza os dedos pelos cabelos, despenteando-os de um jeito lindamente arrumado.

— Pois vá lá e diga a ela para te encontrar na minha casa, a partir de hoje — exige com calculada calma, apontando com a mão em direção a porta de Jasmine.

Seus olhos não estão mais em mim.

Eu tirei Dominic de sua fachada de autocontrole e sei que ele não gostou nada disso.

Faço o que o homem diz. Bato na porta, várias vezes, mas aparentemente Jasmine não está.

Sem esperar por mais, Dominic me puxa para a rua tomando minha mão. Paramos em frente a sua moto e ele me entrega um capacete. Nunca andei de moto antes, meu coração até acelera com a expectativa.

Mesmo sob uma linha fina de domínio de si mesmo, ele me ajuda a colocar o capacete, sem me olhar nos olhos uma única vez.

Na garupa, e sob as instruções de me segurar firme em seu corpo, sinto as batidas descompassadas de seu peito. Então o homem tem seu coração acelerado por mim,

hein? Dou uma risadinha boba com a hipótese, e descanso minha bochecha em suas costas, deixando o rugido da moto dominar o ambiente e fazer uma vibração agradável nas minhas partes baixas.



Capítulo 14

LUNA

Dominic não guiou para casa como eu esperava. Com o vento contra nossos corpos e a curiosidade fazendo um bom trabalho em meus nervos, observo o caminho sem reconhecer inicialmente, até que me dou conta que sua moto nos leva para o lado mais ao norte da cidade, na região alta.

O veículo sai da estrada e entra numa ruazinha íngreme de terra batida, forçando-me a segurar com mais firmeza em seu peito, não que eu tenha qualquer problema

com isso. Pouco tempo depois, Dominic estaciona e desliga o motor. Surpreendida para falar qualquer coisa, e não menos admirada, retiro vagarosamente o capacete, mal acreditando na visão perfeita a minha frente.

A cidade está completamente aos nossos pés. É indescritível.

Deslizo da moto e caminho para a borda do penhasco, fascinada.

Abro meus braços, deixando o vento fresco penetrar minha pele, com uma sensação inédita de liberdade.

— Dominic, este lugar é incrí... — não consigo terminar a frase, quando me viro para encará-lo.

O homem ainda está sentado em sua moto, os olhos sérios fixados em mim e em suas mãos o papel que há pouco tempo estava em meu bolso.

— Você é ela — pronuncia inexpressivo.

Levo a mão automaticamente ao meu bolso somente para confirmar que este é mesmo o papel. Como ele pegou sem que eu tenha percebido?

Sou irradiada de tantas emoções diferentes. Irritação por sua intromissão ou bisbilhotice, nem sei como definir. Medo de ser delatada. Apreensão pelo que deve estar passando em sua cabeça agora. Tudo se mistura. Aliás, com Dominic meus sentimentos se tornam uma miscelânea absoluta.

— Você não deveria ter mexido em meu bolso — cruza meus braços a frente do peito, defensivamente.

— Quem é você Luna? — a pergunta vem direto como um strike de boliche.

Não sei o que dizer. Nenhuma resposta espirituosa me vem à mente, somente a vontade desconhecida de ser honesta. Olho-o melhor, ele quer a verdade e não aceitará menos do que isso.

Viro-me de costas novamente, olhando o mundo abaixo e tomando coragem para falar.

— Meu nome é Luna Saint'Clair. Sou filha de Alma e Benedito Saint'Clair. Tenho vinte e um anos. Meu pai era o dono do grupo St Claire, você provavelmente já ouviu falar deste nome. Ele faleceu quando eu tinha onze anos. Minha mãe se casou novamente há cinco anos, com Vicent Wine — respiro fundo — O político.

Percebo Dominic descer da moto e caminhar para onde estou, parando silenciosamente ao meu lado.

— Eu não tenho irmãos. Minha mãe e eu éramos as únicas herdeiras de todo o patrimônio do meu pai — não ouço minha voz, mas sei que Dominic sim — Em testamento ele deixou declarado que eu só poderia ter acesso a minha parte no dia em que eu completasse vinte e um anos.

Mesmo que eu não queira, meus olhos já estão

marejados. Calo-me por uns instantes, meditando sobre como o dinheiro destruiu nossas vidas.

Minha mãe inocentemente se casou com o mais sujo e interesseiro de todos os homens, e que nunca a fez feliz de verdade. A mulher foi duramente enganada por Vicent, incontáveis vezes. As traições notórias eram ignoradas. Sendo o habilidoso político que é, Vicent soube usar a lábria e envolvê-la em uma maldita bolha, com um único objetivo em tudo isso: roubar nossa família.

A restrição de minha idade imposta em testamento era o único impedimento para os planos do homem de se apossar de todo o patrimônio deixado por meu pai. Se ele quisesse meu dinheiro, teria que esperar, para então se livrar de nós duas. E ele esperou pacientemente.

Relato detalhadamente à Dominic como foram os últimos anos de vida da minha mãe, servindo tão somente para assinar papéis e chorar, reclusa, sendo privada de uma vida social por ter sua autoestima minada frequentemente por Vicent, que criou um bom mecanismo de lavagem cerebral sob ela.

Eu procurei me manter o mais distante possível da relação deles. Doía ver minha mãe sofrendo, mas seu encantamento pelo miserável era inquebrável, parecia um feitiço, então só me restou amá-la como pude, sem interferir, e em troca receber todo o seu protecionismo exagerado, até sufocante.

No dia do acidente eu senti que havia algo de errado. Não sei explicar como ou o porquê, mas eu simplesmente sabia.

Vicent estava *incentivando* com muita ênfase que minha mãe dirigisse seu próprio veículo. Persuadindo eu diria. Ele disse que ela precisava recuperar o controle, vencer o medo de sair de casa. A desculpa perfeita foi a de me levar às compras para a viagem que faríamos, nós três, em comemoração ao meu aniversário na semana anterior.

A viagem, aliás, foi ideia dele. Estava tudo acertado, iríamos para a Itália como uma linda família feliz cheia de planos para o futuro. As malas já estavam prontas, passagens marcadas, hotel reservado, e tudo o mais alinhado. Hoje eu sei que foi um álibi criado friamente por ele para representar sua grande surpresa e choque com a '*fatalidade*'.

Minha mãe cedeu, pegou seu carro parado há tanto tempo na garagem e teve coragem de guiá-lo para fora dos portões. Na primeira curva acentuada da descida que levava à rodovia, eu assisti o desespero dela diante da constatação de que o carro estava sem freios.

Dali para frente, tudo se passou como um borrão em um filme de terror.

Lembro-me de minha mãe gritando, acima de meu próprio grito, lembro do carro rompendo as barreiras de

proteção da estrada e voando em queda livre para o abismo, lembro de pensar que era o fim para nós duas. Antes de o carro encontrar o chão, no entanto, ele se chocou contra uma extensão rochosa. O lado esquerdo do carro se esmagou. O lado direito, onde eu estava, ficou suspenso no ar, e logo o Airbag explodiu no meu rosto. Depois disso, só me lembro de acordar no hospital.

Dominic envolve-me em seus braços aquecidos, me segurando, enquanto falo e deixo as lágrimas escorrerem livremente.

— Na primeira noite, no hospital, algo aconteceu — encolho-me com a lembrança — Eu estava sonolenta, lutando duramente para não apagar sob os efeitos da medicação, quando um sujeito grande, em roupas escuras se aproximou da cama. Em suas mãos um travesseiro. No começo eu não raciocinei direito, mas assim que ele puxou agressivamente minha máscara respiradora eu soube que estava em perigo. Aquele homem enfiou o travesseiro no meu rosto, esmagando-o contra mim — seguro a base do meu pescoço, sem ar com a lembrança — F-oi assustador Dominic... Ele só não conseguiu terminar o trabalho porque uma enfermeira entrou e seu grito o afugentou. Eu devo minha vida a ela.

— Este cara era Vicent Wine? — Dominic modera seu tom na tentativa falha de parecer brando, mas sinto a vibração de seus músculos ao meu redor.

— Não — sussurro.

— Você o conhecia?

Balanço a cabeça.

— No dia eu achei que não, mas algo nele era muito familiar. Eu só não conseguia lembrar o que — meu estômago se aperta com a memória vívida — Era o cheiro — engulo o gosto amargo — Frank, o irmão mais novo de Vicent. Foi ele. Sua colônia misturada com tabaco é inconfundível.

— Desgraçado covarde — Dominic rosna baixo.

Mordo o lábio e confirmo com um aceno fraco. Covarde totalmente.

— Frank tentou chegar a mim novamente, na manhã seguinte, segundo a enfermeira — fecho os olhos, em desgosto.

— O que ele fez? — a voz já não mascara a fúria restrita.

— A enfermeira suspeitou de um homem vestido de médico rondando a porta do quarto. Enquanto ela chamava a segurança, o homem percebeu e conseguiu escapar.

Juntando dois mais dois, a mulher deduziu que eu não estava segura ali e me perguntou se eu sabia quem poderia estar tentando fazer aquilo. E foi então que algo estalou feito um clarão em minha mente. A conversa entre Vicent e um sujeito que eu nunca vi antes, e que na época

não fazia o menor sentindo pra mim, mas hoje é esclarecedora.

Como eu fui burra por não relacionar as coisas a tempo. Eu poderia ter evitado toda a desgraça se eu tivesse analisado mais atentamente o material a minha frente. Estúpida! Eu odeio aquele canalha por tramar uma coisa tão horrível assim contra a mulher que o amou com devoção desmedida.

Mas ele vai pagar.

Vicent vai pagar por ter destruído minha família. Esta é a minha única certeza, e se tornou uma missão de vida.

Sou puxada de meus pensamentos por Dominic tomando-me pelo queixo. Seu olhar experiente em mim, analisando meu rosto.

— Luna, eu vejo este brilho em seus olhos e eu não gosto dele — a intensidade de seu rosto me fitando é como se ele pudesse ver através de mim — Seja lá o que você tenha em mente, eu quero que você me fale. Agora.

Respiro pesadamente, enfrentando sua preocupação exigente.

— Eu sinto muito Dominic, mas isto diz respeito somente a mim — nego com convicção, sentindo o rancor por Vicent se misturando ao meu sangue fluindo pelas veias.

O olhar cinzento me encobre cruamente.

— Tudo o que diz respeito a você, Luna, agora também me diz respeito. Eu não vou permitir que você faça nenhuma besteira. Você consegue entender isso? — o Dominic compreensivo acabou de ir pelos ares, em seu lugar, um homem determinado.

Enfrento-o sem recuos.

Esta é a minha batalha. A que eu, e somente eu, devo travar.

— Você não pode salvar a todos Dominic. Você ajudou a me curar fisicamente, mas nem tudo está em seu alcance — digo sem emoção.

— Isto é você que está dizendo, bebê — ele sussurra acolhendo o desafio, com a mortal calma cobrindo seu rosto bonito — A decisão é sua, mas é bom que saiba que eu não permitirei que você faça nenhuma estupidez. E é melhor você acreditar nisso.

O aviso é transparente como água.

Com uma inspiração profunda, decido quebrar a energia densa prestes a arrebentar entre nós e me afasto. Não há razão para iniciar um conflito com ele quando o assunto já está decidido.

Vicent é poderoso demais e eu não vou arrastar Dominic para isso. Até porque, eu tenho um plano ganhando forças aqui dentro e está cada vez mais próximo

de se realizar. Vicent vai cair, pelas minhas mãos, e o que o maldito canalha nem imagina é que o meu Taj Mahal vai levá-lo direto para a prisão.



Capítulo 15

DOMINIC

Não precisa ser muito inteligente para saber que Luna tem algum plano trabalhando em suas engrenagens. A menina mal sabe o quão transparente ela é. O problema é descobrir o que exatamente está provocando este brilho escuro em seus olhos. Ser criado nas ruas, rodeado pelo perigo, o faz reconhecer os sinais que antecedem alguma merda grande pronta para estourar. Neste caso, não se eu puder evitar. Tenho que manter um olho atentamente sob esta menina. Se ela pensa que vou permitir que ela se coloque em risco, a dona dos cabelos de fogo e gênio

rebelde nunca esteve mais enganada.

Não engoli sua tentativa de me afastar e não pretendo dar espaço para que isto aconteça. Luna está se estabelecendo em mim, e minha necessidade de mantê-la segura é mais forte do que qualquer outra coisa. Vê-la cercada pelos moleques da gangue de Kidn me fez enxergar negro, me senti doente e tomado por uma fúria que há tempos estava adormecida.

Nem quero pensar no que poderia ter acontecido se meus instintos não tivessem me alertado que Luna iria fazer exatamente o oposto do que pedi a ela. Aliás, não seria Luna se não agisse com teimosia, no final das contas, não é? Se ela é tão ingênua a ponto de se colocar em risco numa coisa óbvia como aquele beco, o que concluir sobre o que ela provavelmente está planejando fazer em relação ao maldito político?

Bufo em desgosto, enquanto seu corpo está agarrado ao meu na volta para casa.

Luna está fodendo com qualquer autocontrole que eu tenha, e cada dia fica pior. Beijá-la, pela segunda vez, foi a fodida melhor coisa. Não pude me controlar dominado pelo desejo de puni-la por se colocar em risco, e ao mesmo tempo vontade de tomá-la pra mim, como minha e protegê-la. Meu cérebro parece derreter numa pasta irracional quando a menina está em causa.

Não bastasse estes sentimentos apertando meu

intestino, agora tenho um novo problema. Vicent Wine.

LUNA

Dominic esteve bastante calado, depois de me dar um sermão sobre não me colocar em risco novamente. Ele trabalhou duro no Centro Comunitário e mal falou comigo. Fiquei num cantinho reservado, como uma criança de castigo durante o tempo que estivemos lá esta noite. Porcaria.

Jasmine também não apareceu. Não tenho um bom pressentimento. E mesmo que Dominic não aprove, eu preciso saber o que está havendo com ela. Se isso vai me custar mais um problema com Dominic, que assim seja. Vai que eu acabe recebendo outro de seus beijos furiosos... não seria nada mal.

Fato é que já determinei isso a mim mesma, tenho somente três dias na casa desse homem e não pretendo deixar passar em branco. Intimamente, agora sinto que Dominic me quer tanto quanto eu o quero. Ninguém indiferente me beijaria com toda aquela explosão. E sinto que eu mesma tenho que tomar uma atitude nesse sentido, antes de partir.

Assim que entramos em seu apartamento de volta do

Centro Comunitário, ele caminha para o corredor parecendo querer me evitar.

— Vou tomar banho — é tudo o que diz, num timbre baixo, inexpressivo.

— Dominic — chamo sussurrando.

Ele para em seu caminho, ainda de costas. Chego a escutar sua expiração mais pesada.

— Sim Luna.

— Posso tomar banho com você? — pergunto em meu melhor tom casto.

Assisto suas costas enrijecerem. Seus punhos se cerram como se eu tivesse o desafiado para um duelo de morte. Leva tudo que tenho para não rir. Eu sei, fui longe demais, mas se eu quero alguma coisa, já vi que terei que lutar por isso.

Ele respira profundamente.

— Não me instigue com suas provocações, bebê — é um aviso perigoso, afetado — Você não sabe com o que está mexendo e talvez não possa segurar isso depois.

Todos os meus pelos se eriçam com a ameaça velada.

É tão áspero e estimulante ao mesmo tempo. Sinto que toquei profundamente em algo intenso e que pode me pôr de joelhos no final das contas. Eu deveria sentir medo, ouvir meus instintos e recuar, mas eu o quero tanto,

como nunca quis nada. Meu coração palpita forte, as pernas enfraquecem, umidade se arrasta por minhas partes mais íntimas como uma dor latente implorando por ser curada. Nunca tive qualquer contato íntimo com nenhum homem, no entanto é como se algo maior dentro de mim estivesse mais do que pronto para isso.

— Eu posso segurar, *Dom* — devolvo seu apelido com coragem, sustentando a voz por um fio.

Lentamente ele se vira. Em meio a pouca luz do corredor posso ver seus olhos escurecidos, o ar saindo com brutalidade de suas narinas dilatadas, seu corpo forte e magro todo rígido. A visão é absolutamente linda.

Como um felino em modo de ataque, ele se aproxima, passo a passo, intimidante, deliberadamente arrogante, prendendo meu olhar e meu fôlego. E então ele para em minha frente. Seus dedos quentes suavemente deslizam por minha bochecha, não há nada de afetivo neste gesto, no entanto. É mais como um tipo de advertência.

— Será que pode mesmo bebê? — não perco o desafio, em meio à rouquidão.

Minha urgência se eleva de nível.

Com ousadia — e mão trêmula —, toco seu rosto também. Mostrando que sou páreo para o que quer que ele tenha em mente.

— Se você duvida, tente — provoco com calculado atrevimento, falando cochichado.

O maxilar do homem se comprime, posso ouvir o rangido de seus dentes. Preciso morder meu lábio para não rir do desgosto quebrando seu controle.

— Luna, Luna. Você é tão inocente que às vezes mal consegue perceber em que está se metendo — seu semblante ganha uma calma mortal — Eu aprecio sua tentativa, aprecio mesmo — seus dedos roçam minha boca — E para ser honesto, eu adoraria derrubar este seu ar desafiador, testando-me de maneira inconsequente — um sorriso frio atravessa o canto de seus lábios — Mas eu tenho minha própria demanda, criança, e não pretendo começar nada que eu tenha que parar no caminho.

O ar me foge com uma aceno de *‘adeus, idiota’*. Deus, a energia vinda dele praticamente me incinera. Sou inundada com uma mistura de querer ainda mais forte e recuar por não saber ao certo o que me espera.

E ele percebe meu vacilo.

O sorriso se torna malvado, seus olhos ganham um brilho triunfante, como se tivesse provado seu ponto. Calo-me, não podendo mover um músculo coerente do meu corpo sem dono.

Dominic aproveita este momento para seguir seu caminho de volta ao corredor.

Placar: Dominic 1 x Luna 0.

Não que eu não pretenda mudar isto.

DOMINIC

Apoio a mão na parede do chuveiro e mergulho minha cabeça na água gelada. Porra! O que esta menina está tentando fazer comigo? Por que eu simplesmente não a reivindico de uma vez por todas e acabo logo com esta porcaria acontecendo entre nós?

Porque Luna é só uma garota que acabou de passar por uma bagunça em sua cabeça.

Não seria certo eu me aproveitar disso, não que eu não a queira com todo o meu corpo, porque não há dúvidas que sim, tanto que meu membro está rasgando em fúria, rebelado contra mim nesse momento. Mas a menina só está tentando me testar, eu sinto isso. Ela ainda não está pronta para o que eu tenho guardado pra ela.

LUNA

Se Dominic pensa que pode fugir, ele está

equivocado. Enquanto o homem está na cozinha, se refugiando de mim – alegando preparar algo para comermos depois de seu banho –, dei a ele alguns minutos afastada. Foi uma estratégia para deixá-lo novamente relaxado, na verdade. E agora estou indo para uma investida mais *persuasiva*, digamos assim.

Tomei banho e vesti uma de suas enormes camisetas. Nada mais.

Meus dias nesta casa estão contados. Eu me recuso a ir embora sem me entregar a esta necessidade que corrói minha pele. Não vou deixar o destino seguir seu curso sem intromissões, não desta vez. A vida já me ensinou que ficar à espera que as coisas melhorem é ilusão. Já fui passiva demais.

Entro na pequena cozinha e, assim que Dominic percebe minha presença, sua postura se torna indiferente. No fundo, eu quero acreditar que isso é apenas uma fachada para me afastar.

DOMINIC

Mal acredito no que vejo. Luna, com uma de minhas camisetas cobrindo o início de suas coxas esguias, deixando o restante das pernas nuas. Senhor, esta menina

quer me por maluco.

Ela está tentando minha resistência e não sei quanto tempo mais isso pode durar.

Deslizo a mão pelo meu cabelo, coço a barba. E finalmente a encaro.

— Vamos Luna. Diga o que você está fazendo? — vou pela objetividade, quero tirar toda esta merda do caminho.

Com fingida inocência e um brilho determinado nos olhos azuis, a menina dá um salto sobre a bancada de mármore ao meu lado e se senta. O cabelo vermelho fogo cai em seu rosto e ela joga para o lado, sensualmente como uma mulher faria. A camiseta sobe algumas polegadas, expondo mais de sua pele macia. Aperto minha mandíbula, sentindo meu corpo reagir a isso.

— Esperando pela comida? — ela responde com uma pergunta. A voz distraída, ignorando a chave central da questão.

Ok. Já entendi seu jogo. E sim, eu posso jogar também, até gosto disso.

Sorrio, amigável, e me inclino para cima de seu corpo, lentamente, pegando-a desprevenida. Descanso uma mão de cada lado de seu corpo, sem, no entanto, tocá-la. Observo sua respiração se acelerar, suas pupilas dilatarem e a veia de seu delicado pescoço ganhar um

ritmo bonito. Posiciono-me a poucos centímetros de seu rosto, e tenho que me esforçar duramente para manter o foco e ensinar uma lição nesta pequena sedutora.

Assisto de perto sua língua macia, fodidamente saborosa, deslizar pelos lábios vermelhos. Cerro meus músculos desejando devorar sua boca, mas mantenho o lance acontecendo.

— Luna...

— S-im — murmura com um gemidinho fraco.

Porra. Estou morrendo aqui.

Mas então eu sorrio, contrariando o bumbo em meu peito.

— Você poderia se afastar para que eu pegue o sal, atrás de você — minha voz é uma pasta impassível, falsamente composta.

A decepção se evidencia escancaradamente em seus olhos. Ela engole a saliva em seco. Eu me afasto e apenas assisto a menina saltar da bancada, cruzar os braços sobre o peito e sair da cozinha a passos duros, irritadiça... mal percebendo o tesão cru rasgando minhas entranhas.

Não me contenho e acabo rindo, alto, tanto de sua frustração quanto de meu próprio estado.

— Venha comer, menina. Você está com fome.

Passo os próximos quinze minutos fingindo ignorar sua atitude rebelde, batendo as portas dos armários

enquanto me ajudava a colocar a mesa, deixando seus talheres se chocar ruidosamente no prato, comendo impaciente, revirando os olhos com qualquer idiotice na TV.

Eu, ao contrário, sorvo minha cerveja tranquilamente, não deixando que o momento '*Luna Mimada*' interfira em sua refeição. Se ela quer se comportar assim, ótimo, desde que se alimente.

LUNA

Escovo os dentes, irritada. Odiando Dominic por me tratar como uma estúpida criança. E ainda assim, firme em meu propósito.

Volto para a sala a tempo de o ver deixando uma pilha com lençol, cobertor e travesseiro sobre o sofá. Droga.

— Você não vai dormir na cama? — pergunto não conseguindo disfarçar a apreensão.

Ele me olha sério, com um aviso de que sua paciência está se esgotando. Ótimo. Isso é muito bom. Dominic não está tão indiferente quanto ele quer mostrar.

— Por favor, Dominic, este sofá é terrível — peço, usando um argumento não tão honesto.

Ele não diz nada, mas seus olhos passeiam por meu corpo de maneira afiada.

Decido ir mais fundo.

— Ou você está com medo de mim, Dom? — ataco com um tom jocoso. Sim, eu quero tirá-lo do sério. Sua explosão desta tarde já me deu prova de que o homem é o fogo líquido quando perde a cabeça.

Ele sorve uma respiração pesada. Sua sobrancelha perfeitamente desenhada se arqueia sugestivo.

— Eu não tenho medo, bebê. De nada.

Sinto que estou prestes a ganhar isso. Elevo meu queixo, fazendo uma expressão de *‘tá bom, então prove’*.

— Ok. Espero você na cama — digo sorrindo, com naturalidade cirurgicamente aplicada, e me viro indo direto para o quarto, não dando-lhe oportunidade de recusar.

DOMINIC

Ela sabe o que está fazendo. Claro que sim. Eu, que pensei que a doce e ingênua Luna jamais seria capaz de fazer joguinhos de sedução, estou malditamente mordendo minha língua. Cheguei à conclusão de que isto é inerente ao sexo feminino. E caralho, fode com a capacidade de

raciocínio de qualquer um.

Se ela acha que pode fazer de mim um tolo enrolado na ponta de seus dedos, então é melhor torná-la ciente de que atirar combustível em chamas vivas pode criar algo difícil de administrar.

Dou algum tempo, até que meu corpo se acalme e eu possa dominar a ferocidade e a maldita excitação, e então entro no quarto mal iluminado. Luna está acordada, observa-me atentamente. De maneira calma, retiro a camiseta e arremesso ao canto. Seus olhos aumentam de tamanho encarando meu peito. Ok bebê, receba uma dose de sua própria provocação.

A segunda peça a abandonar meu corpo é a calça jeans. Com uma tranquilidade premeditada, deslizo o material e deixo cair junto com a camiseta.

Oh maldição. Não passe a língua nos lábios, por favor.

Desvio rapidamente meus olhos de seu rosto para não assistir a cena.

Muito bem.

Odiando a mim mesmo por não ser tão imune quanto eu gostaria, afasto o edredom e me enfito ao seu lado na cama, somente de cueca boxer. Escuto um ruído estrangulado, mal sei se isso saiu de mim ou da menina.

— Domin... — ela tenta, mas sua voz falha.

— Boa noite, Luna — interrompo qualquer tentativa de sua parte.

Dois minutos. Este é o tempo que o silêncio perdura, até que ela faz a coisa mais impensável que eu poderia esperar.

A menina muda sua posição na cama e se vira para mim, diminuindo o espaço que havia entre nós.

— Boa noite Dominic — a voz agora é confiante demais e acende todos os meus alertas. Antes que eu possa prever o trem vindo me atingir em velocidade, sua perna direita se lança sobre as minhas, inocentemente, ao mesmo tempo em que seu braço atravessa e pousa em cima do meu abdômen.

Até que eu a sinto.

Porra.

Não.

Isso não é o que eu estou pensando que é. Oh porra! Luna não está me mandando para isso, nem fodendo.

Sim.

Ela está.

Sua fenda totalmente nua, por baixo da camiseta que ela veste, toca minha coxa, pele contra pele.

Inferno! A menina está encharcada! Os sucos lambuzam-me e refletem imediatamente no meu membro.

Não.

Jogo um braço cobrindo meus olhos. E inspiro com toda a capacidade do peito.

— Luna, por que você está fazendo isso comigo? — questiono baixo, me esforçando para o som sair em meio à nuvem negra me encobrindo.

— Eu quero você... — ela assume franca. Sem desvios. A voz penosa.

— Inferno.

Num movimento rápido, mandando o juízo pelos ares, eu me viro e fico em cima dela. Meu membro tão duro como nunca antes. Encaro seus olhos escuros, mal vejo sua pele, mas sei que suas bochechas estão rubras.

Sem pensar na porra que estou fazendo, mas estabelecendo um limite para mim mesmo, deixo minha mão vagorosamente deslizar sobre seu ventre, subindo por cima da camiseta roçando seu mamilo duro sob minha palma, prendendo seu corpo quente embaixo do meu.

— Você quer me deixar maluco, menina — rosno, encarando sua expressão afetada, entregue.

A língua rosada faz aquele movimento provocador de umedecer os lábios.

Sem dar mais um minuto, tomo sua boca com fome e fúria. Sem piedade. Luna geme e se entrega, lançando sua língua quente para mim, as mãos frenéticas em meu cabelo.

Afasto um milímetro e encaro seus olhos.

— Eu sei o que você precisa, bebê. E eu vou te dar — rosno duro, sem fôlego.

Enquanto devoro sua boca, minha mão percorre o caminho de volta para baixo, direto para sua abertura. Maldição. Tão receptiva. Tão quente. O pequeno corpo abaixo de mim estremece com o contato. Seus gemidos me fazem rir satisfeito, mas não deixo de beijá-la. Não quero dar à menina a oportunidade de jogar mais de suas merdas engraçadinhas em mim, meu autocontrole está por um fio. Sei limite que me estabeleci.

Encontro seu monte delicado em meio aos pelos baixos e brinco com ganância. Luna está tão pronta que eu sei exatamente o que a arrastaria para a libertação. Mas não dou isso imediatamente. Eu provoço, sem misericórdia, como ela tem feito comigo este tempo todo.

Seus gemidos baixos em minha boca revelam a agonia em que ela se encontra.

Lentamente deixo meu dedo deslizar para a pequena entrada, tão apertada e gulosa que engole o que eu ofereço. Brinco um pouco ali, com suas paredes me cercando enquanto volto a tocar seu nervo sensível. A mistura dos movimentos faz com que seu quadril se desprenda da cama e tente encontrar minha mão.

— Dominic — ela geme em minha boca. Dou-lhe um segundo para respirar, antes de abocanhá-la de novo.

E eu sei o momento que sua demanda é atendida. E é tão rápido, bastando algumas fricções, que isso fala muito sobre seu estado de excitação. Ela se arqueia para cima, gemendo, choramingando. Afasto-me de sua boca para assistir a perfeição de Luna tendo um orgasmo. A visão mais linda que eu já tive. Seus olhos cerrados, os dentes cravados no lábio inferior, cabelos bagunçados espalhados pelo travesseiro e lágrimas escorrendo por seu rosto.

Luna é a perfeição materializada. Acho que nunca vou me esquecer desta cena.

Eu poderia dar mais, levá-la à extrema loucura até que seu corpo entre em colapso, no entanto, o bom senso me avisa que a carga de hoje já é o suficiente pra ela. Sim, a garota é virgem, confirmei no momento que a toquei, e provavelmente esta foi sua primeira experiência.

Acolho-a em meus braços e observo os espasmos gradualmente diminuírem e a exaustão ganhar a melhor sob a doce menina exigente, que não tem medo de pedir o que necessita e está firme no propósito de lançar minha alma direto para a perdição.



Capítulo 16

LUNA

O clima entre nós está diferente. Não que Dominic tenha me tratado com indiferença, como eu imaginei que seria. Já percebi que ele tem dessas. Por alguma razão incompreensível para mim, eu percebi que nas duas vezes em que me beijou, ele logo se afastou com algum tipo de culpa rasgando sua pele. Ontem não. Ontem ele me envolveu em um aperto quente e me segurou até que eu apaguei, o que não demorou muito depois de tudo.

Eu nunca entendi o alvoroço todo que as pessoas faziam em relação ao sexo. Até ter meu corpo arrebitado

de dentro para fora com a melhor sensação que eu já senti em toda a minha vida. Eu mal sei explicar como aquilo aconteceu. Eu só sei que, de repente, era como se o mundo externo não existisse, como se eu fosse tragada para outra dimensão, dentro de mim, em êxtase, em plenitude, minha espinha se elevando em estardalhaços de pura glória. E nem assim explicaria com fidelidade.

Tomamos café da manhã juntos, em silêncio. Ainda assim, eu me peguei sorrindo como uma imbecil. E Dominic também sorriu. Ficamos por instantes conectados por algum tipo de cumplicidade que inundou meu coração.

Amanhã eu estou partindo. Entrarei escondida em minha casa, pegarei a prova que tenho contra Vicent e de lá vou direto a uma delegacia, o plano é esse. O problema é que não sei bem como falar isso pra Dominic. Acho que vou esperar o momento certo.

Espero ele sair para o trabalho e vou atrás de fazer o que eu sei que Dominic reprovará veementemente. Sim, estou contrariando um pedido dele, todavia isto está martelando na minha cabeça e sinto que devo descobrir o que está havendo.

Então me pego virando a esquina da casa de Jasmine novamente. E lá estão os garotos badboys em suas posições. Aperto os passos, seguro o capuz e encaro o chão.

— É ele de novo — escuto um deles.

E mentalmente me preparo. Contudo, nada acontece. Eles não atravessam meu caminho.

Ué?!

Tenho vontade de perguntar o porquê, mas é melhor não testar a minha sorte. Aumento o ritmo e entro no corredor de Jasmine. Conforme vou me aproximando, percebo que a porta está entreaberta.

Ouçó um barulho seco seguido de um gemido doloroso ecoar lá dentro. Travo meu andar, tomada por um alerta alto em meu cérebro.

Há algo errado.

— Você precisa aprender que só deve abrir esta porra de boca se for para chupar um pau, cadela — é uma voz irada e vagamente conhecida.

Dou mais um passo à frente.

Outro baque em carne, mais forte desta vez.

— Tão burra que nunca vai aprender, não é? Sua puta do caralho! — não há piedade ou sequer humanidade no sujeito.

Pela voz reconheço que é o mesmo homem daquele dia.

— Vá se ferrar! — o grito inflamado de Jasmine repercute através do cômodo.

Minhas mãos e pernas tremem ao ouvi-la. Mais um

passo e eu a vejo. Caída ao chão, acuada, com um sujeito pardo, magro, alto e muito feio, acima dela, lançando chutes em sua costela.

A imagem supera qualquer tipo de medo em mim. Um homem covarde subjugando uma mulher, como Vicent fez, mesmo que mentalmente com a minha mãe.

E então eu tomo a decisão.

Sugo o ar, exigindo calma de mim mesma. Empurro a porta alguns centímetros silenciosamente, entrando na cozinha pé por pé. Olho em volta e avisto algo útil. Com cuidado, pego de cima da pia uma panela de ferro grosso e sem que ele consiga antever, dou com o pesado objeto diretamente na parte de trás de seu crânio, uma vez, desajeitadamente pegando na lateral, no entanto o faz cambalear. E mais uma vez, com mais força, que derruba o grande homem ao chão como um saco de fruta podre.

— Lu? — Jasmine murmura sem voz, surpreendida.

E logo a expressão se torna apavorada. Não vi medo nos olhos dela por receber os golpes do cara, como estou vendo agora, por mim, diante do que acabei de fazer.

— Vá embora, Lu, corra, fuja daqui — implora, enquanto o cara se perde no piso, como uma barata tonta.

— Venha comigo! — peço tomada pela adrenalina. Com uma força que eu não imaginava possuir, eu a pego

pelo braço, arrancando-a do chão.

Jasmine se equilibra em pé e me olha em perfeito estado de confusão.

— Não posso — sussurra sem confiança, enquanto seus olhos viajam de mim para o homem.

— Quem é você? — o sujeito geme atordado, com a mão tocando a parte que o atingi.

Largo Jasmine e seguro a alça da panela com as duas mãos.

— Sou seu pesadelo! Covarde maldito! — digo e dou mais uma panelada na cabeça, de cima para baixo, com muito mais força.

O cara cai, fechando os olhos, corpo mole.

Oh.

Merda!

Deus. Eu m-atei ele?

— Eu o matei? — estrangulo um gemido de horror.

Jasmine toca o cara com o pé, balançando seu corpo.

— Não Lu. Ele só está apagado — cochicha tensa. Seu semblante coberto de preocupação por mim — É melhor você sair daqui. Agora. Antes que ele acorde.

— Não Jasmine. Eu não vou a lugar nenhum sem você — aviso, com um tremor estralando meus ossos.

A menina balança a cabeça, negando, perdida. Até

que seu rosto pequeno se eleva e fixa os grandes olhos castanhos esverdeados em mim, me analisando com mais atenção.

— Droga garota, de onde foi que você surgiu? — bufa.

Sustento seu olhar determinadamente, ou teimosa, como queira.

A mensagem que quero passar é: eu realmente não pretendo sair daqui sem ela, mesmo que isso custe este sujeito acordando e me levando diretamente ao coma ou coisa pior.

Jasmine fecha os olhos brevemente. Então suspira frustrada.

— Você só pode ser maluca — é quase uma aceitação.

A afirmação me magoa, um pouquinho, contudo não posso tirar sua razão. Quem em sã consciência bateria com a panela na cabeça de um cara assustador, não é? Talvez eu realmente esteja ficando maluca.

Derrotada, Jasmine se movimenta rapidamente e abre o armário atrás dela, retirando uma lata. Dentro, algum pouco dinheiro.

— Vamos Lu. Se Dirty acordar ele vai matar nós duas.

Pego sua mão e saímos em disparada. No momento

que passamos pelos meninos, o tal Kidn me encara com uma mistura de surpresa e incredulidade. Que porcaria é essa agora? Por que esse menino está me olhando desse jeito?

— É uma garota, mano! — um deles rosna num assovio.

Oh merda! Toco a cabeça e me dou conta de que o capuz da blusa caiu.

Jasmine toma a frente e corre em mais velocidade, me arrastando com ela. Corremos feito duas loucas, até dobrar a esquina.

— Pra onde a gente vai? — pergunta ofegante.

— Vamos para a casa de Dominic, ele vai nos ajudar — digo confiante, e retomo nossa corrida.

DOMINIC

Meu celular vibra no bolso traseiro do jeans. Faço um sinal liberando o mestre de obra e puxo aparelho. O identificar revela que é o número de casa. Uma sensação não muito boa atravessa meu peito. Luna nunca me ligou, ela sequer usou aquele telefone em todos estes dias.

Sorvo uma respiração e deslizo o botão na tela.

— Sim?

— Dominic? — a menina fala meu nome de um jeito diferente, acendendo todos os meus alertas.

— Sim bebê. O que foi? — mantenho a tranquilidade.

O suspiro falhado sinaliza algo errado.

— Luna? — forço.

— Você pode vir para casa?

— Me diga o que está havendo, Luna — pressiono, não gostando nada da sensação em meu peito.

Outro suspiro curto.

— E-u fiz uma coisa... — um segundo de silêncio — Será que você pode vir agora?

— Estou indo — desligo, já com a chave da moto na mão e arrancando a jaqueta pendurada no canto.

Porra. Por que tenho este pressentimento de que Luna está em algum problema? Será que Vicent Wine fez alguma coisa? Ele a encontrou? Fúria e pavor se colidem, fazendo um bom trabalho em me deixar agoniado com milhares de possibilidades rondando minha cabeça.

Faço o trajeto de dez minutos em alta velocidade, deslizando entre os carros, recebendo buzinas, trombando em retrovisores, com um único objetivo em mente: proteger minha menina. Eu nunca me perdoaria se algo acontecesse com ela. Ela é minha responsabilidade agora.

Subo os degraus de dois em dois até que finalmente chego à porta do apartamento. Com uma respiração profunda para manter o equilíbrio, abro a fechadura. Um passo para dentro da sala e as vejo.

Luna e Jasmine, ambas de cabeça baixa, levantam seus olhares insondáveis para mim.

Tenho a nítida impressão que elas fizeram alguma merda séria.

— Jasmine, Luna — falo calmo, num aceno de cabeça.

Luna entrelaça seus dedos de maneira ansiosa, se assemelhando a uma criança que fez arte.

Como se tivessem ensaiado ambas engolem suas salivas ao mesmo tempo. Um olhar mais atento sob Jasmine e percebo os hematomas frescos em seu rosto e braços.

— O que aconteceu com você Jasmine? — questiono sério.

Ela mói os lábios, desviando seus olhos para o chão.

— Dirty... — seu tom baixo, tão sério quanto o meu, me surpreende.

Eu esperava tristeza, medo, talvez pânico, mas a força de seu olhar revela que, infelizmente, isso não é novidade em sua curta vida. Tão jovem e já carregando

toda esta bagagem.

Luna, por outro lado, olha de mim para a garota em verdadeira aflição. Oh porcaria, isso está me assustando.

— Quando? — pergunto por perguntar, porque já sei que é recente.

— Há poucas horas — ela responde.

A cabecinha de Luna gira entre Jasmine e eu, muda.

— Onde ele está?

Percebo minha menina desviando seus olhos para um objeto qualquer da sala, claramente me evitando.

Jasmine se cala também.

Meu peito martela alto, ansioso. Isso não está cheirando bem.

Cruzo meus braços sobre o peito, esperando com fingida paciência. A sensação de que Luna está de alguma forma envolvida nisso arranca toda a merda em mim.

— Desmaiado em minha casa — finalmente Jasmine revela.

A informação me confunde. Mas o rubor de Luna começa a se tornar revelador.

— Luna? — resolvo direcionar minha atenção exclusivamente para ela.

O movimento de sua língua umedecendo os lábios secos quase me distrai, se não fosse um claro sinal de que ela está nervosa.

— Eu o acertei... — seu sussurro é pouco audível.

Preciso recuar dois passos e me encostar à parede, para ter garantia de que minhas pernas possam me sustentar, não tendo certeza de que ouvi corretamente.

— Você o que? — peço que repita, querendo acreditar que definitivamente entendi errado.

Ela finalmente me olha.

— Eu fui à casa de Jasmine, e quando cheguei lá eu vi esse tal Dirty batendo nela. Eu peguei uma panela e acertei a cabeça dele.

Arqueio a sobrancelha. Meus dentes próximos de rachar.

— Três vezes... — ela ainda acrescenta, com algum tipo de orgulho amedrontado.

Porra dos infernos!

Esfrego meu rosto com as duas mãos. Minha linha de coesão se arrebetando como uma corda, fibra a fibra. Não posso acreditar no que estou escutando. Pedir para ela não voltar lá serviu de que? Não só ela voltou, colocando sua vista em risco, como também acertou o traficante cafetão de merda, assinando assim uma sentença de guerra.

— Entendo — rosno, moendo as palavras.

Luna, pelo menos, se dá ao trabalho de ruborizar diante do meu olhar.

— Eu preciso sair por um momento — aviso, por um fio, encarando as meninas que me olham em expectativa — Vocês duas não arredem o pé daqui — as palavras saem entre dentes, sem deixar nenhuma dúvida de que é melhor me escutarem.

Olho especificamente para minha doce menina, não tão doce assim.

— Você consegue fazer isso Luna? Você pode me ouvir por uma miserável vez e fazer o que estou pedindo?

Seu lado rebelde luta para vir à superfície, acho que é mais forte do que ela. Mas, inteligentemente, não lança nenhum de seus afrontamentos. Não desta vez.

Sair do apartamento é também um jeito de não jogar toda a merda para cima das encenqueiras. Ficar remoendo os perigos que elas se colocaram com esta ação impensada não adianta de nada a esta altura.

Eu preciso agora lidar com os efeitos colaterais do problema.



Capítulo 17

DAMIEN

Receber a ligação de Dominic perguntando se estou na empresa foi uma surpresa. Cheguei até a pensar que o cara finalmente estava cedendo ao meu apelo e vindo para avisar que decidiu voltar para a construtora. Mas assim que ele colocou os pés na minha sala, eu soube que não. Os motivos que o trouxeram aqui são outros.

Não vou mentir, ouvir toda a história sobre a tal Luna enfiada em sua casa, saber que ela é enteada do político Vicent Wine, e que meu irmão está ajudando a

escondê-la, não me agrada em nada. Porra, eu amo esse cara, ele é meu orgulho e maior exemplo de vida. Dominic nos salvou - a mim e Christian -, da miséria, da fome, dos perigos da vida nas ruas. Essa dívida é para a vida toda. Mas o problema é que o puto tem isso de querer salvar o mundo sob sua pele, esquecendo-se de si próprio.

Mal estou processando os fatos a respeito de Luna, quando ele lança a merda sobre a tal Jasmine.

Tenho que limpar minha cabeça para ter certeza do que eu acabei de escutar.

— Eu acho que não ouvi direito, Dom, por favor, repita isso — devolvo, enquanto afrouxo o nó sufocante da minha gravata.

Dominic respira pesado, se inclinando para frente em sua cadeira.

— É isso que você ouviu Damien, eu preciso que você deixe Jasmine ficar em sua casa, por um tempo.

Eu tenho que rir, definitivamente não acreditando nessa merda.

— Porra cara! Você quer que eu leve uma estranha para viver comigo? Por que caralho eu faria isso?

Meu irmão mais velho se ajeita na cadeira, cruzando os braços. Sim, ele tem isso sobre ele também, de te olhar tão profundo e intensamente, que você se sente encolher como um miserável pedaço errado de ser

humano no mundo.

— Eu já te expliquei o porquê. Ela está em perigo e não pode mais ficar naquele bairro — seu tom é uma pasta controlada — Há esse cara atrás dela — arremata.

Dou outra risada, sem humor.

— E você quer que eu me coloque em risco com um cafetão para proteger uma prostituta brigona? — encaro-o medindo sua fúria com o que estou prestes a dizer — Oh, não. A brigona é a outra não é? Aquela que *você* está escondendo. Diga-me Dom, o que isso faz de nós? Irmãos que escondem garotas encrenqueiras de seus algozes?

Merda. Assisto Dominic crescer em sua cadeira. Acho que estou prestes a romper a boa calma do homem que é conhecido duramente por sua tranquilidade, mas que pode se transformar em seu pior pesadelo.

Assim que ele estreita os olhos sob mim, eu sei o que está por vir, e apenas espero.

— O que você tem feito com a chance que recebeu, Damien? — meu irmão nos leva para aquele lugar, com a mais perfeita falsa passividade — Foder, trabalhar e gastar dinheiro com seus luxos? É isso? Você se sente orgulhoso de sentar aí — ele eleva o queixo apontando para minha mesa robusta de presidente — E não fazer absolutamente nada pelos outros, além do que seja bom para si mesmo?

Oh maldição. Você nunca vence uma guerra com Dominic, sempre foi assim. O cara consegue te quebrar só com esse maldito olhar de desgosto.

Respiro pesadamente, deixando o ar sair com força.

— Ok. Eu não vou entrar nessa, Dom. Se você quer que eu me sinta culpado por aproveitar a vida, você está perdendo seu tempo. Eu trabalho duro aqui.

Desvio meus olhos para a vista lá fora, evitando encará-lo para não fraquejar. Se pretendo me manter firme neste jogo, tenho que levar o cara exatamente onde eu preciso.

Limpo a garganta, despretensiosamente, e cavo meu caminho.

— Então, sobre esta prostituta...

— Jasmine. Este é o nome dela. Pare de falar como se ela fosse um pedaço de lixo — o cara me interrompe, seus olhos cinzentos lançam uma advertência clara — Eu não vou dizer isso novamente.

Engulo em seco. Apanhar do irmão mais velho não é exatamente meu ideal de dia feliz.

— Ok. Sobre *Jasmine* — enfatizo o nome — Eu acho que até posso manter ela por um tempo... mas... tudo tem um preço.

Dominic me olha com aquela expressão desconfiada de '*Não. Você não vai fazer isso*'.

Sim, irmão. Eu preciso.

— Volte a trabalhar aqui, assuma a diretoria de obras e esta menina terá o melhor tempo que ela sequer sonhou, em minha casa. A prost... *Jasmine* — me corrijo a tempo — Será tratada como uma rainha.

— Você não está usando isso, Damien. Sério? — o cara se retrai com descontentamento em cada linha de seu rosto.

Dou de ombros. Esta é a minha única oportunidade.

— É pegar ou largar Dom — então eu me inclino e fico de frente para ele, deixando a armadilha cair por terra e indo pela honestidade — Eu realmente estou cansado aqui, irmão, Chris também. Nós precisamos de você — apelo.

Vejo o vacilo em seus olhos. Se Dominic tem algo grande em si, é a porra do coração. Sempre foi assim.

Segundos de silêncio nos unem. Do meu lado, o desejo de que ele aceite, porque, porra, nós realmente precisamos dele aqui. De seu lado, a necessidade de ajudar uma garota, e seu próprio irmão.

Secretamente, eu sei que acabei de vencer esta batalha.

— Nos meus termos, Damien. Se eu tiver que voltar aqui, será nos meus termos — ele finalmente declara — Haverá um setor de obras de baixo-custo. Quero decidir

sobre projetos limpos. E não me jogue a merda de beijar a bunda destes estúpidos com grana. Eu não vou frequentar jantares, festas e porra nenhuma para puxar as bolas de algum imbecil com dinheiro.

Bem, nem tudo é como desejamos, no final das contas.

— Fechado — concordo simplesmente.

No fundo, foi até mais fácil do que eu esperava. Para trazer Dominic de volta eu estava pensando até em simular um AVC. Não pense que eu não faria.

Situações desesperadas requerem medidas extremas.

LUNA

Escuto a chave na fechadura e respiro aliviada. Dominic está de volta, finalmente. Eu sei que o homem está realmente chateado comigo, mas também sei que se existe alguém que pode nos ajudar nesta situação é ele. Jasmine pouco falou, porém sinto que por trás de toda a fachada forte, ela também está com medo. Começo a pensar que fui um pouco longe demais acertando Dirty, e ainda assim não havia outra opção. Como eu poderia impedi-lo de machucar a menina ainda mais? Com um

pedido educado? *‘Moço, faria a gentileza de parar de agredir a Jasmine?’* Nem a pau.

Fiz o que tinha que ser feito.

Assim que a porta se abre, fico ciente de que Dominic não está sozinho. Ao seu lado um sujeito castanho, com uma aparência limpa, bonito, olhos azuis vivos, a barba perfeitamente aparada contornando seu maxilar definido, como se fosse cuidadosamente podada para deixá-lo atraente. Em seu corpo um terno com bom corte, e um sapato impecavelmente ilustrado. Os dois homens são altos, magros e definidos sob suas roupas, e impressionantemente lindos. Mas com belezas extremamente opostas. Enquanto Dominic tem um ar mais natural, levemente despreocupado quanto a sua aparência, com jeans e uma camiseta básica que se agarram ao seu corpo, o outro parece um modelo de ternos caros.

Não perco a maneira afiada como os olhos do homem vagueiam pelo meu corpo e depois por Jasmine, parando nela por mais tempo.

Posso estar enganada, mas a arrogância mal escondida parece se afastar minimamente de seu rosto enquanto observa a menina, em seu lugar surge algo como um repentino interesse levemente desdenhoso.

— Luna, Jasmine — Dominic rompe o silêncio — Este é Damien, meu irmão.

Arregalo meus olhos com a informação. Nestes dias

todos na casa de Dominic eu nunca soube nada sobre sua família. Não quis fazer perguntas e invadir ainda mais sua intimidade.

Olho novamente para o tal Damien. Bonito, aliás, muito bonito, mas há poucos traços semelhantes entre eles.

Dominic captura meu olhar vindo do irmão e me devolve um estranhamente incomum, parecendo do tipo *‘está gostando do que vê?’*. Ciúmes? Não. Acho que estou enganada. Dominic não teria ciúmes de mim nem que um macaco mordesse sua bunda.

Damien me lança um aceno de cabeça, sem muita simpatia, e deixa sua atenção rondar Jasmine.

— Então essa é a encenqueira? — o homem dá um meio sorriso arrogante para a menina.

Observo a postura de Jasmine mudar completamente. A menina doce, de olhos suaves, ganha tamanho, seu rosto se fecha, ela cruza os braços na defensiva, e encara Damien com um olhar venenoso.

— E o que isto é da sua conta? — a resposta aguçada vem em seguida.

O sujeito dá um passo mais próximo de onde ela está.

— Bem, se você vai ficar na minha casa, então sim, isto me interessa — a frase vem provocativa, junto com um olhar avaliador no corpo cheio de curvas de Jasmine.

Fico olhando de um para o outro, até que o entendimento de sua frase me elucida.

— *O que?* — Jasmine e eu praticamente cantamos juntas.

Dominic enfim resolve interferir.

— Sentem-se todos — ele aponta para o sofá, inexpressivo.

Sou a primeira a obedecer. Já gastei minha cota de sua paciência. Jasmine senta ao meu lado. Damien e Dominic puxam cadeiras e param em nossa frente.

Dominic suspira.

— Jasmine, eu estive andando pelo bairro e descobri que Dirty está atrás de você. Ele não aceitou bem a *façanha* de vocês. E nós dois sabemos o que ele pretende fazer se te encontrar, não é? — o homem fala pacientemente.

Jasmine morde o lábio, e concorda com um aceno leve, olhando somente para Dominic.

— Então procurei meu irmão e pedi que ele te mantenha na casa dele por...

— Não. Desculpe-me Dominic, eu sei que está querendo ajudar, mas eu não vou — Jasmine interrompe, rejeitando a ideia e sem dar um único olhar a Damien, que a observa com exagerada atenção.

Dominic alisa a barba.

— Pelo menos por alguns dias é isso que precisa ser feito — ele volta a falar, desta vez mais firme — Em qualquer lugar neste bairro, Dirty vai te encontrar. Damien mora na parte leste da cidade, ninguém vai imaginar que você está lá.

Ela se encolhe com as palavras, mas levanta o rosto e encara Dominic corajosamente.

— Eu te agradeço muito pela preocupação, mas acho melhor eu lidar com isso sozinha, e-eu nem deveria... quero dizer, eu só vim pra cá... p-orque... — expira pesadamente — Não importa. Eu não quero ir para casa de alguém tão... esnobe — ela aponta com o queixo para Damien, mas não o olha.

— Como você sabe o que eu sou? Você nem me conhece — Damien bufá defensivamente, parecendo até ofendido — Além de que, princesa, até onde eu sei suas opções são bastante restritas: Ficar aqui para ser morta pelo seu cafetão, ou vir para o meu confortável apartamento sem custos.

Assim que ele fala *‘seu cafetão’* assisto as bochechas de Jasmine ganharem um vermelho vivo.

— Damien — Dominic repreende o irmão, que recua, perdendo o sorriso provocador.

Damien se volta para a menina.

— Ok, me desculpe, isto foi rude da minha parte —

o homem resmunga, soando honesto, no entanto.

Jasmine não lhe dá uma segunda chance.

Observo Dominic, que tem seus olhos ganhando um aspecto cansado. Sim, eu também sinto que essa situação aqui está sendo mais difícil do que parecia. Se Dominic quer que Jasmine fique com Damien, então é porque ele confia no irmão e sabe o que está fazendo. Preciso ajudar nisso, afinal, eu causei toda a bagunça.

— Jasmine, eu acho que a ideia pode ser boa — digo baixo, segurando as mãos dela.

— Lu... — a menina direciona seus olhos para mim num pedido silencioso de apoio. Ela não quer ir com Damien, simples assim.

— Se vocês nos dão licença — falo para os homens — Eu e Jasmine vamos conversar um pouco no quarto, em particular — levanto-me e trago Jasmine comigo pela mão.

Ela não questiona, no fundo está aliviada por sair desta sala. Encontro os olhos de Dominic me lançando um agradecimento discreto, antes de entrarmos no corredor.

Assim que estamos no quarto, encosto a porta e me sento na cama, ao lado dela.

— *Jas*... posso te chamar assim, não é? — pergunto com delicadeza, e recebo um sorriso confirmando — Eu gostaria de te contar algo sobre mim. Meu nome é Luna,

como você ouviu Dominic dizendo. Recentemente eu perdi minha mãe, num acidente, e agora estou fugindo do meu padrasto, que me quer morta.

A boca da menina se abre, surpresa.

— Pois é — dou de ombros — Dominic sabe disso e tem me mantido escondida aqui em sua casa — revelo sem medo — Então Jas, meu ponto é: se ele confia em Damien para cuidar de você, eu também confio. E acho que você pode fazer isso.

Ela enruga o lábio, num beicinho bonito.

— Você viu a maneira enojada como ele me olha, Lu? Ele tem um desprezo por mim. ‘*Seu cafetão*’, você ouviu aquilo? Como eu posso ir pra casa de alguém assim?

Na verdade, não foi bem desprezo que eu vi no homem. Damien aparentemente sentiu algum tipo de prazer em provocá-la, mas não desprezo, como Jasmine pensa.

— Bem, o que eu acho sinceramente Jas, é que você poderia aceitar isso, pelo menos por agora, e ver como a coisa toda vai funcionar. Talvez não seja tão mal ficar no apartamento do esnobe por alguns dias... — dou uma piscadinha fazendo graça com o que ela disse anteriormente — Além de que, esse Dirty está atrás da gente...

Vendo que ela não pretende mudar de ideia, tenho um rápido vislumbre de algo que a fará repensar, e já me sinto uma péssima pessoa em antecipação.

— Mas tudo bem, se você quiser voltar, ok... eu vou com você — aperto sua mão, ganhando seriedade. Sim, eu a estou chantageando, não gosto, porém tem de ser feito.

Jasmine suspira profundamente, ciente que estou falando sério.

— Mas se eu for com ele, como você ficará? — pergunta preocupada.

Olho para o chão, não feliz com a realização do que estou prestes contar.

— Eu não vou ficar aqui por muito tempo, Jas. Preciso resolver minha vida, vou voltar para casa — meu tom de voz baixo provavelmente demonstra que não há felicidade nisso.

Agora é ela que aperta minha mão.

— Você pode confiar em mim para o que precisar, Lu. E-u... — fita-me de frente — Ninguém nunca fez nada por mim antes. Eu jamais vou me esquecer.

Sinto a verdade e pureza em sua declaração. Jasmine, apesar da aparência de ser forte, guarda olhos tristes, parecendo fechada em sua própria concha contra o mundo.

Não me contenho e a abraço, deixando lágrimas

invadirem meus olhos. Eu nunca tive uma amiga. Minha altura acima da média, o excesso de sardas, a superproteção da minha mãe, tudo isso fez de mim um alvo fácil das meninas populares, e ninguém quer ser amiga da garota que sofre bullying.

— Eu digo o mesmo a você Jas. Somos amigas e quando tudo isso passar, nós retomaremos nossas aulas — exprimo chorosa.

Voltamos para a sala depois de uma rápida passada no banheiro, para recompor o estrago de nossas lágrimas.

Os homens nos aguardam em pé.

— E então? — Damien pergunta, parecendo ansioso.

Todos a olham.

Ela eleva o queixo, olhando diretamente para ele.

— Meu cafetão quer me matar, não é? É a morte ou ir para sua casa — por sua postura, há um claro aviso para que Damien para não brinque com ela — *Só espero que a morte não tenha sido uma escolha melhor* — o resmungo desgostoso é escutado por todos.

Dominic enrugando o lábio para o lado, evitando rir. Eu? Olho atentamente para a cena, a espera de saber qual será o próximo capítulo disso e o pobre Damien, engasga com a própria saliva de uma maneira vergonhosa.

Jasmine é uma garota inteligente, isto eu posso ver.

Damien nem sabe o que está vindo para atingi-lo. A pergunta é: como será que este arranjo vai funcionar.

— Onde estão suas coisas? — ele pergunta, novamente adotando a postura arrogante.

Ela se vira para encará-lo, numa mistura de defesa e ataque.

— Bem, não tive *exatamente* tempo de fazer as malas...

O olhar de Damien passeia maliciosamente por seu corpo.

— Se suas roupas se parecerem com isto que você está vestindo, foi uma coisa boa que você não conseguiu trazê-las, então.

Percebo a força mental de Jasmine para não devolver-lhe uma resposta daquelas. Os punhos da menina se fecham, mas ela respira fundo, sob controle.

— Eu tenho algum dinheiro aqui, deve ser suficiente para comprar novas roupas no caminho, se você puder parar em algum lugar — ela diz calmamente, ignorando o insulto.

Menina astuta, sem dúvidas.

Depois de me despedir de Jasmine com outro abraço, observo Damien e Dominic trocando um aperto, com algum tipo conversa silenciosa atravessando seus olhares. Não consigo decifrar em tudo.

Damien sai e Dominic fecha a porta atrás dele. Percebo que o homem leva algum tempo mantendo-se de costas para mim, enquanto gira a chave, até que lentamente ele começa a se virar. A maneira como seus músculos e veias se agitam joga-me a um calafrio iminente.

Seu rosto permanece absolutamente insondável, não fosse pelos olhos cinzentos escurecidos com algum tipo de fúria sob uma linha fina.

— Agora nós vamos resolver a outra parte do problema — a voz baixa é sombria, intimidante — Diga-me Luna, o que eu deveria fazer com você?

Um tipo novo de alerta pisca em meu cérebro com a fulgente certeza de que Dominic não está vindo fazer isto muito bom para mim. Começo a suar frio conforme ele vai cortando a distância entre nós. Determinação traça sua fisionomia.

Céus, em que foi que eu me meti desta vez?

Nem pensar que estarei pagando para ver o que há por trás deste seu olhar.

Covardemente, recuo um passo e quando vejo que isso não será o suficiente, alertada pelo sorriso frio cortando seus lábios, não me envergonho em tomar a única ação inteligente que me vem à mente. Viro-me e saio em disparada para o seu quarto, como se minha vida dependesse disso.

Estou prestes a fechar a porta, com o coração e pulmões caindo para fora do meu corpo, quando mãos firmes me alcançam... *oh porcaria.*

Sem que eu nem entenda como ele pôde ser tão rápido, tenho meu corpo afastado, batendo contra a parede, sob o domínio firme do homem.

— Você não vai fugir de sua punição, bebê. Não hoje — a maneira fria de suas palavras, em contraste com a selvageria em seus olhos, fazem com que, pela primeira vez, eu tenha medo do que esperar de Dominic.



Capítulo 18

DOMINIC

Seus olhos azuis profundos, em frenesi, são como um espelho d'água, assustados, temerosos, e ainda assim refletindo aquele brilho de enfrentamento, desafiando-me a deixar toda a merda acumulada vir à superfície.

Por que ela tem que me lançar a este lugar onde assisto, impotente, qualquer autocontrole se esvaír pelos vãos dos meus dedos? Por que com essa menina tudo se transformou em uma bagunça aqui dentro me corroendo com um anseio quase desesperado de querer mantê-la

numa redoma, blindada, protegida do mundo, e de mim mesmo?

— Por que Luna? — deixo a fúria sufocante levar a melhor, rasgando minha garganta.

A menina ofegante, presa contra a parede, me olha como se não soubesse o que responder.

— Você tem alguma ideia da confusão dos infernos que você se meteu? — rosno tão próximo ao rosto atento, fixo em mim, que até posso sentir o calor de sua respiração.

Um anjo. A porra de um anjo. Rebelde, irresponsável. Todos os sinais estavam bem ali, na primeira vez que eu a vi. Eu deveria ter previsto que isto viria para se chocar com tudo o que eu mantive até hoje.

— Dominic... — seu sussurro estremecido é um pedido de compreensão.

— Eu te pedi para não voltar lá, Luna, não pedi?

— Pediu... mas... — seus cílios caem, culpados.

Corto sua tentativa de me levar para seu caminho.

— E você não só voltou como fez a burrada de atacar Dirty. Você já parou para pensar no que poderia ter acontecido se ele te pegasse?

A menina tem a decência de balançar a cabeça, negando.

— Seu corpo agora estaria em pedaços espalhados

pela cidade — não suavizo, já é hora dela confrontar a realidade de suas ações impensadas. Olhado em retrospecto, Luna tem um algum saldo negativo de atitudes que colocaram sua vida em risco.

Com uma respiração mais afiada e seu peito se estufando, eu sei o momento exato que seu lado indócil ganha passagem.

— Isto seria uma coisa boa então, não é? — um sorriso irônico e sem vida repuxa o canto de seu lábio vermelho projetado.

Olhar sua boca num momento em que eu mal tenho controle sobre mim, não é uma boa ideia. Arqueio uma sobrancelha, mal acreditando em suas palavras.

— Como é?

Seus olhos desafiadores se estreitam, cobertos com algum tipo de obstinação.

— Dirty resolveria o problema de todo mundo. Vicent não precisaria mais me caçar por aí, e eu não seria mais um peso para você também.

Oh porra dos infernos! Ela realmente ainda não entendeu que este não é o momento para lançar mais de sua merda em mim.

LUNA

Eu sei que acabei de apertar o botão errado nesta conversa. O barulho de seus dentes se esmagando num aperto de morte é um sinal claro. O cinza dá lugar ao negro, e tudo que eu sinto é seu corpo me empurrando ainda mais contra a parede.

— Responda honestamente Luna, alguma vez eu te dei a impressão de que você está sendo um peso? — mágoa e consternação se fundem em uma voz baixa, fria.

Engulo em seco, tendo que fechar meus olhos brevemente para fugir da acusação em seus traços.

— Não, Dominic. Você nunca me deixou pensar isso, mas é como eu me sinto, no final — encaro-o, não deixando meu orgulho morrer em tudo — E se você quer saber, eu não me arrependo de ter feito o que fiz. Jasmine precisava de mim. Você teria agido diferente?

Vou direto ao território seguro. Dominic a teria socorrido, este é o ponto central. Consigo ver um pequeno vacilo em sua estrutura.

— Você deveria ter me chamado — a resposta rosnada alimenta a aura intimidante.

— Talvez sim — reconheço — Mas você não pode me salvar sempre... — respiro fundo, tentando criar coragem de contar que amanhã estou partindo — Eu tenho minhas próprias batalhas, Dominic, e já é hora de

começar a luta.

Seu peito se afasta algumas polegadas do meu, como se o toque queimasse.

— Do que você está falando? — a indagação desconfiada sai lentamente através seus lábios rígidos. Olhos atentos parecem avaliar cada milímetro da minha face.

Vamos, Luna. Diga a ele. Conte que amanhã você está saindo daqui.

Respiro fundo.

— Eu preciso retomar minha vida — falho na tentativa de me manter firme, sentindo um pedaço de mim se desintegrar — Você me ajudou no momento em que eu mais precisei Dominic, e nem que eu viva mil anos eu poderei te agradecer o suficiente — minha garganta se torna dolorida — Mas eu tenho que ir...

Nenhuma reação. Por segundos que parecem eternos, Dominic não exhibe absolutamente nada. Até que a compreensão se faz clara.

O homem recua um passo, separando nossos corpos completamente, deixando em seu lugar a imediata ausência do calor. Noto seus músculos se enrijecerem gradativamente e o rosto se fechar. O olhar sem brilho me persegue com descrença.

— O que exatamente você quer dizer, Luna?

Expiro, deixando o ar sair vagorosamente, e hesito...

— E-u vou embora, Dominic — murmuro.

Dizer isso me quebra em centenas de fragmentos. Por sua reação, acho que a máxima pode ser recíproca.

Num movimento atordoado de deslizar os dedos pelo cabelo, Dominic abaixa a cabeça por um instante. A reação afunda meu peito, e me vejo dando um passo a frente, desta vez sou que corto a pequena distância.

— Eu já fiquei tempo demais aqui — explico — É hora de eu voltar para minha vida.

Seu olhar me encontra por baixo dos cílios grossos, prendendo meus olhos em uma corrente invisível.

— Quando você pretende fazer isso? — mal escuto sua voz, de tão baixa.

Sinto meus lábios se partindo com a secura, e devolvo umidade a eles.

— Amanhã — sussurro, sem quebrar nossa conexão.

O sorriso frio volta a mexer seus lábios, enviando um tremor ao meu corpo.

— E você teria me contado isso quando? Ou pretendia fazer seu habitual e simplesmente fugiria?

Balanço minha cabeça em negativa a sua acusação — não tirando sua razão em tudo. Certamente, eu não posso negar que esta era uma hipótese.

— Eu já estou recuperada, graças a você, e este era o plano inicial, lembra-se? Combinamos que eu partira, tão logo ficasse bem.

O homem cruza os braços em frente ao peito, seus olhos se estreitam, não reconheço a postura, tão pouco gosto. Preciso voltar um passo, encontrando novamente a parede às minhas costas.

— Responda-me, Luna, como isto será? — o escárnio é pouco mascarado — Você acha que pode lidar sozinha com Vicent Wine? O que você acha que vai fazer? Certamente, que você tem um plano, não é?

Um tapa diretamente em meu rosto doeria menos do que ver a ira e deboche de Dominic destinados a mim, de um jeito que eu nunca pensei que ele fosse capaz de falar.

Dói.

— Eu tenho algo que vai colocá-lo na prisão — elevo o queixo, sentindo meu orgulho atingido.

Seu sorriso morre.

— Eu não vou permitir que você faça nenhuma estupidez — não há nada do homem gentil em sua determinação.

— Você não pode me impedir...

Um lampejo de desafio atravessa seu rosto de ferro fundido. Lambo os lábios nervosamente, desconhecendo a intenção por trás da nova maneira como ele me observa.

Sem pressa, Dominic volta a encostar seu corpo sutilmente no meu.

— Eu posso tentar, não posso bebê? — mel derretido desliza por seus lábios estranhamente relaxados, enquanto coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

A intensidade como me contempla afasta todo o ar a minha volta. Encontro-me desorientada sobre o que penso enxergar nele, sem saber com precisão, quando foi que a ferocidade se tornou o mais faminto desejo. Minha experiência sobre homens é praticamente nula, mas nem uma freira cega deixaria de perceber a expressa tensão sexual que invadiu o momento.

Seu polegar toca a base da minha garganta em cima da veia, ganhando ritmo conforme a escuridão gananciosa em seu olhar e envia a mensagem do que está por vir.

Assisto, imóvel, sua cabeça se aproximar da curva do meu pescoço. *Céus! O que é tudo isso se agitando aqui dentro?* Seus lábios em brasa encontram a pele, alastrando arrepios doentes pelo resto de mim.

— Dominic — sibilo, confusa.

Os lábios se movimentam, varrendo seu caminho até a base da orelha Excitante, provocativo.

Antes que qualquer outro pensamento coerente ganhe espaço, tenho minha boca sendo invadida, sem

hesitação, com o calor duro de seus lábios, a língua exigindo passagem, tomando minha ousadia, meu orgulho, minha capacidade de decidir. Meu corpo vibra como se fogos cintilantes explodissem cada pequena célula, uma a uma.

Gemo dolorosamente com a união de nosso desespero.

Com surpreendente velocidade, vou amolecendo, implorando que Dominic me leve mais e mais para aquele lugar onde só ele é suficiente para abrandar a urgência rasgando meu interior.

As mãos determinadas do homem se firmam em minha bunda, elevando meus pés do chão, me direcionando a circundar seu quadril com minhas pernas, e eu faço, porque honestamente, eu não conseguiria mais manter a firmeza delas nem que eu quisesse.

A posição me põe na linha de fogo do atrito, mais do que bem vindo, entre minha carne úmida e desesperada, e algo tão duro quanto uma barra de aço, destacando-se sobre seu jeans.

Necessitada, eu me esfrego buscando por mais e mais deste contato, até que Dominic me impede, com domínio, prendendo-me imóvel. Suas mãos cravadas em mim.

Quando ele afasta seu rosto para me encarar, confronto algo que foge de tudo o que eu já tinha visto.

Suas pupilas dilatadas e a expressão tomada por uma selvageria tão crua e primitiva que é como se não fosse mais o Dominic que eu conheço aqui comigo, em seu lugar um animal feroz, determinado a tomar tudo o que lhe pertence.

Abruptamente, tenho minhas costas descoladas da parede, e, antes que eu sequer obtenha uma nova respiração, percebo meu corpo sendo jogado contra o colchão macio.

Fico muda, salivando, enquanto assisto-o arrancar a camiseta, deixando o peito nu para ser contemplado, sem uma única grama de gordura evidente, somente músculos secos e tatuagens diversas que contornam seus braços e peitoral como uma bela obra de arte. Seus olhos nunca deixando os meus.

Tenho até medo que ele possa escutar o bumbo ritmado eclodindo meu peito.

Sem palavras, somente o rangido apertado de seu maxilar, o homem sobe na cama, lentamente, ameaçador, e monta meus quadris.

— Dominic? — a pergunta em forma de ruído oferece uma parte do meu tormento.

Sinceramente, neste momento eu não sei bem a diferença entre desejo e ira, entre certo e errado. Temo o que vejo refletido na tempestade cinza, e ainda assim, anseio por isso.

Sem quebrar a conexão de nosso olhar, e com uma respiração profunda, numa espécie de conflito interno, Dominic se inclina para mim, suas mãos deslizando por baixo da minha camiseta, suavemente reconhecendo o território.

Gemo de satisfação e necessidade, quando o toque encontra o topo dos meus seios.

— Luna, Luna — ele grunhe entre os dentes.

Arco minhas costas ao seu encontro, amando a sensação de seu contato em mim. Sem nenhum aviso, ele empurra a camiseta, até a altura do meu queixo. Observo seus olhos famintos admirando por baixo dos longos cílios.

— Tão linda — o rosnado baixo causa calafrios.

Dominic afasta o sutiã, pegando meus mamilos entre seus dedos, brincando com eles, até que... Caramba! Sua língua desliza pelos picos, tão quente, tãoooo... Deus do Céu. A sensação é tão perfeita, a pobre carne enrijece sensível, clamando que ele tome tudo. E o homem feroz abocanha com vontade.

Fecho meus olhos, me lançando ainda mais para ele, tentando sem sucesso cruzar minhas pernas e causar algum alívio para o formigamento indizivelmente doído.

A boca abandona a atenção aos seios e desce criando uma trilha quente e molhada por meu ventre indo

diretamente lá embaixo. Senhor, o que ele vai fazer?

Confusão, arrepios, dor, necessidade. Como administrar tantos sentidos quando você sequer é capaz de raciocinar?

— Você confia em mim? — o som sufocado e absolutamente sob controle quebra meus devaneios, me obrigando a abrir os olhos e encará-lo.

Seu rosto é uma máscara indecifrável, obstinada.

Se eu confio nele? Com minha própria vida, certamente.

Mas este aqui não é o Dominic que eu conheci até agora. Eu posso confiar?

Dane-se.

— Sim, Dominic — sussurro usando toda a força ainda existente.

Os jeans são retirados do meu corpo, lentamente, como uma tortura, até saírem de meus pés. Voltando a subir pelas pernas, recebo um provocar suave de suas mãos e beijos se arrastando provocativos, causando arrepios pelo caminho. Os dedos se engatam nas laterais na minha calcinha e titubeiam.

Não. Não pare agora, por favor! Peço mentalmente.

— Dominic... — imploro sufocada.

— O que você quer, bebê? — a teia de mel me enrosca.

— Eu quero que você faça isso — digo sem sentido.
Uma risada baixa vibra de seu peito.

Em instantes, a calcinha é arrancada de mim, virando um trapo em pedaços.

Oh merda, isto é tão sensual!

Prendo a respiração diante da sensação de um sopro quente diretamente na parte mais íntima e molhada de mim.

Definitivamente, isso é muito mais do que eu posso suportar. A expectativa está me empurrando para um penhasco, meu coração ganhando ritmo de morte.

Peço baixinho por seu nome, sem saber o que esperar. E sou brindada com o conhecimento, quando sua boca toca minha pele, e a língua desliza lambendo do início ao fim, antes de se concentrar num ponto específico. Desprendo-me da cama, empurrando meu corpo para mais, sem saber em que mais implica, mas ciente de que eu quero isso com fervor. A mão pesada me prende no lugar pelo quadril, e a outra vem para se juntar á língua na tortura.

Estou a um passo de cair do penhasco, incapaz de descrever tudo o que está acontecendo com meu corpo. As primeiras agulhas vêm arranhando as paredes. *Oh Céus!*

Dominic percebe, e por uma fração de segundos sinto todas as sensações se esvaindo, fugindo daquele

lugar que me dará a glória.

— Não pare! — imploro, sem pudor.

— Você vai me deixar? — a voz ganha uma intensidade sombria.

O que? Por que isso agora?

— Oh, Dominic, por favor... — oro sem forças.

— Diga Luna, você vai me deixar? — não há nenhuma emoção compadecida, somente determinação.

Lágrimas brotam, demandando por serem liberadas.

— Nãoooo — choro, sem forças.

— Não o que, bebê? — ele brinca enfiando um dedo mais profundamente, atingindo as paredes desejosas.

— Eu não vou embora — me rendo, gritando o que meu peito apertado tão desesperadamente implora.

E então eu recebo o que certamente me arremessa para um lugar muito longe, incrivelmente mortal, sem cores, sem sons, somente a perfeição.

Dominic me manteve, enquanto tudo acontecia em meu mundo paralelo, ele simplesmente me levou para aquele lugar e me deixou viver cada parte disso. Entretanto, agora, seus olhos escurecidos parecem atormentados, enquanto ele veste a camiseta.

— Nós estamos indo ao Centro Comunitário — ele avisa inexpressivo sobre uma tranquilidade

deliberadamente construída.

Estou sem forças, invadida por uma sensação de relaxamento tão profunda e intensa, que mal posso manter os olhos abertos.

— Eu acho que não vou hoje — sussurro, lambendo meus lábios secos.

Dominic para em seu caminho para a porta e me olha. Não consigo decifrar o que se passa em seu rosto.

— Você não pode ficar aqui sozinha, Luna. E eu não consegui falar com Simone para administrar tudo por lá sem mim — seu timbre, apesar de pacífico, não permite escolha.

A mensagem é clara: eu me coloquei em perigo com Dirty, e Dominic não me deixaria fora de vista nem se eu quisesse.

Dou um aceno sutil com a cabeça, avisando que entendi.

***.

Entro silenciosamente na sala, e o encontro sentado no sofá, com a cabeça baixa entre as mãos. Não tem como não me sentir culpada por trazer mais problemas a vida deste homem.

Limpo uma lágrima solitária. Nada mudou, eu ainda pretendo seguir com o plano, entretanto, a ideia de me distanciar machuca profundamente. E e-u.. eu... acho que o

amo.



Capítulo 19

LUNA

— Estou pronta — digo baixo, me aproximando do sofá.

Dominic levanta a cabeça, e me olha fixamente, seu semblante está além de cansado, parece abatido.

— Por favor, sente-se Luna, eu gostaria de falar com você, antes de irmos — seus olhos indicam o lugar, e eu faço o que ele pede.

Algo na maneira derrotada como sua expressão se desenha me mói com algum tipo de ansiedade

desconhecida. Tomo um segundo para observá-lo melhor. Suas mãos entrelaçadas, os antebraços descansados em suas coxas, o corpo inclinado para frente permite um vislumbre da rigidez de seus ombros.

— A maneira como eu agi com você foi... — ele começa baixo, encarando a mesinha de centro, de maneira distante, buscando por palavras — Eu não tinha o direito de ir tão longe.

Num primeiro momento eu não entendo, até que a ficha começa a cair.

— Você está tentando dizer que está arrependido pelo que fizemos...? — sussurro, reconhecendo minha própria apreensão.

Seu rosto se contrai.

— Eu não deveria ter jogado toda a minha merda para cima de você, daquele jeito Luna — a resposta ganha uma rouquidão insustentável — Agi como um imbecil empurrando a minha vontade.

— Você não agiu assim — sussurro.

Finalmente seus olhos acinzentados me encontram, e eu consigo ver a grande carga pesando sob ele.

— A história toda com Dirty, e depois você me dizendo que estava saindo daqui — um suspiro pesado abandona seu peito, ele balança a cabeça, desgostoso — Eu deveria ter mantido o controle.

Mordo meu lábio inferior, evitando que o tremor seja notado.

— Você considera perder seu controle como sendo uma coisa ruim, Dominic — mal contenho a mágoa começando a fazer um bom trabalho em desconstruir o encanto de alguns minutos atrás — Enquanto para mim, foi como a libertação de toda essa distância que colocou entre nós, da indiferença que você tem mantido por mim.

Assisto suas sobrancelhas se elevando, em surpresa.

— Eu nunca estive indiferente a você, Luna — seus olhos intensos me encaram límpidos — E eu não quero que você vá embora. Posso não ter expressado da maneira correta, mas a verdade é essa, eu quero que você fique aqui comigo.

Oh.

‘Eu nunca estive indiferente a você’

Por que isso soa como se meu peito fosse explodir descompassado?

E então, a realidade vem rapidamente pôr ordem na casa.

— Ficar aqui tem sido a melhor coisa que me aconteceu, em um longo tempo, Dominic — desvio meus olhos para o lado, odiando ter que reconhecer a verdade — Mas eu preciso tomar a minha vida de volta, eu devo isso a minha mãe.

Suas mãos vêm para o meu rosto, segurando com suavidade como se eu fosse uma peça frágil, e isto toca em um lugar tão profundo que perco a percepção sobre como respirar por um milésimo de tempo.

— Confie em mim e me deixe te ajudar, bebê.

Engulo a sensação de nó se formando na garganta, e deixo uma lágrima escapar.

— Você não entende, Dominic. Vicent é muito perigoso, eu não posso te envolver nisso.

— Luna, seja lá o que você tenha em mente, eu já estou envolvido, não há como voltar atrás.

Pisco algumas vezes afugentando a umidade.

— Eu preciso pensar Dominic.

Eu sei em que isso implica. Seria muito mais fácil com sua ajuda, mas hoje eu tenho o conhecimento do que meu padrasto é capaz, e eu não me perdoaria se algo acontecesse com Dominic.

— Não pense bebê, só me deixe te ajudar.

Sorrio, sem vontade, experimentando um turbilhão de emoções rasgando-me de dentro para fora.

— Posso te perguntar uma coisa? — quebro o assunto, e vou para outro que está me incomodando profundamente como uma aranha pegajosa subindo gradativamente pela minha pele.

Seu olhar vacila, analisando meu rosto, até que

consente.

— Por que você não... — limpo a garganta, vendo seus olhos se escurecerem, não de um jeito ruim, no entanto — Você sabe... — apelo por seu entendimento para não ter que dizer em voz alta, e nada — Por que você não t-ransa comigo? — minha face está em fogo vivo.

A intensidade nele faz com que minha boca fique imediatamente seca. Engasgo e me atrapalho, mas vou em frente.

— Uma vez você me disse que tem sua própria demanda, isto significa que eu nã-nã-não sou o suficiente para dar conta? Há aa-lgo de errado comigo?

Lambo meus lábios, envergonhada como nunca, não querendo parecer mais tola do que já estou.

Um som estranho escapa de sua garganta. Sua expressão é tomada por um brilho intimidante, até que um meio sorriso atravessa o canto de seus lábios, e não há nada de humor nele, é mais profundo do que isso.

— *Bebê* — o sorriso desaparece, reduzindo o ar a nossa volta — Depois de te provar, não há nada que eu queira mais do que te tornar minha — sua voz reduz uma nota, intensa, perigosa — Mas quando eu te reivindicar, eu não quero nada em nosso caminho — a ponta de seus dedos deslizam sobre meus lábios — Você vai estar certa desta decisão. E eu vou te dar exatamente o que você quer.

— Dominic — suspiro. Pequenos tremores eriçam minha pele — E-eu estou certa disso... — argumento num gaguejo, levando tudo de mim para parecer equilibrada e não me lançar implorando, seria vergonhoso demais.

Ele me fita por um tempo, parecendo querer me entender como se eu fosse um enigma. E então roucamente se pronuncia.

— Não tenha pressa, bebê. Vamos resolver uma coisa de cada vez — com um roçar leve em minha bochecha, suas mãos me deixam — Precisamos ir agora.

Bem, há esperança, no fim das contas.

DOMINIC

Se essa menina soubesse a bagunça dos infernos rasgando meu peito, não me perguntaria se há algo de errado com ela. Há algo de errado comigo, porra! Eu deveria cuidar dela, e não querer tomar aquela beleza apertada com tanta gana. A forma estúpida como eu me comportei, usando suas necessidades para obrigá-la a desistir de ir embora, está me deixando maluco. Eu nunca deveria ter feito isso. Porra, onde merda estava minha cabeça?

— Menino — uma Simone bem agasalhada chama minha atenção ao entrar no pequeno escritório, onde verifico os estoques.

— Simone — saúdo seu rosto cansado, provavelmente vindo direto de algum turno no hospital.

— Há um garoto lá fora querendo falar com você — ela avisa discretamente — Ele está esperando no beco.

Aceno que compreendi e vou para fora em direção ao corredor onde estão as latas de lixo. Parado, com capuz cobrindo a cabeça, logo registro sua tensão.

— Kidn — digo baixo.

O garoto moreno olha de um lado para o outro, como se verificando o lugar para ter certeza que de ninguém possa vê-lo.

— Eu não deveria estar aqui — percebo o receio em sua voz — Mas você tem feito muito pela minha velha, então te devo isso.

Levanto uma sobrancelha e me aproximo mais, esperando.

— Aquele cara era uma menina, e ela ferrou tudo, mano — ele diz em frenesi.

Não preciso de mais explicações para saber de quem ele está falando, opto, contudo, por deixar que ele continue.

— Eu não sei o que ela é sua Dominic, mas ela

apagou Dirty com uma pancada na cabeça, mano, e agora ele já sabe que ela é uma mulher e que você a conhece.

Forço meu maxilar, a ponto de ruptura, sentindo meu corpo vibrar violentamente com suas palavras.

— Você disse a ele, não disse? — vejo a culpa líquida em seus olhos o denunciando.

— Eu trabalho pra ele cara, você sabe o que ele faz com traidores, não sabe? — o garoto encara seus tênis — Eu te devia uma pelo que você fez pela minha mãe, e agora estou pagando, vindo até aqui te alertar.

Respiro fundo.

— Nem você, nem sua mãe, devem qualquer coisa. De qualquer forma, obrigado pelo aviso — mantenho a seriedade, evitando esganar o infeliz. Ele não tem culpa de nada, afinal.

O garoto acena, e, de cabeça baixa, começa a se afastar.

— Há sempre uma escolha, você sabe, não sabe Raphael? — falo baixo, quando ele passa por mim indo embora.

— Não pra mim, Dominic, eu sou um caso perdido.

Cerro meus punhos, mas evito dizer qualquer outra coisa. No momento certo, ele vai perceber o caminho que está seguindo. Nunca é tarde demais.

LUNA

Descascando batatas, acompanho com os olhos os movimentos de Dominic pelo lugar. Não sei se por tudo o que aconteceu hoje, ou algum problema aqui no Centro Comunitário, mas ele parece tenso, o que de longe contrasta com sua postura sempre calma. Devo estar sendo um pesadelo para ele, e tenho vontade de rir por admitir isso.

Estou apaixonada, não posso negar. Meu coração acelera feito louco quando ele me toca. Aliás, tanta coisa acontece. Fazer o que se o homem está sendo meu primeiro em tudo, beijo, orgasmo, amor... — *suspiro* — há como fugir disso?

— É melhor você limpar — uma voz simpática corta meus pensamentos.

Olho para o meu lado e... caramba, de onde saiu esta mulher?

Pisco algumas vezes, engolindo o súbito medo de que Dominic também tenha visto ela e minhas chances de um romance com o homem escorram para o buraco. A mulher é definitivamente impressionante. Olhos grandes e tão claros, como uma gata, literalmente, a pele clara, mas não branca, visivelmente suave, em contraste com os

lábios naturalmente vermelho, do tipo boca carnuda, aparentemente sem nenhuma maquiagem exceto rímel nos olhos, sexy, é isso que sua aparência te faz pensar. Mas a característica mais marcante está no tom de seus cabelos, incrivelmente loiros platinados. *Minha nossa.*

— O-o que? — resmungo ainda em estado de choque.

Ela sorri, e... porcaria, fica ainda mais bonita.

— Esta baba escorrendo de sua boca, mulher — seu bom humor me faz rir, e nem sei o porquê estou rindo.

— Desculpe? — recupero meu orgulho.

— Foi uma brincadeira, se acalme — seu sorriso não diminui — A propósito, eu sou Gabrielle — ela estende a mão.

Solto a faca, antes que a sensação de inveja me leve a cometer um crime aqui.

— Oh, eu sou Lu — respondo sem jeito, ainda não sabendo como reagir.

Seu aperto caloroso quebra minhas barreiras.

— Vou me juntar a você com estas batatas, isso é quase uma terapia — ela ri e se senta comigo.

Mordo meu lábio, e aceito.

— Eu não me lembro de ter te visto aqui antes — ela pensa um pouco, como se estivesse tentando se lembrar.

— Faz pouco tempo que eu venho — revelo baixo.

— Eu percebi a maneira como você olha para ele — seu sorrisinho cúmplice me põe vermelha — E eu também vi a maneira como ele está sempre mantendo um olho sob você — recebo uma piscadela cúmplice.

— Acho que é mais para ter certeza que não vou me meter em nenhum problema — dou de ombros, não sabendo por que resolvi falar isso.

Seu rosto me encara com interesse, como se me estudando.

— Olhe a sua volta Lu, para todas as mulheres que estão aqui hoje — ela diz ganhando seriedade.

Dou uma encarada na mulher a minha frente como se ela fosse algum tipo de maluca me pedindo isso, e diante de sua expectativa, eu faço o que ela diz e olho para as voluntárias desta noite.

Conforme vou analisando o espaço, percebo que há muitas mulheres ajudando, mais do que homens. Isto eu já tinha reparado, não é surpresa.

— Vamos por partes — ela sussurra divertida — A sua direita, próximo às pias, aquelas duas — ela manda e eu obedeço.

Duas mulheres, na casa dos trinta e poucos anos, conversam e soltam risadinhas, ambas olhando para Dominic como se ele fosse o assunto.

Mordo meu lábio, detestando esta sensação. E conforme Gabrielle vai dando a dica, eu vou vendo, quase vinte mulheres, cada uma de sua própria maneira, olhando ou tentando chamar a atenção dele, exceto por um grupo com três, realmente lindas, que estão nos observando como se soubessem o que estamos fazendo.

— Aquelas são minhas amigas, Katy, Alice e Júlia — ela joga um beijo provocativo para elas e volta a se concentrar em mim — Dominic é a sensação deste lugar, Lu. Mas, eu nunca o vi olhando para qualquer uma delas, como faz com você. E olha que venho aqui há bastante tempo. Se isto não é pegar o bilhete premiado, garota, eu nem sei o que é.

Porcaria, além de bonita ela tem que ser legal?

— E quanto a você? — pergunto com desconfiança.

Ela joga a cabeça para trás, e solta uma risada divertida.

— Não vou mentir. A primeira vez que eu o vi, meus neurônios quase derreteram — ela eleva as duas mãos em sinal de rendição — E eu nem posso ser julgada por isso, olhe só para aquele homem — um rubor bonito pega suas bochechas — No entanto, ele é muito sério, e com certeza não me daria nenhuma hora de seu dia, sabe? Então optei só por admirar de longe, mesmo — seus ombros fazem um movimento do tipo *‘fazer o que não é?’*

Não posso nem falar nada, é totalmente

compreensível.

— Eu gosto dele — resolvo me abrir — Mas eu acho que ele só me vê como uma menina, sei lá — não consigo formar uma linha de raciocínio coerente.

Gabrielle estreita os olhos, com interesse.

— Por que você acha isso? — sua pergunta é como uma profissional avaliando um caso.

Suspiro, eu preciso me abrir com uma mulher que tenha experiência, ou vou me afundar com toda esta bagunça.

Sentindo o calor dominar meu rosto, eu vou em frente.

— Ele não quer... — olho para a batata, a procura da palavra certa — Você sabe... — fito-a esperando o entendimento — Fazer... — faço um movimento com a cabeça, do tipo '*você sabe o que*'.

Gabrielle coloca a mão na boca, não sei se para não soltar um som de surpresa, ou uma risada.

— Ele não quer transar com você — ela sussurra muito baixo — Por quê?

Mordo meu lábio.

— Por que estou em alguns problemas, e acho que porque sou... — aproximo a cabeça para que ela escute meu murmuro — Virgem...

A mulher confiante se cala. Em branco, sem

palavras, apenas me olha inexpressiva.

E finalmente respira fundo.

— Garota, isso vai ser muito bom — ela afirma confiante.

— O que... o que vai ser bom? — questiono depressa.

— Fazer seu homem ficar maluco.

— Ah?

Ela sorri diabolicamente como um anjo, se isto é possível.

— Eu acho que entendi o problema aqui — delibera, pensativa, como se um plano estivesse correndo suas engrenagens — Ele é do tipo “*com regras*” — ela faz sinal de aspas com os dedos — Os melhores, definitivamente os melhores.

— O que isso quer dizer? — pergunto em confusão.

— Quer dizer que ele tem suas próprias regras com as mulheres, ele não é um destes putos comedores que a gente vê por aí — ela para e pensa — Merda, isso só deixa o cara mais quente... — seus olhos se arregalam — Oh, me desculpe Lu, mas é impossível não dizer isso — uma risadinha atrevida corta seus lábios.

— E então? — pergunto tentando assimilar sua linha de raciocínio.

— Vamos trabalhar em descobrir os limites do

homem — ela decide, como se fosse uma conhecedora da causa — E depois derrubar isso, tijolo a tijolo. O primeiro passo: me conte em que pé estamos atualmente nesta situação.

Céus, que mulher é essa? Enquanto descasco mais e mais legumes, vou contando a Gabrielle um pouco do que fizemos e como me senti. Conforme as palavras vão saindo, me sinto como um saco se esvaziando, ficando mais leve.

— E é isso... — capturo o olhar curioso de Dominic em mim — Estou apaixonada.

Gabrielle suspira.

— É, você está garota — ela olha para ele — Acho que ele também.

Conversamos mais um pouco, e a mulher até me dá seu telefone.

— Eu estou prestes a deixar a cidade por um tempo, mas antes disso, nós vamos trabalhar em sua missão, Lu.

— Luna — digo com confiança nela — Meu nome é Luna.

Gabrielle me devolve um de seus sorrisos matadores.

As três mulheres se aproximam de onde estamos.

— Luna, estas são Júlia, Alice e Katy — ela aponta para as mulheres receptivas.

— Eu espero que esta pequena armadora não esteja querendo te colocar em problemas — a menor delas — Alice - fala em simpatia.

— Armadora, eu? — Gabrielle expressa um falso ar de ofendida — Se bem me lembro, Ali, uma de minhas armações já serviu de alguma coisa, cunhada — ela bate os cílios alegremente.

A tal Alice sorri.

— Serviu sim, seu irmão ficou com ciúmes de mim, e depois disso correu por quase um mês — a menina suave exprime com humor.

Uma delas, a tal Katy, ri alto.

— Garotas, seja o que for, vocês duas precisam aprender alguma coisa sobre discrição — Katy aponta entre eu e Gabrielle — De longe a gente podia ver que vocês estão prestes a aprontar alguma — ela lança um braço por cima do ombro da platinada, orgulhosa — Essa é minha garota.

Gabrielle enrosca o braço na cintura dela.

— Estou aprendendo com a melhor, Katy — com uma piscadela ela consegue provocar alguns risinhos.

— Quem poderia dizer que por trás deste rostinho bonito há uma mente terrivelmente maligna? — Júlia provoca — Cuidado Luna. Gabi se diz discípula da Katy, e essa mulher já me colocou nas piores enrascadas.

— A última eu te ajudei a encontrar um marido, Ursinha Rosa — Katy mostra a língua divertidamente para Júlia.

Fico de boca aberta assistindo a interação entre as amigas. Definitivamente há uma energia muito boa rolando ali.

As pessoas começam a lotar o espaço, os voluntários assumem posições ou ajudando a servir ou se sentando nas mesas e trocando conversas com quem chega para se alimentar. Dominic está próximo à porta, recebendo os frequentadores. Cautelosamente, me aproximo dele para tentar descobrir a razão de seus ombros estarem tensos, mais do que quando deixamos sua casa no fim da tarde, apesar da falsa passividade em seu rosto ao conversar com quem vai entrando. Fico as suas costas, esperando uma brecha.

Noto um homem negro, alto, com camisa listrada em bege, calça social marrom, combinando com o cinto e sapatos que já viu dias melhores, e uma bíblia debaixo do braço. Ao seu lado um menino na faixa dos oito anos, aparentemente seu filho, mancando, com um grande hematoma no olho e o lábio visivelmente inchado com um ferimento. Observo a postura de Dominic mudar discretamente. Os músculos se contraem e a expressão se torna impassível.

Ele se inclina para ficar na linha dos olhos do menino.

— Caiu de novo Alan? — sua voz se torna estranhamente doce.

O garoto dá um rápido olhar preocupado, até temeroso, para seu pai. Tenho a sensação de que uma mensagem silenciosa passa entre eles, acho que Dominic também percebe. O menino responde a pergunta com um rápido *'aham'*.

Dominic apenas sorri.

— Sabe de uma coisa, Alan, hoje chegou um pacote enorme daquele doce. Eu preciso que você corra até Simone — Dominic aponta para onde Simone está — E peça a ela para não se esquecer de reservar alguns para você.

O menino sorri, timidamente, e dá outro olhar para seu pai. O homem não reage diante da expressão afiada de Dominic sobre ele. Num piscar de olhos, o garoto sai correndo para ganhar seu doce.

— Deu para ler a bíblia agora Pedro? — o tom baixo que Dominic aplica parece mortal.

O tal Pedro engasga, olhando para tudo, menos para Dominic.

— Eu espero que você realmente esteja fazendo bom uso deste livro — ameaçador, isso é o que Dominic

parece, falando tão baixinho para o homem — Porque a próxima vez que eu ver aquela criança ferida, nenhuma reza será o suficiente para o que eu tenho em mente.

O homem fecha a cara, raivoso, mas não desmente a teoria sobre ele ter feito aqueles machucados no rosto do menino.

Meu olhar cai para os punhos de Dominic cerrados.

— Você é só um sádico imbecil que se aproveita de seus filhos, e isto acaba aqui. Eu já te dei um aviso, e vou manter um olho mais atendo sob estas crianças. Reze por sua vida, se alguma coisa acontecer a eles novamente.

Pedro engole em seco, mal escondendo o medo.

Espero o pai agressor passar e toco o ombro de Dominic. Seu corpo vibra e gira, obviamente ele não tinha me notado ainda.

— Oi — digo baixo, sorrindo, tentando aliviar o clima.

— Oi bebê — ele responde amenamente, assumindo novamente o controle.

Céus, dizer que isto não me surpreende seria uma mentira épica. O homem passou de intimidante para suave, olhando aquecido diretamente em meus olhos.

É possível amar menos?

— Você está bem? — ele pergunta num tom que derrete minha mente.

Mordo o lábio e aceno que sim.

— Ora, ora, quanto tempo... — uma voz conhecida retumba nas costas de Dominic.

Porra! Eu já ouvi ela antes, e realmente, realmente, não é bom.

Lentamente, Dominic se vira, me colocando em suas costas, limitando a visão da pessoa atrás dele. Se eu achava que já tinha visto Dominic tenso, eu estava dubiamente enganada.

— Dirty — ele rosna baixo, com escárnio.



Capítulo 20

DOMINIC

— O que você quer aqui Dirty? — digo seco, encarando o homem que sustenta um sorriso de escárnio.

Ele já sabe sobre a Luna e veio atrás dela, isto é óbvio. Inferno, eu não esperava sua jogada tão cedo.

O cara deixa seus olhos vagarem pelo lugar, sustentando uma maldita expressão irônica. Mal posso acreditar que ele teve coragem de entrar aqui, com essa porra de ar intimidador sobre as pessoas, achando que é o dono do mundo.

— Vim fazer uma visita, Dominic — sua cabeça se inclina para o lado, provocativo, obviamente tentando ter uma visão melhor sob a menina às minhas costas — Fiquei um tempo longe, você sabe, preciso me manter atualizado no meu negócio.

Meus nervos vibram em punhos, esperando um único passo deste maldito para fazer sua cabeça ser esmagada contra o chão. Sinto Luna estremecer, porra, minha menina está com medo.

— Não há nada para você aqui. Vá embora — rosno baixo, enviado uma mensagem.

— Esta aí atrás, você não vai me apresentar? — ele ri debochado.

Diabos!

Dou um passo à frente, pronto para agir se este desgraçado não recuar. Eu não gostaria de começar nada aqui, em frente a todas as pessoas, num dia movimentado como hoje, mas Dirty não está preocupado com plateia.

Num olhar mais acirrado, eu sei que o puto tem uma arma embaixo de sua jaqueta. Um movimento certo e esta arma estará apontada para sua própria cabeça.

— Eu quero a minha cadela, Dominic — sua máscara de controle voa fora, revelando a verdadeira intensão por trás dos olhos vazios.

— Saia desse lugar, Dirty. Esqueça esta merda e

siga em frente — dou um último aviso.

— Esquecer o que? — ele mantém o vazio frio — Que uma de minhas mulheres, a que mais me deve, esta querendo me dar merda para comer? Ou que esta cadela atrás de você estourou a minha cabeça?

Realmente não me agrada dar início a uma luta, não hoje e não aqui, entretanto ele está me empurrando para isso.

— Jasmine não é sua. E se você se aproximar desta menina, Dirty, você estará assinando sua ruína — mantenho-me no controle, por muito pouco, embora — Eu deixei você fazer o seu jogo por tempo demais. Mantenha-se longe ou o resultado será diferente desta vez.

O desgraçado lança uma risada baixa.

— Diferente como o que? Você não vai armar para me por em cana desta vez?

— Acredite, você desejará que antes eu tivesse te mandado para a prisão.

Assisto o vacilo em seus olhos.

— Eu tenho dívidas para receber, Dominic. Ninguém se mete no meu negócio, rouba o que é meu, me atinge e sai impune. Você deveria saber e não se meter em meu caminho.

— Jasmine não é seu negócio, aliás, nenhuma delas realmente é. Estas mulheres estão se cansando de você,

Dirty. E até onde eu sei, você anda atravessando os negócios de alguns caras que não estão muito felizes com o seu retorno. Você deveria reconhecer o momento de juntar sua merda e dar o fora da cidade, sua sorte está acabando.

Eu sei que atingi o ponto central pela maneira como a carranca se torna sombria. Seu ego foi ferido.

— Uma coisa de cada vez, Dominic. Não vou a lugar nenhum, esta cidade ainda é minha. E eu e você temos nossa própria merda para trabalhar. Você já se meteu demais onde não deveria.

Já ouvi ameaças antes, muitas delas, e não estaria aqui se não soubesse como lidar com esse mundo. Mas sinto o exato momento em que Luna é afetada pelo que o desgraçado acabou de dizer. Antes que eu consiga ter um movimento mantendo-a no lugar, ela se afasta para o lado, cruzando os braços em frente ao peito e se tornando visível aos olhos do cara.

— Você é um covarde que gosta de bater em mulher. Se você não deixar a gente em paz eu vou à polícia! — escuto seu tom corajosamente amedrontado e tenho vontade de rir, se eu não quisesse estrangulá-la com minhas próprias mãos.

Por que Luna tem que ser tão teimosa, Deus? Ela nunca vai realmente fazer o que eu peço, não é?

Dirty inclina a cabeça de lado, os olhos aumentando

de tamanho, observando a menina como uma cobra analisa o pequeno ratinho que foi lançado em sua gaiola. Brincando com a comida, antes de devorá-la.

Curiosamente seus olhos se estreitam, como se o estúpido estivesse processando a imagem da menina em sua mente. De repente, assisto algo brilhar em seus olhos vazios. Algo como entendimento.

Medo do que ele pode estar tramando contra ela e fúria vem me explodindo de dentro para fora, sem pensar em mais nada, odiando o que acabei de ver em seu rosto entalhado, me coloco em frente à Luna, uma mão mantendo-a no lugar e a outra indo direto para o peito do imbecil com um empurrão.

— Dê o fora, agora! — rujo baixo, sem nada mais me segurando.

O desgraçado dá um passo atrás, eleva as duas mãos ao ar, em rendição, estampando um sorriso vivo, evidentemente ganhando nova determinação.

— Tudo bem, tudo bem. Eu estou indo agora, Dominic — seu bom humor me leva ao limite — Vim para uma visita e já estou saindo. Diga a sua amiguinha aí atrás que foi um prazer conhecê-la.

Com isto, o maldito homem se vira e vai saindo pela porta, não sem antes dar uma gargalhada baixa o suficiente para que eu escute. Diabos. O que foi isso! Por que tenho a impressão de que Dirty olhou para ela como

se a conhecesse?

Não, não pode ser o que estou pensando.

LUNA

O homem foi embora, e no próximo minuto, recebo o aviso de Dominic que estamos indo para casa.

— Vou avisar Simone, espere aqui — sua voz é insondável.

— Eu tenho que me despedir da Gabrielle — peço baixo, tentando entender o que está passando na cabeça dele.

Ele acena, confirmando. Permaneço olhando para seu rosto por mais alguns instantes, mas nem sinal do que Dominic tem em mente.

— Vá bebê — é tudo o que ele diz, suave, evitando me olhar.

Busco com os olhos e encontro Gabrielle com Katy em uma mesa conversando com outras três pessoas.

— Eu vim me despedir, já estou indo — aviso tocando o ombro dela.

A loira se levanta e me surpreende com um abraço tão apertado que poderia facilmente estalar minhas costas.

— Foi muito bom te conhecer, Luna — ela diz em meio ao meu cabelo — Por favor, me ligue amanhã para começarmos com o plano.

Solto-a e não controlo o sorriso.

— Você tem certeza? — pergunto incerta.

Ela joga os cabelos platinados para o lado.

— Absoluta. A próxima coisa que você vai perceber, é que estará se casando com o gostos... ops, com Dominic, num vestido que eu mesma quero fazer — pisca se comprometendo, com uma cumplicidade comovente.

Fico admirada com a verdade de sua intenção.

— Por que você está fazendo isso por mim? — digo embargada.

— Porque eu gostei de você, Luna. Nós seremos amigas, é isso — simples como se nada mais pudesse ser diferente.

Sem pensar, abraço-a de novo.

— Eu amei te conhecer, Gabrielle — falo emocionada.

— Gabi, me chame de Gabi — o sorriso brilhante me derrete.

Katy já está em pé. Com um beijo no rosto ela se despede como se fossemos amigas de longa data. Sim Deus, eu quero muito ser amiga delas.

DOMINIC

Olhando em volta, conferindo se Dirty realmente não está na região, coloco Luna no carro, prendendo seu cinto de segurança. Meus pensamentos estão virados num turbilhão, não consigo parar de pensar no olhar do imbecil sob ela.

Há algo martelando fortemente e não dá para ser ignorado. O maldito papel que peguei no bolso da menina, com um desenho de seu rosto e uma descrição de suas características. Poderia Dirty ter visto aquele cartaz também, e ter reconhecido a menina a partir dele?

Se Luna o conhecesse de outro lugar, certamente ela teria dito. Eles vivem em mundos completamente opostos, Luna é rica, aposto que antes de seu acidente, ela sequer sabia da existência deste bairro. E Dirty jamais frequentaria o grupo social de sua família, ou teria trabalhado para eles. O sujo não saberia o que é um emprego de verdade nem que este mordesse sua bunda.

É isso. Ele viu o cartaz e a reconheceu. Recompensa, esta era a palavra chave. Se eu estou certo, é exatamente nisso que ele está pensando.

A proteção de Luna precisa ser redobrada, mais do que nunca. Não posso mais deixá-la sozinha. Eu deveria

enviá-la para a casa de Damien também, mas porra, a ideia de ficar longe dela cai como um leite azedo.

O zumbido do meu celular arranha o painel do carro. Atendo o aparelho sem nem olhar o visor.

— Dom — uma voz familiarmente doce me pega do outro lado.

— Sophi — respondo, com um olhar no trânsito.

— Você tem algum compromisso para hoje? — percebo rapidamente aquele tom fora de lugar em sua voz.

Sophia não está bem. Hoje deve ser um daqueles dias de recaída. Porcaria. Será que este dia está sendo bom para alguém, afinal?

— Como você está? — espreito com cuidado.

Pela visão periférica, noto Luna distraidamente olhando pela janela.

Um suspiro derrotado é a resposta de Sophi.

— Eu gostaria de poder ir aí, Sophi, mas hoje eu realmente não posso.

Deixar Luna em casa, sozinha, está fora de cogitação.

— Eu entendo — seu sussurro revela o que eu já sabia.

Merda, merda. Sophia tem dias realmente ruins. A porra do que lhe aconteceu é difícil de superar, e apesar de todo o esforço visível que ela faz, tem momentos que

isto vem com força para assombrá-la.

Isto tem que acabar. É isso. Assim que eu resolver esta bagunça com Luna, vou atrás de tentar confrontar a única pessoa que realmente poderia fazer algo por ela.

— Ouça, eu tenho algo importante acontecendo no momento, mas amanhã eu te ligo — olho novamente para ter certeza que Luna não está prestando atenção — Fique bem, eu sei que você consegue — entoo baixo esta última parte.

Abro a porta do apartamento e deixo Luna entrar na frente.

— Vou tomar banho — ela diz seca, com passadas duras pela sala.

Antes que a menina possa fazer mais um de seu movimento, eu a tenho pelo pulso delicado. Sem esforço, trago-a de volta para ficar de frente comigo. Eu já a conheço bem o suficiente para saber que este silêncio não é seu habitual.

— O que está te chateando, bebê? — vou com suavidade, apesar de fazer alguma ideia do que pode ter sido.

Ela não me olha, em capricho. Arqueio a sobrancelha, esperando. A rebeldia deste meu anjo, tanto me faz querer tomar seus lábios, como curvá-la sobre meus joelhos em frustração.

Seu lábio inferior vacila, e finalmente as íris azuis se conectam comigo. Linda.

— O que você tem com a Sophia? — seu queixo se eleva, de um jeito bonito, me confrontando.

Direto ao ponto.

— Ela é uma amiga, Luna — respondo calmamente.

— Só isso? — de cenho franzido, investiga meu rosto.

— Atualmente, só isso — mentir não é uma opção.

O tremor de seu lábio aumenta, e o batimento de seu pulso acelera.

— Então vocês tinham alguma coisa... — delibera, olhos lançando pequenas faíscas — Antes de você me conhecer? — os braços se cruzam, e o tom vira uma doce armadilha.

Respiro fundo.

E não contenho a necessidade formigando a ponta dos meus dedos, então toco seu rosto, arrumando o cabelo de fogo caído em sua face.

— Não, Luna. Até alguns dias atrás eu ainda estava saindo com ela como um amigo do modo não tradicional — apesar de saber que estou atijando o gênio ruim, mantenho-me sério para que ela não fantasie coisas erradas em sua cabecinha.

— E isto significa...?

Prendo seus olhos nos meus, desejando que veja a verdade do que estou dizendo.

— Significa que nós fodíamos de vez em quando, mas, hoje não mais — replico honesto.

— Então depois que eu vim morar aqui, vocês...?

— Uma vez. Antes de nós nos beijarmos, Luna.

Quero acabar logo com este assunto a tempo de parar este trem vindo direto para me atingir.

A menina fecha os olhos se demorando em abrir. O ar sai dilatando suas pequenas narinas. Pronto, se eu tinha alguma dúvida que ela estava prestes a estourar, não tenho mais.

— Pelo que eu entendi, ela queria ver o '*amigo não tradicional*' hoje de novo, então acho que isso não acabou para ela, acabou *Dom*?

Ciúmes é fácil de reconhecer no vermelho de suas bochechas.

Bufo.

Este dia definitivamente está sendo uma merda.

— Por favor, não ande por este caminho, bebê — mantenho-me paciente — Você está com ciúmes, eu entendo, mas não jogue isso contra mim. Sophia não é só uma amiga para cama, ela é uma amiga de verdade, ela tem seus próprios problemas e eu me preocupo com ela. Isso é tudo o que é.

Os olhos azuis se estreitam, desafiando-me.

— Você tem razão. E, quer saber, quem sou eu para cobrar qualquer coisa, não é? — dá de ombros teimosamente — Mantenha sua *'amizade'* ou seja lá como você chama isso, e não se preocupe comigo... *Dom* — cospe o apelido irritadiça, pela segunda vez — É bom saber que pelo menos *ela* dá conta de sua demanda, que você é capaz de ir até o fim, de verdade, com alguém.

Não. Essa menina não está indo por aí.

— Que porra isso significa? — rosno baixo, deixando que o bom senso leve a pior.

Luna tem o trabalho de sustentar seu ar de enfrentamento.

— Significa que pelo menos alguém está sabendo como é transar com você *Dom*.

— Luna... — aviso baixo.

Sua postura me instiga a fazê-la pagar pelo atrevimento, e ainda assim, opto por quebrar esta maldita nuvem negra se estendendo sobre nós.

Sem aviso prévio, eu me dou ao direito de tomar sua boca pra mim. Lambo seus lábios, provocando sua resistência, prendo-os entre meus dentes, punindo com a quantidade certa de pressão. E enfio minha língua em sua boca, encontrando a barreira de dentes cerrados em meu caminho. Tenho vontade de rir de satisfação com sua

teimosia bonita. *Luna, Luna, você ainda vai me pôr maluco.*

— Não me tente bebê — rosno maciamente.

Um gemidinho desejoso rasga seu peito, aproveito o momento para entrar e me deleitar com seu sabor insurgente. Beijo-a com posse, encontrando e explorando cada pedacinho dela. Seu corpo se cola ao meu sem que eu tenha que exigí-la. Suas pequenas mãos se enroscam na minha nuca, puxando meu cabelo com ousadia.

Meu membro duro chora para que seu sofrimento acabe. Eu odeio me segurar, mas não tenho o direito de ir tão longe enquanto esta bagunça toda não esteja resolvida. Eu quero que a menina se renda a mim sem nada mais pairando sobre nós.

Afasto-me do beijo e encaro seu rosto nublado.

— A próxima vez que você me chamar de *Dom* nesse tom de deboche, bebê, eu não vou pensar duas vezes em deixar minha marca em sua bunda rebelde — guardo o sorriso para mim — Agora vá tomar seu banho.

Se a fagulha de seus olhos pudesse me ferir, eu certamente estaria jogado em minha própria poça de sangue agora.

**

Aproveito o momento sozinho para checar uma situação. Puxo meu celular e disco para o número de meu

irmão. Leva uma eternidade até que o telefone seja atendido.

— O que é agora, Dom? — Damien resmunga do outro lado.

— Como ela está?— vou direto ao assunto.

Escuto o bufo desgostoso do cara.

— Você deveria ter me falado que a garota tem um mau gênio.

— Se eu tivesse falado, você a levaria? — debocho, não escondendo a diversão.

O silêncio do outro lado me surpreende. Eu esperava uma resposta rápida.

— Talvez sim... — seu tom diminui uma nota — Tudo para trazer você de volta à construtora — percebo que esta última parte veio mais como um emendo tardio para corrigir rapidamente o que ele acha que eu não percebi.

Que porra é essa?

— O que há de errado? — pergunto sem rodeios.

— Não há nada de errado, cara.

Tarde demais irmão. Tenho a impressão de que o ‘mau gênio’ de Jasmine não seja uma coisa ruim em tudo.

— Ótimo. Liguei mesmo para te dizer que amanhã eu vou tirá-la daí. Arranjei outro lugar para Jasmine ficar — minto, tentado a torturar meu irmão, se o que eu estou

pensando agora fizer algum sentido.

— Não — ele diz rápido, e então escuto a respiração curta — Quero dizer, pode deixar essa megera mal criada aqui, irmão. Ela está mais segura nesse prédio do que o presidente da república.

Sua reação confirma minhas suspeitas.

— Não se atreva a mexer com ela Damien. Guarde seu pau para seus lances ocasionais e deixe Jasmine em paz — aviso frio.

A última coisa que eu quero agora é este imbecil ferrando com tudo. Além de que Luna me mataria se a menina se ferisse.

— Inferno, Dom. Você acha mesmo que eu me envolveria com uma puta? — a indignação não faz muito por ele nesse momento.

— Você já está avisado — mantenho-me duro.

— Recado recebido — o som desgostoso não me convence — Agora, eu ia mesmo te ligar. Marquei uma reunião com o Chris para amanhã às duas no escritório para falarmos de seu retorno. Não se atrase.

— Você é um filho da puta — devolvo.

— Eu também te amo, irmão, até lá.

LUNA

Nem sei o que pensar. Eu sabia que Sophia, a perfeita, não era apenas amiga. Mas ter a confirmação dói pra cacete. Arg! Eu queria estrangular Dominic. Ao invés disso, cedi e deixei aquele beijo me convencer de que, no fundo, ele se importa comigo. Eu acredito quando ele diz que não saiu mais com ela, porém só o pensamento dos dois juntos já me faz uma maluca irracional.

Ainda de tolha no corpo, diante do armário de roupas, penso no que Gabrielle me disse sobre deixar Dominic louco. Ele pode ter saído com *Sophi* no passado, mas sou eu que estou aqui em sua casa agora, e por que não aproveitar isso? Escolho vestir somente sua camiseta, novamente, e nada mais. Seco malmente meu cabelo, os penteio para trás, e me divirto andando de um lado para o outro pela casa, bem a sua vista, assistindo suas respirações curtas e sentindo o calor de seus olhos em mim, até que ele entra no banheiro.

Sento-me no sofá, orgulhosa de mim mesma, e espero.

Depois do banho, Dominic me faz ter uma dose do meu próprio veneno. Agora estou vendo-o preparar uma salada, vestindo apenas calças de moletom caídas na linha de seu quadril, sem camisa e de pés no chão.

Dominic é lindo desmedidamente. Não é a toa que todas aquelas mulheres lutam por sua atenção... e acho que

ele nem se dá conta disso.

Reviro-me no lugar, apertando minhas pernas juntas.

— O que foi bebê? — sua pergunta inocente só enganaria a um tolo cego.

— Nada não — levanto-me do sofá e ando até ele.

Pulo em uma banquetta na sua linha de visão do balcão da cozinha e sento-me de pernas discretamente abertas, sem nada por baixo. Céus, eu mal acredito que estou agindo assim, e é tão excitantemente bom. Estou aquecida em todas as partes percebendo o volume de sua calça dobrar de tamanho.

Ele larga a faca sobre a bancada e me olha de frente, pupilas expandidas, lábios presos numa linha fina.

— Vai chegar um dia, Luna, que você vai me pagar por cada minuto desta provocação — seu tom sufocado permeia como uma pluma por minha pele.

— Uma ameaça? — lambo meus lábios, sentindo a umidade se espalhar entre mim e a banquetta.

Dominic se aproxima, encobrimo meu espaço, se inclinando para frente e deixando uma mão descansar na banquetta entre minhas pernas abertas, a dois centímetros de tocar minha parte mais íntima.

— Uma promessa.

Um dedo suave desliza pela abertura de cima a baixo, fazendo-me fechar os olhos e estremecer.

— Definitivamente uma promessa, bebê.



Capítulo 21

LUNA

Dormir abraçado a Dominic tem se tornado minha coisa favorita no mundo, e poderia ser diferente? Ele faz com que eu me sinta real, é como se finalmente eu tivesse encontrado o meu encaixe no mundo e esta sensação me leva para pensamentos sobre a minha mãe.

Desde que meu pai faleceu, assisti minha mãe se tornar uma mulher sem direção. Sua vivacidade simplesmente desapareceu e ela passou a se anular cada vez mais, perdendo gradativamente o brilho que um dia

foi sua maior característica. Vicent provavelmente tenha enxergado isso, e de alguma forma aproveitou da instabilidade para terminar de transformá-la na sombra da mulher que ela já foi um dia.

Eu era nova demais, desligada demais, introspectiva demais, para me dar conta disso. Se eu tivesse saído da posição de espectadora, enquanto assistia seu casamento a arruinar, e oferecido a ela meu amor fazendo-a ver que eu estaria lá por ela, talvez as coisas teriam sido diferentes. Eu fui displicente, acatei sua obsessão por me proteger de tudo e de todos como um tipo de carinho excessivo, quando na verdade poderia facilmente ser encarado com um pedido de ajuda para seu próprio sofrimento.

— Bom dia, bebê — Dominic entra na cozinha, sem camisa, com o peito úmido de suor e cabelos levemente bagunçados.

Bebê... se ele soubesse o que isso faz comigo.

— Bom dia, Dom... — ele me olha de lado, aguçado — Minic — acrescento rapidamente — Você saiu cedo da cama — digo me deleitando com uma xícara de café bem forte.

Dominic serve-se de uma xícara também.

— Eu subi à academia do prédio para me exercitar — o homem diz casualmente, como se não fosse nada demais.

Caramba, eu sabia que um corpo como o dele não seria somente fruto de boa genética. Seu abdômen é preenchido com gominhos, como canaletas para as gotículas da transpiração. As tatuagens trazem um aspecto hostil ao seu visual, como se cada uma delas tivesse uma história para contar.

Senhor, isso é como Gabrielle disse: um bilhete premiado.

Ultimamente, tudo o que eu não fazia ideia que poderia algum dia sentir está vindo à tona por este homem. Sensações desconhecidas agora deslancham em alta potência, como se meus hormônios, antes adormecidos, estivessem em seu modo mais explosivo. Vai ver é isso, meu corpo se tornou mais sexual convivendo com Dominic.

— Continue me olhando desta maneira, Luna, e certamente nos teremos um problema aqui — o bom humor não faz muito para diminuir a densidade pairando entre nós.

Lambo meus lábios deliberadamente, em provocação.

Olhos acinzentados escurecem e uma respiração curta denuncia seu estado tão semelhante ao meu. Engulo a saliva, na tentativa de umedecer a garganta.

— Olhando como? — pisco sob meus cílios — Como se quisesse lambar seu peito? — manejo no meu

melhor modo inocente.

Dominic se torna ainda melhor quando está por um fio de controle, como agora, e eu não desisti de tentar romper suas barreiras.

Assim como ontem à noite, sento-me diante dele, desta vez em cima do balcão. Encarando seus olhos sombrios, lentamente vou abrindo minhas pernas, nada exagerado, mas o suficiente para que ele tenha um vislumbre na nudez abaixo da camiseta.

Seu olhar desce vagaroso por meu corpo, como num check-up.

Conforme os segundos vão passando, vou me tornando mais ciente da minha necessidade. O ar se torna mais intragável e o calor ganha novos espaços. Estou derretendo. Sinto como se pequenas agulhas estivessem espetando meus lugares mais indiscretos.

— Luna — sua voz é um sussurro forte, compenetrado, irritado e afetado, tudo ao mesmo tempo.

— Dominic — ofego, não tirando nunca meus olhos dos seus.

— Você não faz ideia de como me deixa, menina — o tom ganha uma energia mais forte.

Vibro intimamente.

— Venha sentir o que você também faz comigo, Dominic — sussurro determinada.

Lambo meus lábios secos, desta vez não de propósito, e ofego mais forte com uma respiração barulhenta que leva meus seios para cima e lentamente para baixo.

Dor e desejo arranham sua máscara. Eu enxergo a luta nele.

Sim, Dominic é como Gabrielle disse, e, sim, a ideia me deixa com mais vontade de tê-lo inteiramente pra mim, só pra mim, sem ‘amigas coloridas’ no caminho.

— Eu quero te preservar, Luna. Quero mesmo — o músculo de sua mandíbula cerrada salta em um ritmo nervoso — Eu não gostaria de tomar uma coisa que você vá se arrepender depois — seu timbre ressoa sufocado — Mas você tem tornado isso cada dia mais difícil, bebê.

Céus, seu estado não é melhor do que o meu.

Contra sua vontade, Dominic dá um passo à frente.

— Não há como me arrepender de algo que eu desejo tanto, Dominic. Por favor, não lute contra isso — peço honesta, embargada.

Outro passo.

Meu coração martela mais alto, em expectativa.

Venha, Dominic venha para mim, penso em gritos na minha mente.

— Eu te quero tanto — resmungo num apelo fraco, quase inaudível.

Outro passo.

Céus! Fecho os olhos por um segundo, em comemoração. Nossos olhos se conectam como se as almas estivessem prestes a se fundir.

— Venha tomar o que é seu, Dominic — dou o golpe de misericórdia.

Com uma seriedade quase mortal delineando seus traços, observo o movimento de seu pomo de adão subir e descer, engolindo a saliva. Suas mãos são a primeira parte a me tocar. Uma delas toca a lateral da minha perna, a outra vai para minha nuca, agarrando meu cabelo num movimento firme.

— Bebê, você é uma tentação — é uma frase honesta, mas que não soa como algo bom na visão dele.

Com um movimento determinado, Dominic inclina meu rosto para cima, dando-lhe livre acesso.

Sua boca quente com sabor de café e menta vem para me tirar da atmosfera, com golpes nada suaves, o beijo é necessitado, faminto, explorador, despertando o que restava dos meus sentidos.

A mão abandona o meu cabelo, sem que nossas bocas se afastem. E então sinto minha camiseta sendo deslizada para cima, com uma lentidão tortuosa. Estou tão ligada que o contato do tecido contra minha pele é recebido como uma carícia, arrepiando minha barriga,

seios, provocando meus mamilos e tornando-os mais sensíveis.

Quando sua boca me deixa – tempo o suficiente para a camiseta passar por minha cabeça –, aproveito para puxar uma respiração mais profunda.

Gemo sem palavras.

Dominic me dá um olhar severo como uma espécie de último aviso. Ignorando, toco seu peito, caloroso, úmido e firme.

— Seus seios são a perfeição bebê — tudo o que percebo no som abafado de sua voz é a necessidade crua.

Sua boca volta a me tocar, desta vez deslizando para a base do meu pescoço, de vagar, explorando a pele. Arqueio meu peito para frente e deixo a cabeça pender para trás.

Dominic desce os lábios quentes por meu colo, cheirando, beijando e lambendo-me como se nada fosse o suficiente.

— Isso é tão bom... — choro baixinho.

Quando meus mamilos ficam na linha de fogo dele, sinto como se sua boca nesse pedaço de minha carne pudesse me levar para aquele ponto de êxtase.

Fragmentos de uma energia indescritível já se elevam fazendo caminho à superfície. Dominic toma cada seio com devoção, lambendo os mamilos, prendendo

suavemente entre os dentes, sugando com ambição. Os fragmentos vão ganhando mais e mais seu caminho, rapidamente.

Com as mãos nas minhas coxas nuas, o homem abre minhas pernas ao limite, espalhando uma para cada lado, posicionando seu corpo entre elas. Seus lábios vão deslizando pela minha barriga, fazendo-me ceder o corpo para trás, como uma afirmação de que eu quero que ele me tome como sua. Quando minhas costas finalmente tocam a superfície gelada de mármore, sua boca encontra minha abertura. Calor e frio se fundem.

— Deus... — choro suave, empurrando mais o quadril para o contato.

A língua áspera, suavemente desliza pela abertura, de baixo para cima, lenta e provocativamente.

— Fodidamente doce — ele grunhe.

Recebo chicoteadas que refletem nos meus dedos dos pés. Eu me sinto em carne viva. Os fragmentos começam a emergir um a um. Aperto meus dedos nas extremidades frias da bancada e arqueio as costas.

— Dominic... — o ar me falta.

Com facilidade, seu dedo desliza para dentro, explorando minha sensibilidade. Sou envolvida em uma nuvem abrasadora.

Meus gemidos e os sons acontecendo se misturam

em ecos pela pequena cozinha.

— Tão bom, tão bom — murmuro incoerente.

E então, no minuto seguinte, uma nova perspectiva me toma.

Sinto algo me tocando.

Muito mais quente do que seus dedos, muito mais macio do que sua língua. Levanto a cabeça somente para confirmar o que é. Abro os olhos e encontro a tempestade cinza cravada em mim, como se me desafiando a desistir. Desço o olhar por seu peito movimentando intensamente em respirações ofegantes, tão mal quanto eu, absolutamente lindo, e ainda mais úmido, até que meus olhos caem para... caramba!

Isto é enorme!

Lambo os lábios novamente.

— É grande — sussurro, espantada.

Com os olhos em mim, Dominic deixa sua potência cair no alto do meu ventre, descansando em meu estômago, exibindo-o para que eu tome ciência. E lentamente vai deslizando para baixo, usando-o para acariciar minha carne. O atrito contra meu nervo sensível eleva tudo a uma nova dimensão.

Sinto, em transe, seu membro brincar com a minha entrada, rondando, deixando o cume vermelho grosso e cheio de veias deslizar um pouquinho para dentro, abrindo

espaço somente o suficiente para que eu deseje muito mais disso. Seu polegar volta a acompanhar a tortura friccionando contra meu ponto mais sensível.

É demais.

Eu não posso suportar.

A paixão inegável de seus olhos nos meus, seu dedo arrastando-me para aquele lugar, numa fricção perfeita no ponto mais sensível, o topo grosso e febril brincando superficialmente num entra e sai vagaroso. Tudo isso é demais para mim e eu simplesmente explodo.

Tão forte como nunca. Parece não ter fim. Cerro os olhos bem apertados, absorvendo toda a glória.

— Dominic — choro em êxtase — E-u te amo! — grito baixo com a coluna em um arco.

Dominic arranca seu membro da minha entrada. Escuto o barulho de um vai e vem rápido e em segundos, tenho minha barriga recebendo seu líquido muito, muito quente.

Abro os olhos e vejo seu rosto severamente fixado em mim, com emoções que mal posso descrever, enquanto tremores movimentam as veias de seus braços.

Sem pensar em nada que eu deseje mais no momento, levanto meu tronco, me sentando novamente, e o abraço, colando meus seios contra seu peito suado, seu sêmen entre nós, aderindo aos nossos corpos.

— Eu te amo — repito, sem medo.

Dominic descansa a cabeça na curva do meu pescoço, respirando pesado.

— Você é minha, bebê — é tudo o que ele diz, e me vale como o que eu precisava ouvir.

Nua, em seu colo, com os braços enlaçados em seus ombros, as pernas envolvendo seus quadris, Dominic me leva para o chuveiro.

DOMINIC

Porra, esta foi sem dúvida a maldita melhor experiência que eu já tive. Minha menina é receptiva, apertada, gostosa, e se entrega sem restrições. Maldição, bastava um movimento e eu rasgaria sua fina membrana. Ter a cabeça do meu membro rondando ali foi a merda mais fodida que já fiz.

Banho seu corpo como se um diamante raro estivesse em minhas mãos. Luna não é tímida quanto a seu corpo, ela gosta de ser tocada. Minhas mãos deslizam por cada pequeno pedaço de sua pele, ensaboando, massageando. Eu estou no céu. Ela é meu próprio pedaço do paraíso, e eu nem sei o que eu fiz para merecer isso.

Assim que seu corpo está totalmente limpo – e duro

novamente, como uma maldita barra de aço — a pequena tentação volta a me olhar daquele jeito, como se nada fosse o suficiente.

— Quando você me olha assim, eu tenho vontade de fazer coisas indizíveis com você, bebê — revelo com um mascarado humor, buscando novamente o controle de minhas emoções.

Ela morde o lábio inferior, hesitante, porém olhos perversamente determinados.

— Dominic... E-u queria tanto provar — olha faminta para onde minha mão cheia de espuma desliza por meu membro, lavando-o.

Maldição.

O que era para ser uma higienização me faz querer transformar em uma dura masturbação.

— Eu tenho limites, Luna, e você está detonando todos eles — aviso, mal escutando meu próprio som abafado.

— Me ensine como fazer... — pede baixo, com um rubor tão bonito que desperta toda a necessidade em mim.

Inferno! Não acredito no que acho que essa menina está querendo fazer.

— Ensinar a fazer o que, bebê? — sufoco a respiração.

Com aquele jeito de deslizar a língua em seus lábios

grossos, ela praticamente se revela.

— Eu quero te tocar... com minha boca — o sussurro corajoso me faz travar.

Porra dos infernos! Eu estou recebendo alguma dádiva aqui, ou uma punição?

Largo meu membro e esfrego meu rosto com as duas mãos.

— Menina, você quer me matar... — rosno. Então abro os olhos e... mal acredito na cena.

Luna, de joelhos, seus seios num movimento de sobe e desce com uma respiração ansiosa, os olhos azuis dilatados, me olhando em expectativa.

— Me mostre como fazer isto, Dominic — solicita tão determinada, que é como se ela estivesse me pedindo para ensiná-la a dirigir.

Respiro fundo.

Caralho!

— Luna, Luna — resmungo baixo, nublado pelo maldito tesão, meu membro em seu modo mais potente.

A mão delicada o toca, numa carícia inocente, deixando a água do chuveiro enxaguar a espuma, explorando e descobrindo-o. Ele chora agradecido.

Com um dedo suave, ela roça a cabeça, espalhando minha lubrificação.

— Coloque sua língua e o sinta, bebê — digo firme,

embargado.

Ela sorri de lado, satisfeita.

Maldição. Quando eu penso que a pequena é só uma menina inocente que nem se dá conta de sua sensualidade, ela faz isto, de se mostrar triunfante com o êxito de sua provocação. Maldito anjo.

A língua quente faz o que digo e vai deslizando pela cabeça. Apoio minhas mãos firmemente contra as paredes azulejadas. Eu poderia gozar só com esse toque, se eu não me controlar.

Passo a passo, a pequena vai criando mais e mais determinação, a timidez vai se esvaindo, e, em seu lugar uma mulher gulosa, faminta, se apropria do que tenho como se este fosse o seu melhor sabor de sorvete.

— Luna, eu preciso que você pare agora bebê — rosno por um fio.

A menina não faz o que peço. Se fizesse, ela não seria Luna, seria?

Arqueio para frente e a levanto pelos ombros a tempo de tomar sua boca na minha, enquanto gozo desenfreado deixando meu membro despejar tudo entre nós.

Maldição. Isso foi perfeito.

LUNA

De alma lavada, é como me sinto. Satisfeita por darmos mais um passo na construção disso. Orgulhosa por ter oferecido a Dominic um pouco de tudo o que ele tem me dado por alguns dias.

Estou vestida, penteando meus cabelos enquanto Dominic está na sala fazendo algumas ligações. Ele não foi trabalhar, mas está falando com alguém sobre uma obra.

Depois de algum tempo, ele retorna ao quarto.

— Oi — o homem diz tranquilo, lindamente vestido com jeans e uma camiseta preta sem estampa, não muito justa ao peito, mas que permite reconhecer seus contornos.

— Oi você — devolvo sorrindo como uma tola.

Dominic se senta na borda da cama.

— Eu preciso ir ao mercado, Luna. Estamos sem comida em casa — seu tom casual preenche meu coração com uma nova perspectiva — E gostaria que você viesse comigo.

Olho para seu rosto a procura de mais. Ele sabe que não posso ficar me expondo, não até o momento certo. Mas, seguramente, ele sabe o que está fazendo.

— Tudo bem, vou colocar a jaqueta com capuz —

assinto, concordando.

Andamos pelos corredores do supermercado praticamente vazio. Dominic deve ter escolhido este lugar por isso, pois passamos por outros três e ele não parou. O bairro também é outro.

A compra é feita tranquilamente. Não quero pensar muito sobre isso, mas o fato de estarmos fazendo compras juntos, faz com que pareçamos um casal habitual se abastecendo. A ideia é perturbadoramente perfeita.

Assim que paramos no caixa, fico atrás do carrinho, enquanto ele vai colocando os produtos na esteira. Ociosa, deixo meu olhar cair para as prateleiras que cercam o caixa, cheias livros, histórias em quadrinhos, jogos de raciocínio, e revistas... e uma delas, especificamente, chama minha atenção como um farol vermelho.

Não pode ser.

Com as mãos trêmulas, pego-a entre os dedos.

Não. Isso não é real.

A grande foto de capa estampa a socialite Delphine Palermo, em um vestido longo de cor vermelho sangue, cabelos loiros impecavelmente trabalhados ao entorno de seu rosto, com as mãos nos ombros de um homem mediano, elegante, com um bom terno, os dedos do homem

descansam indiscretamente no quadril da mulher, e eles sorriem um para o outro, intimamente, olhos nos olhos com cumplicidade. Um casal normal, se não fossem Del, a melhor amiga de minha mãe e Vicent. Juntos. Inegavelmente juntos.

Covardes!

Sufoco, subitamente sendo invadida por um sentimento tão feio que eu sequer sabia que existia.

Tenho vontade de gritar, de rasgar a folha, de moer a revista e chutar tudo a minha volta. Malditos! Eles estão juntos! Enganaram a minha mãe o tempo todo?

Tremendo como uma doente, aperto a revista entre os dedos e leio mais atentamente a manchete: *‘A socialite Delphine Palermo prestigia a festa que coroa o político Vicent Wine como candidato ao senado por seu partido’*.

Nas linhas menores, abaixo da manchete: *‘A nomeação oficial ocorrerá no próximo dia vinte e dois, às dezenove horas, no salão principal do Hotel Videlton’*.

Hoje.

Respiro fundo algumas vezes, e deixo a revista em seu lugar.

Isso não vai acontecer Vicent.



Capítulo 22

DOMINIC

Observo seu rosto delicado contorcido observando a janela, absorvido em pensamentos desde que saímos do supermercado. Algo na maneira como suas mãos se apertam em punhos me bate como uma merda de aviso. Que porra a deixou assim?

— Você está bem? — sondo calmo.

Ela se ajeita no banco virando seu rosto para mim e então eu vejo o fogo em seus olhos, que não estava ali antes, e não no bom sentindo.

Um sorriso treinando descansa em seus lábios.

— Estou sim — seu tom é algo como uma forçada despreocupação.

Dou um aceno de cabeça e volto a encarar o trânsito. Não. Ela não está sendo sincera. Começo a refazer mentalmente os acontecimentos desde esta manhã. Ela parecia bem com tudo que fizemos, no entanto.

Enquanto fazíamos compras, ela também parecia bem, mas então algo mudou.

Forço meus dedos no volante. Porra! Por que ela não fala comigo?

Instintivamente, deixo minha mão cair sobre a sua e aperto suavemente seus dedos gelados. *Eu estou aqui Luna, eu sempre estarei.*

— Você está tremendo — observo baixo, controlando a súbita ansiedade.

Ela encara nossas mãos unidas.

— Devo estar com frio — o sussurro distante não me agrada.

— Fale comigo, bebê — peço.

Uma respiração lenta deixa seu corpo.

— Não há o que dizer Dominic — inexpressiva e distante. Nada bom.

Sua pequena mão abandona a minha.

Há algo errado, definitivamente.

LUNA

Sinto os olhares de Dominic em mim. Eu gostaria de dizer que está tudo bem, mas neste momento estou perdida em meio a toda a raiva pelo que aqueles dois fizeram a minha mãe. Agora isto faz todo o sentido pra mim, claro como o céu em dia de verão.

Foi Del que apresentou Vicent a minha mãe. Eu me lembro da insistência, de como ela repetia que minha mãe precisava ter alguém novamente, e que o político seria o homem ideal. Tudo fazia parte de um plano?

Eu preciso pensar com clareza, mas não dá mais para esperar. De algum jeito, eu tenho que entrar na minha casa, pegar a câmera e desmascarar Vicent em frente a todos. Esta noite será sua nomeação oficial a candidato ao senado. Foi o que ele sempre quis. Ainda não sei como, mas eu vou acabar com sua festa. Enquanto eu não fizer isto, esta angustia não vai abandonar meu peito.

Estou tão concentrada nessa situação que nem reparei em que momento eu voltei para o apartamento.

— Venha aqui, bebê — Dominic toma minha mão e me leva para o sofá.

Surpreendendo, ele se senta e me puxa para seu

colo. Isto é realmente novo.

— O que está acontecendo? — questiona paciente, afastando um emaranhado de meu cabelo bagunçado sem o capuz.

Encaro profundamente seus olhos claros, que não fazem muito para disfarçar a preocupação. Eu gostaria de poder falar, mas este homem nunca concordaria com o que eu tenho em mente.

— Não há nada, Dominic — me empenho em parecer serena.

— Então esta ruga em seu cenho não quer dizer nada? — seu dedo quente toca minha testa, pouco acima das sobrancelhas, desconfiado.

Mordo meu lábio para o gesto tão simples e que parece íntimo de um jeito que aquece meu coração.

— Eu só estive pensando em algumas coisas, nada demais — sorrio com minha melhor neutralidade.

— Algumas coisas, hein? — eleva a sobrancelha, de um jeito interrogativo tão lindo.

— Eu só estive curiosa sobre... — mudo a direção de meus olhos para seus lábios — Se você se sentiu tão bem quanto eu, esta manhã... — desvio o assunto e, involuntariamente, me sinto ruborizando.

Um sorriso hipnotizante clareia seu rosto, dando um vislumbre dos dentes brancos, perfeitamente alinhados.

— Tão bem como nunca antes, bebê — seus olhos escurecem — Se isto responde a sua pergunta.

Sorrio também, afetada, feliz por ter encontrado este homem, mesmo que o que eu tenha em mente possa afastá-lo de mim.

Abraço seu pescoço e fico por alguns segundos curtindo a sensação de respirar sua pele quente. Tão bom, como se este fosse o meu lugar no mundo.

— Eu tenho uma reunião com Damien e Chris, meu outro irmão, daqui a pouco, Luna — ele começa brando, chamando a minha atenção.

Ajeito-me em seu colo para encará-lo.

— Quantos irmãos você tem? — aproveito a oportunidade para saber mais sobre ele.

— Somente Damien e Christian — afirma baixo, olhando diretamente para meus olhos — Mas havia também Vivian e Richard, que faleceram ainda crianças.

A dor atravessa seus traços, impossível de não ser notada.

— Deve ter sido difícil — sussurro sem saber o que dizer — E seus pais?

Seus olhos vacilam um segundo.

— Eu não conheci meu pai. Minha mãe faleceu há muitos anos também — seu tom permanece estável.

— Eu sinto muito — digo sem palavras melhores.

— Não há muito o que sentir, Luna. Minha mãe era uma viciada, de certa forma, era só uma questão de tempo para algo acontecer.

Suas palavras me chocam.

— Quantos anos você tinha? — inquiri já sem saber se não estou indo longe demais.

— talvez dez, doze...

— E quem cuidou de vocês? — toco seu rosto, sentindo um aperto no peito.

Um pequeno sorriso rasga o canto de seus lábios.

— Ficamos na rua por um tempo, e depois fomos adotados por Pierre e Aimée — o amor se torna claro em seus olhos.

— Pierre e Aimée?

O sorriso ganha mais espaço, como se achando graça de mim.

— Um interrogatório, bebê?

Mordo novamente meu lábio, contendo o sorriso. Ele toca delicadamente a ponta de meu nariz e retoma.

— Um casal francês que veio a trabalho e acabaram ficando. Eles nos criaram como se fossemos seus próprios filhos. Tudo o que pais dão aos filhos, nós tivemos deles, Luna — a gratidão é evidente.

— E onde eles estão? — mordo minha língua por ir tão longe.

Seu rosto se contrai levemente.

— Eles morreram há alguns anos.

Engulo a sensação dolorosa. Eu sei o que é perder quem amamos.

— Eu lamento por isso — sussurro.

— Está tudo bem — o homem puxa uma respiração profunda — Mas o que eu ia te dizer é que, tenho que ir nesta reunião com meus irmãos, e estive pensando se você não gostaria de ver a Jasmine — seu rosto me sonda.

Céus. É a oportunidade perfeita.

— Claro que sim, Dominic! — digo com um falso entusiasmo, que me fere por ter de mentir a pessoa que foi completamente honesta comigo até agora.

Estar com Jasmine é o que eu realmente gostaria, mas hoje não poderá ser assim.

Alguma coisa em meu rosto deve ter levantando sua suspeita, pela maneira avaliativa com que as pedras acinzentadas se fixam em mim.

— Quero saber como seu irmão ainda está respirando, na verdade — corto o clima estranho com uma piadinha — Jasmine parecia querer cometer um assassinato quando saiu daqui.

Dominic apenas balança a cabeça, mas não faz qualquer outro comentário.

DOMINIC

Se pudesse, eu cancelaria esta droga de reunião. Não estou com um bom pressentimento sobre o que vi nos olhos da minha menina, e ter que me afastar dela neste momento não me agrada.

Respiro fundo.

Seja lá o que for, Luna sabe que pode me dizer, neste caso ela teria dito, não teria? Porra, tendo Luna o gênio que tem, isto não me consola em nada.

Enquanto dirijo para o lado leste da cidade, observo com o canto dos olhos, a menina em seu modo contraído. Inferno. O que está realmente se passando com ela?

Meu telefone vibra no painel. Aproveito o sinal vermelho para atender Damien.

— Fale — respondo ao segundo toque, desejando que ele esteja ligando para desmarcar.

— Só checando se você vai estar lá as duas — responde bem humorado.

— Sim. Estou levando Luna para ver Jasmine — rosno sem humor.

Um silêncio estranho do outro lado me faz pensar que o estúpido desligou.

— Damien?

— Hum... ok — responde estranho — Vou aproveitar que você está indo pra lá, e dar uma passada em casa para pegar alguns papéis.

Quase posso ver as engrenagens do cara trabalhando.

Se Luna não estivesse ouvindo tudo, certamente eu o colocaria contra a parede com esta história. Damien raramente vai para casa no meio de seu expediente. Ele está inventando desculpas para ver Jasmine?

— Certo. Te vejo lá — desligo antes de arrancar sua merda pelo telefone.

LUNA

Chegamos à garagem de um prédio luxuoso. Dominic teve sua entrada liberada rapidamente, provavelmente ele vem aqui com frequência. Pela segurança do local, posso facilmente admitir que Dominic sabia que Jasmine estaria protegida na casa do irmão.

Subimos direto para a cobertura. Ainda no elevador, noto os olhos de Dominic sob mim.

— Seu irmão mora bem, não? — corto a atmosfera com um comentário qualquer.

— O imbecil gosta de ostentar — bufa.

— Pelo lugar, acho que sim... ele gosta de ostentar — reflito, encarando nosso reflexo no espelho da caixa de aço — Certo que ele tem alguma grana — medito.

— Nossos pais deixaram uma boa herança, e algumas empresas — resmunga, sem ênfase.

Estreito os olhos.

— Então você também é rico? Digo, como seu irmão? — pergunto surpresa.

— Dinheiro não é tudo, Luna — ele encerra o assunto rapidamente, no momento certo que nossa viagem de elevador acaba.

Apertamos a campainha e esperamos pouco tempo até a própria Jasmine abrir a porta. Seus olhos desconfiados se suavizam em reconhecimento, e antes que eu possa sequer abrir a boca, a menina está se jogando e me puxando para o mais apertado dos abraços.

— Graças a Deus é você Lu — suspira em meio aos meus cabelos — Diga-me que vocês vieram me buscar — seu apelo me faz rir.

Solto-a e a afasto ao cumprimento de um braço, para observá-la melhor. Dou uma checada de cima a baixo. A menina está vestida com uma calça de moletom de seu tamanho e um top branco, expondo o topo de seus seios. Seu cabelo penteado lindamente solto. Jasmine é

realmente linda, do tipo mignon, com curvas bonitas nos lugares certos.

— Não, Jas... na verdade eu vim te visitar — encolho os ombros com um pedido de desculpas.

Seus olhos cheios de esperança morrem num beicinho bonito.

— Oi Dominic — ela finalmente olha para o homem ao meu lado.

— Oi Jasmine, como vai? — ele pergunta cordial.

— Indo... — ela responde sem amenidades.

Com um passo ao lado, liberando a porta, ela nos permite entrar.

Dominic entra primeiro, imagino que nos dando espaço.

— Tão ruim? — sussurro passando por ela.

— Aquele cara é um babaca Lu — resmunga desgostosa.

O lugar parece ter saído de uma revista de decoração. Branco e metalizado, amplo, asséptico, com design de linhas retas, luz natural entrando do chão ao teto. Impressionante... e nada aconchegante.

Os olhos de Jasmine acompanham a direção dos meus. Ela para ao meu lado.

— Está vendo do que estou falando? — cochicha. Não deixo de perceber o humor de sua observação.

— Certamente — reviro os olhos, divertida.

Dominic para em pé, ao lado da grande vidraça, olhando para fora.

— Como você está? — pergunto séria.

Ela suspira.

— Como um peixe fora d'água, desejando dar o fora daqui, Lu — ela revela honesta.

Encaro seu rosto, vendo a verdade do que ela está dizendo.

— Tenha um pouco de paciência, Jas. Logo as coisas vão se resolver — pego sua mão, fria.

Como se combinado, Damien escolhe este momento para abrir a porta da frente. Impecavelmente vestido, bonito, de um jeito cuidadosamente montado, tão diferente de Dominic.

Os olhos do homem caem sobre Jasmine antes de qualquer coisa, numa análise minuciosa, posso estar enganada, mas ele parece ansioso, e com a guarda baixa, sei lá.

— Finalmente resolveu sair do quarto? — resmunga parecendo ofendido, se aproximando de onde estamos.

Certamente, há alguma coisa diferente nele.

Jasmine discretamente vira o rosto para o lado oposto de onde ele vem, como se não tivesse escutado o que o homem disse.

— Luna — o homem mal me olha, e passa por nós se aproximando de Dominic — Irmão.

— Damien — Dominic devolve impassível. Os dois se abraçam num tipo de cumprimento masculino, rápido.

Damien volta a olhar para Jasmine, que tem seus olhos em qualquer lugar, menos nele.

— Você comeu? — a pergunta em tom irritadiço é direcionada para a Jasmine.

Dou uma olhada para Dominic, que observa a cena com os olhos levemente estreitados.

— Sim — ela responde seca, sem dar a ele um minuto de seu dia.

Damien engole em seco. Provavelmente a atitude arredia de Jasmine está incomodando o sujeito. Alguma gracinha ele deve ter falado, para receber o tratamento do silêncio em troca. Ela é doce, não reagiria assim à toa.

— Vamos lá Damien — Dominic quebra o clima estranho.

Damien não faz muito para tirar seus olhos de Jasmine.

— Eu vou voltar mais cedo hoje — ele resmunga. É até fofo, como uma tentativa de parecer amigável.

O irmão de Dominic está tentando levantar uma bandeira branca. Isso é bom.

— Faça o que achar melhor, eu não passo de uma

mal criada encenqueira que está escondida do cafetão. Não pretendo incomodar além do necessário — ela responde ácida.

O homem enruga o lábio, irritado. Filho-da-mãe provavelmente tenha dito isso. Nem dois dias e ele já está ferrando tudo.

— Eu já te disse que saiu da maneira errada — argumenta impaciente.

— Não me importo, realmente — a menina não se dá ao trabalho de enfrenta-lo.

— Seja como quiser — ele devolve frio e sai caminhando a passos duros para fora.

— Idiota — ela resmunga.

Damien certamente escutou, pela rigidez de suas costas.

Dominic permanece calado, assistindo. Até que finalmente decide caminhar para a porta também. Meu coração se aperta com um pressentimento ruim de que esta é a última vez que eu estou vendo esse homem.

— Dominic — digo apressada, interceptando seu caminho.

Ele para e me olha, surpreso. E sem pensar, me joga em seus braços. Aperto com tanta vontade e medo, que sou capaz de esmagá-lo.

Lentamente, Dominic me afasta.

— O que está acontecendo, Luna? — questiona baixo, calmamente desconfiado.

— Nada... é só que eu... eu te amo — sussurro, para que só ele possa escutar, mas sinto os olhos de Damien e Jasmine sob nós.

— Eu também, bebê — ele sorri, tão lindo e tão honesto que sinto meu coração se quebrando em centenas de pedacinhos.

Inclino nas pontas dos pés e beijo sua boca, Dominic devolve o beijo.

Afastando-me alguns centímetros, mas ainda me segurando, assisto seu rosto desconfiado.

— Eu não vou demorar, Luna, me espere — é como se ele soubesse o que se passa comigo, não sei explicar.

Balanço a cabeça, afirmando que entendi.

— Se cuide — sussurro.

Um segundo mais me encarando, até que ele finalmente quebra o contato e se afasta. Parte de mim se rasga, com um mau agouro.

Viro-me para Jasmine.

— Vocês estão juntos? — ela pergunta surpresa.

Respiro fundo.

— Eu não sei se é considerado '*estar juntos*' mas eu o amo — revelo sem vitória.

Os bonitos olhos se estreitam.

— Isso parece bom, mas então por que você tem esta expressão de que está prestes a chorar?

— Por que eu estou indo para fazer uma coisa que provavelmente vá nos afastar.

Jasmine pega minha mão entre as suas.

— O que está acontecendo, Lu? O que você está pensando em fazer?

Expiro pesadamente. Preciso estar forte, não posso cair agora.

— Eu vou te contar Jasmine, mas eu preciso que você mantenha como um segredo, até que tudo acabe.

Ela morde o lábio, seus olhos concentrados em mim.

— Você é minha amiga Luna, eu faço o que você me pedir — sua confiança me toca.

— Eu vou entrar na minha casa, pegar uma prova contra meu padrasto e desmascará-lo na frente de muitas pessoas, esta noite.

Jasmine suspira.

— Do jeito que você está dizendo, eu não sei... — seus olhos vagueiam confusos e então concentram-se em mim, apreensivos — Por que você acha que isso vai afastar Dominic, quero dizer, por que ele não pode ir junto?

— Por que meu padrasto é muito perigoso, e eu

ainda não tenho certeza de como as coisas vão acabar — abaixo meu olhar — E Dominic não aprovaria, de qualquer forma — deixo as palavras definirem exatamente o que estou pressentindo.

A menina esboça um ruído de horror.

— Então de jeito nenhum que você vai fazer isso sozinha Luna. Eu vou com você.

— Não — afirmo convicta — Não Jasmine. Isso é coisa minha, e eu tenho que resolver sozinha.

— Não está certo Lu, Dominic pode te ajudar, ou a polícia, eu não entendo por que você não pode pedir ajuda.

Pisco algumas vezes para afugentar uma lágrima teimosa.

— Tenho que fazer pessoalmente Jas, eu devo isso a minha mãe.

Ela comprime os lábios, de uma maneira nervosa.

— Eu não sei... não posso ficar aqui e assistir você se colocar em alguma coisa perigosa.

Inspiro fracamente, ansiosa.

— Eu vou voltar Jasmine..., mas se eu não fizer, eu preciso que você fique aqui para me fazer um favor.

— Qual?

— Eu preciso que diga a Dominic que ele foi o único homem que eu amei nesta vida, que eu nunca fui tão

feliz como nestes últimos dias... — uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto, limpo-a rapidamente.

Jasmine meneia a cabeça negativamente.

— Não Lu, isso não está certo.

Aperto sua mão mais forte.

— Faça isso por mim Jas — observo seu conflito interno, mas me mantenho encarando-a fixamente — Isso é importante pra mim — dou meu último apelo.

Bufando, a contragosto, Jasmine apenas cede sem convicção.

Deixo a casa de Damien, traçando o primeiro passo do que eu espero ser a minha vingança.



Capítulo 23

DOMINIC

No caminho para a empresa, enquanto Damien tagarela sobre uma licitação para construção de hidrelétrica no Panamá, comissão que alguns políticos estão exigindo e toda esta merda, fico me perguntando por que eu aceitei pegar uma carona com ele. Inferno.

Minha cabeça está longe de se interessar por qualquer coisa agora que não aquele olhar no rosto de Luna.

‘Se cuida’, que porra isso significa?

— Você me ouviu? — Damien acentua.

Ignoro a sensação de aperto nas entranhas e me concentro nele.

— Ouvi Damien. Esta merda realmente não me interessa, você sabe bem porque estou entrando nisso — rosno, sem vontade de manter suas expectativas.

— Que caralho, Dom — ele bufá me lançando um olhar de lado — Que bicho esta mordendo sua bunda, cara? — lá vem o meio sorriso cínico — Vai me dizer que está pensando naquela cena '*eu te amo*' bem no meio da minha sala?

Respiro fundo.

— Não é da sua conta, mas já que estamos falando nisso, que porra está se passando com você em relação à Jasmine? — jogo direto sem rodeios — E nem tente negar, Damien, qualquer um pode ver a maneira como você está em volta dela com esse seu ar de comedor de merda.

O sorrisinho debochado se esvai, em seu lugar uma carranca, tal qual como ele fazia na infância, pego em flagrante aprontando alguma porcaria qualquer.

Eu sabia.

Diante do seu silêncio, empurro mais.

— E então?

— Você só pode estar brincando para me perguntar uma estupidez desta. Aquela menina é uma prostituta

Dominic — sua atenção não desvia do trânsito — Aliás, eu deveria te bater uma grande merda por me colocar nessa situação, irmão.

— Diga o que você quiser, se isto vai te fazer se sentir melhor, Damien, mas tenha em mente que Jasmine está fora do seu radar. Independente do que essa sua cabeça fodedora esteja planejando, esqueça e deixe a menina em paz.

LUNA

Sinalizo com a mão na beira da avenida. Estou jogando minha sorte aqui por uma carona. Não tive coragem de pedir dinheiro emprestado de Jasmine para pegar um transporte público, e minha casa não fica tão longe, de qualquer forma.

Se Dominic visse esta cena, certamente estaria tendo um AVC nesse momento. Meu coração está apertado por agir desta forma, como se eu estivesse traindo sua confiança, e no fundo estou mesmo, e é ainda pior que não tenho um bom plano em mente.

Certo é que eu preciso entrar na minha casa em primeiro lugar, de preferência sem ser vista, e só assim terei a prova em minhas mãos.

No começo deste ano, enquanto eu estava no sétimo período de Arquitetura, o professor de Projetos nos deu um trabalho sobre grandes concepções arquitetônicas pelo mundo. Deveríamos escolher uma obra e reproduzi-la em miniatura, com materiais sustentáveis. Escolhi o Taj Mahal porque sempre tive um verdadeiro fascínio pela história do lugar conhecido como '*A maior prova de amor do mundo*', construído em homenagem a esposa preferida de um grande imperador, morta após o parto. O monumento foi levantado em cima de sua lápide e precisou de milhares de homens para torná-lo possível. A execução contou com os mais diversos materiais, e levou anos para ser concluído.

O professor exigiu que o processo de construção da réplica fosse relatado passo a passo, com nossas escolhas de materiais, fundações, tempo, desenvolvimento, falhas e problemas encontrados na execução, as decisões que tomamos diante dos percalços, enfim, tudo. Eu certamente me empolguei muito com a ideia e para não me esquecer de nenhuma etapa, optei por deixar uma câmera ligada, a uma distância segura que focasse todo o movimento em torno do meu projeto, e registrasse tudo.

O antigo escritório do meu pai, que também mantínhamos como biblioteca, foi o lugar da casa que eu escolhi para trabalhar, pelo espaço, pela tranquilidade, acesso a livros sobre o tema e tudo isso. E assim eu fazia

todas as manhãs, entrava no escritório, por volta das sete, ligava a câmera e lá ficava até o meio dia. Algumas vezes eu me esquecia de desligar a câmera, então normalmente no dia seguinte eu revisava o material gravado, escrevia os processos do projeto e apagava as gravações desnecessárias, mas *naquele* dia foi diferente.

Eu trabalhei no Taj Mahal de palitos somente por uma hora e subi para terminar de fazer as minhas malas, já que não teria tempo durante a tarde porque minha mãe nos levaria para fazer compras. Um pouco antes do almoço, voltei ao escritório para checar se havia desligado a câmera. Ela estava ligada, e, por curiosidade, voltei rapidamente às imagens para ver a evolução na construção da cúpula que eu começara naquele dia e então parei quando aquelas cenas entraram no caminho. No dia não fizeram o menor sentido, mas bastou estar no hospital e ter alguém tentando me matar para o conteúdo se tornar esclarecedor.

Vicent, alheio à existência da câmera, estava reunido com um sujeito, grande, de aparência ameaçadora, cabeça raspada, dono de uma cicatriz marcante que rasgava a parte direita de sua bochecha. O aspecto geral do homem definitivamente soava perigoso. A conversa entre eles foi rápida e autoexplicativa, hoje reconheço. O sujeito confirmava que havia feito o ‘*serviço*’, e então Vicent perguntou a ele o que aconteceria se ‘*ela*’

decidisse usar o freio de mão quando percebesse o que havia acontecido. O homem sorriu, de uma maneira feia, até sinistra, e respondeu calmamente: ela descera a estrada capotando e encontrará o penhasco, de qualquer forma.

Não conectei a obviedade das palavras a tempo. Apenas fiz uma nota mental de comentar aquilo com Vicent mais tarde, mas não tive tempo para isto. Tudo aconteceu rápido demais, e menos de duas horas depois, minha mãe estava esmagada entre uma rocha e as ferragens de seu próprio carro.

Monstro. Maldito monstro. Lembro-me com clareza da expressão de satisfação do meu padrasto ao receber esta informação da boca do homem. Acho que nunca vou esquecer.

Mudando a estratégia, retiro o capuz e sinalizo novamente por carona. Talvez com a aparência de menina as coisas facilitem, não que eu vá entrar em qualquer carro de algum sujeito mal encarado, estou com raiva, mas não sou burra.

Mais algumas tentativas, até que um carro finalmente dá sinal que vai parar. Com as pernas meio incertas, me aproximo da janela. Para meu alívio, há uma mulher no volante.

— Oi — digo desajeitada — Eu me chamo Lu... Luiza, e acabei perdendo minha bolsa... Se-será que você

pode me dar uma carona até a o início da Avenida Lincoln?

DOMINIC

Não consegui me concentrar no que estava sendo dito, nem por um minuto. Estou com aquela maldita sensação de que havia algo de muito errado com Luna.

— Você está de acordo com isso Dom — Chris me encara em expectativa.

— Que seja... — resmungo, ansioso para que esta porra acabe logo.

Minha presença nesta empresa, de qualquer maneira, não é o que eu chamaria de vontade, mas no fundo eu refleti muito sobre isso e reconheço a grande carga que meus dois irmãos estão levando sozinhos.

— Isso vai dar muito certo — Damien comemora.

— Desde que meus termos sejam mantidos — rosno sem humor, e então observo melhor estes caras, nitidamente satisfeitos por eu estar de volta e decido recuar minha atitude hostil. Eles não são responsáveis pelo maldito tormento em que me encontro — Estou feliz por estar de volta — complemento, simplesmente.

Christian é o primeiro a me abraçar.

— Eu nem acredito nisso — ele vibra de seu modo zombeteiro — Precisamos sair para comemorar.

— Não hoje mano, tenho algumas coisas para resolver — bato em suas costas.

— Damien? — Chris pergunta para o outro irmão.

Damien rapidamente desvia os olhos para a tarde chegando ao fim lá fora.

— Que porra está acontecendo com vocês dois? — Christian olha entre Damien e eu, desconfiado — De repente nenhum de vocês pode dar uma esticada na noite? — seus olhos se estreitam — Bocetas, certamente há elas na parada hein? — a risada do imbecil me faz rir também.

Damien praticamente engasga com a saliva.

— Quem me dera, cara. Eu preciso assinar alguns contratos e tenho que lê-los com calma — se justifica, insonso.

Se eu não conhecesse o bastardo, até poderia acreditar que é isso mesmo.

— Eu posso te ajudar — me prontifico deliberadamente solícito.

Seus olhos brilham contra os meus.

Sim. Eu te peguei.

— Não é mesmo necessário, Dom — uma de suas sobranças se levanta, em desafio — Até porque, acho que você tem seus próprios negócios para resolver.

— Nada que me impossibilite de manter um olho em seu negócio, irmão — rosno mal contendo o humor.

Christian observa tudo atentamente, e então balança a cabeça rindo.

— Vocês parecem uns maricas presos no próprio rabo.

Que bom que alguém consegue tirar alguma diversão disso tudo.

LUNA

Depois de analisar-me com cautela, a mulher me deixou entrar em seu carro e me deu a carona. Tanto eu quanto ela ficamos aliviadas quando acabou. Acho que no fundo ela esperava que a qualquer momento eu fosse anunciar um assalto, também com minha aparência nos últimos tempos, nem posso julgá-la.

Eu pedi que ela me deixasse em um ponto onde eu deveria seguir o caminho a partir dali a pé, para que minha chegada não seja percebida. Preciso subir toda a rua íngreme com muito cuidado para não ser vista. Por isso, vou me esgueirando por entre os arbustos luxuosos das poucas mansões da região.

Passando em frente a uma das maiores casas, com

grades enormes nos portões parecendo uma fortaleza, eu me lembro do que Vicent comentou uma vez, durante um jantar, sobre o proprietário. Ele disse que a mansão pertencia a um tal Sr. Gael Nikolaevich, um mafioso russo. Pensando agora, quem é Vicent para se referir a alguém com um mínimo de desdém, quando o maior bandido é ele mesmo.

Sem intenção, paro para tomar um fôlego e aproveito para admirar a propriedade, boa arquitetura, sem dúvida a maior casa daqui.

— Perdida? — um sotaque arrastado, estrangeiro me surpreende.

Dou um pulo no lugar com a visão do grande homem, rusticamente bonito, vestido em um terno ajustado a todo o seu corpo.

Levo minha mão ao coração, com o susto.

— D-esculpe... eu só estava descansando — me justifico com uma gagueira nervosa.

O sujeito impressionante cruza os braços em frente ao peito, avaliando-me com ar desconfiado.

— Sebastian, o carro está pronto, cara — outro homem de sotaque estrangeiro, grande e gordo, chama-o.

— Vá indo Bola, estou seguindo logo atrás — apesar da ordem implícita, seu tom é insondável e não deixa de lançar um arpejo por minha coluna.

O tal Bola me joga um olhar engraçado e se vira, indo para um carro que eu nem reparei que estava ali antes.

— Tenha cuidado menina — o estrangeiro diz baixo, silencioso — Já está escurecendo e nada bom pode vir de caminhar a noite sozinha por aqui.

Mordo meu lábio, engulo em seco e confirmo com a cabeça.

Sem esperar por mais, me recomponho e volto a caminhar, sentindo os olhos do homem queimando minhas costas.

DOMINIC

— Você poderia ser mais discreto sobre o que pensa de meu modo de dirigir — Damien debocha, estacionando o carro na vaga do seu edifício, ao lado de onde deixei o meu.

— Dirigir como uma lesma para me irritar não é uma jogada muito inteligente, Damien, tendo em vista que Jasmine me pediu para levá-la para minha casa e estou pensando seriamente em atender seu pedido.

Sinto vontade de rir do meu golpe. Damien é tão transparente, e ele mal sabe disso.

— Se você acha que pode lidar com duas encenqueiras sob o mesmo teto, vá em frente — ele devolve irritadiço.

Respiro fundo e expiro tranquilamente, uma maneira de inibir minha própria ansiedade.

— Acho que Jasmine não é tão ruim quanto você diz. A companhia dela fará bem a Luna — delibero calculadamente, desafivelando o cinto e desço.

Escuto um murmurar zangado de Damien. O sujeito é incrível, comanda uma empresa de bilhões e não reconhece que está mordendo a própria bunda com relação à menina.

Chamo o elevador e espero meu irmão chegar ao meu lado.

— Deixe-a aqui Dom — ele pede baixo, sob controle — Eu poderia ajudá-la com esta situação, quem sabe até arranjar um emprego na Construtora para ela.

Engulo a diversão e o encaro com seriedade. Meu irmão é um cara bom, apesar da falsa aparência de esnobe, como diria Jasmine. Eu vejo o interesse que ele está mortalmente tentando esconder.

— Se comporte com ela Damien. Jasmine teve uma vida ferrada, e a última coisa que ela precisa agora é de você lançando merda para cima dela. Se você está interessado, faça a coisa certa, mas mantenha seu pau

longe enquanto não se decide.

A viagem de elevador é mais demorada do que me lembro.

— Esta merda está com problema? — resmungo vendo a caixa de aço passar lentamente pelos andares.

— Mesmo ritmo de sempre, irmão — Damien sussurra distraidamente, fazendo seu maldito ponto.

Assim que me aproximo da porta do apartamento, sem que meu irmão tenha sequer feito um movimento para abrir, eu já sei que algo está errado. Imploro internamente para que eu esteja enganado.

E então, aqui está Jasmine, de cabeça baixa, andando de um lado para o outro, moendo seus dedos nervosamente.

Piso na sala e não tenho nenhuma dúvida.

— Onde ela está? — escuto o tom agudo de minha voz, mas não percebo as palavras saindo.

A pequena garota me olha aflita.

— E-e-eu não posso falar, Dominic, sinto muito — sua voz é tão fraca que tenho que me esforçar para ouvir.

Oh merda, merda, merda!

Dou um passo à diante, vendo nada a minha frente a não ser a garota escondendo uma informação.

— Vamos Jasmine, me diga onde Luna está.

Ela recua um passo para mais distante.

— Ela me pediu para não contar, Dominic, eu realmente não posso te dizer.

A porra dos infernos que não pode!

— Você não entende Jasmine. Luna está em perigo, você tem que me falar. Agora — exijo lutando pelo controle.

— Diga a ele, Jasmine — Damien se intromete, exigindo também.

Os olhos de Jasmine vão de um para o outro, não preciso olhar para saber que Damien não tem uma boa expressão diante da situação.

— E-u realmente não vou falar... e estou indo embora desta casa agora — ela lança com falsa determinação, pouco escondendo seu próprio terror.

Antes que eu tenha que fazer qualquer coisa, Damien está sob ela.

— Você não vai a lugar nenhum. E você vai contar para onde aquela encenqueira foi. Agora! — o rosnado entredentes do meu irmão me surpreende.

— Solte meu braço, idiota. Eu estou indo embora e você não pode me impedir — a pequena grita baixo, tensa, amedrontada não pelo aperto dele, mas pelo que quer que Luna tenha contado a ela.

Viro-me pra ela.

— Luna está em perigo Jasmine, o padrasto dela é

um cara perigoso e já tentou matá-la mais de uma vez — sufoco o maldito ar — Dirty já sabe quem ela é também, e não vai demorar muito para fazer qualquer merda.

Os olhos da menina ganham o dobro de tamanho.

— Eu preciso protegê-la, por favor, Jasmine, me conte o que está acontecendo — desisto de qualquer fachada e praticamente cuspo minha angústia — Ela é teimosa demais para saber exatamente em que está metida.

Jasmine empalidece. Dúvida escorre por cada pequena gotícula de suor de sua testa.

— E-la me pediu segredo Dominic — seu último apelo é quase uma súplica.

— Se você quer o bem dela, Jasmine, você precisa me dizer — minha fala não esconde o desespero.

Um suspiro profundo abandona seu pequeno corpo, Damien a mantém segura com ele, e então eu vejo a batalha nela sendo perdida.

— Ela falou que... — a menina respira fundo — Luna foi na casa dela, pegar uma prova contra o padrasto e depois ela falou algo sobre... — ela toca a mão na cabeça — Sobre desmascarar o homem em frente a um monte de gente.

Maldição! Que porra isso significa?

Tremendo, e tomado pela certeza de que algo muito ruim esta prestes a ruir, puxo o celular e conecto a página

de pesquisas.

LUNA

O sujeito estrangeiro tinha razão, o sol está descendo na linha do horizonte, deixando em seu lugar a escuridão. Não importa. É até melhor para não ser vista. Tenho menos de duas horas para entrar, pegar minha câmera, ligar para a polícia e desmascarar Vicent em frente a todos aqueles que ele enganou com sua máscara de homem de bem.

Paro em frente à propriedade que foi por muitos anos o meu lar. Dou uma olhada em volta, através das grades, mal sentindo meu coração acelerado prestes a romper a carne. Tantos anos vivendo aqui e hoje esse lugar parece tão frio, tão longe da minha realidade. O que antes era um lar construído com amor por meu pai e mãe, hoje é somente um amontoado bem construído de cimento, ferro e vidros. Dinheiro sem amor, não tem nenhum valor no final de tudo.

Aperto minhas mãos contra meu peito e respiro fundo. Medo, pânico e ansiedade fazem um grande reboliço no meu estômago.

— *Vamos lá, Luna. Tenha coragem* — sussurro

para mim mesma, não vendo ninguém a minha volta.

Talvez Vicent nem more mais aqui. Espero sinceramente que nossas coisas ainda estejam lá dentro, do contrário, eu não tenho um plano B.

Tomando algumas respirações, enrosco meu pé na grade que cerca a casa e impulsiono meu corpo para escalá-la. Se eu cair será um estrago e tanto. Com a mão suada, trêmula, me seguro firmemente enquanto lanço a perna por cima das flechas pontiagudas.

— *Porcaria* — resmungo baixo quando minha canela acerta uma delas.

Do jeito que posso, deslizo pela grade pelo lado de dentro e finalmente toco meu pé no chão.

Nada mal Luna, nada mal. Respiro ofegante, tentando me convencer.

Um barulho entre as folhas secas, passos, e então meu mundo paralisa.

— Olha quem finalmente está de volta.

Esta voz...



Capítulo 24

LUNA

Frank.

O homem que tentou me matar no hospital. Seu cheiro enjoativo de perfume e tabaco é inconfundível.

Oh porcaria.

Esse provavelmente é aquele momento em que devo me arrepender sobre a estupidez do que acabei de fazer. Merda. Merda. O que eu tinha na cabeça? Eu deveria ter previsto isso.

Lentamente me viro para encarar meu destino. O

sujeito de expressão sombria e um sorriso feio de escárnio me olha triunfante. Como um caçador diante de um bicho raro e que lhe renderá um bom dinheiro.

— De volta ao lar? — o deboche mexe com minha bile.

Engulo a saliva, sentindo meus olhos crescerem. Se algum dia eu tive a sensação que estava em perigo, nada se compara a este momento. Todos os sinais estão bem aqui.

Dominic, me perdoe. Só consigo pensar nisso.

DOMINIC

— Se acalme, cara. Você vai acabar nos matando!
— Damien ruge ao meu lado.

— Eu falei para você não vir junto, porra! — ignoro seus malditos protestos e me concentro em voar pelo trânsito em plena hora do rush.

Vai, vai, vai. Resmungo mentalmente, esmagando o volante em minhas mãos.

— O que você tá pensando em fazer Dom? — meu irmão me sonda, sem esconder seu descontentamento.

Não respondo imediatamente. Depois do que Jasmine disse sobre os planos de merda daquela porra de

menina teimosa, eu fiz minha pesquisa e descobri que o desgraçado Wine está tendo seu evento de glória esta noite, mas não estou indo lá imediatamente. Luna disse a Jasmine que passaria na casa onde viveu para pegar qualquer porcaria que ela tenha em mente. Inferno. Ela é a porra de estúpida teimosa.

— Para onde estamos indo, cara?

Respiro fundo, controlando a ansiedade remoendo meu intestino.

— Para a casa dela — respondo friamente.

Eu não queria que ele viesse comigo.

Maldição, eu gostaria de ter ido para a casa, pegado o que eu precisava e montado em minha moto. Mas atravessar a cidade seria estupidez, e tive que aceitar Damien se enfiando no carro comigo.

— Ela está bem, irmão. Se acalme, eu sei que ela está bem.

Meus músculos endurecem.

— Você não tem como saber — rasgo duro.

— Não vá fazer nenhuma besteira por ela Dominic. Eu imagino o que você está sentindo, mas pense bem, cara. Nós não sabemos que porra está havendo. Essa menina não vale colocar sua vida em risco.

Porra dos infernos!

— Cale sua maldita boca, Damien! Mantenha esta

porra de boca fechada ou dê o fora desse carro — perco o estreito controle e acabo explodindo.

A adrenalina está fervendo meu sangue trazendo a fúria que eu nem sabia que era capaz. Se alguma maldita coisa acontecer àquela menina, eu não me perdoaria nunca.

— Tudo bem, tudo bem, desculpe. Eu só não quero que você faça nenhuma besteira — meu irmão se ajeita no banco, recuando em seu tom.

LUNA

Ele dá um passo à frente e eu um atrás. Nesse movimento, vamos até o ponto que me vejo encurralada contra as grades, tendo meu espaço pessoal invadido por seu cheiro e presença.

— Eu observei você durante anos — o homem sopra em meu rosto, próximo demais. Sofro com o gosto amargo do meu enjoo.

E a sensação só piora quando Frank desliza um dedo por minha bochecha.

— Você sabe que fui eu, não sabe? — sua voz melosa, sussurrada faz da combinação venenosa.

— V-você o que? — gaguejo miserável.

E o sujeito feio ri alto, ficando ainda mais ameaçador.

— Ah vamos lá, Luna. Esse jogo não é divertido. Você sabe que era eu no hospital. Eu vejo isso nestes seus olhos assustados, como um coelho — o tom é um tipo sinistro de galanteio, que joga um arrepio em minha espinha.

— Você tentou me matar — acuso baixo, deixando a máscara de desentendimento cair por terra.

— E parece que eu não tive sucesso, não é? — meu corpo é espremido contra a grade — Você está aqui, bem viva e quente.

A sugestão sexual de seu contato revira um terremoto em meu estômago, como uma cólera. Sem pensar, puxo a pouca saliva e cuspo diretamente em seu rosto.

Minha saliva cai abaixo de seus olhos, escorrendo por sua face. Frank nem sequer pisca, mas eu vejo o mau passando através de seus olhos sem vida, enquanto fuzilam meu rosto.

Com um movimento gracioso, ele retira do bolso do paletó um lenço branco, sem desviar sua atenção de mim, e limpa o dano.

— Isso não foi inteligente, menina — nada oscila em sua voz, dando a nítida impressão de que há algum tipo

de perversão divertida rodando sua mente.

— A polícia está vindo Frank — blefo numa última tentativa.

Os olhos escuros me avaliam a partir de minhas palavras, astutamente.

— Alguém já te disse que você é uma merda para mentiras? — seu sorriso se amplia, virando uma gargalhada — Vicent vai adorar a visita.

— Não é uma visita Frank, esta é a minha casa. Vocês são malditos criminosos, e logo a cadeia será o único endereço seu e de seu irmão.

Meus braços são apanhados por suas mãos, sacudindo meu corpo.

— Cadelinha burra! — o humor se foi — Você acha mesmo que qualquer um teria coragem de se meter com Vicent?

— Me solte — grito irritada — Tire suas mãos sujas de mim! — o aperto só aumenta.

Consumida pela raiva, levanto meu joelho e arremesso contra o meio de suas pernas. O baque seco leva Frank para abrir espaço e se inclinar, com as duas mãos em cima de onde o atingi.

— Ai! Filha-da-puta estúpida!

Aproveito o momento e me ponho a correr para dentro do jardim. Eu poderia me trancar em um cômodo e

chamar a polícia, basta que eu seja rápida.

Oh céus!

Menos de cinco passos afora, sou apanhada pelo cabelo e arrastada para trás com um puxão. A força é tanta que eu me desequilibro e caio de bunda estatelada.

— Você sempre foi muito mimada, cadelinha, mas hoje eu vou te ensinar uma boa lição.

Sua expressão sustenta a personificação da maldade. Sem aliviar, sou arrastada pelo imenso jardim, pelos cabelos, impiedosamente. A direção que Frank está seguindo alarma meus piores presságios. Ele não vai me levar para casa, mas para a ala mais afastada onde os empregados moram, e pela escuridão, não há mais ninguém vivendo aqui. Marie e Baba, onde elas estão agora?

Meus gritos são ignorados e não vejo ninguém à vista.

— Frank, me solte! Você só está piorando sua situação. Deixe-me ir e ninguém vai saber disso! — apelo para todas as opções, e nada impede seu movimento determinado.

O homem para em frente à porta do quarto onde o caseiro dormia, aparentemente abandonado. Puxando uma chave do bolso, Frank abre a porta e me arremessa para dentro, violentamente. Na escuridão do quarto, minhas

pernas se trombam com alguma coisa no caminho.

— Nós vamos brincar esta noite, Luna, como eu sempre quis — medo me rasga de dentro para fora diante da ameaça de sua voz — E você vai ser uma boa menina comigo.

— Pare Frank, por favor, me deixe ir embora e eu não volto mais — arrisco, embargada.

O barulho de sua risada satisfeita faz meu nível de medo se elevar.

— Eu vou ligar para Vicent e mandar ele não vir para cá esta noite. Eu não quero nada interrompendo a nossa diversão.

Indo para trás, ele bate com a porta na minha cara e tudo é escuridão. O barulho da fechadura sendo trancada materializa meus piores temores.

Tomada por uma angústia inédita, começo a gritar, alto, por socorro, com toda a força dos pulmões. A esperança de que alguém me escute é sufocada pela ciência de que minha casa é cercada por jardim de todos os lados. Nenhum vizinho poderá nos ouvir.

DOMINIC

— É aquela — meu irmão sussurra enquanto

paramos o carro a uma distância segura.

A casa dos pais de Luna nem poderia ser chamada de casa. É uma mansão das maiores da cidade. O exterior robusto, cercado por grades e árvores bem podadas, garante privacidade aos moradores.

— Você fica aqui e eu vou entrar — aviso a Damien.

— De jeito nenhum cara, nem pensar — meu irmão nega, pronto para descer.

Seguro sua mão firmemente.

— Eu preciso de você aqui fora para ficar de olho — minto.

Eu jamais colocaria Damien em qualquer merda.

A contragosto, o cara bufa, me lançando um de seus olhares contrariados. Que se ferre isso agora.

Tenho um forte pressentimento de que minha menina está aí. Não sei explicar, é uma energia vibrante que não pode ser ignorada.

Olhando com mais atenção, não há ninguém a vista, e poucas luzes do quintal estão acessas. E se Luna estiver sozinha lá dentro? Eu não sei, acho difícil estes caras deixarem a casa sem vigilância, quando tudo o que eles querem é atrair a menina.

Bolando uma estratégia, decido por não ficar parado à espera de ter minha presença notada.

Esgueirando entre a escuridão das árvores, me aproximo da divisa entre os terrenos de Luna e de algum vizinho. Meus tempos de rua me ensinaram a andar por aí como uma sombra, escalar coisas, passar despercebido.

Apoiado pelas plantas, impulsiono meu corpo e me lanço para dentro de um terreno de divisa. Vou seguindo a cerca de grades e plantas trepadeiras uns vinte metros para dentro da área. Sempre olhando entre a vegetação e checando o terreno de Luna. Tudo escuro, a não ser uma imensa piscina iluminada.

Quando passo o que penso que seja a entrada da frente, decido que é hora de invadir. Novamente me seguro em uma das árvores e pulo, caindo em pé no jardim da mansão.

Gritos abafados vêm de uma parte ao norte. Parece com um pedido de socorro.

Inferno. Não pode ser.

Ando apressado, beirando a cerca.

— Socorro!

Sim, é a Luna, porra!

Enxergando tudo negro pela frente, corro como se minha vida dependesse disso, até alcançar um complexo cheio de portas. Os gritos são mais audíveis conforme me aproximo mais.

— Me tire daqui!

Meu peito vai ao frenesi, batidas descompassadas arrastam toda a merda de mim. Eu tenho que chegar até ela, eu tenho. Quanto mais perto, mais alto o som, até que finalmente consigo saber exatamente de que porta ele vem.

O chorinho baixo corta meu coração. Meus músculos cerram. Uma força animalesca rasga até chegar à superfície. Feito um touro, arremesso meu ombro conta a porta, duas vezes, com mais força do que eu jurei ser possível, e finalmente a porta é aberta.

— Bebê — sussurro baixo, não reconhecendo o som doloroso em minha própria voz.

— Dominic? — ela clama ainda mais baixo, assombrada.

— Sim, bebê, sou eu. Vamos sair daqui.

Não consigo enxergá-la com clareza em meio ao breu, mas eu sei que Luna está encolhida e tremendo, e... porra, isso me estilhaça em mil fragmentos.

— Venha bebê — insisto, com cuidado.

A respiração acelerada fazendo um barulho alto não é bom sinal.

— Você precisa ir embora, Dominic. Frank vai voltar a qualquer momento, por favor, vá embora — ela implora de um jeito tão malditamente doente, que me põe maluco.

— Venha Luna — digo firme, quebrando qualquer

merda que ela tente mandar.

A menina ainda se dá ao trabalho de vacilar, até que seu corpo trêmulo se move. Cortando o restante da distância, eu a puxo para meus braços, e... finalmente respiro.

Maldição. É como se todo o ar só simplesmente surgisse de volta, tendo ela comigo.

— Você tem que ir, Dominic, Frank é perigoso — ela murmura com o rosto colado ao meu peito, seus pequenos braços circundam minha cintura, e eu a aperto mais.

— Não seja tola bebê, eu nunca deixaria você sozinha — resmungo com a boca colada em meio aos seus cabelos cheirando a morangos — Agora vamos.

Seguro firmemente sua mão para retirá-la deste lugar sinistro e a arrasto para fora.

— Um amigo para a brincadeira? — uma voz odiosa atravessa minhas costas.

Rapidamente me giro para enfrentar o maldito. E encontro uma arma sendo apontada para a minha cabeça.

— Frank, não! — Luna grita desesperada atrás de mim.

Ela tenta sair da minha proteção. Seguro firmemente sua mão, a deixando parada imóvel as minhas costas.

— Você é o filho-da-puta covarde que trancou ela

aqui? — rosno como um animal prestes a esstraçalhar o inimigo.

O sujeito ri, debochado.

— Sim, sou também o cara que tem uma pistola apontada para sua cabeça e que vai fazer seus miolos arrebentarem por sua nuca.

Dou um passo à frente, cego pela fúria, e o sujeito engatilha a arma.

— Mas não se preocupe, depois que eu fizer o que tenho em mente com essa cadelinha, ela também será enviada para junto de você.

Suas palavras fazem com que o pior do meu mundo venha à tona.

— Chame-me a assim novamente e a próxima coisa que verá é a porra do seu próprio pau enterrado dentro de sua boca, desgraçado.

— Eu poderia deixar você ver nossa festinha, mas não gosto de malditos voyeurs — o sujeito se diverte friamente.

E não se dá conta de sua guarda baixa.

— Que pena... eu adoraria assistir — Damien surpreende a todos nós, com uma arma apoiada na cabeça do tal Frank.

Filho da puta. Eu mal acredito nisso. Perguntei se ele tinha uma arma em seu apartamento e o idiota negou.

— Outro amigo, Luna? — Frank grunhe.

— Não, não — meu irmão responde bem humorado, parecendo se divertir com a situação — Não sou amigo da encenqueira, aliás, longe de mim. Mas sou um cara legal, então vou te dar dois segundos para abaixar esta porcaria, caso contrário, a única nuca fodida aqui será a sua — seu comando faz o rosto do sujeito se contrair — E depois assistirei meu irmão cortar e enfiar esse seu pau mole nessa sua boca suja, porque certamente *eu* sou um voyeur — a reflexão tardia vem como uma piada.

— Vocês não sabem com que estão se metendo...

— Um... — Damien começa a contagem e diante da constatação de que o homem não pretende ceder, ele engatilha ruidosamente a arma — Do...

Antes que ele termina, o tal Frank deixa seu braço cair.

Rápido e inesperadamente, Damien dá uma coronhada na cabeça do desgraçado. A pancada é tão forte que ecoa alto, apagando o sujeito na mesma hora.

— Seu filho da puta — rujo — Eu te perguntei se você tinha a porra de uma arma e você me disse que não!

— Você estava nervoso demais para pegar em uma — ele dá de ombros como se não fosse nada importante.

— E-le está morto? — a voz amedrontada de Luna finalmente se faz presente.

Respiro fundo e me viro para ela.

— Não, mas você está em uma maldita encenação dos infernos.

Seus olhos aumentam de tamanho e os lábios ganham um tremor revelador. Pelo menos a menina se dá ao trabalho de mostrar algum medo.

— Vamos sair daqui — rosno baixo.



Capítulo 25

LUNA

— Espere Dominic — pego em seu braço — Eu vim aqui buscar... — olho para o chão onde Frank parece estar em um sono profundo — Vim buscar uma prova contra Vicent — diminuo meu tom, por garantia.

Dominic me encara sério, provavelmente avaliando minha lucidez.

— Tarde demais, precisamos sair— Damien avisa baixo.

O som de carros e luzes invadindo os portões da

frente avisam que temos companhia.

— Vamos Luna — Dominic exige, agarrando minha mão.

Um nó doloroso se forma no núcleo da garganta. Se eu fugir agora, talvez não tenha outra oportunidade.

— Não... e-eu tenho que peg...

— Se ficarmos aqui eles vão nos matar — Damien me corta, seu olhar capaz de me reduzir a pó, não escondendo a acusação em seu rosto.

Nem tenho tempo de pensar, Dominic e Damien ditam o caminho, pelas sombras, invadindo a mansão dos Menezes, num ritmo de ferro, sem me dar qualquer oportunidade de argumentar.

Olho para trás, para minha casa, com uma vontade insuportável de chorar. Vicent venceu. De novo.

DAMIEN

Se Dominic não estivesse nesse carro, eu certamente esganaria essa menina e a jogaria pela janela. Maldita encrenqueira. Meu irmão estava sob a mira de um desgraçado por culpa dela, e tenho um pressentimento de que os problemas estão apenas começando.

Dominic dirige inexpressivo, não demonstrando

absolutamente nenhuma merda do que está pensando, mas eu o conheço bem o suficiente para saber o inferno que está em sua cabeça. Eu o vi desta maneira vezes demais para não reconhecer exatamente a porcaria. Durante alguns anos fui especialista em deixá-lo assim.

Enquanto isso, a diaba olha pela janela, distante, com os olhos cheios de lágrimas.

— E então, em que porra você estava pensando indo até lá? — pergunto, encarando-a pelo espelho retrovisor.

Percebo Dominic endurecer e esmagar ainda mais o volante, mas não se manifesta. Luna muda a direção de seus olhos e encontra os meus no espelho. Vejo um beicinho teimoso. Porcaria, dá até para entender o que Dominic viu na diaba.

Sabendo que ela não vai me responder, inclino a sobancelha e estreito os olhos, lançando um aviso de que não sou meu irmão e comigo ela não se criará.

— Eu precisava pegar uma prova contra Vicent — ela resmunga tão baixo que mal posso escutar.

Respiro fundo.

— Ah sim, e você provavelmente tinha um bom plano — cuspo irônico, desejando jogá-la pela janela com mais fervor.

O queixo da menina treme, num vacilar atingido, e Dominic me lança um olhar de lado. Ignoro, de qualquer

forma.

O silêncio de um minuto dá a entender que ela não vai falar mais nada, até que seu suspiro rompe isso.

— Se eu não fizer nada, ele vai se safar — seu rosto contorcido se vira para a janela — Esta noite Vicent está se lançando para o senado.

Inferno. Li sobre isso nos jornais esta manhã.

Eu até entendo seus motivos para odiar o cara, depois de um breve resumo da história, mas ainda assim sua atitude foi de uma tolice monumental. E pior, colocou a vida de Dominic em risco.

Se bem que agora eu realmente estou curioso sobre como uma menina miúda acha que pode atingir um cara poderoso como o maldito Wine, que em breve será, certamente, um senador.

— O que exatamente você estava procurando naquela casa? — aperto-a, descaradamente entregando meu interesse.

— Damien — meu irmão rosna baixo, mandando a advertência.

Bufo.

— Nem vem, Dominic. Se eu arrisquei minha vida por causa dela, eu mereço saber a merda toda — quebro logo a bolha de uma vez.

Minhas palavras caem no colo da menina como

dinamite, pela maneira envergonhada como ela se encolhe.

— Eu gravei, sem querer, uma conversa dele... — seu peito sobe e desce numa respiração curta — Com o cara que cortou os freios do carro da minha mãe.

Oh merda. Isso realmente é serio.

— Porra — resmungo baixo, num assovio.

Dominic a encara pelo espelho, sua expressão não se altera, mas vejo o sentimento que o puto tem por ela passando rapidamente por seus olhos.

Seu coração ainda será sua ruína. E se eu não me cuidar, o meu irá pelo mesmo caminho.

DOMINIC

Deixo Luna fazer seu caminho para o quarto e abro uma garrafa de uísque que há tempo estava guardada. Eu realmente não quero falar com ela agora. Inferno, mal consigo controlar a tempestade se formando no meu peito com a realização de tudo o que aconteceu hoje.

Na sala, desabo minha cabeça entre as mãos, sustentando a maldita dor latente nas têmporas. Depois de deixar Damien em frente ao seu apartamento, não troquei nenhuma única palavra com ela pelo caminho até aqui, e

honestamente, tenho medo de perder o fio de controle que ainda está me mantendo.

Talvez eu esteja agindo errado nesta história toda. De alguma forma, eu deixei Luna mudar o foco da minha vida e ter o domínio da situação. Minha órbita passou a ser em função dela. No entanto, claramente, para ela pouco importa qualquer porra sobre o que penso. Ela mentiu, quando perguntei diversas vezes esta manhã se estava tudo bem. Depois que saímos do supermercado alguma coisa mudou, certo que sim, mas ela optou por não falar a verdade. Provavelmente lá ela tenha visto alguma coisa sobre o maldito Wine, e sem nenhuma consideração com minha opinião, tomou uma decisão e seguiu em frente.

Eu poderia dizer que ela é imatura e justificar assim suas atitudes, mas a verdade é que Luna sabe bem o que quer, e pelo jeito, eu não faço parte de seus planos.

O pior é que cada passo que ela dá, ignorando meus pedidos, mais seus problemas aumentam. Dirty deve estar em algum canto tramando qualquer merda. Vicent a esta altura já sabe que Luna está de volta.

Honestamente, eu nem sei mais o que pensar. Hoje tive apenas uma certeza: seu desejo de vingança é maior do que qualquer sentimento por mim.

LUNA

Ele está tão distraído que nem notou minha aproximação. Seus ombros tensos, um copo de bebida em sua mão, e o olhar distante. Dominic não disse nada, nenhuma palavra, mas sei que minha ideia de *‘faça você mesmo’* não caiu muito bem, e sinceramente, eu não estaria viva agora para reconhecer isso se não fosse por ele.

— Nós podemos conversar? — peço baixo, me aproximando de sua frente.

Seu olhar se ergue para o meu rosto.

— Agora não é uma boa hora Luna — a rouquidão e o brilho escuro me assustam. É como se ele estivesse... desistido de nós.

Engulo a sensação amarga, atingida por uma dor tão profunda que nem sei explicar. Desarmada, me ajoelho a seus pés, tanto porque quero olhar seus olhos de perto, quanto porque minhas pernas ficaram imediatamente bambas com o terror da ideia de que Dominic está me deixando.

— Eu não pensei no que estava fazendo Dominic... eu sei que fiz uma coisa imbecil... — murmuro buscando por amparo em seu rosto sem expressão — Você tem razão se estiver chateado comigo.

Nenhuma palavra, mas tenho sua atenção. Nervosa, levo minhas mãos trêmulas para tocar as suas, quentes.

— Mas eu gostaria que você entendesse os meus motivos. Aquele homem matou a minha mãe, e quase me matou também.

— Por que você não me contou sobre isso, Luna? — não é uma acusação, mas a decepção é quase palpável.

— Eu realmente achei que eu podia ir lá sozinha... e se algo desse errado, eu não podia deixar você se arriscar nisso... — respiro fundo — Eu estava com raiva — confesso envergonhada.

Dominic respira profundamente.

Sua mão se solta das minhas, deslizando por seu cabelo. O ritmo de morte de sua carótida contrasta com a impassibilidade de seu semblante.

Eu o estou perdendo... Senhor, Dominic está desistindo de mim.

— Ouça Luna. Eu realmente não estou com cabeça para conversar hoje, e você também passou por muita coisa... — mesmo que sua voz não demonstre nada, seus olhos desviam dos meus num sinal claro que a conversa acabou — Vá se deitar e descanse um pouco.

Pisco algumas vezes para conter as lágrimas e concordo com a cabeça.

Arrastando meu corpo para longe, desintegrando

lentamente.



Capítulo 26

LUNA

Passei uma das piores noites da minha vida, sentindo meu coração esmagado, sem saber o que fazer para reverter isso. Dominic não dormiu comigo, e uma certeza amarga de que o estou perdendo zune dolorosamente meus sentidos.

Coisas que eu gostaria de dizer estão girando em turbilhões, enquanto encaro o teto escuro. Eu não tinha a intenção de mentir ou agir por suas costas, eu só quis poupá-lo do perigo, protegê-lo... mas é como dizem, o

caminho para o inferno está pavimentado de boas intenções. Dominic nunca falhou comigo, mesmo quando eu pensei que não queria estar nesta casa, ele foi me buscar, enferma, e cuidou de mim. E eu quebrei sua confiança.

Desmascarar meu padrasto monstro em frente a todos e enviá-lo para a cadeia parecia tão certo, no entanto, assumo que foi ingenuidade e uma burrice profunda pensar que seria simples. Eu não contei com o que poderia acontecer. Frank se mostrou ainda pior do que eu pensava, nem imagino o que teria acontecido se Dominic e Damien não aparecessem. *Céus*, a imagem daquele bandido com uma arma apontada para Dominic arrastou a vida fora de mim.

Fato é que não posso e não vou desistir de retomar o que Vicent nos roubou, eu devo isso a minha família, mas se desejo manter Dominic na minha vida, eu preciso incluí-lo nos meus planos, ou irei perdê-lo, definitivamente... se é que já não perdi depois de tudo.

O relógio marca pouco depois das cinco da manhã. Como um zumbi, entro no banheiro e me ponho embaixo da água norma do chuveiro, implorando para que essa angústia escorra do meu corpo. Lágrimas se misturam a água. Eu amo Dominic, amo tanto e com tanta força como nunca senti nada parecido antes, por ninguém. Não posso

perdê-lo. Dominic determinou um sentido para minha vida.

Aperto os olhos fechados. *Senhor, não permita que eu o perca.*

De cabelos úmidos, envolvida em um de seus suéteres, arrasto-me silenciosamente para a sala. Dominic está sentado, com as costas e cabeça descansadas no encosto do sofá. Na escuridão. Não posso afirmar se seus olhos estão fechados ou se ele está encarando o teto, mas não consigo me manter longe. Passo a passo, faço o que meu coração manda e me deito no sofá, com a cabeça apoiada em cima de suas pernas e o corpo enrolado em uma bola.

Sinto automaticamente os músculos de suas coxas enrijecerem. A respiração apertada rugindo em seu peito avisa que ele também está acordado.

— Eu amo você — sussurro baixinho, deixando uma lágrima silenciosa escorrer pela bochecha — Minhas atitudes podem não ser as melhores, e eu sei que tenho errado algumas vezes não te escutando, Dominic... — limpo meu rosto com a manga da blusa — Mas eu queria que você pudesse tentar entender meus motivos...

Meu sussurro é o único som na sala.

— Desde que eu saí do hospital, eu já planejava

fazer Vicent pagar pelo que fez à minha família. Eu odeio aquele homem — uma emoção ruim embarga minha garganta — Mas eu também sou ciente, em primeira mão, do que ele é capaz de fazer e eu não podia te envolver nisso.

Mordo meu lábio na tentativa de ganhar alguma distração para a sensação de raiva queimando meu coração.

Uma respiração mais pesada de Dominic me motiva a continuar. Se ele ainda está aqui me ouvindo, então eu tenho isso ainda a meu favor.

— Quando você estava pagando a compra no supermercado, eu vi na capa de uma revista a imagem de Vicent, com a melhor amiga da minha mãe, Del — respiro fundo deixando um soluço escapar — E então tudo ficou claro pra mim, os dois agiram em conluio contra minha mãe... Você entende o que é isso?

Suavemente, como se travando uma luta interna, sinto sua mão quente tocar o topo da minha cabeça, mas ele permanece em silêncio, me deixando falar.

— Eles a traíram, Dominic... e-u simplesmente não posso desistir de lutar. Minha mãe merece justiça. Sei que ir até lá foi uma burrice sem tamanho, mas eu honestamente não consegui pensar em mais nada a não ser desmascarar aquele bandido.

Com uma expiração pesada, finalmente a rouquidão

corta o ar.

— Você poderia ter falado comigo, Luna.

Levanto imediatamente de seu colo e me ajesto para ficar de frente pra ele. Quase perco o ar com a força sombria em seus olhos. Sim, Dominic está lutando contra si mesmo.

Ele vai me deixar. Ele vai me deixar, Deus.

Em lágrimas, toco seu rosto.

— Não desista de mim, Dominic, por favor, eu te amo, te amo muito, muito — engasgo com a velocidade em que as palavras são disparadas.

Seu rosto é uma máscara de controle, o músculo do maxilar pulsa, mas os olhos escurecidos permanecem numa serenidade costurada.

— Eu não vou desistir de você. Pensei muito sobre tudo isso, e eu vou te ajudar — a declaração vem como uma sentença.

Suas palavras me tiram momentaneamente dos trilhos. Por que, apesar de favorável, sua frase parece fora de lugar?

— V-ai me ajudar? — sussurro, tentando entender o que está errado.

— Sim — a resposta determinada não acalma em nada este pressentimento de que estou perdendo alguma coisa aqui.

— Como? — sopro baixo, mas sei que ele ouviu.

— Diga-me o que exatamente você tem contra Wine, onde está a câmera e eu vou te ajudar a pegá-la e levá-la à polícia.

Fico olhando para seu rosto, buscando por um sinal para me tranquilizar, mas tudo o que eu vejo é um abismo sendo construindo, me afastando.

Vagarosamente, um pouco perdida, conto exatamente como as coisas aconteceram, e como a declaração de culpa daquele homem está guardada na biblioteca da minha casa.

— Como você vai fazer isso? — termino perguntando, em assombro.

— Eu conheço algumas pessoas que podem ajudar.

Balanço a cabeça, concordando, novamente.

— Eu preciso que você prometa, Luna, que vai me deixar resolver isso e não vai fazer mais nenhuma besteira — seu pedido juntamente com a intensidade de seu olhar em busca da verdade arrancam um suspiro derrotado do meu peito.

— Eu prometo — digo honestamente.

Desta vez, eu não vou fazer nada, eu vou confiar em Dominic, como eu deveria ter feito.

Apesar da sensação de que as coisas com Vicent vão se resolver, uma dolorosa pergunta martela alto na

minha cabeça, eu não quero perguntar, porque tenho medo da resposta, mas a necessidade de abrandar a insuportável dor comprimindo meu peito é maior.

— E depois Dominic? — sussurro não escondendo meus temores.

— Uma coisa de cada vez Luna.

Senhor.

Ele não me chamou de bebê, daquele modo que penetra minha alma, tão pouco deixou qualquer esperança sobre ‘nós’. Dominic quer me deixar... Céus, o que eu faço? Estou perdendo a pessoa que mais amo.

Engulo a saliva com sabor de derrota, toco meu peito para abrandar a dor, e concordo com a cabeça.

Dominic saiu, dizendo que precisava passar na obra e resolver algumas coisas, ele sequer tomou café da manhã comigo. Eu realmente não sei o que está se passando em sua cabeça agora. E a cada minuto, só fico pensando em como consertar as coisas.

Gabrielle.

É isso.

Ela pode me ajudar, ela vai saber o que eu deveria fazer. Estou perdida e com tanto medo, que qualquer ajuda é bem vinda, tudo para que Dominic não me chute de sua vida.

DOMINIC

Eu gostaria de dizer a Luna que as coisas vão ficar bem entre nós, no entanto, eu realmente não sei se isso é verdade. Porra, se ela soubesse o que ela representa pra mim, o quanto ela se enraizou no meu peito, inferno, eu mal estou pensando em qualquer outra coisa que não seja ela, desde o dia que eu botei meus olhos nessa menina, e sinto que estou me perdendo no processo.

Eu não posso permitir que um sentimento assim me cegue para o que é importante. Se eu continuar fechando meus olhos para suas atitudes, estarei sendo conivente com suas escolhas imprudentes. Eu não quero ser o espectador de sua morte, e é isso o que ela está procurando constantemente. Luna já provou que faz o que bem entende, sem se importar com as consequências de suas ações. Quando ela abandonou minha casa, doente, desnutrida, ela não pensou que poderia acarretar em uma piora em seu estado. Quando Luna atacou Dirty, ela ignorou meu pedido de se afastar do beco e causou um grande problema, tanto para ela quanto para Jasmine. O tal Frank poderia ter matado ela, e Deus nos livre, feito coisa pior. Tudo por que ela não é capaz de pensar em

mais ninguém além dela mesma.

A vida que eu escolhi demanda de fazer mais pelos outros. Muitas pessoas dependem das escolhas que eu faço, não posso ter todo o meu tempo tomado pelo medo de que ela possa estar em algum maldito problema por sua teimosia. E é só o que eu tenho feito.

Eu vou resolver esta bagunça com Wine, vou ajudá-la a levar aquele bastardo para a prisão, e depois, Luna e eu teremos que resolver as coisas, definitivamente.

Inferno! Espero que eu seja forte o suficiente para esperar até esse dia e tomar a decisão certa quando for a hora.

LUNA

Procuro o número do telefone de Gabrielle, e treino algumas vezes antes de ligar. Eu deveria metê-la nisso? Eu realmente preciso de alguém experiente agora, que me diga o que fazer para que aquele homem não me deixe. Gabrielle disse que vai me ajudar, então eu vou acreditar nisso.

O telefone chama algumas vezes, até que uma voz animada atende.

— Gabrielle? — pergunto tímida.

— Sim, quem é?

— Sou eu, Luna — mordo meu lábio.

— Luna! Que bom que você ligou! Eu já estava indo atrás de ligar para Dominic para saber seu número. Como você está? — sinceridade é tudo o que eu sinto.

— Bem... eu na verdade não tenho celular, este é o número da casa de Dominic. E você, tudo bem? — estou estranhamente envergonhada.

— Maravilhosa! — uma risada acompanha a frase.

— Fico feliz — respondo sorrindo, e então volto a ficar constrangida com o meu próximo passo — S-erá que você tem um tempo pra gente conversar, hoje?

— Claro! Lembra da minha amiga Katy?

— Aham...

— Eu e ela estamos indo a uma loja de vestidos, e depois para um café, quer vir com a gente?

Respiro fundo, não tendo certeza se é uma boa ideia.

— Ela esta aqui dizendo pra você vir — ela ri, falando comigo e com sua amiga, simultaneamente.

Certo... toda ajuda é bem vinda, Luna.

— Tudo bem, eu vou então. Qual o endereço?

Anoto e combino de encontrá-las em uma hora. Recusei que ela viesse até aqui me buscar, seria uma volta enorme.

Agindo pelo certo, faço a próxima coisa necessária.

Poucos toques, e a voz de Dominic atravessa meu ouvido.

— Luna? — sua preocupação me enche de culpa.

— Dominic — sussurro.

— Está tudo bem?

— Sim, sim... e-u estou ligando para avisar que combinei de encontrar a Gabrielle e a Katy para um café...

— risco o chão com meu pé — Você sabe, para sair um pouco — dou de ombros, desajeitada.

Um suspiro de alívio evidente soa do outro lado.

— Isso é bom... — silêncio — Eu estou passando aí para te levar.

— Não! Quero dizer, não é necessário, e-u posso...

— Em dez minutos eu estou aí — ele avisa, sem recuos.

— Ok — respiro fundo — Dominic?

Outro suspiro abafado.

— Sim? — a rouquidão lança arrepios através do meu corpo.

— Eu te amo, muito — mordo o lábio, sentindo minhas bochechas corarem.

Um silêncio infinito do outro lado me faz pensar que ele desligou, então ouço a respiração pesada.

— Eu também, bebê. Eu também te amo.

Se ele pudesse ver meu riso vergonhoso e a dancinha constrangedora em meio às lágrimas, talvez ele retirasse sua frase.

— Nós vamos ficar bem, não vamos? — arrisco minha sorte num sussurro fraco, temeroso.

— Eu acho que sim.

Balanço a cabeça, numa mistura de tristeza e alegria, a esperança faz isso com a gente.

Puxo algumas respirações para não chorar de verdade. Tudo vai se resolver. Eu só preciso ter fê. Desligando, fico olhando para o aparelho telefônico, buscando uma resposta mágica para como arrumar a bagunça.

Pontual, Dominic gira a chave da porta, para me encontrar em pé, a poucos passos, esperando. Não me contenho e antes que ele possa me evitar, lanço para seu corpo, envolvendo meus braços em sua cintura.

A princípio, ele não corresponde, mas então, sou envolvida no calor de seu aperto, seu rosto encontra a curva do meu pescoço, em meio à bagunça dos meus cabelos.

— Luna... — o murmúrio cansado vibra na minha pele.

— Não me deixe — peço quase inaudível, sem

saber se eu quero que ele escute ou não.

Em resposta, meu corpo é espremido contra o seu.

A luz no fim do túnel está bem ali, eu só preciso me aproximar dela.

DOMINIC

O lugar do café onde Luna marcou com Gabrielle e Katarina é no lado norte da cidade. Confesso que fico aliviado que não seja no bairro. Dirty provavelmente está armando algum lance para cima dela e quanto mais eu a manter afastada, melhor. Se bem que a ideia de Luna com estas mulheres é um pouco aterrorizante. Sozinha ela já é terrível, imagine então na companhia delas. Ultimamente Luna tem me envelhecido dez anos mais do que o necessário.

Enquanto guio minha moto, tenho o pequeno corpo da menina agarrado a mim.

Mais cedo, andei pelo bairro atrás de Dirty e nada do sujeito. Nem mesmo Kidn e seus amigos fazem alguma ideia de onde ele está. Eu queria poder levar Luna para fora da cidade por um tempo, até tudo se resolver, mas, inferno, mal consigo ficar algumas horas longe... e nem sei como isso vai acabar.

Estaciono ao lado do carro de Katarina. Assim que as meninas reconhecem nossa chegada, praticamente arrastam Luna da garupa. Se há algo sobre elas que eu realmente aprecio é, a amizade e lealdade de umas com as outras, e tenho a impressão que minha menina está sendo atraída para uma boa equipe.

LUNA

Retiro o capacete, diante das duas mulheres exuberantes. Deus tenha piedade, que nenhuma delas esteja interessada em Dominic, eu não teria a menor chance.

— Luna! — Katy é a primeira a dizer — Dominic!

Dominic apenas sorri, um sorriso daqueles sinceros de tirar o fôlego.

— Katarina — ele aciona com a cabeça — Gabrielle.

Pulo da moto, vendo as meninas olhando pra ele com cara de bobas.

— Oi Gabrielle, Katy — falo timidamente.

Sem que eu consiga ver a placa do caminhão, sou enroscada num abraço duplo e tão apertado que acho que meu rim foi para o coração.

— Você está ótima! — Gabrielle diz em meio ao emaranhado de nossos cabelos.

— Nada perto de vocês — sorrio, me afastando e finalmente tomando ar.

Estas mulheres são intensas e aspiram confiança.

Viro-me para Dominic, entregando o capacete.

— Eu te ligo para dizer a hora de me buscar — digo baixo, hipnotizada com seu olhar me prendendo.

— Tudo bem, bebê, se cuide — ele sussurra, somente para mim.

Não evito e me aproveito do momento para beijá-lo. Encosto meus lábios nos seus e apoio minha mão em seu ombro.

— Beije-me — imploro baixinho, não desgrudando nossas bocas.

A resistência dura pouco, e então, com uma mão enroscada na minha cintura, ele me puxa para mais perto, sua língua facilmente encontrando passagem.

Seu beijo é duro, áspero, tanto para me punir quanto para me tomar insuficiente. Isso é tão perfeito.

— Não me deixe — sussurro sem ar, recebendo sua testa descansando contra a minha.

— Eu não farei, bebê — a rouquidão não deixa dúvidas.

Nós vamos ficar bem, eu só preciso encontrar o

caminho certo para isso.

De repente, um calafrio estranho, atravessa minha espinha. A mesma sensação que senti no dia do acidente.

Envolvo meus braços ao meu redor e dou um passo atrás. Senhor, que sentimento é esse?



Capítulo 27

LUNA

Sento-me no assento do canto, enquanto Katy fica ao meu lado e Gabrielle a minha frente. O pedido de um café vira um montante enorme de rosquinhas cobertas com creme e açúcar, e sanduíches acompanhados de batatas fritas. Analiso estas duas mulheres absolutamente em ótima forma e me pergunto para onde é que vai tudo isso. O apetite de ambas competiria facilmente com o de um construtor em horário de almoço.

Apesar da boa companhia, estou ainda sob os

efeitos da sensação ruim de poucos minutos, enquanto assistia Dominic girar sua moto e ganhar a avenida. Não gostei do que senti, realmente. Foi o mesmo calafrio assombroso do dia do acidente, quando cliquei meu cinto de segurança — ainda na garagem de casa — e vi o rosto de minha mãe ir de pânico profundo — por estar novamente à frente de um volante — a forçada autoconfiança como se dizendo a si mesma que ela conseguiria. Naquela hora, eu pensei que era um medo comum, visto que eu estaria no veículo de uma motorista com pouca prática, mas depois de tudo, acho que era mais como um instinto de algo estava errado, sei lá, inexplicável.

— Muito bem, pequena Luna, o que está te incomodando? — Gabrielle lança seu queixo para mim, enquanto a pobre boca luta arduamente com todo o açúcar e massa.

— Desculpe, acho que não entendemos direito o que você está tentando falar em meio a tudo o que você enfiou na boca de uma vez — Katy bate de ombros comigo, bem humorada, apontando para a boca e mãos de Gabrielle — Luna, precisamos proteger algumas destas pra gente, antes que seja tarde — ela puxa o prato, que estava ao centro, para o nosso lado.

Gabrielle nem se incomoda em responder. Graciosamente, ela pega um guardanapo, limpa os dedos e a boca.

— Não me recriminem, eu preciso de uma boa alimentação pela manhã — uma piscadinha exibida faz graça — Vocês sabem, tenho que manter minha energia de algum jeito — tenho a sensação de que não estamos mais falando de comida.

Katy solta uma risada boa de ouvir. Por uns instantes, até esqueço do pequeno sino desconfortável martelando meu cérebro e me permito rir junto com elas.

— Estou curiosa sobre como sua bunda pretende entrar naquele vestido, depois disso tudo.

Gabrielle joga os cabelos platinados por cima do ombro.

— Acredite em mim, Katy — ela balança a mão no ar — Se estou sabendo como adaptar um vestido de noivas para uma grávida de gêmeos que não param de crescer, certamente uns remendos no meu próprio vestido será como comer bolo de aniversário — seu sorriso brilhante só complementa o conjunto de uma beleza leve.

Eu gostaria de ser assim como ela, bonita, divertida, bem resolvida, talvez ajudaria na minha situação atual com Dominic.

— E então Luna, qual é o problema? — o assunto retorna pra mim, antes que eu tenha tempo de reagir.

Encolho-me alguns centímetros no lugar, e arranho algumas batatas no meu prato.

— Eu não sei... É só que... é complicado — oh porcaria, não gosto de ser o centro, ainda mais quando estou por um fio de me debruçar aqui, em lágrimas, com meu monólogo sobre *‘como perder um homem em sete dias’* — Eu meio que...

Katy empurra seu prato para frente.

— Porra, se você está enrolando assim é porque a situação é grave — sua concentração cai integralmente sobre mim — Acredite em mim, Luna, sou PHD em situações complicadas — seu humor me faz morder o lábio, entre o riso e o nervosismo — Vamos garota, conte logo.

Gabrielle me incentiva com a cabeça.

— Eu estou com medo de perder Dominic — falo de uma vez, entre uma aspiração profunda.

Elas se entreolham, absolutamente em branco.

— Por quê? — Gabrielle pergunta, sem entender — O que mudou desde o beijo ridiculamente *apaixonado* de vocês, há alguns minutos? — ela estremece com a palavra ‘apaixonado’, de um jeito engraçado.

Respiro profundamente.

— Eu meio que fiz algumas coisas impensadas, que ele não aprova... sabe?! — encaro minhas batatas começando a esfriar.

Katy limpa a garganta.

— Bem, pelo que vimos ali fora, acho que ele aprova e muito.

Levanto os olhos e encaro as duas, que têm seus rostos em expectativa pela história.

E então eu começo a contar, desde o início, de coração aberto, falo sobre como minha monótona vida se transformou no caos, por causa da ganância daquele monstro, como eu fui parar na casa de Dominic, as coisas que sinto, que fizemos juntos, como me senti, e finalmente, como estou prestes a perdê-lo se eu não arrumar a bagunça. Katy e Gabi apenas me escutam, sem julgamento, com olhares aflitos em alguns pontos da história, derretidos quando conto sobre quanto eu amo Dominic, e pacientes ao ouvir os problemas que criei a vida do homem.

Ao final, parece que um caminhão passou sobre mim, estou emocionalmente perdida, ouvindo cada palavra que digo e amando ainda mais Dominic sobre como ele tem duramente me respeitado, me protegido e se importado comigo.

— Ele é a pessoa mais incrível do mundo — termino dizendo, com um soluço baixo.

As mulheres respiram, concentradas em mim, confirmando minha frase com acenos.

— Luna, por tudo o que você disse, Dominic nunca vai te deixar, confie em mim — Gabrielle assume um tom

conciliador — Eu já te falei o que penso dele, aliás, as meninas compartilham minha opinião — Katy acena silenciosamente que sim com o que Gabi diz — Ele só parece estar chateado pela maneira como os fatos aconteceram.

Katy morde o lábio, com os olhos estreitados.

— Ele te ama, Luna. Não tenha medo — sua mão aquecida pega a minha por cima da mesa — Agora, honestamente, eu nunca pensei que Vicent Wine fosse esse psicopata bastardo do caralho.

Gabrielle resmunga alguns palavrões também.

— Eu tenho muito medo do que ele pode fazer contra Dominic, sabe, muito mesmo, foi por isso que fiz o que fiz — embargo no meio da frase.

— Eu entendo, Luna — Gabrielle assente — Mas se Dominic disse que vai resolver, acredite nisso. Ele vai. Eu nunca vi ninguém fazer metade das coisas que ele faz pelos outros, a vida do cara é inacreditável, e certamente, ele cuidará dessa situação.

Puxo uma grande quantidade de ar, me permitindo relaxar um pouquinho que seja com suas palavras. Finalmente consigo tomar um pouco do café, com uma boa sensação de leveza por ter colocado tudo para fora. Eu precisava disso. As mulheres também relaxam em seus encostos, me transmitindo a mensagem silenciosa de que estão comigo. Estranhamente, me sinto tão bem com elas

que é como se eu já as conhecesse.

Despretensiosamente, Katy desliza o dedo pelo creme da rosquinha em seu prato, enfia na boca e me estuda de um jeito cheio de suspense.

— Agora sobre algo igualmente importante: você não pode nos deixar de fora de todos os detalhes sórdidos de quando o sexo finalmente acontecer, hein — recebo uma cutucada — Você sabe, não é? Seu homem é quente como o inferno, Luna... que Daniel não meu escute, claro — seus pequenos ombros caem para frente, falsamente culpada.

Não consigo evitar um sorriso desajeitado.

— Vocês certamente são umas cadelas sortudas — Gabrielle enfia uma rosquinha melada inteira em sua boca, desgostosa.

Fico algum tempo envolvida em suas conversas, ouvindo mais sobre elas, sobre os detalhes do casamento que estão preparando para uma amiga delas chamada Priscila, grávida de gêmeos e vivendo na Rússia, e sobre a viagem que Gabrielle fará em breve.

Até que, a vibração do celular de Katy sobre a mesa é a minha deixa para escutar os apelos da minha bexiga implorando por alívio.

— Meninas, eu preciso usar o banheiro — aviso, inchada de tanta comida.

— Eu vou com você — Gabrielle arrasta a cadeira para trás, levantando-se.

Katy lê a mensagem e se levanta também.

— Luna, Dominic avisou que vai demorar um pouquinho para vir, então podemos ir à loja da Shultz, do outro lado da rua, o que vocês acham? — ela acena com o aparelho, não escondendo a animação de visitar a loja de sapatos famosa por ter algumas marcas exclusivas — Não que eu possa comprar qualquer lá. Dani acha que tenho sapatos demais — seus olhos brilham felizes com a menção do nome do homem.

— Tudo bem — digo simplesmente... e lá vem aquela sensação estranha.

— Oh, me desculpe — Gabrielle diz a um sujeito que ela esbarra sem querer, no caminho para os toaletes.

Abro a porta do banheiro, e antes que eu entenda o que está havendo, tenho Katy me empurrando para dentro, seguida por Gabrielle.

— O que...? — digo surpresa, olhando para trás.

— Porra Gabi! — Katy murmura, fazendo o mesmo movimento com a cabeça...

E então encontramos o rosto de Gabrielle, sempre tão corado, desta vez pálido, seu sorriso morto e os olhos arregalados. Atrás dela, o homem que eu não tenho a sorte de estar reencontrando... Dirty.

— Entrem e calem as malditas bocas vadias! — ele rosna baixo, uma expressão feia, por baixo de um boné escuro.

Não precisa ser inteligente para deduzir que ele tem alguma coisa encostada nas costas de Gabrielle.

Com um empurrão rápido, nós três somos lançadas para dentro e o sujeito rapidamente fecha a porta, trancando a todos nós.

— Que porra você está fazendo? — Katy resmunga com um olhar de morte para o homem — Se você quer nos assaltar, nossas bolsas ficaram na mesa — seu tom desgostoso não faz nada para alterar a expressão sombria do homem direcionada a mim.

— Cale a boca, cadela. Eu quero a sua amiguinha aqui — em dois curtos passos, ele tem sua mão apertando meus braços.

— O inferno que você quer! — Gabrielle empurra o cara de lado, sua ousadia tem a arma dele apontada diretamente para ela.

— Eu não vou avisar novamente, e não estou brincando. Qualquer movimento de vocês e seus miolos estarão sendo raspados deste teto.

— Deixe elas irem, Dirty — sussurro mal escutando o ruído amedrontado — Seu negócio é comigo.

Um sorriso de escárnio quebra o canto de seu lábio,

mas o suor caindo de suas costeletas denuncia o nervosismo do homem.

— Aqui — ele aponta com a arma para mim — Pegue isso — levantando a blusa, ele tira um rolo de fita adesiva metálica — E amarre as mãos de suas amigas.

— Por favor, não faça isso — peço me pondo na frente delas.

— Maldita vadia! Faça o que estou mandando, ou essa loirinha aqui será a primeira — a arma balança no ar entre nós.

Com as mãos trêmulas, eu pego a fita dele e viro para ficar de frente a elas, e então sinto o metal frio contra minhas costas.

— Faça o que eu estou mandando e eu deixo suas amigas vivas e levo somente você, caso contrário, você vem comigo de qualquer jeito e elas sairão daqui com seus corpos em sacos.

— Me desculpe — murmuro um pedido, mortificada por colocá-las nisso.

Ambas tem preocupação crua em seus rostos.

— Você não pode ir com ele Luna — Katy sussurra me implorando com os olhos.

Respiro cortado.

— Eu não tenho opção.

Sem saber o que estou fazendo direito, e sob a mira

da arma do homem, enrolo uma quantidade generosa de fitas nos punhos de Katy e corto com os dentes, evitando seu olhar. E então faço o mesmo com Gabrielle.

— Não faça o que ele quer Luna — ignoro, com o coração na mão, seu pedido aflito, e faço o trabalho de prender seus pulsos.

Meus olhos se cobrem de lágrimas.

— Agora ponha fita na boca delas — o homem treme a arma como um maluco.

Outro pedido de desculpas murmurado, e deixo Gabi e Katy com fitas em suas bocas. Se eu pudesse definir esse momento com uma palavra, seria *pavor*.

— Dê-me seus celulares — ele exige.

— Eu não tenho — grasno.

— Pegue o delas.

Com um pisão, o celular de Katy é agora um amontoado de cacos. Empurrando seus corpos para a repartição de um sanitário, Dirty deixa Gabrielle e Katy trancadas, e então tenho sua total atenção.

— Você vai sair daqui comigo, numa boa, sem que ninguém perceba. Qualquer gracinha e eu atiro em você e em todas as pessoas que estiverem lá fora. Você entendeu?

Meu corpo inteiro amolece, nem consigo dizer que entendi, meus músculos são apenas pastas gelatinosas.

— Porra! Você entendeu cadela?

Balanço a cabeça confirmando. Porcaria.

— Vamos lá então amor. Você será meu bilhete premiado.

Enroscando seu braço no meu, Dirty abre a porta e caminha colado a mim, pelo café. Um sorriso casual talhado em seu rosto obscuro, e tudo o que eu faço é olhar para o chão e rezar para que ele não faça nenhuma besteira aqui, com tanta gente no lugar.



Capítulo 28

LUNA

Caminhamos lado a lado. Com meu corpo colado ao de Dirty, ele mantém sua mão em um aperto firme no meu cotovelo e o cano frio da arma encostado à lateral da minha costela. Tão discretamente que não recebemos um único olhar pelo caminho até a saída. Simplesmente ninguém notou. Não sei se vibro ou choro com o estado alheio de toda essa gente.

A passos apressados, andamos rapidamente pelo estacionamento até um furgão branco, que já viu dias

melhores. Destravando as trancas, Dirty abre a porta traseira e me empurra para dentro, bruscamente, e em questão de segundos estamos em movimento para a avenida.

— Onde estamos indo? — pergunto forçando a calma.

— Pegar minha recompensa — um sorriso frio e sem vontade arranha a lateral de sua face, a parte que consigo ver de onde estou.

Oh merda! Não é necessário legenda ... sim, Dirty vai me entregar a Vicent.

A ideia cai como uma superdose de laxante no meu intestino.

— Não faça isso, por favor, se é dinheiro que você quer, nós podemos conseguir isso de outro jeito, Dirty, mas, por favor, me deixe ir — a súbita secura na garganta não ajuda muito contra o pânico em minha voz.

Uma freada brusca me arremessa para frente como um saco de batatas. Meu rosto bate contra a parte traseira do banco do motorista, salpicando agulhas pela pele. Isso realmente doeu.

— Aí — grunho surpresa.

Sua cabeça inclinada sobre o ombro me encontra, e então vejo o perigo iminente em seus olhos.

— Não me faça ir até aí atrás e amarrar sua boca

também, maldita cadela — o som é algo como um aviso perigoso — Eu certamente terei muito prazer em arrebentar esse seu rostinho bonito se for necessário.

Engulo o gosto amargo de um refluxo e me arrasto para longe de seu alcance.

DOMINIC

Deixo a moto de qualquer jeito em frente ao café e ando para a porta de entrada. Menos mal, o carro de Katarina ainda está aqui, mandei uma mensagem a ela avisando que me atrasaria, mas não recebi resposta e tão pouco ela atendeu ao telefone, que foi direto para a caixa postal.

Inferno, ter os dois pneus de minha moto furados no estacionamento da igreja de Simon certamente não é um acaso, aquilo foi provavelmente um recado traiçoeiro, e para arruinar ainda mais, nem o pastor teve informações sobre o paradeiro daquele maldito traficante. Algo está fora do lugar.

Entro no café, excepcionalmente cheio, e olho por todo o espaço a procura das mulheres. Merda. Nem sinal. E esta sensação apertando as entranhas não é boa.

— Com licença — intercepto o caminho de uma

garçonete — Eu estou procurando três mulheres, uma alta ruiva, uma delas com o cabelo bem loiro e outra morena, eu as deixei aqui há umas duas horas, elas estão naquele SUV preto — aponto pela vidraça — Você as viu?

A menina acompanha o sentido do meu dedo e depois volta a me encarar, seus olhos fazem aquele maldito movimento avaliativo por todo o meu corpo, mordendo o lábio, num suspiro, e estufando os seios para a frente... oh merda, eu realmente não tenho tempo para isso agora.

Levanto uma sobrancelha, impaciente. Malditamente algo não está no lugar.

— E então?

Piscando sob os cílios, ela olha para uma das mesas de canto, não há ninguém, no entanto as xícaras e comida ainda estão lá. Ao me aproximar, vejo suas bolsas apoiadas nas cadeiras. Viro-me para trás a ponto de me esbarrar contra o corpo da garçonete, que me seguiu.

— Elas podem ter ido ao banheiro — ela morde o canto da caneta, numa tentativa falida de chamar a atenção.

— Você se importaria de verificar se elas estão no banheiro? — pergunto com permeada passividade, em resposta recebo um olhar de desaprovação, como se eu fosse um maldito perseguidor — É importante — reforço.

Com uma expressão de *'fala sério'* e um revirar de olhos, a menina se vira e vai em direção à parte dos fundos. Sem hesitar, eu a sigo. Sim, olhando desta forma, pareço um daqueles namorados obcecados.

Abrindo a porta, comigo logo as suas costas, escutam resmungos abafados, de mais de uma pessoa. Oh inferno, isso não é bom. Com todos os meus alertas ligados, afasto a menina para o lado e entro no banheiro, meu sangue correndo em velocidade e um arrepio de mau agouro fazendo um bom trabalho em me cegar. Passo pelo primeiro sanitário, empurro a porta, vazio. No segundo, os gemidos aumentam. Bato com o punho e sei que estão aqui.

— Se afastem, eu vou arrombar a porta — aviso e espero um segundo para me lançar de ombros contra a fina estrutura.

Porra dos infernos!

Katarina e Gabrielle estão amordaçadas e de punhos presos com fita adesiva metálica. Luna não está com elas e os olhares de pânico das mulheres diz o que eu não gostaria de saber.

Com cuidado, retiro a fita da boa de Gabrielle, enquanto a garçonete ajuda com Katarina.

— Ele a levou! O cara a levou! — ela se agita antes mesmo do adesivo abandonar sua pele.

— Quem Gabrielle? Quem a levou? — mal sei como estou mantendo a calma.

— Um cara alto, feio, com uma cruz tatuada perto do olho! — é Katarina quem fala — Luna o conhecia! Porra, o nome dele é algo como... — ela estreita os olhos, tentando lembrar — Como sujo, sei lá... Dirty — seus olhos brilham — O nome dele é Dirty!

Maldição.

Tenho que apoiar a mão na parede para sustentar a sensação de caos rasgando meu corpo.

— Há quanto tempo?

— Nem dez minutos, Dominic. Foi agora a pouco — Gabrielle conta apreensiva — E ele está armado.

— Ela contou sobre Vicent Wine — Katarina tem seus punhos desvencilhados pela garçonete — Você acha que ele tem algo a ver com isso?

Mordo a carne da parte interna da boca, sentindo o gosto metálico de sangue.

— Acho que a recompensa que ele divulgou tem sim — rosno um som cortado.

— Precisamos chamar a polícia — a garçonete diz alarmada.

Katarina e Gabrielle me olham, tensas, esperando uma decisão minha.

Merda. Eu deveria envolver a polícia nessa

situação?

Penso por um minuto, analisando as opções. Incluir a polícia pode acuar Dirty e colocar a vida de Luna em risco... por outro lado, se Vicent Wine for exposto, provavelmente ele não vai querer dar outro passo contra a vida dela e chamar mais atenção para si. Inferno, eu nem sei se Dirty já fez contato com o maldito político ou se resolveu agir por conta própria, uma coisa é certa, o traficante sujo quer o dinheiro da recompensa, e se ele ainda não ligou para Wine, logo o fará.

— Vocês podem ficar aqui e cuidar disso? — peço às mulheres.

— Claro que sim, Dominic — Katarina é a primeira a confirmar.

— Nós devemos dizer a eles quem é ela? — Gabrielle pergunta pra mim, olhando com receio para a garçonele.

— Sim, diga-lhes que ela é Luna Saint'Clair — tomo minha decisão — Entenda de Vicent Wine.

As mulheres confirmam com olhares apoiadores. Eu sempre soube que Luna estaria em boa companhia com a amizade delas.

Saio do café deixando que elas cuidem da polícia quando eles chegarem. Gabrielle ainda tem seu telefone, já o de Katarina foi esmagado pelo maldito homem, elas

vão me ligar assim que o proprietário do estabelecimento encontrar nas imagens de segurança, alguma pista de como Dirty tirou Luna do lugar.

Inferno, espero que a polícia seja rápida em encontrá-la, mas não vou ficar aqui pagando para ver, tenho que procurar minha menina.

Puxo meu telefone do bolso de trás do jeans e ligo para o pastor.

— Dom — o cara atende sem demora.

— Dirty sequestrou minha mulher — digo logo de uma vez, ele já sabe da história toda quando pedi sua ajuda para encontrar o traficante.

— Filho da puta — o calmo pastor, ex-policial e um dos melhores que o governo já teve, xinga do outro lado.

— Furar os pneus não foi uma ameaça, foi uma distração — reconheço.

— Kidn e aqueles garotos. Provavelmente foi algum deles — ele antecipa minha fala.

— Estou indo para arrancar isso dele agora. Preciso de sua ajuda para encontrar minha menina, Simon, fale com os seus contatos na polícia, veja o que eles podem fazer.

— Certo. Mantereí contato Dominic.

Subo na moto, sentindo tanta raiva e tanto medo como nunca antes, nem mesmo quando vi meus irmãos à

beira da morte.

Sem hesitar, eu daria minha vida por aquela mulher.

LUNA

O veículo barulhento conduz mais algum tempo e, no chão de onde estou, nem posso ver para onde estamos indo. Por mais que eu tente, não consigo afastar o pânico de que, desta vez, não há saída. Esse sujeito vai me levar para a morte me entregando a Vicent. E eu nada pude fazer para desmascará-lo.

Percebo a velocidade diminuindo, até parar. Dirty se vira para trás, apontando a arma em minha direção.

— Faça um movimento, vadia, e eu estouro sua cabeça. Seu papaizinho vai me agradecer.

Mordo a língua para não excomungar este infeliz. Eu não preciso de mais um problema agora.

Com rapidez, Dirty desce do furgão, e logo escuto o barulho de um portão de ferro arranhando o chão. Tudo que vejo é o teto de uma casa bem simples, com pintura descascada.

De volta ao volante, ele guia o carro para dentro, depois desce, e novamente o portão raspa barulhento.

— Desça — o homem ordena.

Respiro fundo e faço o que ele diz.

Apoiando meu braço, sou içada para dentro de uma casa, exterior humilde, com algumas vidraças quebradas, fachada decaída e nenhum cuidado com o mato alto na frente. A porta se abre e a escuridão com cheiro de mofo é só que se pode perceber. Nas janelas, cobertores inibem a passagem de sol.

Uma lâmpada solitária no teto é acesa, assim consigo ver alguns poucos móveis e nenhuma limpeza. Ninguém vive aqui, isto é óbvio. A realização alastra tremores por cada pequeno pedaço de minha pele.

Sou jogada ao chão, minhas costas bate contra uma parede gelada, e a bunda ecoa estatelada. Antes que eu possa sequer agir, Dirty está parado acima de mim. Num piscar de olhos, um chute forte e duro atinge minha perna, na altura da coxa. Caramba, dói.

— Você entrou no meu negócio — outro chute, desarmando minhas costelas da posição de defesa — Se meteu com o que é meu!

Ele apanha meu cabelo no punho e me obriga a encará-lo. Seu dedo amarelado é apontado para meu rosto, de forma trêmula, raivosa.

— Aquela puta é minha e depois que eu pegar minha grana, vou atrás dela. Está me ouvindo, vadiazinha intrometida?

— Me solte — resmungo entre os dentes, canalizando a dor de seu aperto.

— Nós vamos contar no relógio. Cada hora mais que sua gente demorar para vir entregar meu dinheiro, será uma hora a menos de você inteira, cadela do caralho — desfere um tapa no meu rosto que amortece a pele ao toque — Ninguém se mete no caminho de Lamar, está me ouvindo? Ninguém!

O homem se afasta um passo, seu tênis encardido ainda em posição de ataque.

— Dirty combina mais com você — debocho, para não chorar, segurando a bochecha doída.

— Abra sua boca somente quando meu pau estiver enterrado nela, vadiazinha — cospe venenoso.

Um chute mais fraco na altura da canela, não menos doloroso, aparentemente encerra a sessão. Suas palavras, porém, alarmam qualquer tentativa de permanecer calma.

Fico encarando seus pés, sentindo os olhos marejarem contra a minha vontade. Um barulho de botões de celular sendo apertados faz meus sentidos atentos.

— Eu quero falar com *o homem* — ele escuta alguma coisa em silêncio — Ei seu filho-da-puta, eu só vou tratar essa porra com *ele*, nem vem de enrolação — mais silêncio — Você pode ser o papa ou o irmão do capeta, que estou pouco me fodendo para isso. Eu só

negocio com ele! — a última parte é um berro descontrolado.

Céus, ele está falando com Frank.

DOMINIC

Demandou enorme esforço para manter o controle com o garoto Raphael, ou Kidn como o merdinha quer ser chamado. Tudo o que ele sabe é que o maldito Dirty ligou pra ele e ordenou que ele fizesse os rasgos nos meus pneus. Ele nem fazia ideia que Dirty sequestrou Luna e vi como isso o afetou. Quando toda esta merda acabar, eu vou ter uma conversa definitiva com o garoto, esta porcaria de vida que ele escolheu só tem dois caminhos, e nenhum deles é bom.

Meu telefone toca, no visor o número de Gabrielle, atendo rapidamente na esperança de notícias.

— Dominic, é a Gabrielle — ela diz baixo, com um suspiro cansado — Nós falamos com a polícia e... espera, eu vou por no viva voz.

O ruído de trânsito invade a linha.

— Katy e eu acabamos de sair do café — percebo a hesitação.

— Oi Dominic, é a Katarina — a outra mulher

assume, sua voz não está melhor do que a amiga. Meus alertas rugem que há mais notícias ruins — Nós esperamos a polícia e já falamos com eles. Acontece que um pouco antes deles chegarem, o dono do café nos mostrou as imagens do estacionamento. Luna foi levada num furgão branco, antigo, mas a placa estava coberta.

Engulo amargo. Porra, o maldito soube se esconder.

— E? — pergunto sabendo que tem mais coisa.

Um segundo de silêncio angustiante.

— Há algo sobre os policiais — Gabrielle começa — Nós estamos achando que eles...

— São corruptos — Katarina manda de uma vez — A atitude deles, depois que ouviram o nome do político mudou completamente.

— Por favor, expliquem isso melhor — peço paciente. Se elas pudessem ver meus músculos cerrados saberiam que é só uma fachada.

— Foi o seguinte, Dominic. Katy e eu contamos aos policiais como as coisas aconteceram. Então quando eles ficaram sabendo que Luna é parente do Vicent Wine, um deles se afastou para falar ao telefone e ao retornar mandou o dono do café entregar a gravação das cenas para eles, e, descaradamente, exigiu que o homem excluísse o arquivo do sistema, a troco de que eles fariam isso?

— E mais... — Katarina complementa — Eles disseram que nós não precisamos ir à delegacia, não coletaram assinaturas, somente nossos telefones e mais nada. Isso não parece um procedimento padrão, sei lá — ela delibera.

Meu estômago se agita em ânsia. Porra dos infernos, como eu não previ uma jogada destas vindo.

— Bem — respiro fundo — Obrigado meninas, qualquer notícia a gente se fala.

— Dominic? — Katarina chama antes de eu desligar.

— Sim, Katarina — minha mente já está elaborando o meu próximo passo.

— Nós estamos pensando em uma pessoa que talvez possa nos ajudar a encontrar Luna... mas é só uma ideia, de qualquer forma, ainda não dá para ter certeza... — sua voz recua uma nota — Qualquer notícia nos avise, Dominic, nós estamos com você... até mais.

— Até — resmungo baixo.



Capítulo 29

DOMINIC

Guio minha moto a caminho de encontrar com o cara que certamente não fará nenhuma questão de me ajudar, mas que tem os meios certos para isso, e mentalmente repasso as imagens de Luna, como um reforço para minha determinação. Estou fazendo isto por ela. Tudo por ela.

Eu deveria dar uma ligação a Sophi e deixá-la saber o que estou prestes a fazer, mas neste momento o tempo não está a meu favor.

Conheci Sophia há alguns anos através de Simon, e

bastou alguns minutos ao seu lado para enxergar o que ela lutava duramente para esconder do mundo: a dor excruciante guardada por trás da beleza pacificadora e profissional. Algo nela parecia dolorosamente apagado. No começo mantivemos a quantidade necessária de conversa somente a respeito dos nossos trabalhos, então a identificação foi acontecendo gradativamente, e cada dia nos aproximávamos mais.

Um dia me encontrei com ela para tratar de um problema com uma família auxiliada pelo Centro Comunitário e assistida por Sophi. Naquela tarde, depois de fazermos o que era necessário, paramos para um café no centro da cidade. Estávamos conversando, e de repente sua postura mudou, ela ficou rígida, seu rosto se contraiu e seus olhos pouco conseguiram ocultar a dor enquanto observava algo às minhas costas. Inevitavelmente, me virei e encontrei a razão de sua agonia, e foi neste dia que vi Nico pela primeira vez. Porra, os olhos do cara, por uma fração de segundos, refletiram o mesmo sofrimento, mas então ele deixou isso ir tão célere quanto surgiu, e assumiu uma miserável postura de desprezo.

— Você está bem? — questionei-a.

— S-im, sim, eu só gostaria de ir agora, se você puder — respondeu fora de órbita, constrangida e apressada.

Nada pude fazer para evitar que o sujeito se

aproximasse de nós, rápido feito um puma e venenoso como uma cobra.

— Um amigo, Sophia? — seu tom de escárnio não fez muito para esconder o ressentimento.

— Saia daqui Nico — apesar da aparente força, qualquer um que lhe desse uma boa olhada, saberia que Sophi estava em carne viva.

— Você contou a ele? — o sujeito impelia ainda mais fundo um tipo de fâca invisível sob ela.

— Por favor, apenas pare — foi somente o que ela conseguiu dizer, visivelmente desconfortável, para não dizer quebrada.

— Ser uma traidora barata não é tão fácil de assumir, não é mesmo? — a arrogância e o desprezo do sujeito estavam dançando sobre os danos dela. E, para mim, foi longe demais.

Antes que eu pudesse me impedir, já estava em cima dele, empurrando-o para longe. Maldição, eu teria feito isso com qualquer um que causasse tanta dor em alguém, como ele estava infringindo nela naquele momento sem nenhuma reserva. Sua arma apontada para minha cara não foi o suficiente para me parar até que estivéssemos lá fora.

Poderíamos ter lutado — até a morte de um de nós —, ele poderia ter atirado em mim, mas nada disso aconteceu,

porque no fundo de seus olhos eu pude enxergar que o desgraçado estava tão quebrado por dentro quanto Sophi, e ele soube que eu vi.

Palavras não precisavam ser ditas para saber o que estava havendo ali. Então fiz a única coisa que eu poderia naquele momento. Dei as costas a ele e levei a mulher para longe.

Sophi se abriu e eu soube que aquele homem era uma parte, talvez o centro, de todo o seu sofrimento. Ela estava tão destruída internamente que eu não podia sequer imaginar como alguém assim ainda conseguia lutar pelos outros, como ela fazia diariamente, depois de ter passado por tudo aquilo.

Sophi e Nico foram namorados de longa data, num relacionamento que desagradava a algumas pessoas. Ele, mesmo não se envolvendo nos negócios, é um dos herdeiros Salvatore, uma tradicional família italiana que, à margem, comanda jogos clandestinos e outras transgressões pela cidade. Sophia para eles era a negra tentando ascender, pobre, sem família, que passou por vários lares adotivos, inclusive as ruas.

Depois de quatro anos juntos, Sophia engravidou e isso foi o estopim para a reação dos canalhas. Prestes a completar pouco mais de dois meses de gestação, ela foi drogada e estuprada, não por um, mas por três caras. Seus algozes não foram outros se não dois primos e um irmão

de Nico. Os danos foram tantos e tão severos que Sophi perdeu seu bebê, e em decorrência da agressão nunca mais poderá engravidar.

O caso sequer teve um boletim de ocorrência porque, além da família possuir alguns policiais em sua folha de pagamento, os agressores tinham uma gravação na qual Sophi aparentemente ‘consentia’. Efeitos de uma droga sintética, conhecida como *‘bala da felicidade’*. Uma médica apontou isso em seus resultados sanguíneos, mas logo os exames desapareceram.

Nico, estupidamente, acreditou que Sophi agiu de vontade própria. Ele confiou na versão de sua família. Um tolo cego eu diria, embora depois disso tenha rompido todos os laços com os Salvatore e criado um império de concorrência arдил contra seus parentes. Rumores dizem que está se apossando de tudo o que pertencia a eles, numa guerra não declarada. Hoje Nicholas Salvatore é um dos caras com mais poder na cidade.

No dia em que Sophi me contou toda a história, eu o procurei e tentei fazê-lo enxergar a verdade. Porra, já havia se passado quase dois anos desde que sua mulher foi destruída por sua família, e o desgraçado continuava acreditando mesmo que foi traído. Por mais que ele tentasse esconder, eu vi que Nico ainda amava Sophi, e naquele momento decidi blefar, avisei que eu lhe daria seis meses para corrigir a merda, ou do contrário, eu a

teria para mim.

Inferno, eu só estava tentando devolver-lhe alguma razão.

Então eu apenas esperei por algum tempo, acreditando seriamente que ele a procuraria. Até que um dia ele fez.

Pouco mais de um ano depois daquela conversa, ele bateu na porta dela. E porra, eu realmente estava lá, trepando com a mulher dele. Nico não pode dizer que não havia sido avisado, mas eu definitivamente não tinha previsto que me envolveria com Sophi, as coisas foram acontecendo, o sexo foi se tornando casual, e logo chegamos ao ponto de usá-lo como um tipo de cano de escape, para nós dois. Inferno, o desgraçado esperou mais de um ano para finalmente pensar com a cabeça e ainda se sentiu no direito de despejar um caminhão de merda, depois tê-la deixado na mão quando ela mais precisou dele.

Sua visita acabou com a gente embolado na porrada, e ele jurando que ainda me mataria e hoje estou indo até ele para pedir sua ajuda. Por Luna eu faria qualquer coisa, até mesmo colocar minha cabeça numa bandeja.

SEBASTIAN

Yeb vas, mais alguns dias e eu finalmente estarei voando para casa. Ficar neste país já está se tornando além do que é suportável. Nossa missão foi concluída. Lara teve sua morte vingada, os desgraçados Sam e Tony receberam seus destinos, o puto Gael finalmente pôde seguir em frente e já está na Rússia com sua menina e as crianças crescendo dentro dela, alguns negócios que comandávamos aqui foram liquidados, e eu fiquei para trás apenas para limpar a bagunça residual.

Elliot, Bola e Ed não estão diferentes quanto a permanecer por mais tempo aqui. A verdade é que estamos todos entediados, e, para me arruinar, agora tenho minhas bolas suspensas devendo favores à Agência de Inteligência e eu bem sei que logo estarão cobrando o preço.

Não me arrependo, para vingar Lara eu pagaria o que fosse necessário.

A vibração do telefone em cima da mesa devolve minha atenção. Por falar no puto...

— Diga-me que sua menina finalmente caiu em si e chutou sua bunda — atendo cordial.

O som de um riso baixo e quase imperceptível de Gael me faz bufar. Eu me pergunto que porra Priscila tem feito com ele.

— Não, mas ela certamente vai colocar a sua em alguma merda fodida — apesar da seriedade, o cara mal esconde o divertimento.

Aperto a ponta do meu nariz, deixando o ar sair lentamente. Aquela mulher tem levado a todos enrolados nas pontas de seus dedos.

— O que há dessa vez? — rosno, já aceitando qualquer porcaria que estiver vindo.

O putro se dá ao trabalho de limpar a garganta.

— Lembra-se do cara que investigamos, o tal do Centro Comunitário?

— Ah *yeb vas!* Não me diga que você ainda está com ciúmes do filho-da-puta?

Se eu pudesse ver sua expressão agora, tenho certeza que meu cunhado está com o maldito olhar mortal, esmagando seu telefone com raiva. Não posso deixar de rir de sua reação tão óbvia a minha provocação. Ed e Bola viram o sujeito abraçando Priscila, quando Gael e ela estavam separados, e o cara me fez revirar o passado do tal Dominic.

— Mantenha-se nesta linha e o próximo corpo descansando no Atlântico será o seu, bastardo do caralho — ele lança frio.

Dou uma risada ainda mais alta. Porra, eu realmente conheço este idiota bem demais.

— Fale logo, o que há com o tal Dominic? — descanso meus pés em cima da mesa e inclino meu corpo para relaxar no encosto da confortável cadeira, no escritório da mansão.

— As amigas de Priscila estavam com a mulher do cara no momento em que ela foi sequestrada, há algumas horas... — ele respira pesado, não gostando do que quer que esteja para dizer — Minha mulher me pediu para ajudar.

— Pachol náhhui! — xingo baixo — Eu deveria perguntar por que temos que nos meter?

— Katarina e Gabrielle gostam da tal menina, e minha krassávitsa gosta de Katarina e Gabrielle — apesar de sua tentativa de permanecer duro, nem reconheço a porra da lógica sentimentalista, mas bem lá no fundo, me alegro que o cara tenha voltado a agir como um humano, depois de tudo.

— E você não gosta de mim — concluo — Como foi que aconteceu?

Ouçó algumas poucas informações do suposto sequestro e logo desligamos. Talvez as amigas de Priscila possam dar mais detalhes. Verifico na agenda e chamo o número da tal Katarina, eu certamente tenho algum medo daquela mulher depois da maneira que ela me fuzilou quando levei Priscila para casa na noite em que a menina reconheceu Jonathan. Depois daquele dia, cruzei com ela

mais algumas poucas vezes, mas nunca realmente conversamos.

A chamada vai para a caixa postal. *Yeb vas!*

Verifico o contato de Gabrielle. Tenho mantido um olho nestas meninas, a pedido de Priscila desde que ela viajou, e Gabrielle sem dúvida é a mais maluca delas. Três toques e uma voz apreensiva atende.

— Aqui é o Sebastian — digo de uma vez.

Um suspiro de alívio exala dela, e então percebo a chamada sendo colocada no viva-voz.

— Oi Sebastian, obrigado por ligar, Katy está aqui comigo, nós... nós pedimos ajuda a Priscila.

— Sim, eu sei — bufo, de que outra forma eu estaria me metendo nisso? — Como foi que aconteceu?

Escuto os detalhes, com as duas simultaneamente falando sem parar. *Idí k tchórtu*. As informações vão comprimindo meus músculos. Espere aí... esse nome... Wine... porra eles moram aqui perto, é o político que está em todos os jornais esta semana.

— Onde eu encontro Dominic? — pergunto sem emoção, não quero revelar que talvez a esta altura seja tarde demais para a menina.

Recebo a informação e, antes de desligar, tenho ainda de lidar com seus agradecimentos tagarelados. Logo Elliot, Ed e Bola estão aparelhados com a situação.

DOMINIC

Entro no restaurante de fachada mantido por Nico, deixo a recepcionista saber quem eu sou e espero. Há sérias chances de ele não me receber, neste caso que outro plano eu teria como reserva?

A mulher fala baixo ao telefone, me lançando alguns olhares enquanto escuta o que quer que ele esteja dizendo. Ao desligar, sua atenção vem para mim, de modo profissional.

— O senhor Nico pediu que suba à sala dele — ela aponta um lance de escadas — No final do corredor, senhor Dominic.

Aceno com a cabeça e me encaminho para as escadas. Eu já estive aqui antes, sei bem onde fica.

Nico está me esperando próximo à porta, escorado no batente. Sua postura de guerra contraria os olhos preenchidos com curiosidade.

— Nico — rosno baixo, num aceno.

— Dominic — ele devolveu na mesma secura.

Entro e espero enquanto ele fecha a porta. Assisto-o caminhar lentamente para um carrinho de bebidas, ao lado de sua mesa.

— O que você bebe? — pergunta, de costas, derramando uísque em um copo.

— Nada. Eu vim pedir sua ajuda, Nico — mando de uma vez, sem rodeios.

Seus ombros enrijecem e, com ensaiada calma, sua cabeça gira para encontrar meus olhos.

— Da última vez que eu me lembro, Dominic, você estava fodendo *aquela* mulher — seu desdém meticuloso pouco mascara o rancor — E se eu bem me recordo, nosso encontro não foi *exatamente* o melhor.

— Aquela mulher se chama Sophia, Nico — me esforço para manter a impassibilidade, não apreciando seu modo depreciativo — Nosso encontro não foi o melhor porque você foi à casa dela acusá-la todas aquelas merdas, que no fundo você sabe que não passam de mentiras.

Nico engole todo o conteúdo do copo de uma vez, com a expressão amarga e punhos cerrados.

— O que eu sei é que ela vale tanto quanto uma puta — lança ácido.

— Foda-se, não foi para discutir que eu vim. Eu realmente preciso de sua ajuda, cara, mas não vou ficar assistindo você ofender Sophi injustamente dessa maneira — estou em uma fodida carga e, honestamente, a paciência já não é uma virtude — Ela vale mais do que

nós dois juntos, se você quer saber.

Os olhos do cara se estreitam.

Ficamos os dois numa batalha de forças, cada um com seu próprio nível de controle. O cara sabe que minha vinda aqui demonstra meu nível de desespero. E eu sei que seu ódio pelo que ele acha que eu represento para Sophi pode ser a razão pela qual ele não vai me ajudar.

— O que você quer de mim Dominic? — a frieza pouco me abala.

— Sequestraram a minha mulher, Nico. Eu vim pedir que você me ajude a obter sua garantia de vida — meu tom rouco é tudo o que consigo para não deixar a agonia expandir.

Um olhar de desafio rasga sua expressão.

— Por que eu te ajudaria? — o sarcasmo e curiosidade se fundem.

— Honestamente, eu não sei — respondo em seus termos, com a determinação de um homem que enfrentaria o mundo para ter Luna segura — Estou disposto a qualquer coisa para salvar a vida dela.

Um sorriso irônico sem vida surge em seu lábio, amargo talvez.

— Por experiência eu te digo que há coisas pelas quais não vale a pena lutar, Dominic, você deveria saber disso.

— Nós somos diferentes, Nico. Você abriu mão de sua mulher fácil demais e preferiu acreditar em um monte de mentiras. Eu, por outro lado, iria até o inferno para ter a minha de volta.

Impaciente, derrotado por saber que estou perdendo meu tempo aqui, respiro profundamente, roçando minha barba. Estou malditamente perdido. Um aperto sufoca eclodindo meu peito. Tenho que sair daqui e revirar a cidade. Tenho que encontrar Luna.

Sem mais uma palavra, dou as costas ao cara e sigo meu caminho. A única certeza que me move é que, não importa como, eu vou ter Luna de volta, sã e salva, nem que para isto eu tenha que vender minha alma ao próprio diabo.

— Dominic — a voz indiferente detém meu aperto no trinco da porta — Eu vou te ajudar.

Expiro pesadamente, não tendo certeza se eu realmente escutei. Recuando dois passos, me giro para encará-lo, e então contemplo a determinação que não deixa dúvidas, Nico está dentro.

— O que você tem em mente?

— Invadir a casa de Vicent Wine — respondo sem rodeios.

Prometi a Luna que recuperaria a câmera, mas pretendia fazer isto de outro modo. No entanto o cenário

mudou e agora aquele vídeo é sua única garantia de vida.

Explico alguns detalhes da situação, enquanto Nico escuta tudo com atenção. Seu rosto frio não se abala com a história, mas o desprezo pelo político é o nosso ponto em comum. Digo a ele o plano que tenho, e, sem hesitar, o homem faz uma ligação, colocando seu contingente no jogo. Tenho que passar em casa e pegar a pistola que mantenho, não aprecio ter que usá-la, entretanto, situações desesperadas requerem medidas extremas.

Nico decide me acompanhar e manda que seus caras nos encontrem lá.

Encosto a moto em frente ao meu prédio, seguido pelo carro de Nico, a tempo de ver um grande SUV preto estacionar quase que ao mesmo tempo. Meus instintos se alarmam imediatamente. Retiro a chave e o capacete e assisto quatro caras descenderem do automóvel.

Os homens com expressão de poucos amigos fazem seu caminho em minha direção, levanto rapidamente da moto e me movimento para encontrá-los, logo Nico está ao meu lado, acompanhando meus passos no mesmo ritmo. O maior deles, em sentido de força, e pelo jeito o líder, tem seus olhos fixos em mim, inexpressivos.

— Dominic? — ele pergunta num sotaque estrangeiro.

— Sim, sou eu — cruzo meus braços em frente ao peito, com uma suspeita de que estes sujeitos possa ter alguma relação com Wine.

— Nós viemos ajudar — ele afirma duro.

Estreito meus olhos, desconfiado.

— Quem são vocês? — Nico antecipa minha pergunta num rosnado frio, assumindo uma postura ameaçadora, que aparentemente não representa nada para os caras.

— Sou Sebastian — o sujeito estrangeiro nem pisca, tão pouco afasta os olhos de mim — Nós somos amigos do *marido* da Priscila — algo na maneira como ele acentua a palavra marido tenta soar intimidante — Gabrielle e Katarina pediram ajuda.

E então eu me lembro do que elas disseram ao telefone. E de algumas coisas que Priscila me contou numa das últimas vezes que eu a vi.

— Já estamos resolvendo — Nico avisa, com expressão de poucos amigos.

Sebastian encara-o, deixando saber que não está desistindo, sustentando um sorriso irônico.

— Então acho que vocês terão ajuda — é tudo o que ele diz, irredutível.

Assinto com a cabeça, silenciosamente agradecido. Toda ajuda é bem vinda. Por Luna. Tudo pelo meu bebê.



Capítulo 30

LUNA

Dirty não para de andar de um lado para o outro, esmagando seu telefone entre os dedos, provavelmente esperando que meu padrasto em pessoa faça algum contato, o que eu realmente desacredito. Vicent já provou que não faz o trabalho sujo pessoalmente, ele é esperto demais para correr riscos.

Puxo minhas pernas e as envolvo com meus braços, deixando meu queixo descansar em cima dos joelhos. Honestamente, estou com muito medo de como isso vai

acabar. A esta altura as meninas já avisaram Dominic, temo pelo que ele pode estar fazendo para me ajudar. Aquele homem é um protetor, esta é sua natureza.

A sensação de culpa corre dilacerando meu interior por envolver Dominic nisso. Entrar em sua vida foi um grande erro, eu promovi o caos com meus problemas, e não há nada que eu possa fazer agora para corrigir, mal sei se sobreviverei a tudo isso.

Fecho meus olhos e faço uma prece silenciosa, pedindo com toda a minha fé, que ele esteja bem, que nada lhe aconteça.

Noto Dirty interromper seu movimento insano. Abro os olhos e volto a encarar seus tênis sujos.

— Eles só vão te levar depois que eu tiver a grana aqui, na minha mão — o sujeito gesticula, resmungando um desabafo frustrado — Essa gente pensa que é muito inteligente, eles acham que podem me enganar, filhos-da-puta.

Fico calada, assistindo seus passos se aproximando.

— Cadela burra, é isso o que você é — seu pé me sacode — Você pensou que poderia se meter comigo e ia ficar por isso mesmo, vadia trouxa. Se você não valesse tanto... — a ameaça paira no ar.

Mordo a língua, e então, consciente que nada pode ficar pior do que está, não impeço minha boca a tempo...

— Você fica aí me chamando de burra, quando o único aqui que está acreditando na palavra de um político é você, Dirty. Eu tenho dó da sua burrice se você pensa que eles vão te dar qualquer dinheiro por mim — sorrio mantendo o deboche, mascarando minha aflição.

Subo meu olhar para encontrar o seu rosto contorcido, e vejo que minhas palavras lhe causam alguma desestabilidade. Aproveito a aura de desconfiança e instigo ainda mais.

— Vicent Wine não honraria sua palavra nem que o próprio Deus ordenasse — sussurro baixo, como se revelando um segredo — Ele não tem dinheiro para pagar qualquer quantia, o homem está falido — minto com convicção — Então eu aposto com você que o plano dele é mandar alguém aqui para matar a nós dois, de uma só vez. Por isso que ele está demorando tanto para te retornar — balanço a cabeça, enfatizando a mentira.

Vejo o vermelho vivo se apossar de seu globo ocular, porém tão rápido como a raiva vem, ela volta para sua escuridão. Com um sorriso de dentes amarelos, ele se abaixa à minha altura e se aproxima do meu rosto.

— Então eu deveria te colocar para trabalhar pra mim, já que alguém tem que pagar o meu prejuízo — o mal hálito e a fala mansa colidem com a perversão em seus olhos vazios.

— Acho melhor você me matar — mantenho um

sorriso falsamente confiante— Eu sou uma merda para trabalho. Nasci preguiçosa e vou morrer assim — sacudo a cabeça irônica, como se outra verdade não houvesse.

Um som abafado de divertimento sai por entre seus lábios finos.

— Para o tipo de trabalho que eu tenho em mente, basta que suas pernas estejam abertas — a mão suja prende meu queixo entre os dedos — E com este rostinho, garanto que não vai faltar cliente.

Engulo o sabor ácido.

— Nós morreremos antes disso, Lamar — sussurro sem vitória — Vicent Wine não vai deixar uma testemunha viva — enfrento seu olhar vacilante, mas não consigo sentir vitória nisso, estou começando a acreditar seriamente no que acabei de dizer.

Empurrando meu rosto para longe e se afastando de mim, ele volta a bater o celular em sua palma da mão como se analisando as opções. Vejo a confiança de Dirty se abalar diante do que começa a fazer algum sentido.

Eu realmente não sei o que quero que Dirty faça. Certamente mudar sua mente a respeito de me entregar a Vicent é uma opção, mas, no final, este homem aqui nunca me deixará sair ilesa dessa também, estou perdida de qualquer forma.

Céus, só espero que Dominic fique bem longe disso

tudo.

DOMINIC

O tempo não parece trabalhar a favor enquanto a sala de meu apartamento vai se transformando em um forte de guerra. Os sujeitos gringos espalharam-se entre os homens de Nico, talvez sondando a estabilidade do terreno.

Estou lutando para permanecer no controle, tentando administrar a maldita ânsia de esmagar o político com minhas próprias mãos, não antes de ter meu tempo com Dirty.

Sebastian e Nico escutam atentamente o que digo.

— As imagens daquela câmera são o trunfo para impedir Vicent de machucá-la — a bile revolta uma tempestade em meu sistema digestivo com a ideia — Há essa hora, Dirty já fez seu movimento, é só uma questão de tempo para Wine agir.

Nico meneia a cabeça, em confirmação, seu olhar mortal refletindo o de todos.

— Quantos homens você acha que ele mantém na casa? — pergunta concentrado.

— Não sei dizer exatamente, além do irmão, talvez

mais cinco ou dez.

Não cheguei a ter tempo de especular, baseio-me nos dois carros que vi chegando naquela noite.

— Temos que trabalhar nisso em dois paralelos — Sebastian, o estrangeiro determina.

Nicholas Salvatore concorda friamente, enquanto confere o pente de sua arma.

— Você tem alguma ideia de onde aquele pedaço de merda pode estar mantendo a menina?

— Dirty não aparece em sua casa há pelo menos dois dias. Simon está vigiando os lugares que ele frequenta — informo.

— Ela está com o telefone? — Sebastian pergunta num sotaque perigoso.

— Luna não tem celular — nego.

— E o tal Dirty? — a expressão de ferro não dá o menor sinal do que há em sua mente.

Reviro minha carteira atrás do pedaço rasgado de papel onde Kidn, a contragosto, anotou o telefone do desgraçado. Entrego ao estrangeiro, que aparentemente tem uma ideia do que fazer com isso.

— Você consegue entrar na mansão do político? — o sotaque carregado se direciona à Nico, num desafio, deixando a parte *‘sem minha ajuda’* de fora.

— Antes mesmo de você terminar de limpar a bunda

— Nico encaixa o pente na pistola, exibindo seu poder, contrariado com a provocação.

Sebastian deixa um sorriso de deboche rasgar o canto de seu lábio, sem atingir seus olhos.

— Ótimo. Vocês pegam as filmagens, nós pegamos a menina.

Analiso a determinação dos caras, mas não me meto, deixo que as coisas sejam resolvidas assim, a única coisa que realmente me importa é trazer Luna segura de volta para casa.

— Dominic? — Nico rosna, como se estivesse me questionando com qual deles seguirei.

— Eu te digo o que pegar Nico, mas vou com eles buscar minha mulher — ajeito minha pistola na parte traseira do meu jeans, escondendo a arma debaixo da camiseta.

Sebastian se afasta, fazendo uma ligação em seu idioma, com o papel do contato de Dirty em sua mão. Não quero saber como, mas tenho certeza que o cara tem seus meios de rastrear o paradeiro através do telefone, e finalmente consigo tomar uma primeira respiração inteira desde o momento que deixei Luna naquele café.

Optando pelo meu carro ao invés da moto, sigo dirigindo atrás do veículo dos estrangeiros, no sentido

oposto de onde Nico e seus homens estão indo. Uma energia fodida flui pelos meus sentidos, no mesmo ritmo da batida em colisão contra o peito. Só vou sossegar quando Luna estiver em meus braços novamente.

LUNA

O barulho estrondoso do celular de Dirty sopra um vento gelado, como um prenúncio. Com o olhar afiado em mim, o homem aperta o botão e leva o aparelho ao ouvido.

— Fale — a rispidez é seu modo de dizer que tanto faz.

Ele escuta, sem tirar os olhos de mim.

— Vocês estão tentando me enrolar, filho-da-puta! Eu já falei que só trato diretamente com o homem! — seu cenho franze feio.

Mais silêncio.

— Escute aqui, filho da puta, eu vou por ela, mas você tem meia hora para vir aqui com o meu dinheiro.

Ele afasta o telefone e aperta um botão.

— Fale com ele cadela — ordena, apontando o celular estendido entre nós.

Petrífico.

Impaciente, o homem agarra meu cabelo com força, inclinando minha cabeça para cima.

— Isso não é hora de brincar, fale para ele que você está aqui comigo, vadia do caralho!

— Luna? — a voz satisfeita de Frank sai do telefone.

Céus! Até agora eu estava esperando por alguma coisa, um equívoco, que mudasse a realidade, mas ouvir a voz dele tornou a coisa real. Não há saída.

Um tapa no meu rosto obriga-me a reagir. O som de um ‘ai’ estrangulado foge da minha boca, contra minha vontade, e é o suficiente para fazer Frank rir alto através do pequeno aparelho.

— Mantenha ela. Você terá o seu dinheiro — o bom humor distorcido me enoja mais, se isso ainda fosse possível.

Dirty volta a falar com o cara em privado. O valor da negociação e a minha localização são tratados corriqueiramente. Fico me perguntando em que momento da vida essas pessoas perdem a humanidade e se tornam seres incólumes de sentimentos. Minha vida, para eles, vale tanto quanto nada.

Desligo meu cérebro da conversa doentia e respiro fundo algumas vezes, mantendo as lágrimas para mim.

Pensar que eu nunca mais vou ver Dominic dói tanto que quase posso tocar. Não me lembro de nada comparável com isso. Perder minha mãe foi inesperado, eu não sofri em antecipação — é óbvio que doeu, muito — mas a consciência que estou prestes a nunca mais ver o homem que transformou a minha vida, me mata antes mesmo do que eles pensam que podem fazer ao meu corpo.

Um filme dos últimos dias — desde que acordei num sofá em sua sala —, passa em minha mente e inesperadamente me pego rindo. O amor tem este poder. Eu poderia ter morrido no acidente, mas, ao invés disso, o universo me concedeu mais uns dias, como se nossas vidas tivessem mesmo que se cruzar, e eu nunca fui tão feliz.

Depois de desligar, visivelmente em outro estado de espírito, Dirty se aproxima do chão, encarando-me com um contentamento perverso.

— Eu gostaria de ter mais tempo com você, cadela, gostaria mesmo — sua mão suja vem para os fios caídos em meu rosto, tirando-os do lugar, com falsa candura — Jas era minha, eu tinha planos para ela, e você se meteu entre nós.

— Ela não é sua, ela não é de ninguém — mantenho meu último fio de orgulho.

— Ela é minha, e eu vou pegar o que é meu, não tenha dúvida — o sorriso vitorioso dá um vislumbre da

ausência de alguns dentes laterais — Sua intromissão só veio a calhar, eu estava precisando de grana, sabe como é, fiquei algum tempo longe dos negócios.

— Se é que você vai sair daqui com vida — sussurro sem vontade de tentar parecer forte.

— Não só vou, como depois disso meu próximo acerto de contas será com o seu namoradinho. Aquele desgraçado tem me incomodado há tempo demais, já é hora de acabar com isso.

Grudo meus olhos nos seus, imediatamente.

— Fique longe dele! — sem pensar, tomada pela ira cegante, lanço-me sobre o homem sórdido, cravando minhas unhas em seu rosto.

O ataque o pega de surpresa, Dirty desestabiliza em seus calcanhares e cai para trás, antes que ele possa reagir vou com toda a força das minhas garras cortando sua pele, até nos embolarmos ao chão. A sala é preenchida pelos sons de meus gritos descontrolados e os barulhos das pancadas que recebo. Não sinto a dor, tudo o que me move é a necessidade de arrancar-lhe a vida fora.

Nem percebi quando a arma foi sacada de sua roupa. O cano frio na minha têmpora não faz muito para minimizar o sentimento ruim construindo espaço.

— Basta eu apertar o gatilho, desgraçada — a fala ofegante e irada sai em meio à vermelhidão em carne viva

de seu rosto — E eu estaria fazendo um favor para estes caras.

Levantando-se rapidamente, lança um chute em minhas costelas e se afasta, limpando os danos em sua face com a própria camiseta.

Encolho-me nos joelhos, rezando por Dominic, para que nada nunca lhe aconteça. É tudo o que eu posso fazer agora. Eu o amo tanto, Deus do céu, tanto.

O som de um carro lá fora é o que me traz de volta a sobriedade. Eles chegaram, não há mais o que fazer.

Afastando o cobertor pesado que faz as vezes de cortina e espreitando pela fresta da janela, Dirty segura a arma com mais firmeza. Seu telefone apita, e seja lá o que ele lê causa um sorriso sinistro em seu rosto.

Ele abre a porta. Chego a ouvir as batidas descompassadas do meu coração em expectativa. Até que a voz de Frank e seu cheiro enjoativo adentram antes mesmo dele.

Impecavelmente vestido, o homem entra na casa ajustando a gravata. Não quero dar-lhe o prazer de me ver amedrontada, então visto uma máscara de falsa tranquilidade e mantenho meus olhos num ponto fixo da parede a minha frente.

— Luna, é um prazer revê-la — o bom humor é irritante.

Levanto os olhos para ele e planto um sorriso no meu rosto.

— Não posso dizer o mesmo, Frank — mencionar seu nome me causa profundo desgosto.

— Temos alguns assuntos inacabados — a ameaça é transparente.

Dirty se coloca na frente dele.

— Eu odeio interromper o momento da família, mas eu quero saber cadê o meu dinheiro.

Frank inclina a cabeça de lado, analisando-o com seriedade.

— Direto ao ponto, gosto disso — pronuncia, sem se abalar. Ao sinal de Frank, um sujeito entra trazendo uma maleta.

Dirty assiste ao movimento ansioso. Seus olhos brilham para a maleta.

— Meio milhão? — a ganância é de uma alegria quase juvenil.

— O que você merece — Frank responde, com um sorriso.

Dirty pega a maleta e levanta a perna esquerda, para apoiá-la em sua coxa. Com os dedos trêmulos, ansiosos, ele começa a desarmar as travas. Desvio meus olhos para o chão, sem forças de assistir isso por mais tempo. De repente, antes mesmo que eu saiba o que aconteceu, o

corpo de Dirty cai ao chão, mole como um amontoado de massa. O som de seu crânio encontrando a superfície é um barulho dolorosamente oco, seu rosto cai virado para mim, de olhos abertos. Um pouco acima de suas sobrancelhas, ao centro da testa, um mínimo buraco, perfeitamente delineado, jorra uma mistura vermelha e cinza.

Amoleço. O ar abandona meu corpo.

Morto.

Dirty está morto.

Subo meus olhos, em choque, para encarar o monstro, sustentando o divertimento maligno, observando minha reação.

— Saiam — ele ordena a dois homens — Eu quero ter o meu tempo com ela.

DOMINIC

O lugar é na saída da cidade. Um pequeno barraco, decaído, afastado das outras casas da vila. O contato de Sebastian nos trouxe ao ponto exato. A confirmação é dada pela visão do velho furgão branco estacionado lá dentro.

À distância, avisto também um sedan preto

importado parado em frente. O veículo caro se destaca em meio à pobreza da região.

Sebastian reduz a velocidade e para silenciosamente a cerca de trinta metros de distância, acolhido pelo mato alto. Manobro ao seu lado. Os quatro estrangeiros descem do carro e vêm para mim.

— É aqui. Vamos invadir — Sebastian avisa.

Em movimentos sorrateiros, sem palavras, cada um deles segue para diferentes direções. Vou pela frente, empunhando minha arma. Sebastian logo atrás de mim. Dois sujeitos fazem a guarda da porta. Diabos! Nem quero pensar no que eles estão acobertando.

Com um olhar afiado e um sinal de Sebastian, Ed e Elliot disparam simultaneamente. Não escuto os tiros, mas os dois vigias caem ao chão.

Olho para o estrangeiro. Inferno, eu nem sei o que pensar.

— Silenciadores — ele explica orgulhoso, estampando um sorriso.

Ótimo, alguém tem que se divertir com esta merda toda.

Sebastian faz um sinal circular com o dedo no ar e o mais gordo deles vai para a parte de trás do barraco. Elliot e Ed ficam nas laterais da porta.

— Pronto para a festa? — seu bom humor

distorcido é irritante. De onde veio esse cara?

Inspiro profundamente, afirmando que sim. Nunca estive tão pronto.

— Abra — Sebastian ordena sem som, mas os dois homens entendem.

Com um chute feroz, Elliot põe a porta abaixo. Invadimos, e... inferno!

O maldito Frank, que tem seu paletó e gravatas jogados pela sala pouco iluminada, encurrala Luna em um canto. O medo no rosto delicado de minha menina entra como uma faca afiada rasgando meu peito.

— Se afaste dela! — rujo arremessando o corpo dele contra uma parede, cego, afastando-o dela.

O cara se choca estrondoso, mas tudo o que realmente me importa está ali encolhida, me olhando com enormes olhos azuis, numa mistura de surpresa e temor. O centro do meu mundo, minha Luna, meu bebê.

— Dominic — ela pisca diversas vezes, lágrimas espessas rolam por suas bochechas cobertas de sardas — Você está aqui — não sei que maldita sensação é essa que me rasga ao escutar seu sussurro entorpecido.

— Sempre, bebê. Eu sempre vou estar aqui — puxo-a, mal sustentando meu próprio peso dominado por uma emoção inexplicável, e envolvo seu corpo gelado em meus braços — Eu te amo — rosno baixo, com os lábios

em seu emaranhado de cabelos de fogo.

Sebastian toca meu ombro.

— Tire sua menina daqui, Dominic. Nós cuidamos da bagunça.

Olho para o cara, meus músculos da face chegam a estar doloridos de tão tensos. Eu nem sei como agradecer.

— Sebastian — rosno baixo, encarando seus olhos, fazendo-o saber que lhe devo minha vida.

— Dominic — o homem assente com a cabeça, entendendo a mensagem.

Não dou uma segunda olhada em Frank para saber que é o fim pra ele. Levanto Luna em meus braços e a levo para longe. Seu rosto afundado no meu pescoço, os braços magros me abraçando tão apertado como se tivesse medo disso não ser real.

— Eu te amo tanto Dominic — o chorinho baixo me quebra.

Coloco-a no banco do passageiro, engato o cinto de segurança, e dou a volta no carro para assumir o meu lado. Antes de entrar, verifico a mensagem de Nico.

‘Temos o vídeo’.

É o fim para Vicent Wine. Isso acaba aqui.



Capítulo 31

LUNA

Fecho meus olhos e inspiro profundamente. As emoções que guardei durante o dia estão vindo rapidamente à superfície.

Dirty está morto, vítima de sua própria ambição. A ideia não me causa nenhuma satisfação, pelo contrário, sinto somente um profundo pesar. Eu realmente não pensei que aconteceria desta forma, e no fim, foi exatamente como eu disse a ele. Sua vida não teve valor quando o dinheiro impôs as regras. Céus! Mal posso acreditar em

como tudo aconteceu tão rápido, como flashes de um filme ruim. Num instante o homem estava caído, e, no segundo seguinte, Frank estava em cima de mim, seus olhos sustentando a crueldade explícita, alguém de todo aquele jogo de aparências que ele mantinha quando frequentava a minha casa. Eu convivi com ele por um longo tempo e nem de longe sonhava que o homem pudesse ser tão repugnante.

Frank teria me matado, eu vi a determinação em seus olhos, assim como seus planos de fazer isto da maneira mais horrível pra mim, se Dominic não surgisse a tempo, como um anjo da guarda.

Começo a acreditar seriamente nesta possibilidade. Dominic é meu anjo.

Enxugando as lágrimas, com a barra da camiseta, viro-me para encarar meu salvador.

— Você me salvou — meus lábios sopram sem força, quebrando o silêncio do carro a caminho de sua casa. Limpo a garganta, afastando o choro, e observo seu perfil tenso — Não há agradecimento suficiente para tudo o que você já fez por mim Dominic.

— Shh bebê... não diga nada — seus olhos carregados encontram os meus — Estamos voltando para casa e você vai poder descansar.

Não consigo me calar, eu sinto a necessidade de falar, para acalmar a tempestade dentro do meu peito.

— Eu te amo tanto e com tanta força que nem posso explicar em palavras — embargo, emocionada demais para evitar — Eu realmente achei que iria morrer e só conseguia pensar em você, Dominic — viro-me no assento para ficar de lado, frente a ele — Você é bom demais para mim, é um anjo, e eu só tenho trazido problemas.

— Luna... — ele tenta me interromper. Noto o veículo sendo levado ao acostamento.

Balanço a cabeça, pedindo silenciosamente que ele me permita continuar. Vou sufocar se não por pra fora.

— Eu sei que fiz uma bagunça na sua vida. E você tem razão em querer me afastar, mas, por Deus, eu não posso nem pensar em ficar longe de você — estou numa verdadeira desordem em lágrimas.

Ele desliga o motor, e antes que eu consiga tomar outra respiração, tenho meu corpo sendo puxado para seu colo, macio e acolhedor. Limpando minhas lágrimas e tirando os cabelos de meu rosto, Dominic me faz enfrentá-lo.

— Eu vou sempre estar aqui, bebê — o som é uma nota grave e rouca, seus olhos sombriamente intensos — Isso de se afastar está fora de cogitação. Aliás, eu não deveria ter deixado você naquele café com esta situação pairando entre nós — a determinação dura se mistura com a dor.

Meus batimentos se reduzem a sinos, sufocantes.

— Eu não vou mentir Luna. Sua ida à mansão sozinha realmente me deixou muito... *chateado* — percebo-o escolhendo as palavras — É difícil aceitar a ideia de você se colocando em perigo. Saber que nem tudo está sob o meu controle, como hoje — assisto o movimento seco em seu pomo-de-adão — Mas nada, nem ninguém, poderia me manter longe de você menina, porque eu te amo — intensidade e força fluem de seus traços com uma honestidade quase tangível — Eu nunca disse isso a nenhuma outra mulher. Nunca sequer senti isso por alguém — não há sorrisos ou brincadeiras, apenas a seriedade cortante — Eu te amo pra caralho Luna Saint'Clair. Não pretendo me mover uma polegada longe de você.

Pisco algumas vezes, anestesiada.

— Eu p-ensei que... — balanço a cabeça, negando para mim mesma — Eu estava apavorada com a ideia de você me colocar para fora de sua vida, Dominic, eu nunca tive tanto medo.

— Nem que eu quisesse Luna — sua expressão séria não vacila — As últimas horas me deixaram maluco sem saber onde você estava. Eu nunca mais quero me sentir assim — seu dedo firme toca minha têmpora — Ponha na sua cabeça bebê, que nada vai me afastar, nem que você trabalhe arduamente nisso.

Mordo meu lábio inferior, recebendo a mensagem,

inundada com um alívio inexplicável.

— Eu entendi o recado e prometo que vou mudar — afirmo convicta — A partir de hoje, não vou tomar nenhuma decisão sem que a gente converse, Dominic. Eu prometo. Você é importante demais para mim, não vou colocar isso em risco novamente.

Seu olhar sério me mantém presa.

— Você não tem que mudar, nem por mim nem por ninguém. Eu gosto de você exatamente do jeito como é, Luna. Se eu te fiz pensar diferente disso, então eu sou um imbecil — suas pupilas dançam entre meus olhos — Eu só quero que você confie em mim, que não me mantenha de fora.

Faço um sinal de sentido.

— Sempre. Eu sempre confiarei em você — sussurro fracamente, absorvendo algo muito maior do que sequer posso mensurar — Você é meu anjo da guarda — exteriorizo em devoção.

Sou contemplada pelo sorriso mais bonito e honesto que alguém pode receber.

Admirando seu rosto, só consigo pensar que Dominic é como um presente cuidadosamente embalado. Tudo nesse homem exala uma força inabalável, no entanto, basta um olhar mais atento e é possível reconhecer que a sensibilidade é realmente o que forma seu núcleo. Eu

nunca vi em ninguém esta mistura de dureza e suavidade. Seus olhos, no tom de cinza mais incrível, aparentemente serenos, ocultam uma intensidade além do que se pode avaliar. Determinação e coragem fluem naturalmente, como uma segunda pele. E, acima de tudo, ele é um exímio protetor.

Eu só posso acreditar que alguém lá em cima gosta muito de mim.

DOMINIC

O fascínio em seus olhos dirigidos a mim lança necessidade em ondas através do meu corpo. Eu deveria dar-lhe um tempo para assimilar tudo o que foi esse dia, não quis comentar o cadáver de Dirty ou dos outros caras, tão pouco o que acontecerá com o irmão de Wine, evitando abalá-la ainda mais. No entanto, nesse momento, não consigo conter a ânsia de tomar Luna, de acalmar o tormento de quase perdê-la e saber que ela chegou a cogitar que nós nos afastaríamos.

Eu lutei demais contra estes sentimentos. Coloquei obstáculos para não reivindicá-la.

Isso acaba aqui.

Luna é minha.

Afasto lentamente o cabelo de fogo de sua face umedecida pelas lágrimas, desejando lamber cada uma delas, com o último fio de controle que ainda me resta. Aproximo-me de sua respiração quente ganhando celeridade e deixo nossos lábios se roçarem. A princípio numa carícia suave, tortuosa demais, e então invado a barreira de sua carne e provo a maciez saborosa de sua boca, dolorosamente cálida. *Bom Pai*, eu nunca vou ter o suficiente dessa menina. Espremo seu corpo contra o meu, agarro sua nuca delicada, impedindo-a de me deixar. Luna está presa a mim, para sempre, meu corpo reage a ela, em alarmes ruidosos de que ela é minha. Minha. Meu bebê, minha menina, minha mulher.

— Você é minha — rosno sem entender a fúria, tragando meu fôlego.

O beijo rompe proporções que não posso administrar. Meu membro desperta em posição de sentido, necessitado a beira da dor por clamá-la. A menina reage a meu toque, rebolando suavemente seu quadril, provocando o pior de mim. Posso sentir sua umidade através de nossas roupas. Seus gemidinhos suplicantes não fazem nada pela minha força de vontade.

Eu poderia tomá-la aqui mesmo. Meu corpo implora por isso... mas, foda-se, Luna merece mais do que uma maldita rapidinha num carro, depois de tudo.

— Eu vou te dar tudo, Luna. Absolutamente tudo,

mas não aqui — sufocado, afasto nossos rostos, a tempo de ver o corado bonito de sua demanda decepcionada.

Linda.

Porra, Luna é linda.

Preciso fechar meus olhos, brevemente, para ter algum controle de volta, e ignorar o ruído desgostoso de seu lamento. Minha menina tem uma pequena tempestade dentro de si. Que logo vou clamar. Cada gota.

LUNA

A aura está diferente. Bastou pisar no apartamento, assim que entramos, para saber que algo mudou. Para assegurar que não estou delirando — tendo a expectativa fazendo um bom trabalho em me deixar ansiosa — testei seu estado de espírito com um inocente pedido, quase suplicado, e esperei pela habitual recusa. Não hoje. Dominic não negou.

É como se finalmente ele estivesse deixando ruir a barreira construída entre nós. Eu posso ver isso em seu rosto. A mudança está em seu olhar enquanto liga o chuveiro, sem tirar os olhos de mim. O banho juntos é como uma confirmação de que sua luta acabou.

Dominic leva seu tempo me beijando, alimentando a

necessidade crescendo em redemoinhos através dos meus sentidos, antes de tomar para si a tarefa de me despir.

Pelas bordas, a camiseta é deslizada por minha pele. A calça é a próxima peça a sair, suavemente, com seus polegares ditando o trajeto numa carícia provocativa. Sem palavras, olhando em meus olhos com nada além de intensidade, Dominic envolve seus braços em mim, desabotoando o fecho do sutiã às minhas costas. O contato é quase insuportável. A queda da lingerie deixa meus seios submetidos ao ar frio, arrepiando e tornando-os rígidos.

Estou sufocando.

Meu coração explode barulhento, alcançando um ritmo preocupante.

— Você é tão linda, menina — o murmúrio profundo impele calafrios em todos os lugares.

Engulo em seco, sem quebrar o elo de seus olhos nos meus.

Com deliberada vagareza, seus dedos enlaçam minha calcinha e correm suaves para baixo.

Eu poderia morrer, facilmente, diante de todas as coisas acontecendo ao mesmo tempo dentro de mim.

Dominic termina sua missão torturante de me deixar nua, à sua mercê, arrepiada e ansiosa, e segura meu rosto em suas mãos.

— Eu tive medo de te perder Luna — a rouquidão é excitante além do razoável — Medo de nunca ter a oportunidade de mostrar a você o quanto eu te desejo com toda a fodida carga do meu corpo — o olhar ganha um aspecto escurecido — Você tem alguma ideia do que eu quero fazer com você agora, bebê?

Eu não sei se isso é uma pergunta retórica, se não for, eu só lamento. Meu cérebro não tem nenhuma condição de elaborar qualquer resposta coerente.

A fixação cinza me encara como se o eixo de seu mundo estivesse em minha base.

— Diga Luna, diga-me que você sabe o que estamos fazendo, e que também quer isso — é uma exigência, como se esperando por aprovação.

Abro a boca suavemente, sugando uma lufada de ar. Nem pisco, sedada pela necessidade. Este homem, razão dos meus melhores sonhos, está pedindo autorização para me fazer sua. A cena é tão excitante que minhas pernas mal sustentam o peso.

— Sim... — minha voz falha, mas não há maneira de conseguir mais do que isso de mim, neste momento.

Um sorriso predador se arma em seus lábios. A escuridão nos olhos é um aviso perigoso de que não há como voltar atrás. Se ele soubesse que meu maior temor é justamente que ele recue.

O beijo vem para selar um acordo, determinado, possessivo. Tenho a impressão de estar levitando. Se não fosse por suas mãos em minha cintura, eu certamente estaria.

Quando meu cérebro parecesse se desconectar do mundo ao meu redor, logo sinto a ausência do contato. Abro os olhos para assistir Dominic retirando sua camiseta. O peito firme parece ainda mais rígido. Tenso.

Desço meus olhos por seu corpo. O volume em seus jeans aperta uma picada entre minhas pernas. Sem pressa, o homem desabotoa e desliza o zíper. A calça vai para o chão agilmente.

Céus, eu até posso ouvir o bumbo nervoso dos meus batimentos.

Olhando-o assim, somente de cueca boxer, tenho vontade de rir da minha sorte. Dominic poderia facilmente integrar qualquer uma destas campanhas publicitárias masculinas. O homem é a perfeição, e está aqui comigo, no banheiro de sua casa, me encarando como se eu fosse seu alimento essencial.

— Isso nem parece real — suspiro, aérea.

Seu riso baixo reverbera pelo cômodo, acariciando minha pele.

— Deixa eu te mostrar como é real — o desafio em forma do som mais sensual que já ouvi, provoca

sensações indizíveis.

Tudo se eleva à um novo nível quando a peça íntima negra sai de nosso caminho. *Senhor, algum dia eu vou me acostumar com esta visão?*

Beijando-me à distração, Dominic nos leva para baixo do chuveiro. A água morna não abranda em nada as emoções latentes me atingindo como um rolo compressor.

Surpreendo minha ansiedade, como um doce tormento, Dominic deixa cair shampoo em sua palma e então toca meus cabelos. Céus, não era o que eu esperava, mas o carinho de seus dedos contra meu couro cabeludo é tão estimulante, que flui em arrepios.

— Eu quero tudo de você Luna. Cada pequena parte de você — a provocação seca minha boca.

Ele faz um belo trabalho em me instigar, entre beijos profundos, abrasadores, e o toque de seda de seus dedos.

Assisto a malícia nas chamas acinzentadas quando ele pega o sabonete líquido e o esparrama por meu corpo, ensaboando-me, deixando-me ainda mais a borda do precipício. O pico de prazer fica por conta de sua língua encostando-se em meus seios, expurgando chorinhos vergonhosos de minha garganta.

— Dominic... — imploro por mais contato.

Sua língua firme chicoteia o contorno do meu mamilo, deixando-o como uma rocha, e então suga, com

calma, provocativo. O outro seio recebe a mesma atenção, refletindo pontadas no meu ventre. Em desespero, cravo minhas unhas em seus ombros, profundamente, arranhando seus músculos.

E então o contato de sua boca na minha pele cessa, me deixando a ponto de reclamar, até que sinto o sabonete avançar ainda mais intimamente. Com as mãos ensaboadas, ele separa brandamente minhas pernas. A antecipação me faz fechar os olhos bem firmes. Quando sinto seus dedos separando meus lábios, bambeio para trás, até experimentar a superfície de azulejos frios contra minha bunda.

Dominic ajoelha-se diante de mim.

— Tão linda — sua fala é áspera.

Eu não sei exatamente como definir os choques do meu monte à ponta dos dedos dos pés.

— Abra os olhos, bebê — ordena.

E eu faço. Abro e miro as suas pupilas dilatadas, pacientes, escondendo a satisfação em me enlouquecer.

— Você é minha — é como um aviso. Em troca, empurro minha pélvis ainda mais ao seu alcance.

Sim, eu sou sua Dominic. Sempre serei! Grito mentalmente, sem condições para fazer de outra forma.

Sua boca cai sobre meu nervo sensível, como combustível. Não sei precisar quanto tempo, quantos

golpes, ou como, tudo o que eu sei é que aquela sensação de facas me rasgando de dentro para fora a partir da base da minha espinha, percorrendo cada mísero osso em explosão, se apossa de tudo o que ouço, sinto ou vejo. Não há chão, atmosfera ou gravidade, o lugar para onde Dominic me mandou, é além do explicável.

Meus gritos baixos e o barulho dele explorando-me são as únicas coisas que me trazem momentaneamente de volta, para logo depois me ejetar ao desconhecido novamente.

Êxtase não é a palavra que define a sensação. Talvez eu nunca saiba exatamente como definir, tão pouco me acostumarei com a ideia que meu corpo pode ir a esta dimensão.

Com seu grande corpo me embalando, recebo sua boca na minha, levemente salgada, faminta, desvendando e tomando tudo o que tenho. Ele quer a minha rendição total.

Um impulso de suas mãos em meu corpo, Dominic me pega em seu colo, minhas pernas balançando no ar vão para o seus quadris. A ciência de para onde ele está me levando faz meu organismo revirar de ansiedade. Rezo baixinho para que ele não desista, não agora.

Seu rosto provocando-me a curva do pescoço, meus olhos fechados, quase sem ar, sou levada pelo corredor ao quarto. O contato do edredom macio contra minhas costas anuncia que chegou a hora. Sim. Dominic vai me fazer

sua.

DOMINIC

Tenho cada movimento ainda sob controle, contrariando a batalha sendo travada entre a razão e os instintos. A necessidade de foder como um animal feroz da maneira mais primitiva luta arduamente contra cautela mandando-me pegar leve com a inexperiência de Luna.

Se acalme porra! Vai chegar o dia em que você poderá tomá-la sem restrições, hoje é tudo sobre ela. A frase escora minha determinação.

Espreito seu estado. Luna está tão excitada quanto eu. Um olhar mais apurado e é possível deslumbrar os sinais. Sua respiração alterada, o movimento ritmado em sua carótida, as pupilas dilatadas, os lábios sendo umedecidos constantemente por sua língua macia, e o fluído brilhando em sua abertura. Minha menina está encharcada.

— Se você quiser parar, basta uma palavra, bebê — dou meu último aviso, e em troca recebo os olhos azuis exigentes, implorando.

Sua pequena boca se abre alguns milímetros, sugando o ar.

Inferno, isso vai ser difícil.

Nu, ando pelo quarto até as gavetas em meu armário. Retirando um trio de preservativos da caixa, volto a caminhar para a cama, onde minha Luna está completamente à minha mercê.

A pele imaculadamente pálida, sedosa. Sardas se estendem por seu colo dando-lhe um aspecto de inocência. Os seios são duas joias pequenas, firmes. Os bicos no tom do mais bonito rosa claro. O monte coberto por uma suave camada de pelos ruivos.

Eu provavelmente morri e estou em algum lugar próximo ao céu aqui.

Embalando meu membro num movimento que me proporciona algum alívio, puxo seu tornozelo, abrindo-a na cama para mim. A cada movimento meu, os olhos contemplativos me acompanham, como se tentando prever meus passos. É excitante demais para a minha sanidade.

Eu a deixei pronta para me receber, ela está completamente úmida e receptiva, mas nunca é demais facilitar o caminho. Minha menina é naturalmente apertada, meus dedos tiveram um bom trabalho descobrindo seus caminhos, e meu tamanho não é nada modesto. Sua dor será inevitável, a questão aqui é deixá-la a ponto de me tomar sem se ferir, muito.

Ajoelhado aos pés da cama, abocanho sua fenda gostosa, lascivamente. O nervo sensível é como um botão

rosado, que a cada movimento meu se torna mais inchado. Sem sombra de dúvidas, o mais bonito que já vi.

Luna geme meu nome de maneira tortuosa. Pedindo por mim, implorando por mais.

Reconheço o momento. Com agilidade, rasgo a embalagem metálica entre os dentes e retiro o preservativo. Envolvendo-o sobre minha extensão, tenho a impressão que meu membro dobrou de largura com todo o sangue concentrado ali nesse momento. Porra, nunca fiquei tão duro antes.

Deixando-a a ponto de outro orgasmo, abandono a parte suculenta e subo para tomar sua boca.

— Vai doer, bebê — aviso rosnado, prendendo seu lábio entre meus dentes.

Seu corpo se contorce embaixo do meu, num sinal verde.

Coloco o topo em sua entrada, sentindo o terreno apertado. Cerro meus músculos com a sensação. *Foda-se, eu não posso gozar agora como um adolescente.*

Respiro fundo, travo meu maxilar pondo energia na mandíbula para distrair a tensão. Nunca precisei disso antes. Essa menina é além do que é possível suportar. Luna será minha perdição. Sinto que estou prestes a ser arruinado para outras mulheres.

Lentamente, empurro meu caminho. Seu quadril se

impulsiona ao meu encontro, desejando receber mais do contato. Suando frio, pressiono um pouco mais, até que encontro sua barreira.

Merda. Não há jeito fácil de fazer isso.

Usando a técnica da distração, que tem me feito segurar minha própria demanda, beijo Luna tão intenso quanto posso ir, sua língua dança contra a minha, seus dedos magros agarram meu cabelo puxando-os, pequenos resmungos vibram de sua garganta — uma mistura do meu nome e sussurros incoerentes. Aproveito o momento para me afundar, duro, cravando de uma só vez.

Sorvo seu grito de dor, momentaneamente tomado pela culpa, e paraliso meu movimento. Estou dentro dela. Eu rasguei sua membrana e a marquei.

Luna é minha!

— Relaxe, bebê — sussurro brando, plantando beijos em seu pescoço, lambendo seu gosto de sabonete e transpiração — A dor já passou, você é minha.

Minha!

Antes que Luna possa refletir sobre a dor, deslizo minha mão sobre seus seios, ventre, até chegar ao monte. Em movimentos suaves, provooco seu nervo sensível com os dedos e começo a me mexer vagarosamente dentro dela, para que Luna se acostume ao meu tamanho. Sustentando o peso do meu corpo com um braço, tendo

Luna estendida abaixo de mim, abocanho seu seio, provocando o mamilo rígido. Seu corpo gradativamente vai relaxando, e antes que eu possa prever, Luna está comandando o ritmo, seu quadril exigindo mais, gananciosa, buscando outro orgasmo. Sim bebê, eu vou te dar isso, e tudo o mais que você desejar.

Estocando mais fundo, mais rápido, sugando seus seios e estimulando seu nervo delicado, não demora muito para que Luna se lance para cima.

— Dominic! — seu grito agudo é como um oásis.

Assisto em êxtase minha bebê se consumindo, e sou invadido por um sentimento de possessividade surreal. Eu proporcionei isso a ela, somente eu. E assim sempre será.

Mais algumas estocadas e me perco completamente. Cravando mais fundo, deixo-me ir, tão forte e potente que meu cérebro zune, calafrios se alastram me enfraquecendo. Luto arduamente para não desabar em cima de seu corpo frágil.

Porra. O que foi isso? Por que sinto que nada antes desse momento teve qualquer valor?

Quando finalmente tenho minha mente de volta, deixo meu corpo cair ao seu lado.

Arruinado. Definitivamente arruinado para qualquer outra mulher.

LUNA

Se eu pudesse colocar os momentos felizes da minha vida em uma lista, hoje certamente estaria entre os melhores. O dia em que perdi minha virgindade com o homem que mais amo no mundo. A maioria das meninas normalmente tem sua primeira experiência muito antes sequer de poderem beber legalmente. Não eu. Nunca vi minha virgindade como um motivo de vergonha. Hoje, acho que, involuntariamente, e mesmo parecendo clichê, eu estava esperando pela pessoa certa.

Dominic é a minha pessoa certa.

É possível amar alguém mais e mais a cada dia? O amor tem algum tipo de escala, ou limite? Do tipo, você só pode amar alguém até tal nível? Honestamente, acho que *amor* é uma palavra muito usual para definir o que sinto. Eu daria minha vida por este homem e não me imagino sendo feliz sem ele. Sei lá... isso é tão maluco.

Bocejo bem grande, tentando tapear o sono, mas acho que vou acabar perdendo essa lut...

— Durma, bebê — a voz é um sussurro invadindo meu inconsciente.

DOMINIC

Espero Luna se render ao cansaço, seus braços me prendendo como se me impedindo de fugir. *Nunca, bebê. Eu nunca vou te deixar*, penso, assistindo seu peito subir e descer numa respiração suave.

Não tive coragem de sair antes da cama, mesmo sabendo que Nico está me esperando lá embaixo.

Ele tem a gravação de Wine. Um passo para dar a minha menina sua vingança. Estou com uma maldita sensação ruim me apertando as entranhas, não quero confessar em voz alta que estou temendo como serão as coisas entre nós quando Luna retomar sua velha vida. Ela pode me deixar, não há nada que a prenda aqui, e essa opção me corta como uma navalha afiada.



Capítulo 32

DOMINIC

Inferno, deixar Luna sozinha lá em cima não é exatamente como eu deveria estar protegendo ela agora. Recebi a mensagem no celular dizendo que Nico estava aqui. Vasculho com os olhos o estacionamento e o enxergo, à espreita em sua caminhonete.

Aproximo-me dele, que desce do carro olhando para os lados antes de sair da escuridão. Nico tem inimigos que certamente apreciariam ver sua guarda baixa, como um alvo fácil a céu aberto. Tenho a impressão

de que os Salvatore, depois de praticamente irem à falência com a interferência deste homem, estão nesta lista.

— Dominic — sua voz mantém a impassibilidade, como se nossa trégua momentânea não significasse absolutamente nada.

— Nico — aceno com a cabeça, em reconhecimento.

Tirando um objeto da parte de trás de sua roupa, ele me entrega.

— Aí está o que você queria — a indiferença permeia até mesmo em seus movimentos.

Pego a pequena filmadora portátil, preta, pesando não mais do que trezentas gramas, o tipo de equipamento caseiro para gravações familiares. Ao tocar o objeto, imagino minha menina, solitária, inocentemente fazendo imagens de seu trabalho, vivendo sob o mesmo teto do canalha que a queria morta. A ideia mexe comigo de uma maneira muito ruim.

Seguro num aperto, e encaro o homem a quem eu agora tenho uma dívida.

— Obrigado — digo baixo, sem emoção.

Eu realmente não sei em que pé estamos com esta bandeira branca estendida provisoriamente.

— O que isto vai me custar, Nico? — vou direto ao

ponto, querendo saber a que preço sua ajuda me foi concedida.

Seu rosto de expressão dura não se altera. Mas algo passa rapidamente através de seus olhos claros felinos e traiçoeiros, revelando mais do que palavras fariam.

— Vamos dizer que neste momento nós estamos empatados — a voz é uma fagulha perigosa.

Estreito meus olhos, desconfiado. Suas palavras definitivamente me pegarem de surpresa.

— O que eu fiz para igualar o placar? — pergunto frio, já temendo a resposta.

O cara desvia seus olhos, encarando o horizonte à frente, sem nenhuma emoção visível aos olhos. Seus punhos cerrados. Por um momento, penso que ele não vai me responder, mas então, seu rosto duro volta a se concentrar em mim, com algum tipo de derrota aparente.

— Você cuidou dela quando eu não estava mais lá — não precisa ser inteligente para saber de quem estamos falando. O ruído rouco pouco esconde a dor de um homem que carrega um fardo.

Aperto a base de meu nariz, não sabendo o que dizer. Não esperava esse movimento. Mordendo minha língua, medito sobre me meter, então vou pelo que eu gostaria que fizessem comigo, numa situação como estas.

— Nunca é tarde para resolver a bagunça, cara —

mantenho-me em sua linha.

Um sorriso de escárnio atravessa seu rosto, não refletindo nos olhos, amargos, minados com rancor e dúvida.

— Não há nada para resolver, Dominic. Tudo está onde deveria.

Com um movimento de cabeça, deixo-o saber que entendi.

— Só não espere até ser tarde demais — viro-me de costas e caminho, querendo voltar para a mulher adormecida em minha cama. Mas então paro e, olhando-o por cima do ombro, acrescento o que certamente vai me deixar pendurado em alguma merda — Eu te devo por isso — balanço a câmara discretamente — E eu pago as minhas dívidas, Nico. Sophia não é um caso de caridade.

Não fico para saber se consegui fazer meu ponto. Tenho a impressão que ainda há sentimentos por trás de todo o ódio. Nico pode negar, mas acabou de mostrar que Sophi é importante pra ele, e conhecendo-a como eu conheço, apesar de ferida, a mulher tem um grande coração para perdoar.

Respiro fundo, resignado.

Só o tempo pode dizer o fim desta história. Ninguém pode fazer nada por eles, além deles mesmos.

A passos silenciosos, verifico Luna adormecida, na pouca luz, relaxada como uma menina. Há um tempo, quando ela chegou nesta casa, eu assistia seu sono me perguntando os motivos daquele cenho franzido, da posição defensiva, num momento em que ela deveria estar relaxada. A menina não baixava a guarda, nem mesmo em seu sono. Hoje, com uma mistura de alívio e apreensão, sei que os fantasmas que a atormentavam estão pouco a pouco a abandonando. Provavelmente enviar Wine para a prisão encerrará este capítulo de sua história. A pergunta que está me atormentando é: *‘e depois?’* O que Luna pretende fazer de sua vida? Terei espaço nela. Seja como for, tudo o que realmente importa é sua felicidade. Minha menina merece ser feliz, acima de qualquer coisa.

Aproveito o momento de paz, depois da tormenta que foi este dia, e tomo meu tempo para pensar nos próximos passos. Observo a câmera descansando em cima da mesa, Luna não sabe que pegamos a prova contra o político. Depois que isso vier à tona, sua segurança precisa ser redobrada enquanto Wine não for julgado e enviado à prisão.

Esfrego meu rosto com as duas mãos. Cansado.

Dirty morto. Nem sei o que pensar. Eu esperava fazer o traficante pagar por suas merdas e principalmente por colocar as mãos em Luna, mas a morte é um final muito ruim até mesmo para ele.

Seja como for, agora ele não é mais um problema. Não tenho mais que me preocupar com ele perseguindo Luna e Jasmine.

E por falar nisso...

Encosto a porta do quarto e vou para a sala, chamando o número de Damien.

— Para você estar me ligando a essa hora... — sua provocação chega antes que eu possa abrir a boca.

— Você está em casa? — pergunto sem manejos.

— A caminho. Tive uma longa reunião. Por quê? — o tom é uma mistura de casualidade e cansaço.

Foda-se, eu sei que meus irmãos estão realmente precisando de ajuda com a construtora.

— Ela já pode ir— digo com seriedade.

Pelo silêncio, Damien sabe exatamente do que se trata. Por uns instantes apenas o som baixo do rádio de seu carro dá garantias que ele ainda está na linha.

— Do que você está falando? — a indiferença treinada quase engana, se não fosse pelo som brusco de sua respiração pesada.

— Jasmine — mantenho-me em sua indiferença — Você pode avisar a ela que Dirty já não é mais um problema. A menina pode voltar para casa.

Mais um longo silêncio até que sua voz retorne ao meu ouvido.

— Que garantia você tem que o cafetão não vai atrás dela? — sua resistência só confirma minhas suspeitas.

— O cara está morto, Damien. Jasmine está livre dele.

Nenhum ruído, sequer respiração.

Porra, claramente meu irmão está mexido pela menina. Não sei dizer se isto é bom ou não. Nunca vi Damien realmente interessado em alguém. E para ser honesto, eu só vejo isso acabando de uma maneira, Jasmine ferida no final. Meu irmão tem sua mente voltada para uma vida de imagens, Jasmine seria comida viva. Acho que, no fundo, é melhor que as coisas terminem por aqui.

— Que seja — ele finalmente resmunga — Deixa que *eu* falo com ela — enfatiza o ‘eu’.

Ignoro sua tentativa de me enviar alguma porcaria.

— Ok irmão — abrando — Apenas deixe a menina ir. Sem merdas.

Aviso e desligo.

Esta noite é tudo sobre Luna. Não quero ter minha mente lidando com mais ninguém, não importa que seja Damien. Ele já é grande o suficiente para administrar seus negócios.

De volta ao quarto, sento-me na cama, com as costas contra a cabeceira. Nunca vou me cansar de admirar a beleza da menina. Suave e forte, ingênua e determinada, jamais pensei que misturas assim existissem.

De repente, algo em seu rosto descansando angelicalmente me chama a atenção. Ajusto a luz do abajur ao seu lado para ter certeza do que estou vendo.

Mas que porcaria é essa?

Sua bochecha, um pouco abaixo do olho direito sustenta um pequeno círculo avermelhado, ganhando delineados em lilás.

Agulhas ferroam minha pele. Meu intestino revira em fúria.

De onde veio isso? Inferno! Como eu não vi antes?

Saltando da cama, puxo lentamente o lençol descobrindo seu corpo em direção aos pés, deixando-a completamente nua para minha verificação.

Maldição do caralho! Como, merda, eu deixei isso passar, e por que não estava ali quando eu tomei seu corpo? *Fui... fui eu que fiz isto?*

Na parte posterior de sua coxa direita há manchas em um vermelho mais forte, contornadas por leves arroxeados. Os mesmo hematomas na lateral de suas costelas.

Não, porra. Definitivamente não estavam ali antes.

Estavam?

Puxo minha barba com força, sufocando um rugido de frustração e culpa. Eu deveria ter verificado se ela estava bem, mas não, deixei meu desejo levar a melhor e ignorei seu estado.

Minha menina sequer reclamou enquanto eu a tomava.

Impossível pregar o olho. Estou lutando duramente para não acordá-la agora mesmo.

DAMIEN

Depois de ficar algum tempo dentro do meu carro encarando a parede da garagem do prédio com os pensamentos perdidos, tomo meu caminho para o elevador. Merda. O que está havendo comigo?

O apartamento está silencioso. Há praticamente dois dias que a maldita mulher tem me evitado. Novidade nenhuma, ela só faz isto desde que chegou a esta casa. Seu esconderijo é sempre o quarto. Nem sei se ela tem se alimentado. Sempre que chego, a cozinha parece intacta, limpa, e nem sinal dela. Só sei que Jasmine esta sob o mesmo teto porque tenho agido como um desequilibrado, encostando meu rosto em sua porta a cada noite, me

certificando que há alguém ali. Normalmente o barulho do chuveiro é tudo o que ouço.

Desafrouxo o nó sufocante da gravata e jogo minhas chaves na mesa de apoio próximo a porta. Estou de saco cheio desta sua atitude de raposa selvagem.

Sob o meu teto prevalecem as minhas regras. Estou prestes a ensinar-lhe esta lição antes de deixá-la ir, depois de tudo.

Sorrio, com a diversão que a ideia me proporciona. Tenho planos para fazer em sua última noite na minha casa algo memorável.

Ignoro o desconhecido incômodo que o conhecimento de sua partida me traz.

Como eu já esperava, ela está trancada no quarto. Adotando meu melhor sorriso amigável, bato a sua porta. Duas vezes, e nada da raposa responder. Assumindo que estou em minha casa e tenho direitos, empurro cuidadosamente a porta, deixando espaço suficiente para colocar minha cabeça para dentro do cômodo.

O corpo miúdo cheio de contornos está parado em pé diante da janela, contemplando a vista.

A maldita é tão bonita.

Seus ombros tensos denunciavam que ela está consciente da minha presença. Antes de me pronunciar, tomo meu tempo observando-a melhor. Jasmine é gostosa

pra caralho, sua bunda é a perfeição, a cintura fina e as coxas largas arrastariam pensamentos maus até mesmo para um monge. Tudo nela exala sensualidade, e ela sabe disso. Não é a toa que ela é uma puta. A realização me preenche com desconhecida raiva. Foda-se ela. Eu não deveria minimamente deixar qualquer pensamento de insatisfação rodear minha mente. As coisas são como são, e Jasmine não passa de uma prostituta.

— Boa noite Jasmine — uso meu melhor tom.

— Oi — é tudo o que ela diz, seca, inaudível, em uma respiração curta, sem mover uma polegada.

Analizando a situação amplamente, posso dizer que Jasmine não vai muito com a minha cara. Tenho vontade de rir com a constatação. Como se isso tivesse alguma importância pra mim.

Reviro os olhos mentalmente.

Traçando meu plano, entro sem ser convidado, mostrando que não estou recebendo suas merdas gratuitamente.

— Passei quase oito horas numa reunião exaustiva e não tive tempo de comer nada. Você me acompanha na cozinha? — pergunto manejando minhas teias sedutoramente para envolver a presa.

— Estou sem fome. Obrigado — a voz é tão desinteressada que me faz cerrar os punhos. Seus olhos

permanecem no mundo lá fora, não me dando um minuto de seu dia. Raposa ingrata.

Seguro meu mau descontentamento, equilibrando-me no meu objetivo.

Obviamente, eu já contava com a rejeição primária.

— Na verdade, eu ia pedir para você me ajudar a preparar alguma coisa. A cozinha e todos aqueles equipamentos meio que me assustam sabe? — diminuo meu tom, como se revelando um segredo. Óbvio que estou mentindo descaradamente.

Jasmine inclina a cabeça por cima do ombro, lentamente, sustentando os olhos estreitados em mim com desconfiança. Finalmente recebo seu primeiro olhar do dia, em dias.

Mantenho meu sorriso amigável. Encolho os ombros.

— Você faria isso por mim, Jasmine? — golpe baixo, reconheço.

Sem tirar os olhos do meu rosto, provavelmente avaliando minhas intenções, é como se a maldita raposa pudesse enxergar através de mim. Sinto minha face ruborizar, se assemelhando a uma criança pega em flagrante. Discretamente puxo uma curta respiração para não falhar, e conservo-me na expressão de pôquer.

— Tudo bem — é tudo o que ela diz depois de um

desconfortável silêncio.

Sorrio mais amplamente. Isso mesmo raposinha, venha para o papai.

Deixo-a passar por mim, através da minha indicação que ela vá primeiro, e a sigo pelo corredor, apreciando sem restrições sua bunda bonita se balançando nos quadris.

Na cozinha, Jasmine parece querer tomar a maior distância de mim possível. Ando para o freezer e retiro algumas caixas de comida congelada, assistida por seu olhar desconfiado, atento.

Penso rapidamente, e decido que é necessário recuar para atacar, então mudo minha estratégia.

— Você se importaria de colocar estas massas no forno, enquanto tomo uma chuveirada? — delicadeza e bons modos escorrem de meus lábios — As instruções de tempo estão na embalagem.

Percebo um sutil estremecimento em sua postura. Seus traços endurecem, os olhos aumentam discretamente de tamanho e vão para qualquer lugar, menos para mim.

Qual é o problema? O que eu fiz de errado agora?

— Tudo bem com isso? — indago, confuso por um momento.

Não perco a maneira desajeitada como ela engole a saliva e se retrai.

— Aham — o som estrangulado parece nervoso.

Observo-a com mais atenção, atrás de alguma indicação. E então a maldita rapidamente se recompõe, sustentando uma expressão de paisagem. *Prostitutas sabem bem como mascarar os sentimentos*, penso.

— Ok — sorriso brilhante — Vou para uma ducha e não demoro.

Ela me devolve um sorriso sem vida, certamente forçado.

Viro-me e caminho para o meu quarto. Irritação faz um ótimo trabalho em quebrar meu humor. Jasmine obviamente não quer minimamente permanecer perto de mim. Não sei o que me deixa mais puto, vê-la se contraindo com a ideia de me fazer a merda de um ‘favor’, ou mascarando suas emoções como se isso fosse uma regra na cartilha das putas ‘*regra número um: não deixe o cliente perceber suas emoções*’. Por sorte, ela não pode ver o fogo queimando meus nervos. Um banho realmente cairá bem, tenho que me aplacar por agora.



Capítulo 33

DAMIEN

Deixo a água jorrar em cascatas do chuveiro projetado exclusivamente para relaxar. Custou um bom dinheiro, mas valeu cada centavo. E nem assim consigo acalmar a ansiedade estranha correndo livremente por meu corpo. Jasmine está prestes a ir embora, e porcaria, eu não deveria ter qualquer restrição em relação a isso. Ela é só uma garota de programa, dona de um comportamento desagradável, encenqueira e com nenhum tato para socializar com outro ser humano. Eu tinha de estar agradecido por me livrar dela, e por alguma razão

estúpida, a ideia não é nada atraente.

Seco meu corpo, rápido, inquieto.

Fico indeciso sobre vestir ou não uma camiseta. Seria muito hostil circular de peito nu em minha própria casa?

Guerra é guerra, parceiro. Cada um usa as armas que tem.

Coloco somente um par de calças de moletom, deixando meu amigo livre dentro dela. Esfrego a toalha brevemente na cabeça e ajesto meus cabelos com os dedos. O reflexo no espelho me assusta um pouco. Há algum tempo eu não via este tipo de brilho predador em meus olhos. Nos últimos anos venho tendo uma gama diversificada de boas mulheres circulando por minha cama, sem muito esforço. Talvez seja isto! Estou entediado com o habitual processo de caça e a aversão da maldita raposa está provocando um novo desafio. Depois do que tenho planejado para esta noite, Jasmine será somente mais um nome em meio a tantos.

Volto para meu alvo a passos despretensiosos. No caminho, passo pela sala e ligo o som, selecionando uma playlist romântica. Sim, raposinha, munição pesada.

Porra, mas que cheiro é esse?

Sugo o ar algumas vezes para me certificar de que é o que estou pensando.

De onde estou, vejo Jasmine tensa, de braços cruzados em frente ao peito, apoiada ao lado do forno elétrico, com um olhar assustado. Aproximo-me mais da cozinha, onde o odor insuportável de plástico queimado impregna o ambiente.

— Que cheiro é esse? — pergunto confuso.

Seus ombros se encolhem, com algum tipo de vergonha.

Olho para a bagunça negra dentro da pia, próximo a ela.

— Você... você colocou a embalagem junto? — não consigo esconder minha surpresa.

A mulher engole a saliva, seus olhos culpados evitam os meus.

— E-eu não sabia que a bandeja deveria ser retirada... — seu constrangimento é evidente — Normalmente estas embalagens são colocadas junto... — a maneira como ela mói nervosamente seu lábio espesso entre os dentes me distraí por um segundo.

Balanço a cabeça discretamente, recuperando minha mente.

— Estas são diferentes. São comidas prontas preparadas por uma cantina italiana perto daqui — estreito meus olhos, analisando seu rosto — Achei que a informação estivesse escrita na embalagem — minha voz

soa casual.

Sim, está escrito! Compro estas refeições deles há anos. A comida é muito melhor do que as industrializadas, mas a bandeja não vai ao forno, você precisa por em sua própria. Tento não relacionar a displicência à sua má vontade em relação a mim.

— Desculpe. Eu deveria ter visto isso — mal escuto seu sussurro.

Foda-se. Não será um jantar queimado que vai atrapalhar o que tenho em mente.

Sorrio largamente.

— Acontece com os melhores chef's Jasmine. Deixei queimar algumas vezes também, é por isso que me mantenho longe da cozinha — minto, sedoso — De qualquer maneira, eu realmente acho que um chinês cairia melhor. Você gosta de comida chinesa?

Seu rosto pouco se suaviza.

— Acho que vou me deitar... — ela se afasta da bancada, pronta para sair.

— Espere — seguro seu braço, no impulso.

O contato com sua pele provoca um reboliço desconhecido através do meu corpo. Sinto uma vibração energizante rapidamente construindo caminho em algum lugar inquietante.

Mas que porcaria é essa agora?

Sorvo o fôlego, momentaneamente pasmo pela reação.

Encarando seu rosto, fico imediatamente ciente que não sou o único sentindo isso.

Os grandes olhos castanhos esverdeados encontram os meus mal escondendo sua surpresa também. A pequena veia de seu pescoço vibra veloz, e o movimento de sua respiração se acelera. De repente, seu olhar cai sobre o meu peito, como se somente agora ela estivesse tomando conhecimento que estou sem camiseta. Merda, eu já vi esse tipo de olhar antes, muitas vezes. Jasmine, a pequena raposa está me cobiçando.

A satisfação de sua reação reflete em velocidade monstruosa diretamente no meu membro.

Estou duro como pedra.

Pisco algumas vezes tentando processar os fatos. E, tão rápido que é quase imperceptível, Jasmine, como a boa prostituta que é, logo disfarça qualquer emoção e volta a usar sua tradicional máscara de indiferença.

Tarde demais. Você não vai fugir disso, menina. Não agora. Penso, mas não falo.

Com deliberada amenidade e uma discreta e profunda respiração, continuo o jogo.

— Por favor, me acompanhe no jantar — dou-lhe um olhar piedoso — Eu realmente detesto comer sozinho,

e hoje tive um dia dos infernos.

Eu vejo a batalha em seu rosto. Jasmine está relutante quanto a ficar sozinha comigo. Certo, eu lhe dei alguns motivos para me odiar, mas o que ela é, uma criança rancorosa? A mulher é uma puta! Provavelmente não sou o primeiro a dar-lhe alguma merda. E é assim que ela reage? Com o tratamento do desprezo? Até parece uma amadora.

Engulo a frustração, contudo não recuo e assumo a postura de quem está esperando pacientemente.

Inspirando ruidosamente, seu pequeno corpo relaxa insatisfeito.

— Tudo bem — seu resmungo contrariado é quase comovente.

Não consigo controlar a merda de sorriso vitorioso repuxando meu rosto. Foda-se, esse joguinho está me deixando excitado pra caralho.

— Certo — digo, lutando para esconder a alegria juvenil do homem que vai ter um bom momento esta noite — Eu vou ligar pra eles, e você prepara a mesa, tudo bem? — falo rápido — Os vinhos estão na adega a sua esquerda.

Viro-me ligeiramente e saio em busca do meu telefone. Não posso dar tempo para a raposa arredia mudar de ideia.

Faço o pedido no lugar mais próximo, e prometo uma boa gorjeta se a comida chegar aqui em menos de vinte minutos. Quanto mais rápido estivermos na primeira base, mais tempo terei para desfrutar Jasmine e depois limpá-la do meu sistema.

Tentando passar a impressão de que as coisas vão acontecer naturalmente, puxo uma camiseta do armário e me cubro. É melhor não parecer tão explícito, isso pode por Jasmine em seu quarto antes da hora.

Enrolo um pouco mais no quarto e finalmente retorno para a sala. A playlist continua a meu favor, baixa, com músicas melosas jorrando em caldas, merda isso é tão doce que eu deveria fazer um exame de glicose quando tudo acabar.

Jasmine está próximo às vidraças amplas que dão para a cidade iluminada a nossos pés.

— Eu gosto desta vista — digo me aproximando silenciosamente.

A raposinha estremece. Estou gostando muito de saber que ela não é tão indiferente a mim quanto tenta parecer.

— Sempre que preciso pensar, fico aqui, observando o movimento da cidade — paro a seu lado.

— É bonito — ela sussurra sem tirar os olhos do horizonte.

Observo seu perfil por alguns segundos. Jovem e linda demais para ser bom. Apesar da máscara impaciente que ela decidiu adotar na minha presença, eu vejo o fogo vivo em seus olhos. Há muito mais ali do que ela deixa transparecer. Jasmine certamente é determinada. Engana-se quem pensar que a garota tem um só osso frágil em seu corpo. No entanto, algo sombrio plana sorrateiramente sobre seus traços. A pequena raposa tem sua própria escuridão. Pergunto-me se isso se deve a sua *profissão* ou aos motivos que a levaram para ser uma mulher da vida.

Inferno. Nada disso é da minha conta, ou deveria minimamente me importar. A mulher fode por dinheiro, não é nada mais e nada menos do que isso.

O som do interfone é a deixa para afastar os pensamentos pessoais demais para o meu gosto.

— A comida chegou — digo baixo, engolindo o amargor que se instaurou de repente.

Apesar de meus melhores esforços, pouco evolui em relação a tirar algo maior do que uma frase curta de seus lábios atraentes. Enquanto nos alimentávamos, levei a conversa para o mais descontraído possível, falei um pouco de mim, somente o suficiente para quebrar o gelo, e lhe fiz algumas perguntas simples. Não quero ter nenhuma informação quanto ao seu *negócio*. Abri apenas o caminho suficiente para deixá-la à vontade comigo – o que

certamente não está acontecendo.

Jasmine se levanta para tirar o prato. Acompanho rapidamente seu movimento. Uma coisa sobre ela: A raposa se encolhe com a minha proximidade. Nunca pensei que uma puta fosse jogar duro comigo.

Deixando a louça na cuba da pia, sua mão vai em direção à esponja para lavá-la, mas muda de ideia ligeiramente quando percebe que estou a duas polegadas de seu corpo.

— E-u vou para cama... — diz apressada, incomodada, tentando passar por mim.

Como um leão cercando a presa, capto seu movimento, e a deixo encurralada entre meus braços descansados na porta do armário atrás dela, sem tocá-la.

— Ainda é cedo, Jasmine — sopro baixo próximo ao seu rosto e assisto seus olhos se arregalarem.

— Se afaste idiota — apesar da exigência rude, não é isso que seus olhos dizem.

— Por que eu deveria? — provoco, como uma pluma suave.

A pequena engole em seco.

— Porque eu estou mandando — a resposta afiada não faz nada para me convencer.

— Não tente fingir. Você quer tanto quanto eu — sussurro a um milímetro de sua testa e então recuo uma

polegada para ver a reação em seu rosto.

O ar de desgosto está bem ali, a duras penas tentando ocultar o interesse. Isso é bom.

— Sai fora, cara — não aprecio a maneira vulgar de sua fala, porém tão pouco isso faz com que ela pareça menos atraída.

Deixo minha boca se aproximar da sua.

— Modos, Jasmine — não a toco, mas porra, quero muito — Na minha presença tenha modos. Não gosto de repetir, portanto assimile — meu tom rouco e zombeteiro a faz fechar os olhos espremidos.

Nem uma palavra, apenas seus dentes moendo o lábio inferior, com raiva.

— Abra os olhos — exijo, sem me mover.

A contragosto ela demora, mas faz. Suas pupilas dilatadas lançando chamas irritadas.

— Me deixe em paz. Ok? — o pedido não é honesto. Eu posso sentir o cheiro de sua excitação.

Sangue bombeia e se concentra para me deixar duro como nunca.

— Diga que você não quer — desafio, encarando seus olhos, quase tocando sua boca.

Sim, estou deixando nenhum espaço para manobras aqui.

Com um levantar atrevido de sobrancelha, fazendo

pouco de mim, seu queixo se eleva.

— Eu quero você tanto quanto eu quero pegar piolhos, babaca — a mentira flui com facilidade através de sua boca bonita.

Apesar de ofendido, minha risada sai livremente do peito. Maldita abusada.

Tiro uma de minhas mãos do armário atrás dela, e arrasto lentamente até o meu peito, roçando o alto de seus seios no processo.

— Essa doeu — toco meu coração — E me deixou duro pra caralho — provoco, desviando meus olhos para baixo, dando-lhe a indicação.

Suas mãos vão para o meu peito, empurrando-me com força. Para o azar dela, tenho um bom preparo físico e sua tentativa é quase insignificante, no entanto, sua atitude realmente me tira do sério. Por que a maldita está resistindo tanto?

Espera aí.

Porra!

A realização me faz desejar socar a parede. Maldita prostituta!

— Quanto? — digo frio, esmagando meus dentes.

Seus olhos se arregalam, ganhando a linha das sobrancelhas. A boca abre em um pequeno círculo. Teatro de puta é ainda pior do que do que das escaladoras

sociais que já passaram pela minha cama.

Com o sangue fervendo e circulando em velocidade, mantenho um sorriso acusador. *Sim, raposa, eu reconheço seu jogo.*

Algo em seu rosto me confunde por um momento. Putas conseguem simular palidez? Sua pele se torna branca, como uma folha de papel.

Engulo ácido, confuso com os seus sinais.

Encarando-a com atenção, observo seu peito se elevar, assumindo uma grande quantidade de ar. As linhas delicadas do rosto vão suavizando até se tornarem uma faixa inexpressiva. Os olhos, antes dilatados, perdem o foco, escuros e sem brilho. Tenho que me afastar alguns centímetros e verificá-la com mais atenção. Estarrecido, assisto de perto a Jasmine cheia de personalidade se tornar outra pessoa. Alguém fria, sem vida, sem emoções, forte e impenetrável.

Que merda é essa?

Minha convicção se mistura com a incompreensão em um tornado bagunçado. Inspiro fraco, e lambo meu lábio seco, perdido diante de uma mulher completamente estranha e que nunca vi antes.

Foda-se!

Não posso deixar que sua dissimulação me afete.

Eu tenho o domínio desse jogo. Eu digo as regras

aqui.

— E então? — desafio, impaciente, estufando meu peito e tirando-lhe seu espaço pessoal.

— Você quer me pagar? — o som é uma pasta inabalável. Eu sei que a menina tem sua mente feita sob algum aspecto que ainda não consegui definir.

— Não é como as coisas funcionam com você? — retruco venenoso.

Um sorriso rígido ganha seus lábios, mas não faz nada para mudar a geleira de seu olhar. Ela não esta com raiva, é muito pior do que isso. Jasmine não tem mais sentimentos. Ela está me tratando como um cliente. É isso.

— Que assim seja — é tudo o que ela diz.

Balanço a cabeça, lentamente, concordando. Se ela pode ser indiferente, eu também posso.

— Ok — levanto uma sobrancelha, usando a arrogância que costumo aplicar nos negócios — Temos um acordo.

Jasmine pode até achar que vai me tratar assim, e dane-se, pouco me importa como isso será. Eu a quero. Apesar de tudo, eu quero esta raposa de um jeito inexplicável, como não me lembro de querer nada antes.

Irritado e excitado, tomo seu pulso.

— Vamos começar logo com isso — digo cruel, e tenho que travar a passagem de ar, afetado com a maldita

sensação de seu pulso quente acelerado abaixo dos meus dedos.

A prostituta mexe comigo. Mas isso acaba esta noite.

— Tome seu tempo, *senhor* — a provocação de sua frase docemente injetada me faz mais maluco.

— E eu vou — rosno sem humor — Costumo valorizar meu dinheiro.

Isso foi uma merda de frase. Pareço um destes perversos. Fato é que Jasmine elevou esta situação entre nós a outro nível. Eu gostaria de ter ido sutil, feito da maneira certa, mas de que forma? A raposa tem sua mente feita.

Ela é uma profissional e eu não devo me esquecer disso. Nunca.

Puxando-a comigo, a levo diretamente para o meu quarto. Abro a porta e antes que ela possa sequer pensar, tenho-a contra a parede. Seu corpo quente e macio parece se encaixar perfeitamente ao meu.

Com a ira rasgando-me em pedaços, pego seu rosto em minhas mãos. Linda pra caralho, porra.

Encaro seus lábios e, merda, parece tão macia, tão atraente, que minha boca chega a ficar seca de vontade de prová-la, sentir o sabor e a textura.

Vagarosamente, memorizando cada passo do

processo, encaro seus olhos frios, e seus lábios, e aproximo os meus sedentos.

Que porcaria!

A um centímetro de tocá-la, a maldita vira seu rosto bruscamente.

— Sem beijos — seu tom inatingível dita a regra — Eu não beijo na boca.

Encaro-a mal acreditando nos meus ouvidos. Porra dos infernos! Tenho vontade de sacudir seus ombros até devolver-lhe a mente.

Estreito meus olhos a procura de algum vacilar, de algum sinal de que isso foi uma piada ácida. E nada. A mulher fria apenas espera, sem nenhuma emoção.

Inspiro profundamente. Ela quer me provocar, quer me tirar do sério para ver se desisto. Só pode ser isso.

— Mais alguma regra? — pergunto em meu melhor tom de escárnio.

— Preservativos — ela devolve apática, sustentando meu olhar.

Dou uma risada alta, debochada.

— Esta eu definitivamente aprovo. Quero terminar esta noite tão limpo como comecei — acuso, em fel.

Minha fala a atingiu. A raposa não conseguiu mascarar isso a tempo.

Fecho meus olhos por alguns instantes. Não gosto da

maneira como isso está indo. Essa merda de guerra não declarada tem que sair do caminho.

Abro os olhos e encaro seu rosto deliberadamente agradável.

— Ouça, Jasmine. Eu entendi suas regras, e vou respeitar. Podemos, por favor, dar uma trégua e simplesmente curtir o momento? — peço com honestidade.

Um flash de algo semelhante a dor atravessa seus olhos, para logo ser consumido pela escuridão impassível.

— Sim, *senhor* — ênfase na palavra *senhor* destrói qualquer esperança de que seu comportamento ‘*modo prostituta*’ vá se alterar.

Para casa do caralho com isso!

Decidido derrubar suas barreiras, mordisco a pele febril do seu pescoço, provocativo, cheiro seu frescor, lambo sua mandíbula tensa, ao mesmo tempo em que prendo seu quadril contra o meu. A surpresa da minha ereção é expressa por um ruído suave vibrando em sua garganta.

Esta noite você será minha, completamente minha, raposa. Tire qualquer merda de sua cabeça e se entregue.

LUNA

Acordo sentindo meu corpo de maneira diferente. Um pouco dolorido, mas com uma sensação de plenitude incapaz de ser descrita. Alongando-me preguiçosamente na cama, abro os olhos lentamente e me surpreendo ao encontrar Dominic encarando-me sem nenhum sinal aparente do que se passa em sua mente.

— Bom dia — digo rouca pelo sono, sorrindo sem reservas.

— Bom dia, bebê. Como você se sente? — a voz é inadvertidamente preocupada.

Pisco algumas vezes, adaptando minha visão.

— Tão bem que mal posso explicar — sem perder o sorriso, deixo minha mão passear livremente sobre seu rosto, desfazendo a ruga em sua testa — Foi perfeito Dominic — minhas bochechas coram com a lembrança.

Segurando meu punho em seu rosto, Dominic planta um beijo na palma da minha mão.

— Eu deveria ter te perguntado ontem, Luna — o sussurro controlado deixa-me confusa — Seu corpo tem algumas marcas... honestamente eu não as vi aí antes... — vejo sua luta — Alguém machucou você?

Levanto minha cabeça e a pouso em seu peito nu, encarando-o de frente.

— Dirty não estava muito feliz comigo — mordo meu lábio — Mas não foi nada demais... o importante é que estou aqui com você — digo franca.

Mesmo com meu tom cuidadoso, percebo-o ficando tenso embaixo de mim. Sua mandíbula cerrada e o músculo da face pulsando lhe dão um ar perigoso.

— Tudo o que está acontecendo entre nós é tão perfeito que nada pode se sobrepor a isso, Dominic. Já passou, e eu só quero pensar no agora — beijo o centro de seu peito, a sensação é tão boa que eu faço de novo, e de novo.

— Canalha. Se ele não estivesse morto, eu certamente o mataria com minhas mãos — escuto seu resmungo irado, mas mantenho-me firme na missão de tirar suas preocupações.

Beijo seu peito, exploro cada pedacinho dele, até senti-lo minimamente relaxar. Aproveitando o momento, vou deslizando minhas carícias por seu estômago plano, a pele quente e firme recebe meu caminho se arrepiando lindamente.

— Você é tão lindo — digo em voz baixa, com a boca colada a seu umbigo, e, audaciosamente, lambo a região, provando seu sabor. Sabor de Dominic, o meu favorito.

Não quero pensar em nada que aconteceu. Quero somente viver toda a paixão queimando minha pele por

este homem. Atrevidamente, afasto o elástico de sua cueca boxer, e então encaro seus olhos escurecidos, preenchidos com a mesma paixão.

— Eu te desejo tanto que até dói — provoco com sedosidade.

— Luna... — o sussurro estrangulado me faz rir, em triunfo.

— Você me deu tudo, Dominic. E eu vou te dar tudo também — aviso baixo, deixando minha mão deslizar para dentro de sua peça e tocar seu monumento.

Agulhas apertam meu ventre, desejoso por ele. Com tanta fome, como nunca senti, tiro sua extensão para fora e prendo a respiração, ainda não acostumada com o tamanho. Nunca vi nenhum outro pessoalmente antes dele, mas certamente Dominic é excepcionalmente bem dotado.

Lambo meus lábios em antecipação e o levo na minha boca, como ele me ensinou, sendo contemplada com um gemido feroz de seu peito.

DAMIEN

Sento-me na beira da cama, e observo a maldita raposa adormecida. Mentalmente exausto, deixo minha cabeça pender entre minhas mãos. Estou impaciente,

nervoso, perdido para ser mais exato. A noite foi... diferente de tudo.

O sexo foi inacreditável, para o bem e para o mau. Levamo-nos a loucura, sem reservas, sem intervalos, esfomeados como se nada fosse o suficiente. Recebi a entrega total de seu corpo, mas nunca de sua mente. Dei tudo de mim, e tentei tomar tudo dela, o problema é que a maldita colocou uma barreira emocional impenetrável, e levou sua palavra de não beijar na boca ao extremo. Nada do que eu fazia parecia abalá-la, ou tirá-la de seu foco. A desgraçada me fodeu, me usou, e não deu um minuto de sua emoção em troca.

E quando o dia já estava quase clareando, obriguei-a a dormir na cama comigo lembrando-a de que meu dinheiro comprou a noite completa. Me odiei por fazer isto, mas não pude suportar a ideia de me afastar dela, ainda não estou pronto.

Contudo, Jasmine não pensa da mesma maneira. Para ela, tudo não passou de uma transação profissional. A ideia eleva todos os meus níveis de fúria. Maldição! Eu não deveria sequer dar um pensamento para a situação. Estou tão irritado que mal posso acreditar.

Tendo a raiva como minha aliada, me levanto silenciosamente e vou para o escritório. Abro o cofre, retiro o que preciso e sento-me a mesa, completamente nu. Pego uma folha branca e uma caneta, e dou-lhe o que ela

quer.

Ainda em silêncio, tomo uma ducha rápida, visto-me e me afasto do quarto escuro, deixando em cima da mesinha ao lado da mulher adormecida uma pilha com dez notas de cem e um bilhete.

‘Espero que isto pague a noite.

A propósito, seu cafetão está morto.

Você está livre’



Capítulo 34

DOMINIC

Esperei Luna fazer seu desjejum e pedi que ela se sentasse na sala comigo. Pensei muito sobre a melhor maneira de agir a partir daqui. Vicent é um sujeito muito esperto, a informação de Gabrielle e Katarina sobre os policiais deixou isso tudo sob uma nova perspectiva. Quero que Luna consiga sua justiça, mas, que acima de tudo, saia ilesa disso.

— Eu quero te mostrar uma coisa — digo calmamente, e me viro para pegar o objeto onde deixei.

Seus olhos azuis aumentam de tamanho quando ela vê o que tenho em mãos.

— Dominic... — o sussurro fraco logo é abafado quando ela leva uma mão tapando a boca.

— Nós temos o que você queria Luna, e é sobre isso que eu gostaria de conversar.

Sento-me ao seu lado e lhe entrego a câmera.

Suas mãos trêmulas seguram o eletrônico.

— Você pegou... — a voz suave, admirada, se mistura a outro tipo de emoção.

Fico em silêncio observando-a olhar para a câmera em suas mãos como se não soubesse o que fazer. Com uma inspiração profunda, e agindo lentamente, minha menina aperta o botão lateral que dá vida ao aparelho.

Cerro minha mandíbula, testemunhando os traços dolorosos ganharem seu pequeno rosto, mas, decido por não interferir. Luna precisa de seu momento. Faz parte do processo.

Ao seu lado, acompanho a gravação da imagem de uma maquete do Taj Mahal parcialmente construída, sem nenhum som ao fundo, até que o político entra em cena. Engulo o nó na garganta com o conteúdo absolutamente incriminador. Vicent Wine recebe a informação de que o *serviço* estava feito e questiona o que acontecerá caso ‘ela’ resolva usar o freio de mão.

Luna assiste pálida, sem lágrimas, no entanto. Acho que minha menina está mais forte para lidar com tudo isso.

— O que você acha que eu devo fazer agora? — seu rosto se levanta, encontrando o meu.

Sinto meu peito se inflar de orgulho. Minha menina está me incluindo na situação, ela quer minha opinião. Acho que finalmente posso respirar aliviado, livre de todo o medo de que ela cometa alguma imprudência.

Roço meus dedos em sua maçã do rosto salpicada de bonitas sardas.

— Eu tenho um plano, mas nós não vamos agir sozinhos, Luna. Liguei para a Júlia, a advogada que ajuda algumas pessoas lá do Centro. Ela está vindo pra cá.

Seus olhos expressam confiança no que digo.

— Isso é bom — sussurra, pensativa.

— Vicent é poderoso e tenho a sensação de que se não amarrarmos muito bem esta situação, ele vai dar um jeito de se safar.

Surpreendendo-me, ela se aproxima ainda mais de meu corpo, subindo no meu colo, envolvendo suas mãos no meu pescoço e se aconchegando em meu ombro.

— Eu desejo que ele pague Dominic — seu murmuro quente toca minha pele — Mas eu quero que tudo isso acabe logo, para que a gente possa seguir em frente.

Inferno. Preciso fechar meus olhos e tragar o fôlego para controlar a onda de satisfação queimando-me.

LUNA

A campainha toca me obrigando a descer do colo de Dominic. Respiro fundo, tomada por um bom pressentimento. Está chegando a hora de fazer Vicent pagar.

Dominic se levanta e vai para abrir a porta. Fico sentada, um pouco ansiosa, até que escuto uma voz familiar.

— Luna! — Gabi entra primeiro, beijando rapidamente o rosto de Dominic e atravessando a sala em poucos passos.

Levanto-me a tempo de ser esmagada em seus braços.

— Graças a Deus você está bem — seu suspiro aliviado umedece meus olhos.

Nunca pensei que um estranho pudesse se importar comigo.

— Desculpa pelo que fiz vocês passarem — falo entre seus cabelos platinados, mantendo seu abraço.

— Você não teve culpa de nada. Tudo terminou bem,

você está salva e é isso o que importa.

Afasto-me dela, enxugo uma lágrima traiçoeira por tê-la me considerando sua amiga.

— Você se lembra da Júlia, não é? — pergunta, apontando para sua amiga bonita nos olhando com um bom sorriso.

— Sim, sim — digo limpando minhas mãos na lateral da calça.

Antes que eu possa estender-lhe a mão, a delicada mulher me abraça. Acho que elas têm uma coisa sobre abraços apertados.

— Fico muito feliz que isso tenha acabado bem, Luna. As meninas me contaram o que aconteceu.

— Obrigado por vir — digo tímida, diante da verdade em seus olhos.

Dominic limpa a garganta.

— Sentem-se, por favor.

As meninas fazem. Gabi segura minha mão de um jeito reconfortante.

Puxando uma cadeira a nossa frente, Dominic se senta e inclina o corpo para frente, descansando os antebraços em suas coxas. Em suas mãos a minha filmadora.

— Veja o que te falei, Júlia — ele oferece as imagens pra ela.

A mulher assiste a tudo concentrada. Observo seu desgosto quando o sujeito faz piada sobre minha mãe descer o abismo capotando, caso use o freio de mão.

Júlia termina com a filmagem e olha diretamente para mim.

— Eu lamento muito que você teve que passar por isso Luna. Este homem é desprezível... — seus olhos desviam para a câmera, ela mói o lábio — Em pensar que meu pai apoia a campanha desse sujeito — esta última parte ela resmunga mais para si mesma.

Fico em silêncio, esperando.

— Nós vamos fazer ele pagar — sinto a convicção em suas palavras — Vamos colocar Vicent Wine e seus cúmplices na prisão.

Concordo, confiante.

— Por falar nisso, vocês viram o noticiário sobre o irmão dele? — Gabi pergunta séria.

Olho para Dominic, que mantém seu rosto insondável e não me devolve o olhar.

— O que aconteceu? — pergunto baixo, tentando não denunciar meu terror.

— Sofreu um grave acidente de carro... parece que ele colidiu contra poste e morreu carbonizado esta madrugada — sua voz é vazia de emoção.

Gabi sabe o que Frank fez, eu mesma contei a ela.

Só não sei se ela tem conhecimento de que ele estava envolvido no meu sequestro. Não me choca saber que aqueles homens estrangeiros que estavam com Dominic deram um jeito em Frank, eu deveria ficar triste por sua morte, mas se eles não chegassem a tempo, poderia ser o meu corpo nos noticiários.

— Aqui se faz aqui se paga — diz pensativa.

Mordo meu lábio e não digo nada.

— O que você acha que devemos fazer? — Dominic se direciona a Júlia.

Ela se ajeita no sofá e assume uma postura profissional.

— O primeiro passo: devemos criar garantias.

Estreito meus olhos, um pouco perdida.

Ela vê nossos rostos em branco e continua.

— Eu explico. As meninas me falaram sobre a atitude daqueles policiais. Vicent Wine é um sujeito muito poderoso, e pelo jeito, com alguns tentáculos pela cidade. Nós vamos cercá-lo por todos os lados, para nossa própria garantia.

— E como faremos isso? — indago.

— Bem, nós teremos que jogar um pouco sujo aqui... — seu olhar vai para Dominic, pedindo aprovação e ele acena que sim com a cabeça — Se levarmos esta gravação diretamente a polícia, corremos os risco disso

se perder e de que ele tome conhecimento antes mesmo de agirmos. Então vamos recorrer aos melhores meios para expor um político: a imprensa.

— Mas se isto for para os jornais antes de prendê-lo, ele pode fugir — digo alarmada.

Júlia faz um sinal suave com a mão.

— Vamos fazer tudo conjuntamente, Luna. Entenda meu plano: vou ligar para uma promotora, amiga minha, explicar-lhe a delicadeza da situação e pedir que ela fique de prontidão para irmos à delegacia. A ideia é expedir um mandado de prisão temporária alegando risco de fuga. Por mais que o delegado tente ganhar tempo, ela estará lá para interpelar a situação e conseguir que o juiz de plantão assine o mandado.

— E onde a imprensa entra nisso? — é Gabi que pergunta, desta vez.

— Simples. Nós não sabemos até onde vão as influências de Wine. O juiz pode muito bem estar em sua folha de pagamento. Acredite, isso acontece — sua voz recua uma nota com a última parte — Vou mandar o material, a princípio, para uma jovem jornalista investigativa que tem feito boas matérias com assuntos deste tipo e pedir que ela lance em seu blog assim que a solicitação estiver na mesa do juiz.

— Entendi — Dominic diz pouco audível — A publicação deixará qualquer juiz sem jeito de contestar.

— Exatamente! — Júlia confirma, extasiada — E no momento em que tivermos o mandado, vou espalhar a notícia por todos os tablóides.

Percebo a empolgação brilhando em seu olhar.

DOMINIC

Uma batida suave na porta da frente chama nossa atenção. Júlia e Gabrielle param de falar, e Luna apenas me olha em expectativa, como se me perguntando se estou à espera de alguém.

Estranho o fato de não usarem a campainha, seja lá quem for.

Levanto, desejando ter minha arma neste momento para qualquer eventualidade. Verificando no olho mágico, vejo a figura pálida de Jasmine. Abro imediatamente a porta e observo seus olhos e a ponta de seu nariz avermelhados, como se a menina estivesse se segurando para não chorar. Maldito Damien, eu mato aquele imbecil!

— Entre Jasmine — exprimo baixo, moderando meu controle.

Ao escutar o nome da menina, Luna fica em pé, vindo rapidamente onde estamos.

— Jas! — sua voz vibrante morre ao notar o que eu

mesmo acabei de ver.

Tomando sua mão, ela traz Jasmine para dentro.

— Que bom que você veio — Luna aperta a pequena Jasmine em seus braços e depois volta a reparar seu rosto — O que aconteceu?

— Nada Luna, eu vim saber se você está bem — o constrangimento da menina é evidente.

Luna puxa a menina atrás de si e para diante de Gabrielle e Júlia.

— Esta é minha amiga Jasmine — ela apresenta a menina — E estas, Jas, são Gabrielle e Júlia, duas amigas que estão me ajudando muito.

Jasmine sorri, sem vida, percebo seu evidente esforço em se manter inteira, a pobre está por um fio e qualquer um pode ver isso.

Quando eu colocar minhas mãos em Damien ele seriamente vai se arrepender por qualquer merda que ele tenha feito a ela. E porra, certamente ele fez.

— Vocês se importam se eu falar com ela por alguns instantes, no quarto? — Luna pergunta contida.

— Imagine, tome seu tempo, vou aproveitar e conversar com Dominic sobre algumas coisas lá do Centro Comunitário — Júlia responde em seu modo gentil.

Gabi sorri calorosa.

Luna leva Jasmine consigo.

Fico olhando as duas sumirem no corredor, e volto a me sentar diante das mulheres.

— Você acha que há alguma chance de Wine escapar disso? — pergunto diretamente a advogada.

Júlia morde o lábio, pensativa.

— Isso já me passou pela cabeça, Dominic. E acho que precisamos de mais provas que embasem o caso acima de qualquer dúvida razoável.

— O que você tem em mente?

— Conseguir um mandado para os restos do veículo do acidente, e depois uma perícia nos freios. Não haverá a menor chance dele se safar com isso.

— Bandido, em pensar que eu cogitei votar nele — Gabrielle bufá.

JÚLIA

Afasto-me para a janela de Dominic com meu celular em mãos, discando para Diane, uma antiga colega de universidade, hoje promotora. Tenho contado muito com ela em alguns casos que pego no Centro Comunitário, e estou certa que ela terá muito prazer em desmontar um homem sujo como Vicent Wine. Diane tem um caráter

irrefutável.

Enquanto espero a chamada, penso em como Frederico reagiu esta manhã quando soube que eu estava vindo para a casa de Dominic. Meu furacão é tão passional. Levou toda a minha paciência matinal para explicar-lhe os motivos. Em compensação, a foda pós-possessividade foi extraordinária, como sempre.

Enrubesco com a lembrança, e dou graças que minha colega atende logo, tirando-me de maus pensamentos.

— Diane aqui é Júlia, como está?

— Bom dia querida, vou indo bem, e você, já se casou com aquele bom pedaço?

Dou uma risada alta.

— Ele está me levando em banho-maria, sabe como é — brinco, agradecida por seu bom humor.

— Homens... — ela suspira — Mas me diga, qual o motivo da ligação tão cedo? Algum pilantra fugindo de pensão alimentícia?

Mordo minha bochecha para não rir novamente. Ultimamente tem chovido casos assim, e quando o sujeito foge das intimações recorro imediatamente a ela. Tem funcionado.

— Não, Di, o peixe é um pouco maior... — inspiro profundamente e conto-lhe sobre como quero amarrar um

bom caso contra Vicent Wine.

Imagino a reação de meu pai quando souber que a ovelha desgarrada está processando seu político queridinho. Eu serei deserdada. Opa, mas isso já aconteceu, não é?

LUNA

Já se passa das seis da tarde quando entramos no carro de Dominic para seguir a viatura que fará a prisão de Vicent. Como Júlia disse que seria, o delegado estava bastante resistente a abrir um boletim de ocorrência, mas tudo mudou com a chegada da promotora. Assim que a mulher pisou na delegacia, Júlia fez um sinal de que faria uma ligação e liberou a filmagem para os principais tabloides da cidade, adicionando a informação de última hora de que Vicent estará sendo preso em pleno comício. Será um grande show, e, honestamente, eu esperei por tanto tempo que borboletas reviram meu estômago em nós.

DOMINIC

Duas viaturas já estavam em frente ao comitê do partido político. Descemos do carro, pego a mão de Luna e acompanhamos Gabrielle, Júlia e a promotora para dentro do lugar repleto de partidários, eleitores e jornalistas. Seguro um sorriso, pensando no espetáculo que arruinará a carreira de Wine para sempre. E ele merece cada segundo disso.

A mão de Luna está fria.

Paro abruptamente e me viro para ela.

— Você está bem? — apanho seu rosto em minhas mãos.

Os olhos enormes e o rosto pálido respondem por si.

— Ansiosa — sussurra, encontrando meu olhar.

— Tudo vai ficar bem, bebê — uso meu tom confiante, transmitindo a mensagem de que sempre estarei aqui por ela.

Sem conseguir evitar, beijo-a, com pressão, trazendo seu corpo magro para junto do meu.

— Eu te amo — murmuro em seus lábios.

Afasto a cabeça para observar seu rosto bonito se suavizando. Linda demais. Acho que nunca vou me acostumar a isso.

— Eu também te amo, Dominic. Com tudo o que há em mim — sua fala docemente crua retumba diretamente

em meu peito.

— Vamos lá pombinhos, é hora da revanche — Gabrielle corta nosso contato, aparentemente se divertindo com a situação.

— Sim, meus amigos, eu recebi um duro golpe do destino. Como vocês sabem, recentemente as pessoas que mais amei me foram arrancadas de uma maneira muito dolorosa. Minha doce esposa, Alma, e minha filha de coração Luna, perderam suas vidas naquele fatídico acidente, e eu... eu desejei que tivesse sido eu no lugar delas — o homem para de falar por um instante, segurando a ponta de seu nariz como se estivesse emocionado demais para continuar — E hoje, meu irmão também se foi.

Puxando um lenço do bolso, ele limpa os olhos, que não aparentam qualquer sinal de lágrima. Suspiros dos espectadores dão a ele ainda mais estímulo para prosseguir.

— Então perguntei a Deus o porquê de as coisas acontecerem desta maneira. E ele falou comigo, amigos. Ele me mostrou seu propósito para a minha vida — Vicent se apoia no palanque e olha para a plateia, teatralmente — Minha missão é mudar este país.

O sujeito caminha para o centro do palco, altivo.

— Tomando aqui uma passagem de [Abraham Lincoln](#), eu vos digo que não se consegue escapar da responsabilidade de amanhã esquivando-se dela hoje. Minha responsabilidade é com vocês, meu povo, e não pretendo fugir disso. Como senador, vou trazer o avanço que nosso país precisa, e conto com o apoio de vocês nesta árdua batalha. Que Deus nos abençoe — o fim do discurso é especialmente dramático.

Alguns de seus assessores iniciam o movimento de aplausos, que logo explodem pelo lugar.

Os policiais, que esperavam o momento certo, abrem passagem pela população. Um deles puxa o mandato.

— Vicent Wine, o senhor está preso sob a acusação de envolvimento no assassinato de Alma Saint'Clair.

Wine encara os policiais com a expressão de surpresa, seguida por indignação. Seus olhos vão para a plateia consumida por um silêncio ensurdecedor.

Os olhos do homem perdem o brilho, no entanto sua pose permanece intacta.

— Isso é uma armação política! Meus adversários estão tentando sabotar minha candidatura! Isto é um golpe!

Os policiais não hesitam e se aproximam, tomando-lhe os punhos. Seus protestos se misturam as exclamações de surpresa, que vão ganhando mais volume.

Contra sua vontade, Wine é movido pelo caminho para a porta, e, antes que eu possa sequer prever, Luna solta-se de minha mão e corre em direção a ele.

— Luna! — tenho tempo apenas de chamá-la.

Minha menina intercepta o caminho dos homens, ficando frente a frente com seu algoz. O homem que lhe tirou a família e o lar. A dor crua em seus olhos misturada com raiva e desprezo pode ser identificado mesmo à distância.

— Você matou a minha mãe Vicent. Ela confiou em você, nós confiamos em você! — sua voz é uma pasta emocionada.

Um sorriso montado atravessa os lábios do político.

— Você não sabe o que está dizendo, filha.

Chego a tempo de assistir Luna cuspir no rosto dele.

— Não me chame de Filha! Espero que você apodreça na prisão! — dito isso, ela se vira para sair e acaba se chocando contra meu corpo.

Tomo-a em meus braços e tiro minha mulher do circo de horror que ameaça se apossar de nós.

Deixando Gabrielle e Júlia a caminho de seu veículo, agradeço o que elas fizeram por nós. Se não fosse a astúcia de Júlia, talvez o dia teria terminado de forma diferente.

Luna abraça as mulheres demoradamente, antes de se despedir. Alguns passos longe, ela para, como se tivesse lembrado alguma coisa.

— Gabi! — chama e volta para falar com a mulher.

Não escuto o que elas falam, mas o nome de Jasmine não me passa batido. Mais tarde perguntarei a ela. Por hora, eu só quero curtir meu bebê, sabendo que sua justiça está sendo feita. Ainda haverá algumas batalhas no caso Wine, mas o mais difícil já foi feito. Agora só me resta saber o que Luna planeja para sua vida, e se estou em seus planos.



Capítulo 35

DOMINIC

Paro no corredor em frente ao banheiro e observo Luna perdida em pensamentos. Seu corpo lindamente nu recebe a água em cascata acariciando-lhe a pele.

Ignorando a sensação inquietante rondando meu peito, bato duas vezes na porta aberta, para chamar sua atenção.

— Oi — digo num timbre baixo, cruzando meus braços sobre o peito, deixando meu peso descansar contra o batente.

— Oi — sussurra abrindo um sorriso suave, bonito, que me sorve a respiração.

Preciosa é a palavra que me vem à mente para descrevê-la.

— Como você está? — mantenho-me ameno. Honestamente, mal estou reconhecendo esta agitação dentro de mim.

Um suspiro baixo é sua única resposta.

Tudo o que Luna quis, desde seu acidente, foi buscar vingança e retomar sua vida, hoje ela finalmente teve isso. Independente de eu ter ou não espaço em seu mundo, isso não muda a forma como me sinto.

Eu a amo... porra, amor sequer se aproxima de definir o que eu sinto por esta mulher.

— Venha aqui — ela estende a mão, murmurando um pedido.

Meus músculos fraquejam.

Mal sei como ainda tenho sobriedade para coordenar meus movimentos sem agir como um maldito adolescente ansioso. De vagar, apreciando o momento, arranco a camiseta e a jogo de lado.

Luna umedece seus lábios daquele jeito que me põe de joelhos.

Sustentando seu olhar, desabotoo a calça lentamente e a deixo ir. Meu corpo nu expõe o estado de necessidade

me queimando feito fogo em brasa, rasgando-me.

— Eu te quero tanto, menina — estrangulo rouco.

Luna não espera eu me aproximar. Como sempre, ela vai atrás do que quer. Saindo da água, ela vem para a minha frente, pousando suas mãos em meu peito. Da forma acelerada como me encontro, facilmente ela poderá sentir meus batimentos.

— Às vezes eu nem acredito que isso é real, sabe? Você é tão incrível, Dominic, que eu tenho até medo que isso seja um sonho.

Afasto uma mecha do cabelo grudado em sua bochecha.

— Posso dizer que me sinto da mesma maneira, bebê — rosno baixo.

— Eu vou te dizer uma coisa que parece meio egoísta... — rubor bonito atravessa seu rosto — Mas hoje, quando tudo estava acontecendo, eu só pensava em como eu queria estar de volta a esta casa, sozinha com você.

Tenho vontade de rir diante de sua honestidade. Isso sobre Luna é o que me tocou desde o início.

— Então devemos aproveitar que este momento chegou — roço meu polegar em seus lábios, sentindo a textura macia.

Se esta será a nossa última noite juntos, estou determinado a lhe dar tudo o que tenho. Sem reservas.

Tomando-lhe a boca, afasto qualquer outro pensamento para o fundo de minha mente. Esta noite será sobre nós. Trago seu corpo num encaixe certo colado ao meu. Sinto seus seios esmagando meu peito, e rujo baixo em sua boca, com mais pressão, desejando ter tudo dela. E ainda não seria o suficiente.

Sem que ela sequer possa pensar, giro nossos corpos rapidamente, pressionando Luna contra a parede fria de azulejos. Beijo-a até vê-la ofegante. Afasto de seu corpo somente espaço suficiente para encontrar seus mamilos. Brinco com eles. Minha menina geme alto. O som gostoso domina o banheiro.

Meu membro está duro como pedra, pressionando sua barriga. Luna agarra meu cabelo na altura da nuca com força, se retorcendo. Sigo meu caminho até encontrar o brilho bonito de sua excitação.

— Você é a perfeição, bebê — sussurro, provocando arrepios por sua pele.

— Oh Dominic.

Abro seus lábios e aprecio a aparência bonita de seu nervo sensível inchado, vermelho vivo. A visão faz minha boca salivar. Porra, isso é lindo.

Tomando meu tempo, começo o contato suavemente, lambendo sua abertura de fora a fora, sentindo seu gosto doce. O pequeno corpo da mulher se agita, necessitado. Seguro-a pelas coxas, para que ela não se mova, e brinco

com suas terminações nervosas. Quanto mais eu provoco, mais Luna se debate, com palavras entrecortadas. Maldição. Levá-la ao limite é a coisa mais perfeita do mundo, sem sei como ainda estou suportando sem simplesmente gozar em antecipação.

Arrasto meu dedo para a brincadeira, a princípio explorando, ganhando espaço no apertadinho de sua fenda. A umidade é tanta, que logo tenho dois dedos trazendo-a a superfície.

Porra! Luna é tão sensível e responde de uma maneira tão espetacular que é como se seu corpo fosse feito para isso.

Seus gemidos ganham mais volume, aproveito o momento para misturar os golpes e arrastá-la para seu orgasmo.

Pronta para mim.

Levanto-me, lambendo sua pele, e agarro suas pernas trêmulas, suspendendo-a facilmente no ar, tirando seus pés do chão. Agarro sua bunda bonita com as duas mãos, empurro suas costas contra a parede e me posiciono em sua entrada.

Merda, ela é tão apertada que eu sei que mal pode me receber, mas isso tem que acontecer. Meu corpo a quer em desespero. Abrindo passagem, me empurro lentamente para dentro, em resposta a menina crava suas unhas nas minhas costas.

Foda-se.

Rompo meu controle e empurro mais fundo, socando com força, e começo meu próprio ritmo.

— Deus do céu! — Luna chia se agarrando mais em mim.

Sorrio, diabólico, e cravo mais profundamente.

Encontro seu nervo sensível no processo e esfrego meu polegar contra ele, desejando levá-la a loucura.

Quanto mais eu a tenho, mais intenso eu a quero.

Os barulhos selvagens de nossos corpos se chocando misturam-se com nossos ruídos perdidos. Acho que nunca ouvi um som mais excitante. Inferno! É difícil de me manter no jogo por mais tempo.

Estimulando seu broto com o dedo, cravo meus dentes contra a linha de seu pescoço. Luna grita alto, indicando que atingi meu ponto. Tomo seus lábios, sorvendo os sons de sua entrega, faço minha língua explorar tudo dela.

Seu chorinho só me põe ainda mais no limite.

Lanço-me com ferocidade a beira do abismo com a sensação de suas paredes apertadas me comendo.

Maldição.

Estou sem um maldito preservativo. Luna não tem nenhum controle de natalidade. Engravidá-la a manteria comigo para sempre. Maldição do inferno! Isto é tudo o

que eu mais quero. Seguro a respiração firme, enlouquecendo com a possibilidade me tentando.

Não. Não é assim que eu a quero ao meu lado.

Rugindo como um animal, lutando contra a maldita tentação, arranco meu membro de dentro dela e deixo minha libertação cair sobre seu estômago firme. O jato parece não ter fim.

Estou perdido aqui.

Minha menina derruba sua cabeça em meu ombro, colando nossos corpos.

— Isso foi... — resmunga contra minha pele suada
— Foi... senhor, foi perfeito.

Minha risada agita nossos corpos.

— Perfeita é o que você é, bebê.

LUNA

Na cama, sou apresentada a um lado mais selvagem de Dominic. Ele me consome com intensidade, provocando uma fome desesperada que eu nem sonhava ser possível, meu corpo está sempre desejando ir mais além, nunca tendo o bastante. A possessividade e paixão explodem a superfície ansiosa por consumir tudo.

Suor escorre de nossos corpos quando ele afasta seu peito do meu e desaba ao meu lado. Eu não sabia que sexo poderia ter maneiras diferentes de ser tão bom.

— Parece que só fica melhor — suspiro exausta, consumida por uma sensação de satisfação inexplicável.

Dominic ri baixo, arrancando seu preservativo. Habilmente, ele se inclina e se põe sob mim, encarando meu rosto de maneira insondável.

— Fica melhor porque é com você — a voz grossa me arrepia, em contraste com seu dedo quente tocando a ponta do meu nariz.

— Eu te amo — sopro, movendo uma mecha do cabelo castanho claro caído em frente ao seu olho.

Ele não diz nada, apenas permanece me olhando daquele jeito intenso. Na verdade, desde que voltamos para a casa o percebi mais calado. E passamos praticamente a noite inteira nos envolvendo, então não pude questionar nada.

— Está tudo bem? — indago com cuidado.

Assisto uma emoção diferente atravessar seu rosto.

— Tudo sim, durma um pouco, bebê. Você teve um dia cheio.

Selando seus lábios nos meus, ele não me dá tempo de responder, sai da cama, me cobre com o lençol e vai para o banheiro. O som do chuveiro parece um sonífero

me levando para um lugar confortável. Antes de apagar completamente, faço uma oração silenciosa agradecendo a Deus por ter colocado Dominic no meu caminho, sem ele eu nem sei como teria sido.

DOMINIC

Deixei Luna dormir até quase dez horas, não tive coragem de lhe tirar seu descanso merecido. Liguei para a obra, delegando algumas tarefas, depois para Simone, para ver como estão as coisas no Centro. Deixei-a à frente de tudo nestes últimos dias, e como eu pensei, as coisas estão fluindo muito bem. Simon e Sophi têm auxiliado também.

Preparo uma bandeja com o café da manhã e levo para o quarto. Acomodo em cima do criado mudo e me sento ao lado dela na cama. Luna é absolutamente linda. Suas sardas, o nariz arrebitado, as sobrancelhas avermelhadas estes lábios espessos, projetados. Minha menina hoje ganhará o mundo e eu sei que ela irá longe.

Suavemente a acordo, apreciado por seus protestos baixos, preguiçosos, atraente sem precedentes.

— Bom dia... — o timbre rouco de sono sai em meio a um sorriso.

Ela se alonga na cama, delineando o lençol no exato formato de seu corpo esguio. Sorvo uma respiração profunda, distraíndo-me para não tocá-la.

Inclino a cabeça de lado, assistindo-a melhor, talvez pela última vez.

— Bom dia bebê. Eu trouxe seu café — digo baixo.

Agindo com naturalidade, ela puxa o tecido para frente de seu corpo e se aproxima de mim, contemplando-me com um beijo quente, casto. Fecho brevemente meus olhos, mantendo-me no controle.

— Eu vou acabar me acostumando com isso. Obrigado — os dedos delicados alisam meu rosto.

Não digo nada, e me viro para o lado pegando a bandeja, agradecido por ela não ver meu rosto agora.

Espero enquanto ela se alimenta, deliciada com cada coisa que eu lhe trouxe. Eu poderia assistir a isso todos os dias e nunca me cansaria. Quando seus dedos delicados pousam a xícara na bandeja, finalizando, eu retiro tudo de sua frente e volto a me sentar.

— Júlia ligou — encaro seus olhos azuis, amenamente — O juiz concedeu a anulação do processo que Vicent movia para ter acesso aos bens de sua família.

Espero por sua reação, na expectativa de saber o que se passa em sua mente, mas ela não demonstra qualquer emoção com a notícia.

— O que você quer fazer hoje? — pergunto.

Seus olhos pensativos viajam para suas mãos.

— Acho que eu quero ir a minha casa — o sussurro longe desmonta uma parte da esperança em mim.

— Arrume-se, eu vou te levar — assumo o controle sob a queimação embargada na garganta, paciente.

LUNA

Eu nem acredito que finalmente estou entrando nesta casa. O lugar em que cresci, que vivi com meu pai e minha mãe, e que tive que me afastar para não ser assassinada. Eu pensei que voltar aqui me deixaria mais feliz, mas não sinto nada. Depois que passei a viver com Dominic, eu meio que entendi o significado da palavra *lar*. Lar é onde você se sente bem, com as pessoas que você ama, do contrário, é só um amontoado de concreto e coisas.

Deixo meu dedo deslizar sobre as teclas do ostentoso piano de calda. Meu pai tocava algumas músicas enquanto eu e minha mãe ficávamos enroladas em uma manta, com alguma bebida quente em mãos, apreciando. Depois de sua morte, o instrumento passou a ser somente um objeto decorativo.

Entro em cada cômodo, aspirando as boas lembranças com minha família. Hoje esta casa parece um grande mausoléu.

Viro-me para encontrar Dominic encostado a uma parede, observando-me.

— Você não quer morar aqui, não é? — devaneio baixo, mas sei que ele pôde escutar a distância. O som ecoou pela mansão.

Estreito os olhos diante de algo que pego rapidamente em sua expressão. Aproximo-me para observar mais de perto e entender o que vi.

— O que foi? — inquirio baixo, encarando-o de perto.

Ele apenas meneia a cabeça, negando-me a preocupação.

— Você ouviu o que perguntei? — empurro, sentindo uma sensação de medo do que quer que seja.

— Ouvi — a resposta vem um pouco mais dura.

— E então? Nós vamos morar aqui, ou podemos continuar em seu apartamento? — mal escondo meu desânimo com a ideia de morar aqui.

As sobrancelhas do homem vão à linha da testa.

— Como é?

— Bem... — encolho os ombros — Eu quero saber onde vamos morar... — estreito os olhos, assustada com a

ideia horrível rasgando meu coração — Quero dizer, você vai me deixar morar com você, não vai? — gaguejo.

Preciso apoiar minha mão na parede, combatendo a fraqueza que se apossou das minhas pernas.

— Dominic... não me diga que você vai... vai me deixar? — o som sussurrado sai queimando minha garganta.

O rosto de Dominic permanece em branco. Tenho a impressão de que o homem está empalidecendo.

Senhor... ele vai terminar comigo... não, por favor, não.

Com um passo, o homem corta a distância entre nós, segurando meu queixo em sua linha de visão.

— Que porcaria é isso que você está falando, Luna? — a rouquidão arrepia minha pele — Você acha que eu estou te deixando?

A incredulidade é quase palpável.

Solto a respiração presa.

— Não é isso que você está tentando fazer?

Dominic bufá forte.

— Inferno, não! — seus olhos se fixam intensamente nos meus — Eu pensei que você estivesse querendo isso.

Se não fosse por seu aperto, eu deslizaria para o chão.

— Maldição, homem. Você quer me matar do

coração?

Dominic ri, alto, um tipo de risada abafada, nervosa.

— Menina, você quase me causou um infarto e está me acusando disso? — percebo seu alívio, se misturando ao meu — Eu nunca te deixaria, não em sã consciência. Para ser honesto, já estava até pensando em te jogar nos meus ombros e te levar para casa.

Preciso me sentar, minhas pernas são meras gelatinas. Deslizo pela parede até encostar a bunda no chão. Dominic faz o mesmo.

— Minha nossa, nunca senti tanto medo... — sopro baixo.

— Nada nem próximo a como me sinto... acho que envelheci dez anos — apesar da consternação, sinto seu bom humor.

Sem pensar em mais nada, me jogo em cima dele, derrubando seu corpo para trás.

— Promete pra mim que você nunca vai me deixar, Dominic — peço, montando seu quadril.

— Eu prometo, bebê — seus olhos escurecem — Eu nunca vou a lugar nenhum sem você.



Capítulo 36

DOMINIC

Já faz um mês que Vicent foi preso. Os dias passaram voando, e durante todas as noites amanheci fazendo amor com minha menina. Luna tem me deixado maluco, a pequena é insaciável, e de repente quer experimentar de tudo. Quanto mais ela quer, mais eu a quero também.

Forço-me a desviar estes pensamentos e me concentrar na noite cheia aqui no Centro Comunitário, antes que meu corpo volte à vida.

Dentro de um mês entregaremos as casas da Rockefeller e então assumirei a Construtora. Tudo parece caminhar como deveria, em alguns aspectos, exceto que Damien não atende a porcaria do telefone. Christian disse que ele tem ficado pouco no trabalho e seu humor anda uma merda. Eu ainda não sei exatamente o que o puto fez em relação à Jasmine, mas pretendo saber muito em breve. Por falar em Jasmine, Luna anda cheia de segredos, desviando o assunto.

Depois que falei à minha menina que Katarina poderia auxiliá-la com seus negócios e investimentos, Luna tem passado algumas horas de seus dias com elas. Luna é uma sonhadora, tem muitos planos, e, no fundo, estou completamente tomado de orgulho por ela.

Pensando em retrocesso, um dia cheguei a acreditar que eu estava destinado a estar sozinho, apenas servir meu destino, e honestamente, eu estava bem com isso. Mas então, a menina chegou revirando tudo, a começar pelo lixo, e transformou minha vida. Lembro-me como se fosse ontem, seu rosto sujo, os olhos selvagens, amedrontados, feridos, mas com uma determinação contagiante. Acho que naquele momento eu soube que Luna estava destinada a ser minha. Nada nunca me pareceu tão certo, apesar de minha própria resistência.

Observo seu rosto alegre, conversando sem parar com Simone e um dos meninos da vila.

Ninguém nunca poderá dizer que crescer em berço de ouro é desculpa para ser desumano. Luna é tudo sobre sensibilidade com as pessoas, e, porra, eu a amo por isso.

Alguém para ao meu lado, sem que eu tenha notado sua chegada, tão distraído que estou. Viro-me para encarar a última pessoa que eu esperava ver no Centro Comunitário.

— Nico? — pergunto baixo, encarando o homem trajado de jeans e camiseta, sozinho.

Tudo sobre ele são ternos elegantes e ar de mafioso, não hoje.

— Dominic — acena, olhando para as pessoas, nunca para mim.

— Bem. Isso sim é uma surpresa — resmungo.

— Vim conhecer seu lugar — o cara dá de ombros — Fazer um pouco de caridade. Mesmo já tendo um lugar no inferno reservado pra mim.

Encaro seu rosto, inexpressivo. Até que a maldita ficha cai.

— Ela já foi — reservo o humor, tentando permanecer indiferente.

Seus olhos felinos vacilam.

— Foda-se... eu nem sei que merda estou fazendo.

Antes que ele possa sair, toco-lhe o ombro.

— Você sabe onde ela mora, cara.

Sem insistir, deixo que ele se vá. Conversei com Sophia há dois dias, contei como Nico me ajudou e vi a faísca de esperança em seus olhos, mesmo que ela tenha tentado omitir. Pela atitude do cara, vindo aqui, acho que eles podem estar próximos de resolver a bagunça. Espero não estar enganado.

— Oi... — Luna me surpreende, envolvendo seus braços em minha cintura.

Viro-me para ela.

— Oi bebê — de repente algo que vejo nela me faz estreitar os olhos, desconfiado — O que é essa sua expressão?

De longe eu reconheceria os sinais de que suas engrenagens estão fortemente trabalhando em alguma arte.

— Tive uma ideia...

Respiro fundo, e não consigo evitar o sorriso. Já ouvi esta frase pelo menos umas dez vezes nos últimos dias. Tenho que dar uma ligação a Katarina e pedir que ela converse com minha menina sobre responsabilidade financeira. Luna parece uma criança numa loja de doces com seus projetos determinada a salvar o mundo.

Sem me importar que tenhamos plateia, tomo sua boca e me perco com o sabor doce.

Luna, como a lua.

Linda, brilhante.

Um presente dos céus.



Epílogo 1

LUNA

Seguro o tecido espesso vermelho entre meus dedos e abro uma brecha em meio a enorme cortina, espiando para ver onde Dominic se sentou. Senhor amado, ele está lindo! Raramente o vejo em um terno, como esta noite, e a visão é realmente de tirar o fôlego. Se bem que o homem ficaria lindo até mesmo com folhas de bananeira cobrindo seu corpo.

Meu coração está na garganta, aperto firme o papel em meus dedos, um pouco amassado, e volto a ler, e reler.

Eu escrevi cada linha disso há mais de um mês, numa noite em que Dominic estava dormindo. Ele raramente dorme antes de mim.

Nosso novo apartamento é um pouco mais próximo de seu trabalho e da universidade, onde retomei meu último período de Arquitetura. Decidimos nos mudar porque estávamos perdendo muito tempo no trânsito. Neste último semestre não tivemos muitos momentos para gente. A Construtora tem tomado grande parte de seu dia, e o Centro Comunitário é nosso ponto fixo de todas as noites. Os fins de semana são igualmente corridos.

— Boa sorte com seu discurso, Luna — Emily, uma colega do curso passa por mim, sorridente.

Ajeito o chapéu *capelo* em minha cabeça e deslizo meus dedos pela beca preta em meu corpo. Estou muito ansiosa. Nunca falei para tanta gente antes, e, honestamente, ser escolhida como oradora da turma me pegou totalmente de surpresa. Desde que minha vida recebeu aquele giro de cento e oitenta graus, com a morte de minha mãe, muita coisa mudou. Hoje, socializo melhor com pessoas da minha idade. Certamente Dominic me ajudou a ter a segurança necessária, além da forte amizade que desenvolvi com Katarina, Alice, Júlia e principalmente com Jas e Gabi.

Volto a olhar pela fresta e as localizo na plateia. Gabi está deslumbrante, como sempre, seus cabelos

platinados se destacam de longe. Ao seu lado direito Júlia, Katarina e Alice e ao lado esquerdo, praticamente escondida, Jasmine, minha amiga querida. Faz um pouco mais de seis meses desde que meu cunhado imbecil ferrou as coisas com ela, e por mais que ele pareça inclinado a resolver, é melhor que não conte com minha ajuda.

O reitor é chamado ao palco. Meu nervosismo só piora. Tenho cinco minutos até ser chamada.

Faço um exercício de respiração, que Júlia ensinou, e me preparo mentalmente.

Logo escuto o sistema de som anunciar meu nome.

— Recebam a oradora Luna Saint'Clair.

Inspiro profundamente e caminho trêmula até o centro do palco.

De uma hora para outra, toda a luz está e mim, juntamente com o barulho de aplausos.

— É isso aí bebê! — Katarina grita alto, se destacando na plateia, ganhando risadas e aplausos ainda mais acalorados.

Ela escutou Dominic me chamando de bebê, há uns meses, lá no Centro. Eu deveria esperar por essa. Enrubesco e limpo a garganta. Porcaria, estou tremendo tanto que mal consigo ajustar o microfone a altura de minha boca.

De tão nervosa, meu cérebro bugga, em branco.

Petrífico. Não posso respirar, e para piorar, um silêncio ensurdecedor toma conta do auditório, esperando meu discurso.

Não vou conseguir fazer isso.

De repente, como se movida por uma força superior, subo meus olhos do papel a minha frente para a plateia, e encontro o par de olhos acinzentados, tão familiar incentivador, cravado em mim. Leva um segundo, absorvendo sua energia, para eu recuperar minha determinação. Dominic faz isto comigo, ele me dá forças.

Inspiro fundo.

— Boa noite... — a primeira tentativa sai fraca, então repito — Boa noite senhoras e senhores.

Recebo a saudação das pessoas. E começo a dizer, auxiliada pelo papel, o que tentei decorar por um mês.

— Estamos reunidos esta noite, para celebrar. Não somente a conquista de um diploma universitário, mas celebrar o universo de possibilidades que nos aguardam a partir de agora — tiro meus olhos de Dominic e olho para meus colegas de turma, sentados numa área especial ao lado do palco — Nossa profissão tem o poder de nos levar longe, mas a grande questão é o que devemos fazer com isto.

Volto a encarar o homem que mudou a minha vida.

— Aprendi com uma pessoa muito especial, que

podemos fazer muito mais por este mundo. E devemos fazer. Uma vez eu estava na rua, passando fome, doente, fugida e alguém estendeu a mão e me acolheu.

Embargo, emocionada, conectada a seu olhar intenso.

— A lição que tirei disso é que, às margens de nosso próprio eixo, há pessoas que precisam de nós, de verdade. E o que podemos fazer por elas é parte de nossas responsabilidades como profissionais. Se vamos construir, modelar, adequar espaços para tornar o mundo mais bonito, então porque não alinhar isso a formas de transformar também a vida das pessoas? Este deve ser o nosso maior objetivo: mudar o mundo como o vemos, dando ao nosso trabalho humanidade, acima de tudo.

Um momento de fortes ovações me faz interromper. Espero, e retomo.

— Que tenhamos sucesso em nossos caminhos a partir de agora, e honremos nossa profissão — viro-me para meus colegas — Senhores arquitetos.

O momento seguinte é um festival de chapéus arremessados ao céu. Abraços se misturam com bexigas coloridas que caem do teto.

Suspiro, aliviada por chegar até aqui.

DOMINIC

Estou embargado com seu discurso. Tomado de orgulho. Mal vejo a hora de abraçar minha menina. Luna me impressiona a cada dia que passa. Sua decisão de concluir os estudos só me fez admirá-la ainda mais. E ela não parou por aí. Está construindo um espaço para crianças de rua, onde elas poderão estudar, praticar esportes e ter um teto para dormir. A ideia é completamente dela, estou trabalhando duro na parte executiva com a equipe de construção sobre um terreno que comprei há alguns anos.

Eu não poderia estar mais feliz. E mais ansioso também com o peso do anel em meu bolso.

LUNA

Finalmente passo por todos os abraços e congratulações de meus colegas e posso me juntar a minha família. Sim, família. Ainda com a beca, me aproximo de Dominic, Simone, Gabi, Jasmine, Katy, Júlia e Alice.

Meu primeiro objetivo é beijar Dominic. Fiquei o dia inteiro longe dele, e sentir seu apoio só me deixou ansiosa por tocá-lo.

— Foi lindo, bebê — sussurra com os lábios colados ao meu.

Ouçõ os suspiros atrás de nós, mas logo deixo de prestar atenção, consumida pelas sensações de seu contato.

— Eu te amo — murmuro, quase sem ar.

— Eu também — seu dedo roça meus lábios inchados.

— Criança — viro-me para a voz de Simone — Parabéns, você estava linda lá em cima.

Abraço-a bem apertado.

— Obrigado Simone. Você sabe que é muito importante pra mim, não sabe? — digo emocionada.

— Eu é que tenho que te agradecer Luna. Você me deu uma casa. E isso eu nunca vou esquecer.

— Você cuidou de mim Simone, quando eu mais precisei. Nada seria o suficiente para agradecer.

A velha senhora limpa uma lágrima, e eu faço o mesmo com a minha própria.

— Venha aqui minha bebezinha linda! — Gabi me puxa antes mesmo de eu me virar pra ela — Estou tão orgulhosa da minha amiga arquiteta!

Risos de suas amigas me fazem rir também.

— Obrigado Gabi. Isso não teria sido tão bem se você não ajustasse minha beca a tempo — sussurro

brincando com nosso pânico de última hora.

A loja de locação de trajes me confundiu com algum homem gigante de duzentos quilos e me mandou uma beca onde caberia três de mim. Se não fosse por ela, eu sem sei.

— Parabéns arquiteta! — Katarina é a próxima — Estou louquinha para reformar a casa de praia de Daniel, e acho que amigas tem desconto, não é?

Dou uma risada alta.

— Amigas tem desconto — confirmo.

Júlia e Alice, de quem me aproximei muito nos últimos meses, me abraçam também. São lindas e queridas... e eu ainda morro de medo de Dominic me comparar a elas e enfiar-me um pé na bunda.

E finalmente tenho Jasmine em meus braços. Aperto-a como um urso.

— Parabéns, Lu. Você foi incrível — diz baixo entre meus cabelos.

— Não tivemos tempo de conversar esta semana, como estão indo as coisas lá? — pergunto, ainda sem a soltar.

— Progredindo. Estou ansiosa para te contar — revela, então me afasto e verifico o brilho genuíno de seus olhos.

Pela primeira vez, desde que a conheci, sinto que

estou vendo um pouco de toda aquela escuridão recuar, dando lugar à menina que ainda vai conquistar muita coisa nessa vida.

Tão rápido que mal entendo, ela enrijece diante de mim.

— Eu preciso ir — seu sibilo é quase inaudível, preciso ler as palavras em seus lábios.

Olho na mesma direção em que seu olhar está e logo compreendo.

— Vá amiga. Nós nos falamos amanhã.

Antes que ela possa sair fugida, pego-lhe a mão.

— Eu te amo, Jas — afirmo.

— Eu também, Lu.

E então eu deixo a menina sair, pequena, misturando-se facilmente as pessoas.

Tenho o tempo de contar mentalmente até dez, antes de ouvir a voz dele.

— Era ela, não era? — Damien rosna duro, ansioso, atrás de mim.

Viro-me e coloco minha melhor expressão de desentendida.

— Oi Damien, que bom que você pôde vir — sorrio docemente — Ela quem?

Noto o fogo em seus olhos, atrás de toda a bagunça que o homem virou, com a barba por fazer e evidentes

olheiras.

— Ela pode fugir Luna. Mas não pode se esconder. Eu vou encontrá-la, queira ela ou não.

Dominic chega ao lado dele.

— Damien... — ele avisa baixo, discretamente.

— Sua garota está acobertando tudo isso, você sabe, não sabe? — Damien murmura feroz.

— Não foi Luna que te colocou nesta situação irmão. Lide com as consequências.

Damien me lança um olhar frio, perigoso, e bufa desgostoso.

— Maldita prostituta — escuto seu sussurro descontente enquanto ele se afasta rapidamente.

Imbecil. Não aprendeu nada, penso.

DOMINIC

Levo Luna pra nosso destino. Meu coração retumba alto com a expectativa do que pretendo fazer. Pedi ajuda de Gabrielle e suas amigas para preparar o cenário ideal, e confesso, estou muito ansioso.

— Para onde estamos indo? — Luna pergunta estranhando que tomei a direção oposta do restaurante que

eu disse que a levaria.

Dou mais algumas voltas, ganhando tempo, conversando amenidades, distraindo sua mente. Até que recebo o sinal.

LUNA

Dominic esta dirigindo para a parte alta da cidade, começo a prestar atenção no trajeto, curiosa, até que reconheço a estradinha de chão batido.

— Por que estamos...?

— Pensei em fazermos uma parada, gosto de vir aqui de vez em quando... — seu tom ameno, descontraído, me confunde, pois contraria o aperto que observo de seus dedos no volante.

Pensei que jantaríamos, mas seja como for, eu gosto da ideia de voltar aqui. Conforme subimos o caminho escuro, vou conseguindo enxergar as luzes da cidade, distante, abaixo de nós. Totalmente impressionante.

— Minha nossa Dominic... à noite isso aqui é ainda mais bonito — murmuro admirada.

Dominic estaciona o carro e desliga o motor.

— Vamos descer bebê — a rouquidão de sua voz me surpreende, e desperta meu corpo com muita

velocidade.

— Hum... este lugar parece vazio... — dou a sugestão maliciosa.

Dominic ri, lindamente.

Abrindo minha porta, ele me ajuda a descer, com delicadeza, tomando-me a mão. Caminhamos alguns passos para mais próximo ao topo do penhasco, em plena escuridão, ao redor não se enxerga nada. E então ele para, com a cidade iluminada aos nossos pés, e se vira pra mim.

— Você se lembra da primeira vez que eu a trouxe aqui?

Mordo o lábio.

— Lembro. Foi quando eu te contei quem eu sou — sussurro.

De repente, algo atrás de mim me chama a atenção. Viro-me para ser surpreendida com um caminho de luzes sendo acesas gradativamente, levando a uma mesa de jantar, armada ao centro, rodeada por pequenos focos de luz acessos.

Senhor, o que é isso?

Viro-me para olhar para Dominic e entender o que está acontecendo.

O que vejo me faz recuar um passo.

— Mas o que...? — murmuro, sem ar, diante de Dominic ajoelhado, sustentando em sua mão um anel

lindo, com uma pedra de diamante rosé em formato de um pequeno coração ao topo.

— Foi aqui que eu descobri o nome da mulher que estava enraizada em mim. A mulher a quem eu amei desde a primeira vez que a vi, e que mudou completamente minha vida — sua voz falha, embargado, ganhando uma nota baixa, atraente. Os olhos acinzentados fitam-me intensamente — Luna Saint'Clair, por favor, case-se comigo.

Não sei se foi uma pergunta. Minhas lágrimas não me permitem pensar.

— Sim, sim, sim — lágrimas se misturam as palavras.

Emocionada, sou tomada em seus braços. Dominic me segura com ele, dizendo-me silenciosamente que aqui é onde estou protegida, onde eu quero estar para sempre.

Dominic, meu Dom.

Dom, sim, ele tem um dom, de dar a si mesmo sem pedir nada em troca, de colocar a necessidade das pessoas à frente da sua. Dom de salvar vidas, como ele fez com a minha.

— Eu te amo Dom.



Epílogo 2

A enfermeira lê novamente o papel diante dela sem entender. Sua expressão contendo uma mistura de espanto e incredulidade. Cada linha faz com que o brilho em seus olhos se intensifique.

Mãos trêmulas pegam o envelope para conferir o remetente. Apenas uma frase o identifica.

Um agradecimento para alguém que salvou minha vida.

— O que foi? — sua colega de plantão no hospital

questiona, curiosa com a reação de Nadja ao pacote que acabara de chegar.

Ainda de boca aberta, a enfermeira sobe os olhos lacrimosos para Matilde.

— Alguém acabou de me dar uma casa...

— Hã...? — questiona a colega desconfiada.

— É isso... compraram a casa onde moro e a transferiram para o meu nome... — murmura quase sem voz.

— Deixa-me ver isso aqui — Matilde retira o papel de suas mãos.

Enquanto a outra enfermeira o lê, Nadja busca em sua memória alguém que pudesse ter lhe oferecido algo desta natureza. E então a imagem da menina frágil de cabelos e sobrancelhas vermelhas lhe vem à mente.

Sim, só pode ter sido ela. Nadja viu seu rosto nos noticiários alguns meses depois de sua fuga do hospital. Luna Saint’Claire.

O anjo ruivo.

É o **Fim...**

deste livro, mas apenas o começo da linda história que Dom e Luna ainda viverão.

Espiaremos um pouquinho de suas vidas juntos nos próximos livros, eu prometo.

Agradecimento

A Jhenifer Barroca pela amizade, apoio, parceira e dedicação.

As Pimentinhas, por tornarem meus dias melhores.

A todos os leitores que acreditam e compartilham comigo deste mundo mágico. Sem vocês nada disso seria possível.

Sobre a próxima publicação

Conheceremos a história de Sophia e Nicholas Salvatore, no conto Espere-me Acordada, um *spin-off* da trilogia Protetores.

SINOPSE: Nicholas e Sophia têm um doloroso passado juntos. Ela era a menina pobre, ingênua e apaixonada. Ele, jovem, herdeiro de uma das mais tradicionais famílias da inescrupulosa máfia italiana. A maldade os separou e causou profundos danos. Sophia foi gravemente ferida. E Nico fez uma escolha, não acreditar nela. Os anos se passaram, ele assumiu os instintos de seu sangue e se tornou um homem perigoso, temido por todos. Sophia decidiu transformar sua dor em ajudar ao próximo, trabalhando como assistente social numa região hostil da cidade. Porém a passagem de tempo não amortizou a dor, mágoa, e também o amor.

Recadinho da Autora

Gostou desta história? Se sim, ajude-me a levar Dom e Luna para que mais pessoas os conheçam. Compartilhe com um amigo, indique a história, publique sobre ela em suas redes sociais... e se puder me siga nas minhas redes sociais:

Instagram: @Anne.Marck

Grupo no Facebook: Romances Anne Marck

Página no Facebook: Anne Marck

Twitter: @AnneMarck